

NELSON RODRIGUES EXPLICA ONTEM O BRASIL DE HOJE.
CRÔNICAS SOBRE POLÍTICA, CULTURA E SOCIEDADE.

NELSON RODRIGUES

A CABRA VADIA

NOVAS CONFISSÕES

aprecia
resaca-fofo
confins
capitais
do 1
eleitor
sua
cota
povo
retr
pac
as
do
re
5



A CABRA VADIA

**NEL
SON
RODRIGUES**

A CABRA VADIA
NOVAS CONFISSÕES



Copyright © 2016 Nova Fronteira

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1988

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 - Bonsucesso - 21042-235

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Tel.: (21) 3882-8200 - Fax: (21) 3882-8312/8313

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

R614c Rodrigues, Nelson, 1912-1980

A cabra vadia: novas confissões / Nelson Rodrigues. - 4.a. edição - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

ISBN 9788520932346

1. Rodrigues, Nelson, 1912-1980. 2. Dramaturgos brasileiros. I. Título.

CDD: 869.98 07-0780

CDU: 821.134.3(81)-94

07 08 09 10 11 8 7 6 5 4 3 2 1

À memória de Mário Filho

Sumário

Nota do editor

- 1 O ex-covarde
- 2 A grande viúva
- 3 Mãe
- 4 O sotaque
- 5 A gratificação
- 6 Werther
- 7 A netinha
- 8 Solidão negra
- 9 Sexo nos berçários
- 10 Os dois namorados
- 11 O belo rosto
- 12 Os noivos
- 13 A selva teatral
- 14 Os defuntos literários
- 15 Tempo de papelotes
- 16 O aniversariante
- 17 Os meninos
- 18 Estreia
- 19 O palavrão
- 20 O único jovem
- 21 A vaca premiada
- 22 Festa de cabeças cortadas

- 23** A grande tosse
- 24** Os idiotas da objetividade
- 25** Nossos amores
- 26** As duas cabeças
- 27** O bom menino
- 28** A feia nudez
- 29** Saúde dentária
- 30** Alienação
- 31** “O velho”
- 32** A doença infantil do palavrão
- 33** Velho mito
- 34** As cabeças rolantes
- 35** Terreno baldio
- 36** Caça-níqueis
- 37** Nelsinho
- 38** Os abnegados
- 39** Os ceguinhos
- 40** Os assassinados
- 41** O paulista
- 42** A mulher interessante
- 43** Da linha chinesa
- 44** O irmão adquirido
- 45** Os dráculas
- 46** Admirável defunto
- 47** O nu e o grito
- 48** Os falsos canalhas
- 49** “El arzobispo de la revolución”
- 50** A frase
- 51** O marxista brasileiro
- 52** Os centauros

- 53** A fotografia do ódio
- 54** Negro azul
- 55** Bonita demais
- 56** O único De Gaulle
- 57** Herói e mártir
- 58** A fome agradecida
- 59** O esquecido
- 60** A morte do teatro
- 61** O antiteatro
- 62** Veterinários
- 63** Otto
- 64** O cachorro atropelado
- 65** A maior dor
- 66** De educação sexual
- 67** Flor de obsessão
- 68** A patusca
- 69** Os militares
- 70** Católicos em pânico
- 71** A messalina gaga
- 72** Agonia da palavra
- 73** Anti-Brasil
- 74** A bofetada
- 75** Sobre vaidade
- 76** Contra a violência
- 77** A inteligente
- 78** O bom padre
- 79** O guarda-chuva
- 80** Velhos espartilhos
- 81** As bolachas
- 82** A surra

- 83** O espantoso silêncio paulista
- 84** “O falso defunto”
- 85** Madrugada de 13 de janeiro

Índice

Nota do editor

Quarenta e seis anos depois de sua publicação em livro, *A cabra vadia* volta a sua forma original, idêntica à primeira edição, de 1970, em títulos de crônicas, ordenação de texto e até mesmo nas eventuais imperfeições. As Confissões selecionadas por Nelson Rodrigues para o livro foram publicadas originalmente nas páginas de *O Globo* entre dezembro de 1967 e outubro de 1969. Apenas duas crônicas — sobre a montagem de *Vestido de noiva* — foram pinçadas de edições do *Correio da Manhã* de abril de 1967. De sua origem, guardam o formato — parágrafos numerados como se fossem tópicos, que dão ao texto um ritmo peculiar — e a mistura de permanência e efemeridade.

Em busca de Nelson como ele é, esta edição intervém o mínimo na obra, mas abre ao leitor algumas possibilidades além do texto original. Ao final de cada crônica, informamos a data e o jornal em que foi originalmente publicada. E, quando for o caso, são indicadas ao longo dos capítulos alterações significativas de texto eventualmente ocorridas na passagem do jornal para o livro. A principal modificação se deu na Confissão “A surra”: do texto publicado em *O Globo* de 2/8/1969 com o título de “Uma pequena história de amor”, Nelson manteve apenas os parágrafos de abertura e conclusão. A crônica pode ser lida em sua forma original na reprodução ao lado. E, embora repetidas, as Confissões “Caça-níqueis” e “Católicos em pânico” foram mantidas como na edição de 1970.

No final do volume, foi acrescentado um índice onomástico. As notas de pé de página foram, por isso, reduzidas ao mínimo indispensável.

1. O ex-covarde

1 Entro na redação e o Marcelo Soares de Moura me chama. Começa: — “Escuta aqui, Nelson. Explica esse mistério.” Como havia um mistério, sentei-me. Ele começa: — “Você, que não escrevia sobre política, por que é que agora só escreve sobre política?” Puxo um cigarro, sem pressa de responder. Insiste: — “Nas suas peças não há uma palavra sobre política. Nos seus romances, nos seus contos, nas suas crônicas, não há uma palavra sobre política. E, de repente, você começa suas ‘Confissões’. É um violino de uma corda só. Seu assunto é só política. Explica: — Por quê?”

2 Antes de falar, procuro um cinzeiro. Não tem. Marcelo foi apanhar um duas mesas adiante. Agradeço. Calco a brasa do cigarro no fundo do cinzeiro. Digo: — “É uma longa história.” O interessante é que outro amigo, o Francisco Pedro do Couto, e um outro, Permínio Ásfora, me fizeram a mesma pergunta. E, agora, o Marcelo me fustigava: — “Por quê?” Quero saber: — “Você tem tempo ou está com pressa?” Fiz tanto *suspense* que a curiosidade do Marcelo já estava insuportável.

3 Começo assim a “longa história”: — “Eu sou um ex-covarde.” O Marcelo ouvia só e eu não parei mais de falar. Disse-lhe que, hoje, é muito difícil não ser canalha. Por toda parte, só vemos pulhas. E nem se diga que são pobres seres anônimos, obscuros, perdidos na massa. Não. Reitores,

professores, sociólogos, intelectuais de todos os tipos, jovens e velhos, mocinhas e senhoras. E também os jornais e as revistas, o rádio e a TV. Quase tudo e quase todos exalam abjeção.

4 Marcelo interrompe: — “Somos todos abjetos?” Acendo outro cigarro: — “Nem todos, claro.” Expliquei-lhe o óbvio, isto é, que sempre há uma meia dúzia que se salve e só Deus sabe como. “Todas as pressões trabalham para o nosso aviltamento pessoal e coletivo.” E por que essa massa de pulhas invade a vida brasileira? Claro que não é de graça nem por acaso.

5 O que existe, por trás de tamanha degradação, é o medo. Por medo, os reitores, os professores, os intelectuais são montados, fisicamente montados, pelos jovens. Diria Marcelo que estou fazendo uma caricatura até grosseira. Nem tanto, nem tanto. Mas o medo começa nos lares, e dos lares passa para a igreja, e da igreja passa para as universidades, e destas para as redações, e daí para o romance, para o teatro, para o cinema. Fomos nós que fabricamos a “Razão da Idade”. Somos autores da impostura e, por medo adquirido, aceitamos a impostura como a verdade total.

6 Sim, os pais têm medo dos filhos; os mestres, dos alunos. E o medo é tão criminoso que, outro dia, seis ou sete universitários curraram uma colega. A menina saiu de lá de maca, quase de rabeção. No hospital, sofreu um tratamento que foi quase outro estupro. Sobreviveu por milagre. E ninguém disse nada. Nem reitores, nem professores, nem jornalistas, nem sacerdotes, ninguém exalou um modestíssimo pio. Caiu sobre o jovem estupro todo o silêncio da nossa pusilanimidade.

7 Mas preciso pluralizar. Não há um medo só. São vários medos, alguns pueris, idiotas. O medo de ser reacionário ou de parecer reacionário. Por medo das esquerdas, grã-finas e milionários fazem poses socialistas. Hoje, o sujeito prefere que lhe xinguem a mãe e não o chamem de reacionário. É o medo que faz o dr. Alceu renegar os dois mil anos da Igreja e pôr nas nuvens a “Grande Revolução” russa. Cuba é uma Paquetá. Pois essa Paquetá dá ordens a milhares de jovens brasileiros. E, de repente, somos ocupados por vietcongs, cubanos, chineses. Ninguém acusa os jovens e ninguém os julga, por medo. Ninguém quer fazer a “Revolução Brasileira”. Não se trata de Brasil. Numa das passeatas, propunha-se que se fizesse do Brasil o Vietnã. Por que não fazer do Brasil o próprio Brasil? Ah, o Brasil não é uma pátria, não é uma nação, não é um povo, mas uma paisagem. Há também os que o negam até como valor plástico.

8 Eu falava e o Marcelo não dizia nada. Súbito, ele interrompe: — “E você? Por quê, de repente, você mergulhou na política?” Eu já fumara, nesse meio-tempo, quatro cigarros. Apanhei mais um: — “Eu fui, por muito tempo, um pusilânime como os reitores, os professores, os intelectuais, os grã-finos, etc., etc. Na guerra, ouvi um comunista dizer, antes da invasão da Rússia: — ‘Hitler é muito mais revolucionário do que a Inglaterra.’ E eu, por covardia, não disse nada. Sempre achei que a história da ‘Grande Revolução’, que o dr. Alceu chama de ‘o maior acontecimento do século XX’, sempre achei que essa história era um gigantesco mural de sangue e excremento. Em vida de Stalin, jamais ousei um suspiro contra ele. Por medo, aceitei o pacto germano-soviético. Eu sabia que a Rússia era a antipessoa, o anti-homem. Achava que o Capitalismo, com todos os seus crimes, ainda é melhor do que o Socialismo e sublinho: — do que a experiência concreta do Socialismo.”

9 Tive medo, ou vários medos, e já não os tenho. Sofri muito na carne e na alma. Primeiro, foi em 1929, no dia seguinte ao Natal. Às duas horas da

tarde, ou menos um pouco, vi meu irmão Roberto ser assassinado. Era um pintor de gênio, espécie de Rimbaud plástico, e de uma qualidade humana sem igual. Morreu errado ou, por outra, morreu porque era “filho de Mário Rodrigues”. E, no velório, sempre que alguém vinha abraçar meu pai, meu pai soluçava: — “Essa bala era para mim.” Um mês depois, meu pai morria de pura paixão. Mais alguns anos e meu irmão Joffre morre. Éramos unidos como dois gêmeos. Durante 15 dias, no Sanatório de Corrêas, ouvi a sua dispneia. E minha irmã Dorinha. Sua agonia foi leve como a euforia de um anjo. E, depois, foi meu irmão Mário Filho. Eu dizia sempre: — “Ninguém no Brasil escreve como meu irmão Mário.” Teve um enfarte fulminante. Bem sei que, hoje, o morto começa a ser esquecido no velório. Por desgraça minha, não sou assim. E, por fim, houve o desabamento de Laranjeiras. Morreu meu irmão Paulinho e, com ele, sua esposa Maria Natália, seus dois filhos, Ana Maria e Paulo Roberto, a sua sogra, d. Marina. Todos morreram, todos, até o último vestígio.

10 Falei do meu pai, dos meus irmãos e vou falar também de mim.¹ Aos 51 anos, tive uma filhinha que, por vontade materna, chama-se Daniela. Nasceu linda. Dois meses depois, a avó teve uma intuição. Chamou o dr. Sílvio Abreu Fialho. Este veio, fez todos os exames. Depois, desceu comigo. Conversamos na calçada do meu edifício. Ele foi muito delicado, teve muito tato. Mas disse tudo. Minha filha era cega.

11 Eis o que eu queria explicar a Marcelo: — depois de tudo que contei, o meu medo deixou de ter sentido. Posso subir numa mesa e anunciar de frente alta: — “Sou um ex-covarde.” É maravilhoso dizer tudo. Para mim, é de um ridículo abjeto ter medo das Esquerdas, ou do Poder Jovem, ou do Poder Velho ou de Mao Tsé-tung, ou de Guevara. Não trapaceio comigo, nem com os outros. Para ter coragem, precisei sofrer muito. Mas a tenho. E se há rapazes que, nas passeatas, carregam cartazes com a palavra “Muerte”, já traindo a própria língua; e se outros seguem as instruções de

Cuba; e se outros mais querem odiar, matar ou morrer em espanhol — posso chamá-los, sem nenhum medo, de “jovens canalhas”.

O Globo, 18/10/1968

Nota

1 A crônica publicada originalmente em *O Globo* trazia um trecho que foi posteriormente suprimido na primeira edição de *A cabra vadia*, de 1970: “Um dia, conheci Lúcia. Todo amor é eterno e, se acaba, não era amor. O nosso sentimento há de continuar para além da vida e para além da morte.”

2. A grande viúva

1 Antes de falar da sra. Jacqueline Onassis, quero falar da sra. Jacqueline Kennedy. E eis o que eu queria dizer: a viúva de um pobre-diabo não tem maiores problemas. É fácil substituir um pobre-diabo por outro pobre-diabo. E logo as coisas se acomodam e deslizam num ritmo perfeito. Mas cabe a pergunta: — e se a mulher for uma Josefina? Ah, é muito difícil ser uma Josefina.

2 Diz-se muito: — “Ninguém é insubstituível.” Eis aí uma bobagem repetida em todas as épocas e em todos os idiomas. Melhor seria dizer, inversamente, que todos são insubstituíveis. Se não todos, uns três ou quatro. Ainda há pouco toda a França ergueu-se contra De Gaulle. Os estudantes viraram os carros e arrancaram os paralelepípedos. Ao mesmo tempo, 12 milhões de operários entravam em greve.

3 De Gaulle parecia historicamente morto. Tinha que ser removido como um cadáver político. Havia, porém, o problema desesperador: — um De Gaulle só pode ser substituído por outro De Gaulle. E, por todo um mês, houve uma busca histórica. Estudantes, intelectuais, operários, classe média, direita, esquerda, todos procuravam. E, por fim, o país parou diante da evidência humilhante: — a França não tinha outro De Gaulle. E todos

se convenceram de que o “velho” é o único e último “grande homem” francês.

4 E passo, finalmente, à sra. Jacqueline Kennedy, deixando para depois a sra. Jacqueline Onassis. Vamos voltar no tempo. Estamos no dia em que ela se tornou, de véu e grinalda, a esposa de Johnny Fitzgerald Kennedy. Vejam o casal: ela, “a mulher bonita”; ele, o “grande homem”. Ninguém percebeu que, antes da lua de mel, já os separavam incompatibilidades fatais. Nem a “mulher bonita” faz a felicidade do “grande homem”, nem o “grande homem” faz a felicidade da “mulher bonita”.

5 Não sei se estou sendo claro. Mas o “grande homem” tem de ser o antiamoroso. Impossível ser, ao mesmo tempo, um formidável Napoleão e um formidável marido. Bonaparte foi amado por todo um povo, menos por sua mulher. E pior: Josefina não traiu Napoleão por outro Napoleão. Escolheu um sujeito que não deixou um nome, uma cara, um feito, uma notícia. O amante ou, pluralizando, os amantes de Josefina sumiram até o último vestígio, como se jamais tivessem existido.

6 Dirão vocês que, no caso de Jacqueline e de Kennedy, os dois pareciam felicíssimos. Mas hoje se sabe que tal felicidade foi uma pose ou, mais exatamente, uma pose fotográfica. Para efeitos políticos, eleitorais, seria insuportável um casal insatisfeito, amargo, neurótico, ressentido.

7 Mas Johnny nascera para ser presidente da República. Sim, para isso a família o criou. E o casamento foi marcado por essa fatalidade presidencial. Até que, um dia, tudo aconteceu, como num milagre. Jacqueline Kennedy viu-se mulher de uma casaca, de uma Casa Branca e da Guerra Fria, etc., etc. E a vida em comum de marido e mulher não teve nada em comum. Ele cada vez mais “grande homem”. E Jacqueline apenas

bonita e apenas trivial. Via-se cavar entre ela e o marido uma distância infinita, espectral. (E, por isso, Josefina traiu seu “grande homem” com o idiota desconhecido.)

8 E, por fim, chegou o grande dia. Faltava a Kennedy, jovem demais, bonito demais, feliz demais, um toque, ou retoque, trágico. Abraham Lincoln só assumiu a sua verdadeira dimensão quando o mataram. Para o “grande homem” nada mais árido e, repito, nada mais humilhante do que a simples morte natural. E Jacqueline e Kennedy desceram no Texas, em Dallas, a homicida. O presidente agiu como se fosse cúmplice na própria morte. O automóvel tinha vidros à prova de bala. Se ele baixasse a capota, estaria vivo até hoje. Parte o carro presidencial. Os dois representam pela última vez o casal feliz. Estavam juntos e, entre eles, a distância que vai do “grande homem” para a pequena mulher.

9 E, de repente, tão de repente, aconteceu tudo. A bala interrompeu o sorriso do presidente. Sim, a bala arrancou-lhe o queixo forte, crispado, vital. E foi tudo tão absurdo. Aquela cabeça ensanguentada que tombou no colo de Jacqueline. E depois ela estava de gatinhas na capota do automóvel. Ainda hoje, o que ninguém entende é que uma mulher, depois de viver esse momento, vá casar-se com o Onassis, a quem os jornais chamam de o “grego de ouro”.

10 O presidente chegou ao hospital tecnicamente morto. Era um cadáver que respirava. Normalmente uma viúva chora para 15 parentes, vizinhos, amigos. Mas o morto era o “grande homem”. Jacqueline estava diante de uma plateia mundial. Sim, uma plateia exigente e voraz que contava as suas lágrimas. Teria de ser, além da viúva, a atriz, ou mais atriz do que viúva. Sofria para De Gaulle e outros chefes de Estado; sofria para o próprio povo e para os outros povos. Tinha que chorar lágrimas jamais

choradas. Deram-lhe sedativos, quando deviam injetar-lhe excitantes. E, então, o mundo reconheceria que jamais uma viuvez gritara tanto.

11 Bem me lembro da indignação de um amigo meu quando, meses depois, Jacqueline pôs um maiô na sua viuvez. E o tempo foi passando. Os românticos esperavam que fosse fiel ao luto, eternamente. Mas as coisas aconteciam. A viuvez que põe um maiô está a dois passos do vestido de baile, do decote, do flerte. Como ria nas páginas das revistas europeias. Ela se entregava, de novo, a todos os sonhos da carne e da alma.

12 Mas dizia eu que Josefina traiu Napoleão, não com outro Napoleão, mas com o “idiota desconhecido”. E, quando se soube que Jacqueline gostava de Onassis, houve um muxoxo mundial. Até agora ninguém aceita que uma mulher substitua um Kennedy por um Onassis. Mas pergunto: — Será Onassis um “idiota desconhecido”? Já sabemos que desconhecido não é. Será idiota? Duvido.

13 Estou aqui imaginando o seu começo na Argentina. Vejo-o, nas ruas de Buenos Aires, catando tocos de cigarro no asfalto. Já aí sentimos o gênio e, de fato, só o gênio fundaria uma fortuna juntando guimbas. Tirava o fumo das guimbas e fazia cigarros inteiros. E não parou mais. Há também, na sua ascensão social e econômica, um casamento rico. Mas o seu império nasceu de uma colossal pirâmide de tocos, sim, de tocos de cigarros ainda úmidos da saliva anônima. “O homem mais rico do mundo”, dizem.

14 Há quem diga: — “Foi casamento por dinheiro.” Outros protestam: “Mas Jacqueline é rica.” Não importa. Ou por outra: — Ninguém ama tanto o dinheiro como o rico, o milionário, o multimilionário. O pau de arara pode desprezar o dinheiro. Mas o Rockefeller, pai, faria uma guerra

para embolsar mais uns trocados. O que eu queria dizer é que Onassis pode ser tudo, menos idiota. Imagino que sua carne tenha antigas tatuagens eróticas. Tatuagens do tempo em que era um vagabundo errante do cais. E, hoje, com sessenta e poucos, deve ter a experiência de voluptuosidades mortais. Mas se casa com Jacqueline porque é a viúva de John Kennedy. É a tragédia de Dallas que o fascina. Do contrário, não haveria casamento, não haveria nada. As belezas internacionais que passam pela sua vida levam um cachê, só um cachê. Seja como for, o casamento da Ilha de Scorpions não deve espantar. A bela e banal senhora sempre foi muito mais Jacqueline Onassis do que Jacqueline Kennedy.

O Globo, 22/10/1968

3. Mãe

1 Posso não ter outras virtudes, e realmente não as tenho. Mas sei escutar. Direi, com a maior e deslavada imodéstia, que sou um maravilhoso ouvinte. O homem precisa ouvir mais do que ver. Qualquer conversa me fascina e repito: — Não há conversa intranscendente. E, se duas pessoas se falam, a minha vontade é parar e ficar escutando. Uma simples frase, ainda que pouco inteligente, tem a sua melodia irresistível.

2 Ontem, por exemplo. Eu ia passando e vi duas senhoras no poste de ônibus. Conversavam. Estaquei e resolvi ouvi-las. Eram duas gordas e uma delas perguntava à outra: — “Sabe onde fica a Praça Serzedelo Correia?” A outra respondeu: — “É pertinho daqui. Ali.” E mostrava, com o dedo: — “Está vendo? Ali.” A primeira olha e suspira: — “Então vou tomar o ônibus.”

3 A distância que a separava da praça era de uma quadra. Comecei a ver, ali, um mistério insuportável. Por que tomar um ônibus para ir de uma esquina a outra esquina? Foi mais ou menos o que disse a segunda senhora: — “Não precisa ônibus. Para quê ônibus? Tão pertinho.” Novo suspiro da primeira: — “Estou tão machucada. Vou mesmo de ônibus.”

4 Foi aí, e só aí, que eu e a outra percebemos a evidência total. Estava, sim, bem machucada. Na minha infância, dizia-se “amarrotada”. E ela estava amarrotada. O olho esquerdo, ou direito, tinha um halo negro, um halo que parecia feito de rolha queimada. Uma das orelhas (não vi a outra) estava enorme como a de um *boxeur*. Enorme e vermelha ou roxa. A simples palavra repercutia, dolorosamente, lá por dentro. E, então, compadecida, a outra quis saber: — “Mas que foi isso? Desastre?”

5 Parecia um bárbaro atropelamento. E havia, na conversa, um clima folhetinesco. Não perco uma palavra. Veio a resposta: — “Foi meu filho que me deu uma surra.” Dizia isso sem nenhum horror, em tom castamente informativo. Era como se não fosse ela a mãe, e fosse o espancador o filho da vizinha. A segunda senhora deixa passar um momento. Ainda espicha o pescoço para ver o ônibus. E pergunta, com relativo interesse: — “Bateu na senhora?” Geme: — “Bateu.” E havia no que uma perguntava, e a outra dizia, uma naturalidade hedionda.

6 A primeira olha no relógio de pulso: — “Já são 11 horas, meu Deus!” E, como o ônibus não vinha, indaga: — “Bateu por quê?” Disse: — “Me pediu dinheiro. Eu não tinha. Já sabe. Meu filho tem um gênio que Deus te livre. Muito nervoso.” A segunda olha no fim da rua: — “E esse ônibus que não vem?” Espia de novo o relógio. Suspira: — “Caso sério.” A primeira está dizendo: “Quando respiro...” Respira fundo: — “Dói aqui.” Espeta o dedo: — “Aqui.”

7 E, súbito, chega o ônibus. Uma subiu, fácil e lépida. Mas a mãe espancada foi uma dificuldade. Dizia baixinho, como se o motorista pudesse ouvi-la: — “Espera, espera.” O trocador fica olhando e reclamando: — “Como é, minha tia?” Lá fui eu ajudá-la. Um outro apareceu. Foi empurrada, quase carregada. Gemia: — “Ai, ai.”

Finalmente, entrou. Arquejou para mim e para o outro: — “Deus te abençoe, Deus te abençoe!” O trocador deu o sinal e o ônibus partiu. Começou, para ela, a longa viagem de uma esquina para outra esquina.

8 Pouco depois, estava eu no táxi. E pensava: — “Será que essa mãe não tem marido? Ou um outro filho? Ou vizinho?” Vamos crer que fosse viúva de filho único. Mas teria vizinhos. E, além disso, há a imprensa, o rádio, a televisão, as duas Casas do Congresso, as Forças Armadas, etc., etc. E toda essa maravilhosa estrutura não faz nada, não exala um pio? Um filho pode espancar a mãe e fica por isso mesmo? Admito que não se faça nada. Mas o que não entendo é que ninguém se espanta. O brasileiro cada vez se espanta menos.

9 A própria vítima não me pareceu espantada. Vejam bem: — não a espantou a surra do filho, usara um tom impessoal e, repito, apenas informativo. Já falei das orelhas? Acho que não. Uma delas estava roxa, um roxo de orquídea e de gangrena. Agora me lembro: — falei, sim, da orelha. Paciência. Lembro-me de que ao contar a surra inflexionava como se tivesse pena, não ódio (ódio nenhum), pena do filho. Era uma espécie de ternura apiedada. Se a outra condenasse o rapaz, ela o teria defendido, talvez. Talvez, não. Estou certo de que o teria defendido.

10 E, se a apertassem muito, acabaria dando razão à surra. E iria para o espelho acusar a própria imagem: — “Bem feito, bem feito!” Eis o que eu queria dizer: — Essa mãe, capaz de dar razão à surra, existe e aos milhares, existe aos milhões, em todas as terras e em todos os idiomas. É o próprio mundo — não, não —, é a própria família que atira pela janela todos os seus valores. Há poucos dias, um pai amargurado escreveu-me: — “Meu filho sabe mais do que eu! Minha filha sabe mais do que a mãe!” Porque fez 18, ou 20, ou 23 anos, o sujeito passa a ter a “verdade da

idade”, a “razão da idade”, o “direito da idade”, o “poder da idade”, a “virtude da idade”. E todos assumem a mesma atitude da abdicação: — o jornalista, o político, o psicólogo, o sociólogo, o sacerdote, os artistas. O pintor Raul Brandão berrava numa galeria de pintura: — “O jovem tem todos os defeitos dos mais velhos e mais um: — a imaturidade!”

11 Outro dia, tivemos a jovem Revolução Francesa. Os estudantes da França explodiram. A princípio, pensou-se que eram as vítimas da fome furiosas contra a fome. Mas logo se percebeu que era a antifome. Sim, a antifome que devastava a França. E o mundo viu os filhos da alta burguesia virando carros, arrancando paralelepípedos. Ninguém entendia nada. Certo parisiense, perfeito idiota da objetividade, escreveu: — “a desgraça da França são os franceses.” Outro propôs uma Resistência contra os Franceses. Um terceiro queria uma nova invasão da Normandia que salvasse a França da brutal ocupação francesa.

12 E eram os jovens, os jovens, os jovens. Como eram os jovens, todo o mundo lhes deu razão. Cabe a pergunta: — E que fizeram eles, além de arrancar paralelepípedos e de quebrar vidraças? Foram picar as obras-primas do Teatro Odeon. Passaram a gilete ou a brocha nas telas famosíssimas. Por que esse ódio, esse estupro plástico? Porque os estudantes eram contra a “arte oficial”. Mas fecharam a Bienal, por se tratar de arte moderna, capitalista, etc., etc. O Festival de Cinema foi também fechado, a tapa. Alguém que acordasse, de repente, havia de imaginar que era uma nova ocupação nazista. Os nazistas nunca se lembraram de humilhar, degradar os belos quadros, as obras-primas de todos os tempos. E o curioso é que jamais ocorreu aos estudantes franceses que eram eles a alta burguesia, eles o capitalismo, eles as Classes Dominantes.

13 Volto à mãe que apanhou do filho e deu razão à surra. Foi um pouco o papel da França ao ser agredida pela própria juventude. Lá ninguém insinuou um protesto. Igualmente suicida é a posição da família diante dos seus filhos. Dizia-me, ontem, um padre de passeata: — “A família tem seus dias contados.” Viu a minha perplexidade e perguntou: — “Ou você não percebe que a família é uma instituição falida?” Bem. Não direi falida. Suicida, talvez.

O Globo, 5/8/1968

4. O sotaque

1 Entro na redação e o companheiro avisa: — “Telefonaram pra ti. Do *Paris-Match*. O correspondente de lá.” No meu espanto, balbucio: — “O *Paris-Match*? Comigo?” Qualquer telefonema é uma janela aberta para o infinito. Muitas vezes a glória internacional começa no telefone. Tirando o paletó, armei uma fantasia paranoica. Seria talvez uma entrevista. E já imaginava um retrato meu de página inteira. Sair na revista que só promove Stalin, Buda, Mao Tsé-tung, Roosevelt, o príncipe de Gales e o decote de Elizabeth Taylor (decote tão robusto, tão bem-alimentado).

2 E, como um telefonema do *Paris-Match* é altamente promocional, já os companheiros cravavam em mim o olho da inveja. E, súbito, o telefone bate novamente. Numa tensão sufocante, fecho os olhos e espero o chamado. Ouço a voz: — “Nelson, pra ti!” Saio atropelando mesas e cadeiras, como um centauro. Digo, arquejante: — “Alô! Pronto!” E, como a voz não tem sotaque, rilho os dentes de frustração. Era o alfaiate. Destratedei-o: — “Eu não sou o único brasileiro que deve! Sossega o periquito!” Bati com o telefone.

3 Sentei-me. E já me afligia e humilhava a gíria sórdida. No momento em que a imprensa europeia me procurava, não me perdoei aquele “sossega o periquito”. No meu canto, pedi pelo amor de Deus um telefonema com

sotaque. Três ou quatro minutos depois, sou chamado, outra vez. Ainda sondei o contínuo: — “Tem sotaque?” “Sim.” Da minha mesa para o telefone, tive tempo de imaginar o seguinte: — estreia de minha peça *Vestido de noiva*, em Paris. Na frisa oficial, estaria De Gaulle, com todas as medalhas escorrendo, em ouro, pelo peito. E, ao baixar o pano, o Herói, de pé, pedindo bis, como na ópera.

4 Chego ao telefone. Digo: — “Pronto, pronto!” E ouço o bendito sotaque. Era o homem. Na minha dispneia emocional, estou dizendo: — “Pois não, pois não!” E fiquei ouvindo o enviado do *Paris-Match*. Logo nas primeiras palavras, o colega esvaziou-me de toda a mania de grandeza. Não estava interessado em mim, nem em meus textos, nem nas minhas metáforas. Vinha falar do Brito. Queria informações urgentes sobre o Brito.

5 A princípio, não liguei o nome à pessoa. Brito? Que Brito? O sotaque falou no *Jornal do Brasil* (sempre este órgão fatal). Só então fez-se luz em mim. Já que o autor era outro, e não eu, comecei a achar execrável o sotaque. Eis o fato: — chegara ao Velho Mundo a notícia de que o Brito, através do *Jornal do Brasil*, declarara guerra de morte às cores. Era um desafeto das cores e um fanático do preto e branco. Não podia passar por uma porta de tinturaria sem náuseas profundíssimas.

6 Comecei a ver, ali, um mistério, um suspense. Que dizer do Brito? Achei a seguinte solução: — ia reunir uns dados e, em seguida, escreveria uma crônica sobre a vida e a personalidade do nosso patrício. Estou falando, aqui, no momento, para o *Paris-Match*.

7 Quem é o Brito? Geralmente, cada qual é um só. Buda foi Buda, exclusivamente Buda e tão-somente Buda, do berço ao túmulo. E assim Maomé, e assim são João Batista, e assim Nero ou Stalin. No presente

caso, temos três Britos num só: — o do *Jornal do Brasil*; o futuro ministro das Relações Exteriores; e o *back* do Vasco. Há um quarto: — o Brito doutor, único doutor da imprensa brasileira. Portanto, os três são quatro.

8 Quando começou a sua projeção internacional? Vejamos. Domingo passado, a TV Globo iniciou, no Brasil, a época da televisão em cores. Se perguntarmos a um paralelepípedo analfabeto, ou a uma cabra vadia, ou a um bode de charrete se a televisão em cores é um passo maravilhoso, a resposta será unânime e taxativa: — “Está na cara!” Não pensa assim o *back* do Vasco. Ao saber da novidade, convocou uma reunião de editorialistas.

9 Como se sabe, o *Jornal do Brasil* não diz um “oba” sem uma assembleia prévia e doura. Sob a presidência do dr. Brito, as maiores cabeças da casa discutem o “oba”, em toda a sua complexidade. Se aquelas inteligências preferem o “oba”, o *Jornal do Brasil*, no dia seguinte, diz o “oba” em vibrante editorial. Pois bem. Também a televisão em cores mereceu essa grave, erudita, clarividente reunião.

10 Parecia uma sessão histórica da Câmara dos Comuns. Por vezes, os debates se acaloraram. Mas mesmo no fogo da controvérsia, todos conservavam um tom dignamente crespado. O primeiro a falar foi o dr. Brito. Pedia licença para referir um fato, dos mais desprimorosos. E contou. Dias antes, vinha ele passando pela avenida quando viu, na esquina, três cores: — o Verde, o Grená, o Branco. Por se tratar de cores conhecidas, ele resolveu cumprimentá-las. Agora vem o horror: as três cores viraram o rosto.

11 Ante esse ultraje direto e cruelíssimo, o dr. Brito voltou atrás e perguntou-lhes: — “Vocês não me cumprimentam?” Resposta: — “Nós

somos Fluminense. E você, Vasco.” E o dr. Brito, que já não gostava do Amarelo, tinha agora razões de honra para abominar o Verde, o Grená e o Branco. Na cabeceira da mesa, em pé, de frente alçada, bradou: — “Ao Fluminense, nem água!” Os taquígrafos, de orelhas ávidas, não perdiam uma palavra.

12 Imediatamente, fez-se uma comissão de estilistas (os mais finos da folha de pagamento) para redigir uma nota feroz que desagrasse o chefe. Lá estava o dr. Brito, com os brios mais eriçados do que as cerdas bravas do javali. E a página foi feita e, no dia seguinte, publicada, num luminoso “Informe JB”. É um primor ou, como diziam as velhas gerações, uma teteia. Nada de cores. Se o poente do Leblon não é em preto e branco, azar da paisagem e abaixo o poente. A nossa baía é metida a azul. Pau nela!

13 Portanto, a televisão em cores deve ser varrida a patadas. E o “Informe JB” chega ao sublime quando malha a miséria colorida. O certo, o correto, o patriótico é a miséria em preto e branco, é a mortalidade infantil em preto e branco, é o subdesenvolvimento em preto e branco. Alguns realistas, que sempre os há, poderão dizer que a ira do *Jornal do Brasil* tem razões sordidamente competitivas. Quem ruge contra a televisão em cores é o jornal que não tem a televisão, nem as cores. Seja como for, o velho órgão está ventando fogo por todas as narinas.

14 Assim é o homem. Mas justiça se lhe faça: — aos poucos, etapa a etapa, vai conseguindo tudo o que quer. Dirá alguém que nunca passará de “futuro” ministro do Exterior. Não importa: — é um título. E os contínuos já o chamam de “ministro”, “sr. ministro” e, até, “dr. ministro”. Faltava-lhe a consagração do escrete. São Januário era pouco para a sua fome. É agora zagueiro da seleção. E se o *Paris-Match* dedicar ao nosso patricio as

mesmas sete páginas que concede a De Gaulle e ao busto de Elizabeth Taylor — não faz mais que a obrigação.

O Globo, 9/8/1968

5. A gratificação

1 Já falei da grã-fina que mora no Alto da Boa Vista. (No seu jardim, há uma estátua nua que, nas noites frias, morre gelada.) Seu palácio saiu nos “mais belos interiores” de *Manchete*. Mas o que me fascina, em certas casas, é o requinte. Outro dia, fui visitar outro casal de grã-finos. E, na hora de lavar as mãos, vi uma pia inexcelável. A pia ainda não era nada. O que me deslumbrou foi a bica. Enxuguei as mãos e, depois, chamei o dono da casa. Disse-lhe, de olho rútilo: “Que bica! Que bica!” E ele, na sua flamejante modéstia: “Ouro maciço!”

2 Volto ao Alto da Boa Vista. A dona da casa é exatamente aquela que, certa vez, dizia, lânguida, meio alada: — “Eu sou amante espiritual de Guevara.” Em seguida, voltando à vida real, levou-nos para ver o retrato do “Che”, em sua alcova. Lá estava ele, de boina; a barba crespa virilizava a doçura da expressão quase infantil. Pois bem. E foi justamente a “amante espiritual” de Guevara que telefonou, ontem, para mim.

3 Perguntei-lhe, inicialmente, se o retrato de Guevara ia bem de saúde, etc., etc. Zangou-se, risonhamente: — “Cada vez mais reacionário!” E eu: — “Pelo amor de Deus!” Mas ela estava com pressa e foi dizendo: “Vem hoje aqui em casa, ouviu?” Criou um mistério, um suspense: — “Tenho

uma surpresa.” Resisti de puro charme. Finalmente, disse que ia. Assim nos despedimos.

4 Cheguei lá às nove e pouco. Perguntei-lhe: — “E a surpresa?” Brincou com a minha curiosidade: — “Calma, calma.” Acabou dizendo que a surpresa era um padre. Assustei-me: — “Padre de passeata?” Fez espanto: — “Que história é essa de padre de passeata? Isso não existe!” Expliquei-lhe que o “padre de passeata” era um fato concreto e histórico. Acabou admitindo que, realmente, o sacerdote comparecera a duas passeatas; e acrescentou: — “Uma cabeça. E olha. Mais inteligente do que d. Hélder.” Chamou o marido, que ia passando, e perguntou: — “Não é mais inteligente do que d. Hélder?” O marido disse, grave, taxativo: — “Uma cabeça!” Se era “uma cabeça”, e “mais inteligente do que d. Hélder”, eu estava disposto a vê-lo e ouvi-lo.

5 Pouco depois, chegava “a cabeça”. Nada de batina. O sacerdote estava vestido como um anúncio da “Ducal”. Quando apareceu, houve um frêmito em todos os decotes. Fui apresentado. “Muito prazer”, de parte a parte. Duas ou três o levaram. E a dona da casa dizia, no meu ouvido: — “Vai falar sobre Sexo.” Insinuei: — “Já estou muito velho para ‘Educação Sexual’.” Mas uma outra a chamava. Afastou-se. E eu fui olhar na janela, que se abria para a noite.

6 (O “padre de passeata” fazia conferências em domicílio para grã-finas. Especializara-se em Sexo e Guevara.) Daí a pouco, sou chamado: — a “cabeça” ia falar. A anfitriã fizera um teatrinho, com umas cinquenta cadeiras e um pequeno palco, quase ao nível da plateia. Alguém me sussurrou: “Uma cultura!” E, justamente, a “cultura” começava a falar.

7 Disse, preliminarmente, que ia fazer uma palestra informal. Estaria disposto a responder perguntas. Mas frisou: “Estamos aqui num encontro informal.” Dizia “informal” com particular satisfação, como se a palavra lhe fizesse cócega no céu da boca. Não começou imediatamente. No pequeno palco, andava de um lado para outro, de cabeça baixa, as mãos trançadas nas costas. E, súbito, da primeira fila, a anfitriã sugere: — “Conta aquela.”

8 Parou, risonhamente, no meio do palco. Fingiu um lapso: — “Qual?” E a outra: — “Aquela!” Empina o queixo, faz um esforço de memória: — “Aquela?” Risos. As pessoas achavam graça. Ele sentiu que o lapso era um efeito. Fechava os olhos, cruzava os braços. Teve que admitir: — “Sinceramente, não me lembro.” E, como ele não se lembrava, não se sabia o quê, explodiu a gargalhada. O “padre de passeata” dramatizou o lapso. Apertou a cabeça entre as mãos. Sentiu o sucesso e o agarrou. Há de ter pensado: — “A plateia está no papo.”

9 Um sujeito, a meu lado, com uma barriga de ginecologista, repetia, banhado em delícia: — “Uma cabeça! Uma cabeça!” Fui, então, varado por uma súbita recordação auditiva. Há um tango de Gardel que começava assim: — “Por uma cabeça”, etc., etc. E o tango devia ser de Gardel e Lepera. Na plateia, já batiam palmas. Era o primeiro lapso aplaudido. A dona da casa explicava: — “Aquela da prostituta. Aquela!”

10 O “padre de passeata” bateu na testa: — “Agora me lembro.” E a anfitriã, de pé, virava-se para a plateia; dizia, radiante: — “Ótima, ótima!” Sentou-se, novamente. Andando de um lado para outro, o sacerdote não tinha pressa. Parou numa extremidade do palco. De perfil para a plateia, olhando para o alto, disse: — “Realmente, realmente.” Começou: — “Prostituta.” Suspirou. E, já no centro do palco, explicava: — “A

prostituta não me espanta.” Perguntou, de supetão, à plateia: — “Os senhores se espantam com um bombeiro hidráulico, um ourives ou protético?” Silêncio. Recomeçou: — “Ser prostituta também é um ofício.” Repetiu, com certa ferocidade: — “Ofício, ofício, ofício.” Pausa. Novo suspiro: — “Profissão.” Profissão, como outra qualquer. “Ganha-pão.”

11 Ria agora: — “Aconteceu comigo um fato. Um episódio. Fato de rua.” Jogando as pausas, usando silêncios, ele deliciava os presentes. Disse: — “Nem sei se deva contar.” Vozes protestaram: — “Conta, conta.” E o “pai de passeata” dispôs-se a contar. Agora estava mais ágil, mais lépido, mais brilhante: — “O caso é o seguinte: — fui abordado por uma mulher da vida. Digamos: — mulher da vida. Me abordou.”

12 Excitação na plateia. As pessoas se entreolhavam. Longa pausa. Foi de uma extremidade a outra e vice-versa. Disse: — “Me fez uma proposta.” E, súbito, em tom castamente informativo, ele falou que, hoje, há *trottoir* por toda a cidade. “Até na porta da igreja.” No passado, a prostituição estava localizada. Hoje, não. Às vezes, em ruas rigorosamente familiares, estritamente residenciais, nós vemos uma moça. Parece uma menina. O sujeito jura que é uma menina de família. E, ali, na calçada onde as crianças brincam, ela está exercendo uma profissão. “Não direi profissão infame, porque não há profissões infames. Há profissões.”

13 Vozes perguntam: — “E o que é que o senhor fez?” Repetiu, criando um suspense delicioso: — “O que é que eu fiz?” Continuou: — “Ela falou comigo em português. E eu respondi em alemão.” Perplexidade divertida. A “amante espiritual de Guevara” pediu: — “Diz por que é que o senhor falou em alemão.” Sorria, banhado em sucesso: — “Pelo seguinte: — porque eu queria passar por estrangeiro. Saíra da igreja, estava sem batina. Pra todos os efeitos, eu não estava entendendo nada.” A dona da casa, em

pé, protestou: — “O senhor não está contando direito. Conta, conta. Por que é que o senhor não podia entender a proposta?” E ele, iluminado: “Porque se eu entendesse a proposta e recusasse, ela ia pensar que eu sou pederasta.” Foi uma ovação formidável. Os decotes se atiravam para o palco. Era uma euforia geral. E ele, que falara tão pouco, e usara mais pausas do que palavras, suspirava: — “Cansei.” Vozes: “Genial! Genial!” Meia hora depois, a “amante espiritual de Guevara” chamou-o numa outra sala. E lá o “padre de passeata” recebeu, no envelope, o cachê.

O Globo, 10/8/1968

6. Werther

1 Não me lembro de ter dito que o Palhares, o canalha, é o carioca radical. Sim, ninguém mais carioca, ninguém tão carioca. É uma espécie de irmão das coisas, das esquinas, das retretas, dos paralelepípedos da cidade. Olha o Pão de Açúcar como se fosse a primeira vez, sempre a primeira vez. E tem a sensação de que a luz acaba de inaugurar o Corcovado.

2 Pois bem. E, ontem, eu estava na Cinelândia, olhando os pombos. Não sei que misterioso pudor me impede de lhes dar milho na mão. De repente, ouço o berro: — “Nelson! Nelson!” Era o Palhares, “o que não respeita nem as cunhadas”. Na calçada da Biblioteca, ele, qual um extrovertido ululante, berrava o meu nome. E, depois, atravessou a avenida. Os automóveis em disparada raspavam o magnífico pulha. Mas ele chegou do outro lado, sem um arranhão, sem uma fratura e sem uma trombada.

3 Olhei o canalha. Como sempre, tinha uma pele de quem lavou o rosto há 15 minutos. E anunciou: — “Tenho uma pra te contar, menino!” Imaginei que devia ser a sua última conquista. O Palhares tem sempre uma “última conquista”. E ele, já de olho rútilo, ia começar. Súbito, balbucia: — “Até logo, até logo!” Segurei-o pelo braço: — “Que é isso, rapaz?” Diz, baixo: — “Vem aí o Torres. Já me viu. Torres, o homem de bem. O maior chato do Rio de Janeiro. Adeus!” Largou-me e fugiu.

4 E eu, que também conhecia o Torres, tratei de escapar. Atravessei para a Câmara, dobrei Evaristo da Veiga, e fui andando, rente à parede. Se vocês conhecessem o Torres, “o homem de bem”, justificariam o meu horror e o do Palhares. O Torres é a virtude mais promocional do Rio de Janeiro. Em todas as esquinas, salas e retretas ele esfrega, na cara dos outros, a sua honra. Lembro-me de um dia em que, na esquina da Sete de Setembro, bramava: — “Sou um homem de bem! Sou um homem de bem!” E quando ele aparece as pessoas fogem, como se ele fosse o Juízo Final ou, pior do que isso, o rapa.

5 Jamais o Torres deu um biscoito a um pobre sem promover tal esmola em manchetes. Mas não é ele o único Narciso da caridade. A toda hora e em toda parte, há íntegros que nos atropelam com a sua integridade, há justos que nos humilham com a sua justiça, há castos que nos ofendem com a sua pureza. Raríssima uma bondade sem impudor.

6 Por isso, chega a ser inquietante o caso de Abrahim Tebet. Digo-lhe o nome e não sei se vocês o conhecem. Foi homem do esporte, do futebol, do escrete. Mas o que me interessa é o Abrahim Tebet “ser humano”. Muita gente só tem de humano o terno, a gravata, os sapatos. E passamos meses e até anos sem ver ninguém parecido com o ser humano.

7 Há dois ou três dias, Abrahim tomou posse do cargo de presidente do Conselho Estadual de Trânsito. Ah, que figura patética e, eu quase dizia, chapliniana, a do “empossado”. Depois do governador Negrão de Lima, falou o próprio Abrahim. Imaginei: — “Vai chorar!” Mas não chorou. Ah, o esforço que fez para controlar a própria tensão. Ao lado, estava o Luís Alberto Bahia, o chefe da Casa Civil. Nós sabemos que o Poder gosta de pôr uma máscara hirta. Mas o nosso Bahia é, justamente, o Poder dionisíaco. Sai de casa, num suntuário chapa-branca, e leva no bolso várias

gargalhadas. Ria para mim, para o Abrahim, para todo o mundo. Essa alegria antioficial estarrecia os mais tímidos.

8 Mas sem querer estou pecando contra o meu assunto. Volto a ele. Eis o que eu queria dizer: — vimos a bondade do Torres, que se badala como um sino indigno. Mas a do Abrahim é, justamente, a que se esconde, a que se nega, e se disfarça. Diria que ele faz o bem às escondidas, como quem pratica um ato obsceno. É bom com vergonha de o ser. Quando ele deixou a CBD, houve quem sussurrasse o vaticínio: — “Vai morrer de fome.” Aí está. Abrahim, o doce, sempre terá uma fatia de pão e um pouco de manteiga para lhe barrar por cima.

9 (Não sei se eu disse que o Luís Alberto Bahia tem o riso luminoso e forte dos sátiros vadios.) Falei de Abrahim e passo ao Nelsinho Motta. Dias atrás, escrevi sobre o jovem cronista, e não só cronista: — também homem de TV, de canção, do romance (ainda não escreveu nenhum romance, mas será, um dia, romancista). E o Nelsinho, que é romântico por dentro e por fora, romântico no terno, romântico na gravata, romântico na calça de veludo e romântico na palidez. Faço ponto, porque já vou arquejando. E, como ia dizendo: — o Nelsinho escreveu, justamente, contra os românticos. Há uma rapaziada aí que anda bebendo nas fontes líricas da música popular. E meteu-lhe o pau.

10 Não contente, Nelsinho faz do Chico Buarque uma imagem cruelmente inexata. Na sua versão, o autor de “A banda” seria um vampiro saudoso de carótidas, querendo beber o sangue gelado da burguesia. Mas esse é o falso Chico, a negação do Chico, o anti-Chico. Ninguém mais nostálgico, ninguém mais fremente, ninguém mais pungente. E como é antiga e infeliz a sua ternura. Querem transformar um Pierrô do Méier em Guevara de capinzal vagabundo.

11 Dirá o leitor: — “E *Roda-viva*?” Ah, *Roda-viva* é também o anti-Chico, e por outras palavras: — *Roda-viva* é o José Celso. O diretor sentou-se na alma do espetáculo. No texto que lá aparece não há uma janela. Ora, o Chico tem, como as modinhas antigas, a obsessão das janelas. Eu me lembro de uma letra de Hermes Fontes (de Hermes Fontes ou Olegário). Diz assim: — “Pela janela da saudade”, etc., etc. Aí está insinuada a “Carolina”.

12 E eu achei que toda a crônica do Nelsinho tinha um som de moeda falsa. Por que o pudor de ser piegas? Que somos nós, todos nós, senão 80 milhões de piegas? E o Nelsinho, que é capaz de fazer um pacto de morte na primeira esquina, e Chico, idem? Um ou outro devia aparecer na boca de cena e anunciar, de frente alta: — “Damas e cavalheiros: — Eu sou um piegas nato e hereditário.” E o Sérgio Buarque de Hollanda, uma das inteligências mais sérias do Brasil? Em várias entrevistas, já declarou: — “Eu sou apenas o pai do Chico.” Eis um gesto do piegas radical e incontrolável.

13 Quando escrevi sobre o Nelsinho, estava disposto a uma feroz polêmica. Seria o patético, raiando pelo sublime: — de um lado, eu, velho, de uma velhice inenarrável; de outro lado, o Nelsinho, com todo o esplendor das Novas Gerações. Mas não há tal polêmica. O Nelsinho pensa como eu, sente como eu, e mais: — usa contra mim as minhas próprias piadas. Quando cruzar com esta figura da *belle époque*, hei de perguntar-lhe: — “Quando é o pacto de morte?” E dirá ele, pálido como um Werther: — “Estou caprichando.”

O Globo, 8/8/1968

7. A netinha

1 Há uns dois meses, almoçamos no Iate Clube. Comigo, estavam o general Arruda, o Manuel Duque e o Marcelo Soares de Moura. Vinha do mar o silêncio dos mastros. E fundamos, ali num canto, a nossa solidão. Deixo um momento a mesa para falar no telefone. Quando volto, o general Arruda está dizendo que, uma vez por ano, vai a Mato Grosso. E explica: — “Vou lá ver uma netinha.”

2 Virei-me para o general, numa surpresa absurda. Devia ser maravilhosamente simples ir a Mato Grosso ver uma netinha. Perguntei-lhe, vivamente: — “Ah, o senhor tem uma netinha em Mato Grosso?” Conversamos sobre crianças. Era uma garotinha, mas nada, no mundo, o faria renunciar a essa visita anual a uma garotinha. Não sei se me entendem. Houve um tempo em que era muito fácil ser pai, avô, neto, filha, tio, cunhado ou primo. O sujeito realizava, através da família, uma série de valores nítidos e precisos. Todo mundo era avô, tio, sobrinho, cunhado, etc., etc.

3 Agora, não. Não estarei insinuando nenhuma novidade se disser que a família está em crise total. Não sei se vocês se lembram de um episódio que contei, aqui mesmo, tempo atrás. Fui, por acaso, testemunha auditiva e ocular de tudo. Imaginem vocês que um dia, estou eu num poste de ônibus.

Perto de mim, também esperando condução, uma senhora desconhecida. E, de repente, aparece outra senhora.

4 A recém-chegada tinha esparadrapo na testa, vergões nos braços, lábio inchado e, numa das vistas, um halo negro. As duas começaram a conversar. A primeira não se contém: — “Mas que foi isso? A senhora caiu?” E a outra, em tom singelamente informativo: — “Foi meu filho que me deu uma surra.” Aí está: — um filho que, com a maior simplicidade, espanca a mãe; a mãe que, com a mesma simplicidade, apanha do filho, e a desconhecida que, com igual simplicidade, ouve a história.

5 Se não me engano, o único impressionado dos três fui eu mesmo. Mais tarde, entrando na redação, fui dizendo: — “Vem ouvir esta, que é a maior.” E conto: — “Num poste de ônibus, ouvi isto assim, assim.” Aconteceu então o seguinte: — os meus companheiros também não se espantaram. Quando acabei de falar, um deles perguntou-me: — “Vais ao jogo, amanhã?” Era véspera de um Botafogo e América. E o colega, botafoguense fanático, estava disposto a dar um de vantagem e o empate. Um outro, a quem contei o fato, achou uma graça imensa.

6 Mas passou o tempo e eis que recebo a carta de “uma jovem”. E vejam vocês: — a leitora fala justamente do caso da mãe espancada. Passei a ler a carta com um interesse muito maior. E, com o mais ingênuo dos assombros, vejo que a carta toma a defesa do filho. A mãe apanhou, o filho bateu, e a leitora põe-se contra a vítima e ao lado agressor. Ao lado do espancador da própria mãe? Exatamente, ao lado do espancador da própria mãe.

7 Leio e releio. A menina conta que, para tirar as dúvidas, foi ouvir um padre. O sacerdote foi de uma rara objetividade: — “Por que é que o filho

bateu? À toa, não foi. A mãe fez alguma.” Aí está: — segundo o “padre de passeata”, um filho pode ter, em certas circunstâncias, o direito de espancar a própria mãe.

8 A leitora deixou o “padre de passeata” e veio correndo escrever para mim. Repetindo o sacerdote, pergunta se eu conheço as razões do filho. Se não conheço, estou prejulgando. Esquecia-me que, além do já sabido, o bom padre disse mais: — “A maternidade é um fato físico.” Não sei, nem a leitora explica, o que ele quis dizer com isso. Mas o disse: — “A maternidade é um fato físico.” A menina conclui afirmando que sou um velho, quadradão, incapaz de me renovar, ao contrário do dr. Alceu, que, em plena velhice — “deu um passo à frente”.

9 Coisa curiosa. Os jovens que me escrevem, de ambos os sexos, são ressentidos contra as relações familiares. Acreditam no fim da família e o pior é que a família também acredita na própria caducidade. É certo que “o jovem” sofreu um desgaste. Sim, sabemos que “o jovem”, tal como o idealizamos, não passou de gigantesca impostura. Ainda assim, há os que insistem na “Razão da Idade”, como dr. Alceu; e outros, como d. Hélder, que exigem, para “o jovem”, a *ilimitada confiança* dos mais velhos. Certos pais ainda tremem diante dos filhos. Um amigo veio-me dizer, espavorido: — “Minha filha sabe mais do que eu.” Perguntei-lhe: — “Que idade tem tua filha?” Resposta: — “Onze anos.” E sabia mais do que ele. Catando os fósforos, o meu amigo disse mais: — “Só vendo como a minha filha chama a mim de chato, à mãe de chata. Não me respeita, a menina. Minha filha é fogo!” No fundo, no fundo, estava quase orgulhoso das desfeitas da pirralha.

10 A meu ver, porém, quem definiu melhor as relações do jovem com a família foi um certo rapaz. Num grupo de alunos da PUC, ele, que também

é aluno da PUC, foi claríssimo. Perguntou: — “O que é um lar?” E ele próprio respondeu, mascando um chiclete talvez imaginário: — “O que nós chamamos lar são cadeiras, mesas, camas, vitrola, paredes, pratos.” Fez uma pausa e concluiu, com exultante crueldade: — “Eu não tenho que respeitar nem móveis, nem louça, nem toalhas, nem terrinas.”

11 Daí a minha surpresa no almoço do Iate Clube. Hoje, é admirável um avô, apenas e profundamente avô, como o general Arruda. Mato Grosso não é ali na esquina. Todos os anos, o general toma seu avião e desembarca em Mato Grosso. Chega aquele homem de fisionomia marcada, dura, inescrutável. Veio ver a neta soprar as cinco ou seis velinhas do bolo de aniversário. Há qualquer coisa de antigo, de nostálgico, de spectral nesse homem que se debruça sobre a netinha — e com que estremecido amor.

12 Por toda a parte, o que se vê são os impotentes do sentimento. Como esquecemos o gesto de amor. Não se veem mais namorados de mãos dadas e talvez não existam mais os namorados. Muitos perguntam: — “Por quê, meu Deus, por quê?” E, no entanto, vejam vocês: — quem abre um jornal, um simples jornal, percebe subitamente tudo. Agora mesmo, a Tchecoslováquia sobe às manchetes mundiais. Cinco países socialistas, com a Rússia à frente, e em nome do socialismo, estupraram um outro país socialista. Ninguém faz nada. O mundo é apenas plateia.

13 A gente lê telegramas de pesadelo. Um deles conta o seguinte: alguns guardas tchecos, a serviço dos invasores russos, foram apedrejados e acabaram no hospital. Chegam lá e nem médicos, nem enfermeiros, os atendem. Dizem: — “Vocês não estão ao lado dos porcos russos?” E os feridos encheram o hospital com seus gemidos inúteis. No dia seguinte, o jornal do Partido escreve um furibundo editorial contra os médicos e

enfermeiras. Faz ameaças medonhas. E o artigo termina com esse berro: — “É um procedimento anticristão!”

14 Não houve jamais uma época tão cínica como a nossa. A Polícia russa quer pôr Cristo a serviço dos assassinos da Tchecoslováquia. Mas uma coisa é certa: — o socialismo está apodrecendo.

O Globo, 27/8/1969

8. Solidão negra

1 Era um *visitante ilustre*. Passou um mês no Brasil. Na véspera da partida, foi a um baile no Itamaraty. E, de repente, vira-se para a grã-fina brasileira que o acompanhava. Perguntou com uma irritação quase imperceptível: — “E os negros? Onde estão os negros?”

2 Sim, numa recepção onde todos estavam de casaca e todas de vestidos de baile, ele procurava em vão um negro de casaca e uma negra de vestido de baile. E só via, e só esbarrava, e só tropeçava em brancos e brancas. O ilustre visitante era, em sua pátria, poeta, ensaísta, sociólogo e, além disso, amigo de Sartre e de Bertrand Russell, correspondia-se com ambos. Num amargo escândalo, constatava que o Itamaraty é uma paisagem sem negros.

3 Repetiu a pergunta: — “E os negros? Onde estão os negros?” A grã-fina respondeu-lhe, com frívola crueldade: — “Estão por aí assaltando algum chofer de praça.” Foi só. No dia seguinte, o *ilustre visitante* partia. Levava do Brasil a frustração de não ter visto um preto de casaca e uma preta de vestido de baile. Contam que, já na fila do avião, fez uma última e desesperada pergunta: — “Mas não há uma grã-fina preta no Brasil?” O rapaz do Itamaraty, que o fora levar, respondeu com a maior polidez e descaro: — “Realmente, não temos uma grã-fina preta.”

4 E o Brasil gaba-se de sua democracia racial. No entanto, poderíamos indagar uns dos outros: — “E os negros? Onde estão os negros?” É uma pergunta sem resposta. As casacas estão aí, e os vestidos de baile, e os cargos, e as funções, e as estátuas. Mas não me consta que uma preta, com suas ventas triunfais, tenha sido capa de *Manchete*.

5 Uma noite, vinha eu para casa, de táxi. Quando entramos na Lagoa, perguntei ao chofer pelos assaltos. E ele, que era um preto retinto, uma bela voz racial de Paul Robeson, riu, feroz: — “De noite, eu não paro pra crioulo.” Vocês entendem? O *ilustre visitante*, se lá estivesse, ouvindo a nossa conversa, havia de imaginar que no Brasil é assim: — o branco não gosta de preto, nem o preto gosta de preto.

6 Aqui, ser preto é provar todas as renúncias. Lembro-me de um mulato que, no pileque, ficava repetindo, obtusamente: — “Parece que tem um preto aí, o Zé do Patrocínio.” Como se sabe, este foi um trágico. Embora tivesse vergonha de ser negro, procurava tirar partido da própria cor. Certa vez, em pleno comício, berrou: — “Deus deu-me sangue de Otelo para ter ciúmes da minha pátria.” E, por um momento, a metáfora desagravou o velho Zé do Pato de todas as suas frustrações raciais.

7 Bem. Fiz toda a introdução acima para chegar a Pelé. É certo que nem todos os meus leitores gostam de futebol. Um dia, fui ao Estádio Mário Filho e lá me apresentaram à grã-fina de narinas de cadáver. Conversamos na fila do elevador. Depois de se confessar minha leitora, fez a ressalva: — “Só não gosto quando o senhor fala de futebol.” Subimos no mesmo elevador e saltamos no sexto andar. Olhando o campo, do alto, ela fez-me a pergunta: — “Quem é a bola? Quem é a bola?” Entrava no ex-Maracanã pela primeira vez.

8 Claro que muitos leitores abominam o futebol como a grã-fina das narinas de cadáver. Há um momento, porém, em que o futebol passa a ser a paixão unânime. É quando está em cena o escrete. Mesmo os que nunca viram uma bola entendem que o escrete é a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas em todas as direções. Além disso, a seleção tem, desta vez, um líder: — o João Sem Medo. E não sei o que mais admirar no Saldanha, se as virtudes, se os defeitos. (Fico com os defeitos.) Uma bronca do João já aumenta a bilheteria do escrete.

9 Eis o que eu queria dizer: — graças à seleção, todo mundo virou brasileiro. Confessou-me um conhecido de arquibancada: — “É a única vez em que eu me sinto uma nação.” Disse isso com o lábio trêmulo e seu olhar vazava luz. Repito: — nunca vi tantos brasileiros. Enquanto durar a euforia do escrete, seremos um país ocupado por brasileiros.

10 Falemos de Pelé. Como já disse, foi o futebol que o salvou. Graças às suas botinadas, ele pode ser preto sem nenhum risco, e mais: deve ser preto, e é preciso que o seja. Um Pelé branco não teria o mesmo e irresistível apelo, e seu impacto não seria tão firme e tão puro. Não sei se vocês concordam. Mas se, por azar, Pelé tivesse nascido louro, conviria pintá-lo com rolha queimada. Uma vez, o *Paris-Match* publicou sete páginas com o seguinte título: “O Brasil tem um rei chamado Pelé”.

11 Sua presença é tão obsessiva que se poderia dizer: — “Pelé, o único preto do Brasil.” Bem. O que é mesmo que eu ia contar? Já sei. Eu ia dizer que fui ontem a mais um sarau de grã-finos. Uns cinquenta casais. E o assunto era o escrete. Interessou-me, e muito, conhecer os pontos de vista dos presentes sobre a seleção. Sempre digo que os grã-finos têm, por vezes, uma fina sensibilidade histórica e um sutil faro profético. Se eles estivessem com o escrete, o Brasil seria, fatalmente, o campeão de 1970.

Para a nossa felicidade, todo o grã-finismo está, sim, com o escrete e com o João.

12 Todavia, o grande momento da noite foi quando um dos presentes apareceu com uma primeira página. Lá estava, em cinco colunas, a fotografia do sublime crioulo. Era um salto de Pelé. Pulava por cima do goleiro para apanhar a bola e fazer o gol. E, no seu esforço plástico, elástico, acrobático — o preto nunca fora tão preto. Sua coxa era uma anca de cavalo, anca vibrante, crispada, vital. Um pau-d'água mostrava o instantâneo; e propunha a seguinte enquete: — “Você se casaria com Pelé?”

13 Houve um delicioso frêmito em todos os decotes. Cada uma das presentes veio olhar a fotografia. A primeira a responder foi, justamente, a “ex-amante espiritual de Guevara”. Quando o guerrilheiro morreu, uma das nossas grã-finas vestiu pesado luto. Negara luto à própria mãe e à própria avó. Mas cuidou, e com razão, que o luto por Guevara tinha mais charme. Durou 15 dias a viuvez espiritual. Mas, como ia dizendo: — a “ex-amante” foi a primeira a responder. Disse apenas: — “Com esse, eu me casava.”

14 O marido, ao lado, balançou a cabeça, como que aprovando o gosto da mulher. E a fotografia foi passando de mão em mão. Uma suspirou: — “Que beleza!” Todas responderam com as mesmas palavras da “ex-amante espiritual de Guevara”. — “Com esse, eu me casava.” A última foi a grã-fina de narinas de cadáver. Disse e repetiu: — “Eu também, eu também.”

O Globo, 28/8/1969

9. Sexo nos berçários

1 E, de repente, vejo o Palhares, o canalha. O público que me acompanha, se é que me acompanha, já o conhece. Todavia, a coluna mais irrelevante tem sempre um ou outro leitor novo. E um leitor não iniciado é um inocente em Palhares. Portanto, convém descrever aqui, em rápidas pinceladas, a sua torva figura. Imaginem vocês que, certo dia, o Palhares cruza com a cunhada no corredor. Era uma menina de 17 anos, quase noiva.

2 Um homem de bem passa por uma cunhada e nada acontece. Há, de parte a parte, um “oba” imaculado e nada mais. E que fez o Palhares? (O novo leitor deve estar numa dessas curiosidades mortais.) Eis o fato: — o Palhares atraca a menina e atira-lhe um beijo ao pescoço. Era o canalha. E aí está, num simples lance, toda a sua biografia. O justo, o correto, o obrigatório é que o ato nefando fosse condenado por toda a comunidade. Afinal, temos ou não temos vida moral?

3 Em vez de ser execrado, como um legítimo fauno de corredor, o Palhares foi invejado por gregos e troianos. Houve, certa vez, um batizado. E uma vizinha, abanando-se com a *Revista do Rádio*, sussurrou-lhe: — “O senhor é de morte, hein, seu Palhares?” Ele baixou a vista, escarlate de modéstia. Por coincidência, dois ou três dias depois, o patrão aumentou-

lhe o ordenado. E quando ele saía de casa, ou chegava a casa, era muito olhado pelas mocinhas. Infelizmente, estamos numa época em que as patifarias do sexo são promocionais.

4 Devo acrescentar que, mais tarde, se tornou socialista dos mais ferrenhos. Não perde uma passeata e diz, para quem quiser ouvir: — “Sou da Esquerda Católica!” Pois bem. E, súbito, encontro o canalha no meio da rua. Entre parênteses, o Palhares tem sempre uma pele de quem lavou o rosto há cinco minutos. Veio para mim, de braços abertos: — “Há quanto tempo, há quanto tempo!” Houve o abraço interminável. O Palhares não me largava e confesso o meu constrangimento. Aquela efusão de canalha, ao ar livre, era altamente comprometedora.

5 A despeito de todas as objeções éticas, porém, ele me inspira uma dessas curiosidades humilhantes. Pesa-me confessá-lo, mas a mim interessa tudo o que o Palhares diz e tudo o que o Palhares faz. Perguntei-lhe: — “Que é que tens feito?” Imaginei que ele, horrendo sátiro, ia falar de mulheres e conquistas. Subitamente grave, falou: — “Que é que eu tenho feito?” Pausa. Cara a cara comigo, diz: — “Tenho feito história!”

6 E, de repente, vi aquele sujeito, que “não respeitava nem as cunhadas”, deixar de ser o fauno de tapete. Assumia, agora, a forma, o gesto e as inflexões do socialista. Disse-me, baixo e convicto: — “Nelson, toma nota das minhas palavras.” E repetiu, como um iluminado: — “Escreve o que eu te digo.” Pausa. E fala: — “Aconteceu uma coisa inédita no Brasil. Vê se me entendes. É o seguinte: — o brasileiro deixou de ter medo das Forças Armadas. Repara, repara. Ninguém tem medo das Forças Armadas.” Como um possesso, agarrou-me pelos dois braços: “E se perdemos o medo das Forças Armadas, tudo é permitido e tudo vai acontecer!” Ainda resmunguei: “Estás sinistro, ó Palhares!” E ele, baixo e

ofegante: — “Estou sinistro e é para estar sinistro. Não esqueças: — tudo vai acontecer!”

7 Já o canalha se despedia: — “Tenho que ir. Uma cara me espera. Boa pra burro!” Estendeu-me a mão. Digo-lhe: — “Bye, bye.” Dá três passos, para e retrocede, aflito: — “Esquecia-me do principal. Espera um instantinho. Vou ali no jornaleiro e volto já.” Foi e voltou com uma revista: — “Toma isto aqui. Lê. É o Brasil.” Olho a revista e tomo um susto. Lá estava escrito: — *Meu bebê*. Não entendo: — “Que piada é essa?” Mas ele partia, célere, para o seu encontro amoroso. Na capa, estava uma cara, em cores, de um bebê lindo. E eu continuava a não perceber que relação podia ter eu com uma revista chamada *Meu bebê*.

8 Fosse como fosse, levei aquilo para casa. E, depois do jantar, fui apanhar a revista. Comecei com uma curiosidade muito rala e fui tomado, em seguida, de um interesse total. Sempre digo que a leitura é uma arte de releitura. Depois de ler, fui reler. E o meu espanto era cada vez mais profundo.

9 Antes, porém, de falar de *Meu bebê*, quero dizer duas palavras. Há pouco tempo, um colégio grã-finíssimo, de São Paulo, convocou os pais. Esquecia-me de especificar que era um colégio de freiras “pra frente”. Simplesmente, a madre queria comunicar que a Educação Sexual, naquele educandário, ia começar no jardim de infância. E dizia a religiosa: — “O Sexo não tem mistério. Nenhum, nenhum.” E, portanto, meninos e meninas a partir de quatro anos iam ser esclarecidos sobre a atividade sexual.

10 Não houve espanto, absolutamente. Os pais e as mães ali presentes eram espíritos altamente compreensivos. A única dúvida era a seguinte: —

como meninos e meninas, que não sabiam ler, nem escrever, nem assimilar, poderiam entender as aulas? E, então, risonhamente, a madre explicou: — “Vão aprender com figurinhas.”

11 Os presentes se entreolharam, maravilhados. Um senhor disse e repetiu: — “Interessante, muito interessante!” E, súbito, uma senhora ergueu-se. De pé, batia palmas. Logo outros, também de pé, aplaudiam, em delírio. A ninguém ocorreu que os garotinhos e as garotinhas iam aprender com figurinhas o que a Polícia toma de certos jornaleiros e ainda os processa. Estavam ali pais, avós, tias, etc., etc. E todos ovacionando como na ópera. A madre teve um sucesso de final de ato. Só faltou receber *corbeilles*, etc., etc.

12 Uma das raras colunas da imprensa brasileira e internacional que ainda se espantam é esta. Todas as outras são divinamente compreensivas. Mas, como ia dizendo: — esta coluna pôs a boca no mundo. Dar “Educação Sexual” a menininhas de quatro anos já me parecia um escândalo. E, ainda mais, com figurinhas obscenas, dessas que alguns jornaleiros vendem, às escondidas, aos sátiros gagás. Disse eu, na ocasião, que a “Educação Sexual” é uma das mais deslavadas imposturas do nosso tempo. Afirma o Raul Brandão, o pintor de igrejas e de grã-finas: — “Sexo, e apenas Sexo, é coisa para bezerros, bodes, preás e jumentos”. No homem, Sexo é Amor. Portanto, só se entenderia, não uma “Educação Sexual”, mas uma educação para o amor, etc., etc.

13 Hoje, porém, lendo *Meu bebê*, verifico como foi ingênuo o meu espanto. Afinal, o tal colégio grã-fino de São Paulo, embora usando figurinhas obscenas, lidava com meninos e meninas de quatro anos. Já a revista que o Palhares me deu de presente voa mais alto. *Meu bebê*, como o próprio título diz, trata de bebês. Vocês já imaginaram a Educação

Sexual começando no berçário? Visualizem a cena: — a criança que não provou ainda sua primeira chupeta aprendendo coisas que Paulina Bonaparte ignorava. Se a Messalina, aos 70 anos, lesse essa admirável revista de bebês, havia de fazer esta autocrítica sucinta e lapidar: — “Eu sou uma analfabeta.”

O Globo, 21/10/1968

10. Os dois namorados

1 Há coisas que um grã-fino só confessa num terreno baldio, à luz de archotes, e na presença apenas de uma cabra vadia. Lembro-me de uma festa na casa não sei de quem (só sei que era grã-fino). Na altura das três da manhã, o dono da casa põe mais gelo no uísque e diz: — “Na minha casa só as criadas veem televisão.” Os circunstantes concordaram em que a televisão é uma ignomínia.

2 E, no entanto, vejam vocês: — o anfitrião estava bêbado da cabeça aos sapatos. Mas o grã-fino preserva, ainda no pileque, uma série de poses fundamentais. Uma delas é o falso desprezo pela TV e seus programas. Disse eu que o grã-fino só diz certas coisas num terreno baldio, etc., etc. Já retifico. Nem no terreno baldio. Ele só dirá que gosta de televisão ao médium, depois de morto.

3 É, repito, uma pose. Na verdade, o meu anfitrião não perdia uma da Dercy, uma do Chacrinha, uma do Longras. Quanto a mim, sou franco: — não preciso do terreno baldio, nem do médium. O fato de ser apenas um pequeno burguês, sem nenhum laivo de grã-finismo, dá-me descaro bastante para confessar, aos quatro ventos: — vejo televisão e, pior, gosto de televisão.

4 Dirá um intelectual ou um grã-fino: — “Mas e o nível? O nível?” Ao que eu responderia, com a mais límpida e casta objetividade, que o tal “nível”, que se atribui às nossas TVs, é muito relativo. Acusamos o “nível” das emissoras e ninguém fala do “nosso”. Há uma reciprocidade de níveis. A televisão é assim porque o telespectador também o é. Uma coisa depende da outra e as duas se justificam e se absolvem.

5 Muitos abominam o Chacrinha e adoram d. Hélder. E há coisas que d. Hélder faz e que o Chacrinha jamais ousou. Por exemplo: — um dia, abro *O Jornal* e vejo na seção “Eles Disseram” algumas declarações do grande arcebispo. Dizia ele, em resumo, que era perfeitamente legítima a “missa ao som de cuíca, tamborim, reco-reco”, etc., etc. Um católico e, ainda mais, um sacerdote, propunha a “missa de gafeira”.

6 Portanto, é lícito dizer-se que certas posições de d. Hélder estão abaixo do “nível” do Chacrinha. Mas falo, falo, e esqueci o meu assunto. Vou falar, hoje, do padre Ávila. (Se não me engano, é da PUC.) Mas, vejam vocês: — o nosso Ávila, além de ser padre, é sociólogo. Há um ano, um ano e pouco, estava eu assistindo a um programa de TV. E eis que aparece, quem? Justamente o padre-sociólogo.

7 É um sociólogo que está radiante de o ser. E ele não diz um “oba” sem lhe pingar sociologia. No programa referido discorreu, exatamente, sobre “o jovem”. Que dizia o padre e que dizia o sociólogo? Não me lembro, textualmente, de suas palavras. Mas o padre Ávila começou dizendo, se não me engano, que os “tempos estão duros”. Até aí concordei. De fato, acontecem coisas, em nossa época, que desafiam toda a nossa experiência e todo o nosso raciocínio. E, a propósito de “o jovem”, ele referiu um episódio muito curioso. Certo rapaz cometeu, contra um amigo, um ato de extrema vileza. Pouco depois, o padre Ávila conversou com o culpado.

Perguntou-lhe: — “Você não acha que foi uma deslealdade com o seu amigo?” O rapaz, mascando goma, saiu-se com esta: — “E é preciso ser leal?”

8 O padre não se espantou. Um sociólogo não se espanta. Se lhe servirem, no jantar, um ensopadinho de abóbora com ratazana, ele não concederá ao fato um único e reles ponto de exclamação. Pois bem. Até aquele momento não entendera o gesto de “o jovem”. Transmitiu ao telespectador a sua perplexidade. E nem o entrevistado, nem o público perceberam o óbvio ululante. Quem se escondia, ou por outra, quem não se escondia por trás do ato vil era um velho conhecido nosso — o pulha.

9 Mas, pergunto: — Por que o nosso Ávila não reconheceu a vileza como tal? É sacerdote e, ao mesmo tempo, um sábio e, ao mesmo tempo, um professor e, ao mesmo tempo, um sociólogo. E não sabe que a infâmia é infâmia, que a indignidade é indignidade, que o cinismo é cinismo. Diante da evidência espetacular, faz-se de cego. E o padre Ávila não será o único. Há milhares, há milhões de ávilas. Por toda parte, e a começar na família, só esbarramos e só tropeçamos em ávilas de ambos os sexos. Os pais são ávilas, as mães são ávilas, e as tias, e as cunhadas. Todos são ávilas sem batina, sem sociologia, etc., etc. Também nas escolas, nas universidades, nos escritórios, nas redações os ávilas são a maioria, quase a unanimidade.

10 O dr. Alceu fala, sem rebuços, na “Razão da Idade”. É um ávila. E como existem alceus e ávilas em todos os idiomas, ninguém julga “o jovem”. Não ocorre a ninguém que “o jovem” pode ser um santo, um herói, um justo e, também, um canalha. É um crime dar-lhe uma razão absoluta, isto é, dar razão a quem não a tem.

11 E assim se criou uma figura sinistra, difusa, irresponsável, que ninguém ousaria julgar. Realmente, “o jovem” está diante de nós sagrado, intangível. Um coroinha julga o Papa. O “padre de passeata” condena dois mil anos de Cristianismo. Todos os valores são questionados, refutados. Só ao jovem tudo é permitido. Há coisas, porém, que justificam a nossa desesperada meditação. Quero falar de um fato concreto.

12 Para evitar que se identifiquem as vítimas, não direi nem quando, nem onde ocorreu. Foi numa universidade que o leitor não saberá se daqui, de São Paulo, Brasília ou Belo Horizonte. Imaginem um casal de namorados de menos de 20 anos, estudantes e católicos. Um dia, o rapaz e a menina são cercados por um bando de colegas marxistas (digamos, “marxistas de galinheiro”). O que estes exigem dos namorados é um atestado de ideologia. Para não tomar o tempo do leitor, direi que o primeiro a ser agredido, por uns oito ou dez, foi o rapaz. A namorada, na sua desesperada fragilidade, quis socorrê-lo. Foi logo agarrada, imobilizada. Apanhou na boca. E quase mataram o namorado, a socos, pontapés, chutes. Já sem sentidos, levou o último pé na cara. Mas não foi tudo. Lá estava o rapaz, quase morto. E, então, os outros arrastaram a menina. Também a socos, a patadas. Ah, eu sei que tudo se publica. Mas o que fizeram com a adolescente não pode ser impresso em idioma nenhum. Muito tempo depois, alguém descobriu os namorados, ainda desmaiados. Uma ambulância, ou táxi, sei lá, os levou. O crime não mereceu nenhuma imprensa e explico: — os bandidos tinham a “Razão da Idade”. O “jovem estupro”, por ser jovem, está acima do bem e do mal. Mas há de chegar um dia em que a juventude será julgada.

O Globo, 20/9/1968

11. O belo rosto

1 Há três anos, morria Mário Filho. Há três anos, batia o telefone. Eram quatro horas da manhã. Portanto, há três anos, e às quatro horas da manhã, morria Mário Filho. Eu queria dizer duas palavras sobre meu irmão (ainda bem que, em nosso idioma, duas palavras são duzentas, trezentas ou mil. Mil palavras.)

2 Imaginem que, dois ou três dias depois de sua morte, *Manchete* pediu-me para escrever sobre ele. Ora, por um mês, dois, três meses, eu tive uma obsessão fanática: — falar dele e só dele. E ninguém precisaria pedir. Minha vontade era sair, de porta em porta, dizendo a amigos, conhecidos e até desconhecidos: — “Mário Filho foi o único grande homem que conheci.” Minha sensação é que, diante dele, todos nós somos pequeninos como aqueles anões de Velásquez. Tivemos cinquenta anos de intimidade e, portanto, meio século de convivência exemplar e implacável.

3 Vou começar dizendo que Mário Filho foi de uma bondade desesperadora. Bom a cada minuto. Bom de uma bondade que, por vezes, nos agredia e humilhava. Se ele aparecesse com um passarinho em cada ombro, eu não me admiraria nada, nada. Vejam os seus retratos. Era uma cara feita de alegria. Grato à vida, nunca se arrependeu de ser humano, de

ser nosso semelhante. A euforia de ter nascido o acompanhou por toda a vida. Era um ser atravessado de luz como um santo de vitral.

4 Meu Deus, eu gostaria de dar uma ideia da extensão do dinamismo e profundidade de sua obra. Mas antes preciso dizer que Mário Filho era um desses homens fluviais que nascem de raro em raro. Disse *fluvial* e explico: — imaginem um rio que banhasse e fertilizasse várias gerações. Assim foi Mário Filho. Há mais de quarenta anos, não há cronista em todo o Brasil, não há vocação, não há talento que não tenha recebido a sua luz decisiva. Morreu e continuamos a viver das rendas do seu gênio.

5 Hoje, eu e meus colegas andamos por aí, realizados, bem-vestidos, temos automóveis; aos sábados, frequentamos boates; passamos de frente erguida e o nosso palpite tem a imodéstia do Juízo Final. Mas gostaria de perguntar: — o que era e como era a crônica esportiva antes de Mário Filho? Simplesmente não era, simplesmente não existia. Sim, a crônica esportiva estava na sua pré-história, roendo pedra nas cavernas.

6 Não vejam impiedade nas minhas palavras, mas a simples e exata veracidade histórica. Bem me lembro do tempo em que comecei a escrever esporte. Meus companheiros de seção eram pobres-diabos, mais humilhados e mais ofendidos do que o Marmeladov, de *Crime e castigo*. Um deles, quando ria ou sorria, mostrava uma antologia de focos dentários. Era costume, então, entre os clubes, oferecer um lanche à crônica. E o que nos fascinava não era o gol, ou o pênalti, ou a vitória. Repito: — o que nos fascinava era o lanche. Nada mais pungente e plangente do que a voracidade com que agredíamos os guaranás e sanduíches.

7 Até que, um dia, Mário Filho apareceu. Pode-se datar o nascimento da nossa crônica esportiva. Foi quando ele publicou uma imensa entrevista com Marcos Mendonça. O famoso goleiro, retirado há anos, anunciava a sua volta. O patético, porém, não era o fato em si, mas a sua escandalosa valorização jornalística. A matéria inundava um espaço jamais concedido ao futebol: — meia página. Os nossos clássicos e as nossas peladas não mereciam mais do que meia dúzia de linhas. E o pior era a linguagem da velha crônica. Mário Filho trouxe a palavra viva, úmida, suada. Naquele tempo, os estilistas da seção de esporte assim redigiam a notícia do grande jogo: “Será levado a efeito, amanhã, às tantas horas, no aprazível *field* da rua Paissandu, o esperado prélio”, etc., etc. E o cronista que alcançava esse nível julgava-se um Flaubert.

8 A entrevista de Mário Filho foi um duro impacto, sobretudo pela linguagem. Ela saiu por volta de 1927. Em meia página, ele profanou o bom-gosto vigente até em jornal de modinhas. Dir-se-ia um novo idioma atirado na cara do leitor. O público teria todo o direito de perguntar: — “Mas, que língua é essa?” Mesmo os melhores jornalistas da época escreviam de fraque. No teatro, Leopoldo Fróes falava com sotaque lisboeta. A simplicidade era uma vergonha. Qualquer jornal era um discurso.

9 E não foi só. Havia também, no seu texto, uma visão inesperada do futebol e do craque, um tratamento lírico, dramático e humorístico, que ninguém usara antes. Posso dizer que, desde então, ninguém influenciou mais na imprensa brasileira. O próprio artigo de fundo deixou de ter a pose do mordomo do filme policial inglês. Como dizia o Raul Brandão, o pintor das igrejas e grã-finas: — “A imprensa deixava de ser besta.” Mário Filho inventou uma nova distância entre o futebol e o público. Graças a ele, o leitor tornou-se tão próximo, tão íntimo do fato. E, nas reportagens seguintes, iria enriquecer o vocabulário da crônica de uma gíria

irresistível. E, então, o futebol invadiu o recinto sagrado da primeira página. Bom tempo em que só o assassinato do rei de Portugal merecia manchete. E, súbito, o grande jogo começou a aparecer, no alto da página, em oito colunas frenéticas.

10 Tudo mudou, tudo: — títulos, subtítulos, legendas, clichês. Abria-se a página de esporte e lá vinha o soco visual: — o crioulo do Flamengo enchendo a página. E não era a pose hirta. Mário Filho acabou com o craque perfilado. O jogador aparecia em pleno movimento, crispado no seu esforço. E as figuras plásticas, elásticas, acrobáticas davam às páginas tensão e dramatismo. E, com isso, o diretor, o secretário e o gerente descobriram o futebol e o respectivo profissional. O cronista esportivo começou a mudar até fisicamente. Por outro lado, seus ternos, gravatas e sapatos acompanharam a fulminante ascensão social e econômica.

11 O rio continuou fazendo seu curso generoso e umedecendo e fecundando a aridez do caminho. Mas eu não vou contar tudo o que ele fez, porque esse homem não parou nunca. Com seu formidável elã promocional, trouxe novas massas para o futebol. A geração do Maracanã não imagina como a multidão é, na cidade, um fenômeno recente. Vejam as fotografias do Rio antigo. O brasileiro andava só. Quando três sujeitos se juntavam, as instituições tremiam. Em nossos velhos campos de futebol, o público era ralo, era escasso. Eis o que eu queria dizer: — Mário Filho foi, no futebol brasileiro, um criador de multidões.

12 Foi ele, e só ele, o autor do Fla-Flu. Ora, o Fla-Flu, sem esta abreviação mágica, existia desde 1911, ou 12. Até que Mário Filho resolveu promover o velho clássico, tão velho que era anterior à primeira batalha do Marne, anterior ao fuzilamento de Mata-Hari. Preliminarmente, mudou o nome do clássico para Fla-Flu. Em seguida, montou todo um

folclore fascinante sobre o jogo superconhecido e desgastado. Eram os mesmos clubes, a mesma camisa, os mesmos jogadores. E, de repente, o Fla-Flu extroverteu todo o patético, todo o sortilégio que trazia no ventre. Senhoras, que não sabiam nem quem era a bola, compareciam ao jogo, magnetizadas pelo mito. A multidão do Fla-Flu é um milagre de Mário Filho.

13 Foi dirigir o *Jornal dos Sports* e continuou como chefe da página de esportes de *O Globo*. Neste último, escreveu sua famosa coluna “Da Primeira Fila”. A massa de figuras, de fatos, de ambientes, que ele dinamizou nas suas evocações, chega a ser inverossímil. Muitos escritos “Da Primeira Fila” têm o nível do melhor Hemingway. No *Jornal dos Sports* e no *O Globo* fez toda a batalha do Maracanã. Queriam sepultar o estádio em Jacarepaguá. Ele percebeu o óbvio ululante, isto é, que Jacarepaguá era quase outro país, quase outro idioma. O Maracanã, hoje “Mário Filho”, foi uma de suas vitórias mais empolgantes. Criou a “Copa Rio”, um acontecimento do futebol mundial; o Rio-São Paulo, hoje “Roberto Gomes Pedrosa”. Um dia, trouxe os remadores de Cambridge e pôs, na Lagoa, meio milhão de pessoas. Criou “Os Jogos da Primavera”, “Os Jogos Infantis”, o “Torneio de Pelada”, com 16 mil jogadores. Era assim esse homem. Com 57 anos, tinha a plenitude do infante dionisíaco. Muitas vezes, eu o vi levantar-se de sua cadeira, no estádio. E sua presença inundava o Maracanã.

14 Amigos, o verdadeiro rosto é o último e repito: — o rosto do morto não mente, não trai, não finge. Fui velar Mário Filho. Muitas vezes, debrucei-me sobre ele. Jamais alguém teve, em vida, um rosto tão doce, tão compassivo, e tão irmão. E as duas mãos entrelaçadas e com que estremecido amor.

15 O maior estádio do mundo tem o seu nome. Pena é que não o tenham enterrado lá. Com o Maracanã por túmulo, Mário Filho mereceria que o velassem multidões imortais.

O Globo, 15/9/1969

12. Os noivos

1 Tinha eu sete anos. Não havia ainda o “Poder Jovem” e, pelo contrário, o Brasil estava cheio de septuagenários natos. Muitos nasciam com cinquenta, sessenta, setenta anos. Por exemplo: — Rui Barbosa. Nasceu de fraque e já conselheiro. Volto aos meus seis anos. Ou por outra: — sete, eu disse sete. E, um dia, veio morar, perto da minha casa, uma senhora admirável.

2 Na minha infância, assim como os homens eram velhos, as mulheres eram gordas. E d. Ivonete (ou seria Ivete?) teria cem quilos, talvez. Às sete horas da manhã, já estava vestida de veludo encarnado, um decote de Elizabeth Taylor, pintada como uma máscara. Usava colares, braceletes, diademas, pingentes, o diabo. Para meu gosto, d. Ivonete era mais bonita do que Dorothy Dalton, heroína do cinema mudo.

3 E d. Ivonete era noiva. Aqui começa a singularidade da nova vizinha. A partir das dez horas, começavam as visitas do noivo. O Fulano passava quarenta minutos lá e saía. Dez minutos depois, voltava. Todavia, ao voltar, o noivo de d. Ivonete tinha outra cara, outro terno, outra gravata, outra idade e, até, outra cor. O movimento entrava pela noite adentro. E vejam como são as crianças: — não me admirava nada, nada, que o noivo mudasse de cara, de terno, de idade, de meia em meia hora.

4 Até que, um dia, não sei quem denunciou. E o fato é que a polícia foi bater na porta de d. Ivonete. (Segundo se soube depois, quem deu o serviço foi outra vizinha, uma que falava mal de todo mundo. Era outra gorda. Não me lembro do seu nome, nem de sua cara. Só me lembro das gazes enroladas nas canelas, por cima das varizes.) D. Ivonete foi expulsa da rua, do bairro. Arrastada por três ou quatro, esganiçava palavrões. Berrava: “Vocês vão me pagar! Vocês vão me pagar!”

5 Só então se conheceu toda a verdade: — D. Ivonete pertencia à mais antiga das profissões. Bem. E o curioso é que esta lembrança nasceu de uma leitura de jornal. Li, em toda a imprensa, que há um motim de padres. Os padres se revoltam, e contra quê ou contra quem, meu Deus? Contra a castidade. Exigem o fim do celibato. Portanto, odeiam a castidade.

6 Comecei a ler sobre o motim e pensei, vejam vocês, na vizinha da minha infância (cada gesto seu era uma cintilação, um alarido de pulseiras, colares, pingentes, etc., etc.). E de d. Ivonete passei para as mulheres que, em todos os tempos e em todos os idiomas, praticaram o amor pago. Disse eu: — “A mais antiga das profissões.” Sim, uma profissão de uns 40 mil anos.

7 Imaginem vocês se, um dia, d. Ivonete e suas colegas de todas as procedências e sotaques resolvessem fazer também sua revolução. Imagino d. Ivonete propondo, em assembleia geral, não um aumento de tarifas. Não. Os preços ainda estão satisfatórios, ainda garantem uma fatia de pão e um pouco de manteiga para lhe barrar por cima. Na minha fantasia, vejo d. Ivonete, como a “Passionaria” do Sexo — propondo a castidade. Ouviram bem? Eis o seu apelo: — castidade para as prostitutas. Os idiotas da objetividade iriam objetar: — “E o passado? E a tradição? E o hábito? E a féria?” Há quarenta mil anos que certas mulheres cobram os

seus carinhos. Não sei quem disse, certa vez, que o comércio carnal principiou “quarenta anos antes do Nada”.

8 Mas vamos dar rédeas ainda à fantasia. Visualizemos uma passeata de tais mulheres. Carregam faixas, cartazes, com dizeres assim: — “Muerte” a não sei quê. Ou por outra, sei: — ao Sexo. “Muerte”, portanto, ao Sexo. As sacadas atirariam listas telefônicas e cinzeiros sobre as manifestantes. Estas agradeceriam, entrelaçando as mãos no alto, como os pugilistas. Havia de ser patético ou, por outra, sublime.

9 Eis o que eu queria dizer: — um movimento de meretrizes a favor da castidade não me espantaria mais do que o motim dos padres contra a castidade. Um, tão absurdo, divertido ou trágico quanto o outro. E a coisa é tão alucinatória que recebo um telefonema, sabem de quem? Do Palhares, o canalha. “O que não respeita nem as cunhadas” começou, às gargalhadas: — “Você leu? Não leu o manifesto dos padres, pedindo o fim de celibato?”

10 Conversamos, no telefone, uma hora talvez, ou mais. O Palhares falava mais do que eu. E a sua objetividade começou a me deprimir e a me consternar (por vezes, os canalhas têm um implacável, luminoso senso comum). Simplesmente, o Palhares dizia o seguinte: — “Ah, duzentos padres, ou trezentos, ou mil que sejam, querem casar? Não precisam apelar para a Conferência de Bispos. É simples como água: — vão ali na ‘Ducal’, compram dois ternos e substituem a batina pelo terno. E, assim, no crediário, conquistam uma fulminante liberdade sexual.” Lembrei ao canalha que muitos sacerdotes já se vestem como a gente. Ele retruca: — “Então, melhor. Não precisam comprar nada.”

11 Ponderei que os padres queriam casar. O Palhares morria de rir: — “Não precisa casar. Se a castidade não significa nada, nem o casamento. Pra quê casamento? Vamos sair por aí como livres-atiradores.” Mas houve um momento em que o Palhares falou sério. (O Palhares, grave, pela primeira vez grave!) Disse, amargo: — “Como se põe pela janela uma castidade de vinte séculos. E só agora, dois mil anos depois, é que descobrem o Sexo?”

12 Por fim, o Palhares fala do próprio caso: — “Por que é que não sou padre? Porque não posso ver mulher. Não posso. Digo a verdade: — não posso. Um dia, cruzei com a cunhada no corredor. Era cunhada. Dei-lhe um beijo. Um ato vil, está certo. Mas nunca quis ser padre. E, se duvidarem, subo numa mesa e digo: ‘Sou um canalha!’” Parou, um momento, arquejante da própria sinceridade. Tomou fôlego e voltou com outra indignação: — “E o pior é o Sindicato!”

13 Atracado no telefone, fez um comício: — “Querem Sindicato, descontar para o Instituto? Vão para o Cais do Porto. Carregar saco é uma solução. O estivador desconta para o INPS. Ótimo. Os ex-padres serão segurados do INPS. E o problema da castidade deixa de existir. Mas pode ser que eles não queiram carregar saco. Ora, o Cais do Porto não é só estiva. Há o contrabando!” E, já esquecido de suas fantasias éticas, o pulha está radiante: — “Aí está: — o contrabando. Os ex-padres podem ser contrabandistas. Uma mina, uma mina! Cigarro americano, *lingerie*. Há cada camisola, menino! Cremes, o diabo!”

14 Mas Palhares tinha que ver uma pequena no Leblon e estava na hora. Novamente lúgubre, suspirou: — “Eles não sabem que não há, nunca houve, satisfação sexual. Sábio é o casto.” O que o Palhares queria dizer é que todo mundo tem, claro, suas tensões, suas angústias, seus desesperos.

Ao passo que o casto sofre menos e está mais perto da serenidade. E, antes de se despedir, concluiu o canalha: — “Esses padres não devem casar. Quem traiu um celibato de dois mil anos há de trair um matrimônio de 15 dias.”

O Globo, 18/7/1968

13. A selva teatral

1 De vez em quando, as pessoas perguntam: “Você não faz mais teatro? Parou?” Explico que vontade há: — “Mas não tenho tempo.” Poderia acrescentar: — nem tempo, nem resistência física. Uns insistem, em tom cavo: — “Faça teatro! Faça teatro!” Digo: — “Farei.” E, uma noite, num sarau de grã-finos, dei-me ao luxo de uma alegre bravata, disse, com a mão no peito: — “Tenho, aqui dentro, mil anos de teatro!”

2 Mas o fato é que, por minha vontade, faria um texto dramático por dia. Bem. Onde é que eu estava mesmo? Ah, já sei. Estava comendo um bife, depois da estreia de *A mulher sem pecado*. Ao voltar para casa, de bonde, eu já pensava em *Vestido de noiva*. Ressentido com o público, queria agredi-lo. Mais dois ou três dias, e tinha tudo na cabeça. A dúvida era o título. Véu de noiva? Ou “vestido”? Talvez fosse melhor vestido. Preferi vestido, que me pareceu um nome “sério”, sem nenhum ornato.

3 E comecei a escrever. Mal comparando, eu era um acrobata que, depois de uma pirueta, tenta o salto mortal. *A mulher sem pecado* era a pirueta e *Vestido de noiva*, o salto mortal. Eu trabalhava, como já disse, no *Globo Juvenil*. Foi lá que, uma manhã, bati à máquina a primeira lauda de *Vestido de noiva* (tudo em espaço um). E, súbito, o secretário da revista, Djalma

Sampaio, veio espiar por cima do meu ombro. Viu que era um texto teatral e pulou: — “Fazendo teatro aqui?”

4 Tirei o papel da máquina. E passei a trabalhar em casa, só em casa. Imaginei, para *Vestido de noiva*, o processo de ações simultâneas, em tempos diferentes. Por exemplo: — uma mulher morta fazia o próprio velório e dizia do próprio cadáver: — “Gente morta como fica.” Fora assassinada em 1905 e contracenava com uma noiva de 1941. Eu acreditava no êxito intelectual, mas acreditava mais ainda no fracasso de bilheteria.

5 “O público não vai entender nada”, eis o que eu pensava, numa cruel euforia. Acabei de bater a peça num domingo. Como da vez anterior, saí de porta em porta. O primeiro a ler foi Manuel Bandeira. Apanhou a cópia e disse: — “Telefona depois de amanhã.” Dois dias depois, ao meio-dia (lembro-me bem: — meio-dia), liguei: — “Leu?” Ele foi respondendo: — “Li. Li duas vezes.” Eu não sabia se isso era contra ou a favor. O poeta continua: — “Achei mais interessante do que *A mulher sem pecado*.” O meu coração dava arrancos. Disse ainda: — “O que me agrada na peça é que não tem literatice.” Estou gelado. Atraco-me ao telefone: — “Você escreve?” E, ao mesmo tempo, eu sentia asco do meu apelo.

6 Ou por outra: — não senti asco nenhum. No bom tempo de *A mulher sem pecado* e de *Vestido de noiva*, pedir não era problema. Por mais dois ou três anos, eu pediria outras vezes, com desesperado impudor. Estou ouvindo a minha voz, o tom de humildade transida e infeliz: — “Você escreve? Escreve?” E se ele respondesse, duramente: — “Não escrevo sob pressão.” Mas ele foi o amigo solidário, quase terno. Primeiro, suspirou: — “Caso sério, caso sério.” Mas foi logo acrescentando: — “Ainda bem

que você tem talento. A gente pode escrever sobre você.” Eu disse, trêmulo de gratidão: — “Muito obrigado, ouviu? E um grande abraço.”

7 Saí do telefone, varado de luz: *A mulher sem pecado* merecera duas crônicas excepcionais — uma de Álvaro Lins, em *Diretrizes*, outra de Santa Rosa, no *Diário Carioca*. Ambas altamente elogiosas. Mas era pouco para a minha fome. E o artigo de Álvaro Lins tinha um defeito quase indesculpável: — saíra em *Diretrizes* e não no *Correio da Manhã*.

8 A minha vaidade exigia o *Correio da Manhã* e, além disso, a forma de rodapé. Estava claro que Álvaro não quisera valorizar a minha estreia. “Um rodapé, todo um rodapé”, eis a utopia que comecei a cultivar dentro de minha angústia. Entre *A mulher sem pecado* e *Vestido de noiva*, vivi todo um período de frustração e ressentimento.

9 Mas, antes da estreia de *Vestido de noiva*, houve um episódio que preciso contar. Qualquer êxito literário me ofendia e me humilhava. Não perdia um rodapé de Álvaro Lins. Já de véspera, eu me perguntava: — “Vai escrever sobre quem?” Se elogiava alguém, havia em mim todo um movimento de inveja. Inveja, sem nenhum disfarce, nenhum pudor. Não aprendera ainda a fingir para mim mesmo. O fato é que, certa vez, escrevi uma crônica que devia marcar minha vida teatral. Era Edmundo Lys quem fazia então a coluna de rádio de *O Globo*. Coincidiu que Joracy Camargo escrevesse e lançasse, com a maior cobertura promocional, uma novela radiofônica. Eu tinha horror de Joracy Camargo.

10 Claro que era um sentimento, ou ressentimento, de origem estritamente literária e competitiva. Joracy Camargo escrevera *Deus lhe pague*, que eu não vira, nem lera; e eu não perdoava o sucesso tremendo. *Deus lhe pague* era uma espécie de *A dama das camélias* do teatro

brasileiro. Onde quer que a levassem, no Municipal, ou no Circo Dudu, a bilheteria seria a mesma.

11 Eu estaria disposto a perdoar talvez a bilheteria prodigiosa, as casas lotadas. Vá lá. O que me agredia era a consagração intelectual. Não me esquecia de um almoço de literatos ao autor. E, lá, Gilberto Amado teria dito que *Deus lhe pague* era “a única peça universal do teatro brasileiro”. Esse elogio é que me feria como uma desfeita pessoal.

12 Justamente, a novela caía-me do céu. Cometi, então, sem a menor dúvida, uma pequena vileza. Ah, era a “única peça universal”? Muito bem. Escrevi uma pequena crônica extremamente eficaz na sua perversidade. Assinei a nota? Não. Inventei um pseudônimo qualquer. Para todos os efeitos, era um vago leitor e não eu. Fui falar com Edmundo Lys e o convenci a publicar a crônica. No dia seguinte, foi um escândalo entre os companheiros. Por que aquilo, se Joracy era amigo nosso, amigo da casa, dava-se com toda a redação?

13 E, logo, o Vadeco, o genro de Joracy, apareceu em *O Globo*. Vinha falar com o Edmundo Lys, com o Roberto Marinho. Estava arrasado. Ninguém entendeu a gratuidade da agressão. Quis evitar o Vadeco. Súbito, porém, ele aparece, ao meu lado. Segura o meu braço; perguntou, súplice: — “Você leu?” Senti que ele sabia. Sabia e não disse nada. Como se tivesse vergonha por mim, baixava os olhos. Mas a pergunta estava no ar: — “Você leu?” Balancei a cabeça: — “Coisa horrível.” E me sentia infinitamente pulha.

14 Joracy Camargo não foi o único. Eu abominava os outros, todos os outros. Negava qualquer nome passado, presente, ou futuro, do teatro brasileiro. Por exemplo: — Renato Viana. Já no fim, tinha uns restos ainda

de prestígio intelectual, uma meia-dúzia de fiéis ainda o adulava. Certa vez, disse-me o Schmidt: — “Ninguém consegue ser nada, no Brasil, se não acreditou, um dia, em Renato Viana.” Exagerei minha gargalhada: — “Essa é a maior!” Subitamente sério, disse e repeti, com sombrio élan: — “Uma besta, uma besta.”

O Globo, 12/8/1969

14. Os defuntos literários

1 Todo mundo já ganhou o prêmio Nobel, menos o brasileiro. Não me venham falar em subdesenvolvimento. O Chile e a Nicarágua são mais subdesenvolvidos do que o Brasil. E ambos têm o seu prêmio Nobel. Há quem diga: — “A Nicarágua não existe.” Sei lá. Mas, exista ou não, eis a verdade: — existe para a Academia Sueca. O Brasil, não. E nem importa a nossa tremenda extensão territorial. Este país é uma espécie de elefante geográfico. Mas a Academia Sueca olha para cá e não vê ninguém.

2 Portanto, existimos menos do que a Nicarágua. Mas é uma injustiça. Temos uma massa de intelectuais. Numericamente, não estamos atrás de ninguém, nem da União Soviética. Na Rússia há, registrados, seis mil e tantos escritores (e o sujeito que não foi registrado não é escritor. Mesmo que tenha escrito *A divina comédia*, não é escritor).

3 Pode parecer que, numericamente, a União Soviética está na frente dos Estados Unidos. Dos Estados Unidos, talvez. Do Brasil, não. Vocês se lembram da última passeata. Antes do desfile, fui ver a concentração. Levei comigo o Raul Brandão, pintor de grã-finas e igrejas. E espiamos o espaço reservado aos intelectuais. Parecia uma massa de Fla-Flu. Jamais nos ocorrera que a “inteligência brasileira” fosse tão abundante. No seu horror, o Raul Brandão perguntava: “Tudo isso é intelectual?”

4 Fomos olhar, outra vez, a tabuleta. Lá estava escrito, acima de qualquer dúvida ou sofisma: — “Intelectuais.” Portanto, os intelectuais eram intelectuais. E, então, passo a passo, tratamos de identificar os nossos poetas, os nossos romancistas, os nossos ensaístas, os nossos dramaturgos, os nossos sociólogos, os nossos professores. Eis a lamentável e quase grotesca verdade: — depois de buscas ingentes, não identificamos ninguém. Ninguém? Isso mesmo: — ninguém. No meio de vinte mil sujeitos, não havia uma cara conhecida.

5 De repente, o Raul Brandão crispa a mão no meu braço; sussurra: — “Acho que vi a Nara Leão!” O “acho” insinuava uma dúvida. A Nara Leão pode não ser a Nara Leão. Talvez parecida e não a própria. Pergunto: — “Cadê?” O Raul Brandão procura, procura, e tem de admitir: — “Sumiu.” E, então, começamos a reexaminar as caras.

6 (Quem devia estar ali era a Academia Sueca, apalpando, farejando, a “literatura brasileira”.) Se pose é um dado válido, todo mundo ali era Proust, era Joyce, era Balzac, era Cervantes. Uns ficavam de perfil, outros de frente, outros de três-quartos, outros punham as mãos nas cadeiras. Atrás de mim, o Raul Brandão gemia: — “Como são inteligentes!” Eram, sim, inteligentíssimos.

7 Os idiotas da objetividade poderão insinuar que são autores sem um livro, poetas sem uma quadrinha de S. João, ensaístas que não leem, não escrevem, nem pensam. Não importa. A abundância numérica os salva. Enquanto a União Soviética só consegue juntar escassamente seis mil escritores, o Brasil pode retrucar com vinte mil. Dirá alguém que toda a literatura soviética atual não merece amarrar os sapatos de Dostoievski. Como não sou crítico literário, deixo de opinar. Mas continua de pé a

pergunta humilhante: — por quê, com tantos autores, o Brasil jamais foi contemplado com um Prêmio Nobel?

8 Não obstante o subdesenvolvimento, que explica tudo, temos campeões mundiais no futebol, no basquete, no hipismo, no tênis, na pesca submarina, no iatismo. Nas exposições de gado, temos vacas premiadas. As nossas caixas de fósforos ganham medalhas. Se houver um campeonato de cuspe a distância, um moleque nosso há de vencê-lo. Ainda na semana passada, o nosso Botafogo, com três enxertos, goleou de 4x1 a grande seleção argentina. Vitória com olé. Fizemos um gol, o último, de oitenta passes. Mas repito: — por que até as vacas, até as caixas de fósforos brasileiras são premiadas, e os escritores, não?

9 Foi esta, mais ou menos, a pergunta que fiz a um amigo, justamente um dos idiotas da objetividade. Ele vira-se para mim e pergunta: — “Ou não percebeste que a literatura brasileira não escreve mais?” Tomo um susto: — “É literatura e não escreve?” Exatamente: — a literatura brasileira é literatura, mas não escreve uma linha, uma frase, um verso, nada. Há, por todo o Brasil, um ensurdecador silêncio literário.

10 Esbugalhado, perguntei: — “E que faz a literatura brasileira?” Retruca o idiota da objetividade: — “Faz passeatas.” Todavia, não aceitei a “morte literária” do Brasil. Corri à Biblioteca Nacional. E tive a cruelíssima surpresa: — o nosso último suplemento literário fechou as portas na abertura dos portos. Volto ao idiota da objetividade; disse-lhe: — “Mas tínhamos um crítico, rapaz de talento, o Álvaro Lins.” E o outro: “É anterior a Veríssimo, Araripe Júnior, Sílvio Romero. Álvaro Lins é a nossa maior antiguidade crítica.”

11 Posto diante da evidência objetiva e estarrecedora, acabei por me convencer. Quando se travou a primeira batalha do Marne, e os táxis de Paris salvaram a França, que fazia, aqui, o José Veríssimo? Fazia crítica literária, indiferente ao mundo que morria, indiferente ao mundo que nascia. E, sem querer, falei num nobilíssimo gênero literário: — a crítica. No passado, um jornal podia abrir mão de tudo, menos do seu crítico. E quando aqui desembarcou d. João VI, enxotado por Napoleão, já encontrou o Álvaro Lins, no cais, à sua espera. El Rey perguntou, num gesto largo: — “Como vai o meu caro rodapé?” E o rodapé, baixando a vista, escarlate de modéstia: — “Caprichando, majestade, caprichando!” Foi divino.

12 Mas tudo isso acontecia antes das passeatas. O último óbito literário que se conhece foi o suplemento concretista do *Jornal do Brasil*. Aí morreu a nossa literatura. O leitor, que é de uma inocência obtusa, há de perguntar: — E por quê? Resposta: — Morreu porque se politizou. Veio o Vietnã. E, por último, explodiram as passeatas. Assim como há o “padre de passeata”, há o “escritor de passeata”. São os tais estilistas sem uma frase, os tais poetas sem uma metáfora, etc., etc. E, súbito, os nossos cafés, bares e boates se povoaram de defuntos literários. Outro dia, no Antonio’s, vi um tão defunto que usava algodão nas narinas. Orai por ele.

13 Temos, ainda, a “grã-fina de passeata”. No seu guarda-vestidos há mil e quinhentos decotes. Já quando houve, na França, a “jovem revolução”, o marido da grã-fina sentiu-se ameaçado como se fosse o próprio De Gaulle. E, de repente, começa aqui a imitação francesa. Até que um dia a grã-fina diz que vai à passeata. O marido perdeu a esportiva: — “Está maluca? Bebeu?” A mulher, que só fazia massagem com um copo de cerveja na mesinha, reagiu como “La Passionaria”. — “Eu não sou reaça como você!” O marido tratou de provar-lhe, didaticamente, que a passeata era contra os mil e quinhentos decotes. Ela não se convenciu, nem a tiro; e, por fim, o marido propôs: — “Vou lá espiar e depois te digo.” Assim se

fez. O homem viu e, inclusive, participou da marcha até a Candelária. Não descobriu um preto, um operário, um salário-mínimo, mas viu, em compensação, todas as grã-finas da cidade. Voltou convencido de que eram as classes dominantes que desfilavam, sob a chuva de listas telefônicas. Disse à mulher: — “Pode ir à próxima.” Os mil e quinhentos decotes estavam salvos.

O Globo, 13/8/1968

15. Tempo de papelotes

1 Eu ia começar a escrever sobre os terroristas. Mas resolvo esperar mais um dia. Se me perguntarem o que espero, não saberei responder. Estamos todos esperando algo, esperando, esperando. Por hoje, volto às minhas lembranças de repórter de polícia.

2 Terminei o capítulo anterior com a infiel saltando de uma janela. Era dia útil, hora de movimento. Imagino a pergunta do leitor: — “Morreu?” Eu responderei citando Machado de Assis. Segundo este, é melhor cair das nuvens do que de um terceiro andar. Pois a infeliz caiu do seu terceiro andar em cima de um toldo de lona. Foi um assombro na rua. De repente, todos viram aquela mulher voar pela janela, virar duas cambalhotas e derramar-se dois andares abaixo.

3 Saía pela janela como entrara pela porta, isto é, vestidíssima. Desabou de chapéu e, o que é mais surpreendente, de sombrinha. Havia, na época, uma modinha de forte sugestão erótica que dizia assim: — “Cobre, me cobre, que eu tenho frio.” (Não sei por que falei da modinha.) Foi um corre-corre na rua Ramalho Ortigão. Os curiosos, embaixo, podiam perguntar: — “Por que a sombrinha?” Seja como for, foi um escândalo total.

4 Era uma senhora gorda numa época de gordas. Em 1920, quem não era gorda? Tinha os flancos fortes, potentes de fecundidade. E, todavia, o toldo de lona suportou o baque e não houve morte, nem fratura, nada. A infiel foi recolhida, salva. E desceu abraçada à sombrinha. Quanto ao sedutor, nós o deixamos debaixo da cama. No quarto, está o marido armado e homicida. Como a adúltera saíra pela janela, o Casanova devia ser a vítima única e obrigatória.

5 Disse eu que o marido puxara o revólver. Engano. Em vez de revólver, leia-se bengala. Naquele tempo, ainda se lavava a honra a bengaladas. E, no entanto, aconteceu esta coisa surpreendente: — a partir do momento em que a culpada se atirou de cabeça, o amante tornou-se um pobre-diabo, secundário, irrelevante e, eu diria mesmo, inexistente. O senador foi na sacada espiar o resultado da queda. Do alto, viu a mulher esperneando em cima do toldo. Desatinado, virou-se e esbarrou com o d. Juan que não estava mais debaixo da cama. Balbucia: — “Quem é o senhor?”

6 Agora um dado, sem o qual o episódio perde todo o caráter de época: — ambos estavam de fraque. Em 1918, 1919, o brasileiro vestia-se bem, tanto para dar bengaladas, como para levá-las. Por um desses lapsos fatais, o nosso Disraeli já não se lembrava mais da própria honra. Atirou-se pelas escadas abaixo. O sedutor pôde enfiar o chapéu, descer e sumir para sempre.

7 Dois ou três latagões retiraram do toldo a traidora. Rouca de pavor, só dizia: “Ele quer-me matar! Ele quer-me matar!” Perguntaram: — “Quem?” E ela: — “Meu marido!” Eis que surge, ali, o marido arquejante. A mulher era uma menina de medo: — “Não quero morrer! Não quero morrer!” Mas era evidente que o marido perdera toda e qualquer intenção

homicida. Veio para a mulher, lançou-se nos braços da mulher, ela nos dele, os dois aos soluços.

8 Esse perdão fulminante causou, entre os presentes, um escândalo mudo. O senador não teve uma palavra dura, absolutamente. Ela é que, atracada ao marido, gemia: — “Você me perdoa? Me perdoa?” A resposta foi nobilíssima: — “O que passou, passou.” O pior foi quando os dois embarcaram num táxi (táxi de cadeirinha, diga-se). Juntara gente e nós sabemos que o povo não entende o perdão e prefere o tiro. O casal partiu debaixo de uma vaia triunfal.

9 Disse eu que, no fim de um ano de *métier*, o repórter de polícia adquire uma experiência de Balzac. Com seis meses de atividade profissional eu julgava conhecer todas as danações do homem e da mulher. Eu poderia, se quisesse, organizar um prodigioso elenco de infiéis. Mas, sempre que esbarrava num caso de adultério, eu me perguntava: — “Por quê?” Ah, não entendia que alguém pudesse trair alguém. E ia — com uma tenaz e não sei se compadecida ou perversa curiosidade — apurando todas as causas de infidelidade.

10 Outro dia, uma revista perguntou: — “A mulher trai por quê?” Vejamos. Umas por vingança, outras passatempo, ou tédio, ou dinheiro. Lembro-me de uma que era casada com o mais doce, o mais solidário, o mais abnegado dos maridos. Quando perguntaram por que o enganava, explicou: porque, certa vez, vira uma brotoeja em sua pálpebra. Tanto bastou. A brotoeja matara o amor. Eis que apurei lidando com as tragédias passionais: — o marido enganado perdoava muito menos o adultério por amor. Se a mulher vivia uma frívola e caprichosa aventura, ele não sofria tanto. Mas quando era amor, triste, dilacerado e súplice amor, os maridos queriam dar tiros em todas as direções.

11 Ainda no meu primeiro ano de repórter de polícia, trabalhei num crime que me assombrou. Imaginem vocês um rapaz e uma menina que se casam, ela com 16, ele com 18 anos. Já pelas idades, podia-se temer pela sorte de tal casamento. E, de fato, já na primeira manhã da lua de mel, os dois não se entendiam mais. Hoje, os mais atilados sabem que a mulher pode ter qualquer idade. Não o homem. Diz o meu amigo Raul Brandão: — “O homem não pode ter 18 anos.” Aos 18 anos, não sabemos nem como se diz “bom-dia” a uma mulher. Para o homem, o amor não é gênio, nem talento e sim tempo, *métier*, sabedoria adquirida. Fiz as considerações acima para concluir: — o homem devia nascer com 35 anos feitos.

12 O amor do adolescente casal não durou 24 horas. No dia seguinte, bem cedinho, a menina queria voltar para a casa dos pais. Claro que a mãe de um lado, a sogra do outro, e o pai e o sogro servindo de coadjuvantes, impediram a separação. E como a menina resmungasse, o velho pulou: — “Te dou uma surra de cinto!” Andando de um lado para outro, arquejava: — “Comigo não tem esse negócio de filha casada. Filha casada também apanha.”

13 Dois dias depois, segundo o testemunho dos vizinhos, ela estava namorando gregos e troianos. Moravam na rua Barão de Bom Retiro, uma rua que começa e não acaba mais. E contam que ainda não fizera um mês de casada e já atirava beijos para os desconhecidos que passavam no bonde. Mais um pouco e era vista, com um Fulano, no Jardim Zoológico. Ficava atirando biscoitos para a macaca. O companheiro, ao lado, dava-lhe na face beijos curtos e rápidos.

14 Uma vizinha, por sinal médium vidente, insinuou o vaticínio: — “Teu marido te dá o tiro.” Achou graça; e tinha um riso lindo, de gengivas translúcidas e sadias. E sempre a viam com um namorado novo. (Nunca

era o mesmo.) O marido sabia, e a mãe, a sogra, o pai, todos sabiam. Mas essa própria abundância quantitativa era uma espécie de desculpa: — se tinha tantos, não era amor. E só uma coisa horrorizava os familiares e vizinhos: — o marido manso que ia para a sinuca, enquanto a mulher, bem acompanhada, ia para o Jardim Zoológico; e, lá, dava biscoitos à macaca.

15 De repente, a garota mudou. Começou a ficar triste, não ria alto, nem atirava mais beijos para os homens dos bondes e dos automóveis. Deixou de se pintar. Um dia, vira-se para o marido: — “Ou você dorme na sala ou eu.” O outro não entendeu nada. Apanhou o travesseiro e foi dormir na sala. Até que, uma tarde, foi vista, não sei onde, passeando com um desconhecido, de mãos dadas. Na hora de se despedir, o outro beijou-lhe a mão. E tudo ficou espantosamente claro. Era agora a mulher de um só. Amava. E, porque era amor, tomou ódio do marido, da sogra, das cunhadas. O ser amado era já um senhor, grisalho e triste.

16 E, então, a sogra passou a telefonar-lhe; e dizia-lhe palavrões. Uma noite, a moça estava diante do espelho, pondo papelotes nos cabelos. Súbito, o marido puxa o revólver. Ela não fugiu, nem gritou. Disse: — “Atira.” O outro puxou o gatilho três vezes; e, por três vezes, a mulher crispou-se. Depois, a cabeça tombou. E, quando os outros entraram, ela estava quieta na sua morte, pendida de sonho.

O Globo, 9/9/1969

16. O aniversariante

1 O brasileiro é o aniversariante nato. Nenhum outro povo faz anos com tão larga e cálida efusão. Bem me lembro da minha iniciação jornalística. Bela época em que o dono de jornal era doutor, para todos os efeitos. (Hoje, o último “doutor” da imprensa é o Brito, do *Jornal do Brasil*.) Depois de 1930, fui trabalhar em *O Tempo*.

2 De 1930 para trás, cada jornal novo chamava-se *O Tempo*. E esse título obsessivo foi o túmulo de não sei quantos matutinos, vespertinos, semanários, mensários, etc., etc. Eis o que eu queria contar: — o diretor era, se assim posso dizer, um aniversariante vocacional. Fazia anos de mês em mês. Os redatores promoviam uma vaquinha para o presente; havia discursos; e, depois, tínhamos uma mesa de mãe-benta, queijadinha, empada, pastel, etc., etc.

3 Fiz a introdução acima para chegar ao José Lino Grunewald (belo nome para um jovem oficial afogado no afundamento do *Bismarck*). Somos amigos, amicíssimos, mas vejam vocês: — a despeito da nossa intimidade, só consigo chamá-lo, por extenso, como num cartão de visitas, de José Lino Grunewald. Eu diria ainda que ele é neopagão, poeta concreto, amigo de Ezra Pound.

4 Todos os dias, antes de sair de casa, o José Lino Grunewald vai ao guarda-roupa e apanha uma pose. Não uma pose qualquer, intranscendente. O neopagão não se pode comportar como um vago e convencional pai de família. A pose que ele veste, calça e abotoa é a de um cínico, de um amoral, de um perverso. Por outro lado, a soma dos dados já referidos — neopagão, poeta concreto e amigo de Ezra Pound — sugere não sei que abjeções inenarráveis.

5 Sem nada dizer, para não o humilhar, a verdade é que sempre o julguei um puro. Lembro-me de que, certa vez, chamei um amigo comum, o Francisco Pedro do Couto, e disse-lhe: — “Quando vejo o José Lino Grunewald, tenho vontade de oferecer-lhe alpiste na mão.” E, com isso, queria dizer que o nosso Grunewald (belo nome naval) é um terno, um manso, portador de não sei quantas virtudes exemplares.

6 O Francisco Pedro do Couto ouviu-me e concordou com a ideia do alpiste manual. Mas o que faltava, a mim e ao Couto, era a evidência das virtudes que atribuíamos ao amigo. Em suma: — precisávamos de um fato sólido, de uma atitude concreta. E, de repente, tudo aconteceu. Imaginem vocês que almoçamos, ontem, no Nino, eu, o José Lino Grunewald, o Francisco Pedro do Couto, o Marcelo Soares de Moura e o “Marinheiro Sueco”.

7 E o que notei, ao primeiro olhar, foi a luminosidade escandalosa de José Lino Grunewald. Se ele falava, sentia-se nas suas palavras como que um halo intenso. Seu olhar vazava luz. Eis a pergunta que nos fazíamos, sem lhe achar resposta: — que teria acontecido? Ninguém sabia, só Deus. Era um neopagão e, pois, um sujeito sem nenhum compromisso com a melancolia. Mas, certa vez, entrei no *Correio da Manhã* e o surpreendi arriado numa cadeira. Vendo-o pingar tristeza, fui perguntar-lhe: — “Mas

que tristeza é essa?” Reagiu: — “Eu sou um dionisíaco.” E não teve nem forças para acrescentar à sua tirada um necessário ponto de exclamação. Citei o episódio para concluir: José Lino Grünewald é sujeito a cavar depressões como qualquer cristão.

8 E, no almoço, sua presença foi uma festa irresistível. Até que, de repente, anuncia: — “Vou fazer anos dia 13.” Nenhum comentário. Deixa passar alguns minutos e insiste: — “Vou fazer anos dia 13.” E nos olhava, aflito, na esperança da reação, que tardava. Berrei então com vários dias de antecedência: — “Gentil aniversariante!” Ele, transfigurado, repetia: — “Pois é. Dia 13, dia 13.” Juntou o dado histórico: — “Nasci numa sexta-feira 13.”

9 Percebi tudo. Diante de nós, estava o brasileiro. Não mais o amigo de Ezra Pound, não mais o poeta concreto, não mais o neopagão. Num único lance, extrovertera toda uma inconfessa verdade interior, toda uma verdade negada. Ali, estava o anticínico, o antiamoral, o antiperverso. Era apenas o aniversariante. E, no Brasil, um aniversário jamais é intranscendente. Estamos longe do dia 13. Pois o José Lino Grünewald, com uma semana de antecedência, anda por aí, trêmulo de felicidade; e já providenciando os salgadinhos, as mãos-bentas, os guaranás.

10 Ai de nós, ai de nós. Somos oitenta milhões de aniversariantes e, repito, oitenta milhões com alma de aniversariantes. Passo agora a outro assunto. Se a emotividade do nosso Grünewald é tão autêntica, tão brasileira, não posso dizer o mesmo dos rapazes de Belas-Artes (não falo de todos, mas de um grupo). Vocês conhecem o caso.

11 Dias atrás, a cidade esbugalhou-se lendo no jornal o seguinte: — Rapazes de Belas-Artes iam queimar, em praça pública, poemas de amor.

Ora, o estudante brasileiro nunca foi “isso”. De mais a mais, a solenidade projetada era uma cínica imitação nazista. A Alemanha de Hitler queimava livros; aqui, ia-se tocar fogo em poemas de amor e porque eram de amor.

12 No fim, os rapazes nem coragem tiveram de queimar. Simplesmente, rasgaram os poemas. Alguém dirá que os jovens tinham a atenuante da burrice. Não, não. A burrice que assassina livros não tem perdão. O melhor que se poderia talvez dizer é que os estudantes tinham a coragem cínica e suicida de afrontar toda uma cidade, toda uma população.

13 E, no entanto, vejam vocês: — os culpados distribuem agora uma circular em que gaguejam explicações e só faltam dizer: — “Nós não tivemos a menor intenção, etc., etc.” Pior do que a atitude foi a explicação. Estarei disposto a admitir um canalha que trepe numa mesa e anuncie: — “Meus senhores e minhas senhoras, eu sou um canalha.” Um canalha assim translúcido e assim confesso estaria salvo. O pior do canalha é que se quer passar por gentil-homem. Goebbels, quando viu seu mundo perdido, matou a mulher, seis filhos e se matou. Não estava brincando.

14 Eu aceitaria os tais rapazes de Belas-Artes se, ao menos, tivessem a coragem, a consciência, a fúria do próprio gesto. Se queriam queimar poemas, por que não o fizeram? À última hora, resolveram apenas rasgar. Já essa concessão foi uma vergonha. Muito bem: — rasgaram. E só porque os jornais meteram o pau, soltam uma circular deprimente. Pareciam uns bárbaros, uns possessos e me saem uns parnasianos. Eis o que eu desejaria notar: — o que se procura no bem e no mal é a autenticidade. O José Lino Grünewald vai fazer anos dia 13. Como um brasileiro puro, está numa alegria honrada e profunda. Como já disse, todos nós somos, acima de tudo, aniversariantes. José Lino Grünewald não trapaceia. E os jovens de

Belas-Artes fazem trapaça. À primeira resistência, caem num pânico profundo. Com um pouquinho mais de pressão, acabam recitando o nosso J.G. de Araújo Jorge, com um piano ao fundo, tocando a “Dalila”.

O Globo, 8/2/1968

17. Os meninos

1 No primeiro momento, a glória é casta. Desde garotinho, a minha vida fora a desesperada busca da mulher primeira, única e última. Em 1930, veio a fome. E, no período da fome, o amor passou para um plano secundário, intranscendente, nulo. Eu só pensava na fome. Mas a glória é ainda mais obsessiva, ainda mais devoradora. Eis o que eu queria dizer: — Com o artigo de Manuel Bandeira, só eu existia para mim mesmo. O resto era paisagem.

2 Sim, o artigo de Manuel Bandeira, que *A Manhã* publicou no princípio de 1943. Ou foi no final de 1942? Não, não. Princípio de 1943. Todo *O Globo* o leu. Antes, mostrara em casa, à minha mãe, a meus irmãos. A encenação de *A mulher sem pecado* não bastara. E *Vestido de noiva*, ainda inédita, era a glória fulminante e jamais sonhada. Pena é que Álvaro Lins tivesse publicado a sua crítica em *Diretrizes* e não no *Correio da Manhã*.

3 Eu me lembro, com implacável nitidez, do primeiro dia do artigo de Manuel Bandeira. Depois do trabalho fui para casa. Tranquei-me no quarto, como se fosse praticar um ato solitário e obscuro. Começo a reler o poeta. Primeiro, repassei todo o artigo, da primeira à última linha. Depois, reli certos trechos. O final dizia assim: “*Vestido de noiva*, em outro país, consagraria um autor. No Brasil — consagrará o público.”

4 Depois, apanhei uma cópia datilografada da peça, que era a minha primeira “tragédia carioca”. Quis ler certos momentos do texto. No segundo ato, diz Madame Clessy: — “As mulheres só deviam amar meninos de 17 anos.” Ainda no primeiro ato, Alaíde sonha: — “Tão fácil matar um marido.” É ainda de Alaíde esta fala: — “Eu acho bonito duas irmãs amando o mesmo homem. Não sei, mas acho.”

5 E fiquei assim, até alta madrugada, ou relendo a peça, ou relendo o artigo. Antes de mais nada, o poeta influiu na minha autoestima. Ah, se eu morresse naqueles dias, alguém poderia gravar no meu túmulo: — “Aqui jaz Nelson Rodrigues, elogiado por Manuel Bandeira.” Não sei se me entendem. Mas o artigo do poeta passava a ser mais importante e vital do que *Vestido de noiva*. No dia seguinte, saí com o recorte no bolso. Ninguém poderia imaginar que eu estava prodigiosamente ébrio de mim mesmo. Eu, eu, eu, eu. Se a mulher amada me aparecesse, eu não a reconheceria e, se a reconhecesse, passaria adiante.

6 Só andava de bonde. E, quando o bonde passou pelo antigo Jardim Zoológico, eu relembrava outras frases e imagens de *Vestido de noiva*. No velório de Madame Clessy, Alaíde suspira: — “Enterro de anjo é mais bonito do que de gente grande.” O bonde era “Uruguai–Engenho Novo”. Quando o bonde passou pelo Ponto de 100 Réis, eu imaginava *Vestido de noiva* representada na Broadway, depois filmada em Hollywood. Se Norma Shearer não estivesse tão velha, faria uma Alaíde inesquecível.

7 Agora era tratar da encenação. Corri à Dulcina e, depois, a Jayme Costa. Outro: Odilon de Azevedo. Dulcina não quis, nem Jayme Costa, nem Odilon. Já Abadie Faria Rosa foi mais generoso. Ou porque o autor fosse amigo de um Vargas, ou porque realmente gostasse do texto, disse: — “Muito interessante, muito interessante.”

8 Quanto a Pongetti, o descobridor de *A mulher sem pecado*, abominou *Vestido de noiva*. Insisti, assombrado: — “Não gostou?” E ele, cordial, mas implacável: — “Não gostei.” Mas eu queria razões críticas e precisas. Não gostara por quê? Ele foi dizendo tudo. Na sua opinião, a peça era o puro e deslavado caos. Ninguém conseguiria pôr de pé semelhante espetáculo. Num desolado escândalo, eu ouvia só. Ora, ia pedir a Pongetti para escrever sobre *Vestido de noiva*. Desisti, claro. E, na rua, já não sabia se Pongetti estava certo, se Manuel Bandeira estava errado ou sei lá. Fui ao Schmidt, ao Augusto Frederico Schmidt. Este não lia nada, ou por outra: — passava a vista numa frase aqui, outra ali, e pronto. Mas era de uma leviandade fascinante. Lera o artigo de Manuel Bandeira. Falou-me de Proust; achou a peça proustiana. Comecei: — “Schmidt, é o seguinte: — estou fazendo um teatro difícil. Sabe como é: — preciso de apoio. Você quer escrever sobre *Vestido de noiva*?”

9 Excelente Schmidt. Foi a promoção intelectual de Manuel Bandeira que, por certo, o decidiu. Escreveu-me uma carta generosíssima, na qual me chamava de “novador e renovador”. E mais adiante: “*Vestido de noiva* é mais que uma peça — um processo e uma revolução.” Saí de porta em porta, mostrando a carta do Schmidt. Outros apareceram. José César Borba escreveu, no suplemento literário de *O Jornal*, um belo artigo. E cada elogio que pingava no meu pires estendido me pagava de velhas e santas humilhações. Naquele período, minha vida foi um território só ocupado por mim mesmo.

10 E, de repente, me encontro com “Os Comediantes”, o grupo de Brutus Pedreira e Santa Rosa. *Vestido de noiva* estava comprometido com a “Comédia Brasileira”, do Abadie Faria Rosa. Mas Brutus Pedreira leu a peça e me procurou: — “Te pago dois contos e você me dá a peça.” Queria que “Os Comediantes” a representassem. Dois contos eram, na ocasião, uma dessas quantias utópicas, estarrecedoras. Todavia, um escrúpulo me

travou: — “E o Abadie?” Tinha que dar uma satisfação ao diretor do SNT. Para Brutus, Abadie era um cretino e o próprio teatro brasileiro uma massa de imbecis de ambos os sexos.

11 Quando eu aparecia no Serviço Nacional de Teatro, Abadie cravava em mim um olho enorme de terror. O que ele via, por trás de minha figura, era a onipotência dos Vargas. Meu irmão Mário me avisara: — “Foi o Vargas Netto que deu o emprego do Abadie.” Mas, quando pedi para tirar a peça da “Comédia Brasileira”, o bom velho, numa alegria que o envergonhava, foi taxativo: “Nelson, por mim, não há dúvida. Eu estou às suas ordens. Faço o que você quiser.” Só então percebi que *Vestido de noiva* era a sua abominação secretíssima. Para seu gosto, eu era o antiteatro e a minha peça, a antipeça.

12 Dois dias depois, conheci Ziembinski, o diretor polonês. Viera para o Brasil fugido da guerra. E era um outro Ziembinski, quase louco varrido. O público o vê, hoje, fazendo o velho cigano, ou velho conde, ou velho duque nas novelas de TV. Mas em 1943 era um ensaiador em furioso estado de graça. Tinha opiniões de um radicalismo brutal: — “Jouvet é uma besta”, etc., etc.

13 Quanto ao teatro brasileiro, Ziembinski não deixava pedra sobre pedra. Derrubava tudo e ainda sapateava em cima dos cacos. Mas apaixonou-se por *Vestido de noiva*. Julgou perceber, já na primeira leitura, todo o potencial plástico da peça. Sonhava com um grande espetáculo e *Vestido de noiva* deu-lhe espaço para as suas fantasias cênicas. Durante seis, sete meses de ensaio, Ziembinski ardeu em mil danações.

Correio da Manhã, 19/4/1967

18. Estreia

1 O ensaio geral de *Vestido de noiva* foi o próprio inferno. Com os seus 30 anos, Ziembinski tinha uma resistência física brutal. Os intérpretes sabiam o texto, sabiam as inflexões, os movimentos, tudo. Durante sete meses, à tarde e à noite, a peça fora repisada até o limite extremo da saturação. Mas faltava ainda a luz. E Ziembinski exigia mais do elenco e cada vez mais.

2 Não posso falar da luz sem lhe acrescentar um ponto de exclamação. Em 1943, o nosso teatro não era iluminado artisticamente. Pendurava-se, no palco, uma lâmpada de sala de visitas ou de jantar. Só. E a luz fixa, imutável — e burríssima —, nada tinha a ver com os textos e os sonhos da carne e da alma. Ziembinski era o primeiro entre nós a iluminar poética e dramaticamente.

3 Estou vendo Alaíde, ao aparecer, pela primeira vez, de noiva. Quem a fazia era Evangelina Guinle Rocha Miranda. Ficamos atônitos de beleza. Dentro da luz, era um maravilhoso e diáfano pavão branco. Ziembinski exigira, para a luz, dez ensaios gerais. Era pedir demais ao nosso Municipal. Os dez foram reduzidos a três. Por três dias e três noites o bárbaro polonês esganiçou-se no palco.

4 Sem sair jamais do teatro, Ziembinski não comia. Ou por outra: — seu almoço, ou jantar, eram dois ovos quentes, num copo. Tomava aquilo; e, por vezes, a gema escorria-lhe da boca como baba amarela. Ah, ninguém faz ideia da paciência e martírio do elenco. A 27 de novembro, não, não, de dezembro de 1943 e, portanto, na véspera da estreia, atrizes e atores tinham, em cada olho, um halo negro. Alguém que, de repente, entrasse ali havia de imaginar que o elenco levava olheiras de rolha queimada. Ziembinski tinha a obsessão da luz exata.

5 Meia-noite e todos presentes. Súbito, um dos figurantes começou a chorar. Chorava perdidamente. Perguntaram: — “Mas que é isso? Não faça isso.” E ele, num gemido maior: — “Não aguento mais! Não aguento mais!” Delirava de cansaço. Com efeito, a exaustão enfurecia e desumanizava as pessoas. Ninguém tinha mais noção da própria identidade. Os artistas passaram a se detestar uns aos outros.

6 E, por fim, às cinco da manhã, houve entre Ziembinski e Carlos Perry um bate-boca quase homicida. Não me lembro qual foi o motivo e nem sei se houve motivo. Já amanhecendo, o simples cansaço enlouquecia diretor, ator, autor, contrarregra, eletricista. E Ziembinski e Carlos Perry andaram por um fio. Quando subi ao palco, estava certo de que não ia haver estreia, não ia haver nada.

7 Vejo Ziembinski saindo do teatro e jurando que não voltaria para o espetáculo. Olho a cena ainda iluminada. Queria-me parecer que Pongetti tinha razão — *Vestido de noiva* ia perder-se no puro e irresponsável caos. Dentro da luz, cadeiras, sofás, camas e pessoas pareciam boiar no caos. As caras eram azuladas, lunares. A caminho de casa, uma súbita certeza instalou-se em mim: — “*Vestido de noiva* vai ser vaiada.” O cenário ou

território cênico, como queria Ziembinski, estava dividido em três planos: — Em cima, realidade; embaixo, memória e alucinação.

8 Ah, o meu processo — de ações simultâneas, em tempos diferentes — não tinha função no Brasil. O nosso teatro era ainda Leopoldo Fróes. Sim, ainda usava o colete, as polainas e o sotaque lisboeta de Leopoldo Fróes. E ninguém perdoaria a desfaçatez de uma tragédia sem “linguagem nobre”. Ao entrar em casa, eu não acreditava mais em mim. E me perguntava, inconsolável: — “Como é que eu fui meter gíria numa tragédia?”

9 Dormi pouco. Depois do almoço, corri para a cidade. Mas era um ex-Narciso que tinha horror da própria imagem. Eis o que pensava: — “Foi por isso que o Álvaro Lins escreveu em *Diretrizes* e não no *Correio da Manhã*.” Baixou em mim a certeza de que jamais teria um rodapé do Álvaro Lins. *Deus lhe pague* já ia para três mil representações. “A única peça universal do teatro brasileiro”, dissera Gilberto Amado.

10 Entro no teatro. Ziembinski e Carlos Perry estavam juntos e mais solidários, mais irmãos do que nunca. Dez para as oito da noite. Estou no Municipal, andando pelos corredores, ainda vazios, mas iluminados. O teatro ia abrir seus portões. Eu estava presente, quando os porteiros, ainda com o uniforme azul da *belle époque*, olharam o relógio. Por fim, um deles, de bigodões espectrais, abriu o portão. Ninguém para entrar.

11 Minto. Alguém vinha subindo, lentamente, a escadaria. Crispei-me ao reconhecê-lo, e numa emoção tão doce e tão funda. Era Manuel Bandeira. Vim para ele, transido de felicidade: — “Ah, Bandeira!” E repetia: — “Grande figura, grande figura!” No *hall*, conversando com o poeta, eu tiritava. Um súbito otimismo dava-me febre como a malária. Voltei a

acreditar num rodapé sobre mim. Sim, todo um rodapé com o mesmo título do artigo de Manuel Bandeira: — “Vestido de noiva”.

12 O poeta foi comigo até a porta da caixa. Lá apertou a mão de José Saens, que, vestido de médico, faria uma ponta. Mas o público começava a entrar; despedi-me de Manuel Bandeira. Ele ainda me perguntou: — “Animado?” Rangi os dentes de pavor: — “Mais ou menos.” E o poeta saiu para sentar-se na segunda fila (enxergava bem, mas ouvia mal).

13 No terceiro sinal, alguém me veio soprar: — “A melhor plateia do Brasil.” E começou a peça. Nove e meia, se bem me lembro. Numa pusilanimidade total, fiquei no fundo de um camarote, arriado. Plateia, balcões nobres, frisas e camarotes lotados. (Carlos Drummond viria no dia seguinte; Schmidt, só muito depois.) Eu não via, nem queria ver nada. Muitas vezes tapava os ouvidos, doente de medo. E o pior foi o silêncio do público durante todo o primeiro ato. Ninguém ria, ninguém tossia. E havia qualquer coisa de apavorante naquela presença numerosa e muda.

14 Termina o primeiro ato. Três palmas, se tanto, ou quatro ou cinco, no máximo. Gelado, imaginei que seriam palmas das minhas irmãs, dos meus irmãos. Talvez Manuel Bandeira já estivesse arrependido do artigo. Continuei no fundo do camarote, cravado na cadeira. Repetia para mim mesmo: — “Fracasso, fracasso!” Comecei a me lembrar do almoço que André Romero me pagara, anos atrás, num restaurante da Lapa. Era a época da fome. Bem que eu teria preferido bife com batatas fritas; qualquer brasileiro ama o bife com fritas. Mas André Romero, com a autoridade de quem paga, pediu fígado, com cebolada, para dois. E, no primeiro ato de minha estreia, eu me sentia aquele mesmo sujeito comendo fígado numa casa de pasto abjeta.

15 Termina o segundo ato. Menos palmas. Imagino: — “Até minhas irmãs têm vergonha de me aplaudir.” Pongetti tinha razão. *Vestido de noiva* era o caos. A plateia estava furiosa com o caos. Até que baixa o pano sobre o final do terceiro ato. Silêncio. Espero. Silêncio. Ninguém bate palmas, nem minhas irmãs.²

Correio da Manhã, 20/4/1967

Nota

2 A coluna de Nelson no *Correio da Manhã* publicada no dia seguinte continua a descrição da noite de estreia de *Vestido de noiva*: “Ainda silêncio. E, de repente, começaram palmas escassas e esparsas. Um aplaudia aqui, outro ali, um terceiro mais adiante. Atracado à minha cadeira, me sentia perdido, perdido. Mas comecei a sentir a progressão. Focos de palmas, em muitos pontos da plateia. E, súbito, todos acordaram do seu espanto. Ergueu-se o uivo unânime. Os aplausos subiram até a cúpula e multiplicavam as cintilações do lustre. (...) E, súbito, uma voz (possivelmente de José César Borba) se esganiça: — ‘O autor, o autor!’.”

19. O palavrão

1 Quando vou ao Galeão, só uma figura me impressiona. Lá, chegam e partem reis, presidentes, rajás, grã-finos, ministros, Jorginho Guinle, velhas internacionais. Só não vi, no Galeão, um mandarim. E é, convenhamos, todo um elenco fascinante. Mas falei na figura que mais me impressiona e aqui está seu nome: — a aeromoça.

2 A jovem que resolve ser aeromoça está fazendo uma opção profissional desesperadora. Bem sei que a aviação progrediu muito, etc., etc. Todavia, no caso da aeromoça, a opção profissional não será bem profissional. É como se ela estivesse preferindo morrer. Para a aeromoça, cada dia pode ser a véspera do fim. Vejo-a passar, por mim, no Galeão. Seu olhar tem a doçura de um adeus. Sim, ele pode estar-se despedindo da paisagem.

3 Não sei se as aeromoças são bonitas. Diz o Otto Lara Resende: — “O Brasil é o único país onde as feias são bonitas.” Seja como for, elas têm um patético irresistível. São íntimas da morte. E sua graça parece mais leve, mais efêmera, mais perecível que a das outras. Ah, quando vejo uma delas, sonho: — “Essa vai morrer cedo.”

4 Pode parecer uma obsessão pueril (e talvez o seja). Mas eis o que eu queria dizer: — as nossas esquerdas atuais sugerem a impressão inversa, isto é, de que vão morrer tarde, muito tarde. Pelo amor de Deus, não vejam ironia, mesmo porque tenho vários amigos na “festiva”. A verdade é que a segurança das nossas esquerdas está acima de qualquer ameaça ou dúvida.

5 O brasileiro simples formou do esquerdista patricio uma imagem inteiramente irreal. O pai de família imagina que um socialista tem uma barricada em cada bolso. Eu próprio, no 31 de Março e no 1º de Abril, andei tecendo fantasias hediondas. Imaginava que o sangue jorraria e que as ratazanas iam sair dos ralos para bebê-lo. E não se derramou nem groselha.

6 Só muito depois descobria eu a verdade, que é a seguinte: — as nossas esquerdas não têm nenhuma vocação do risco. E possuem a vocação inversa da segurança. Ainda ontem, falava eu da sábia distância que vai do Antonio’s ao Vietnã. Aí está dito tudo. E, assim, sem arredar pé do Antonio’s, e bebendo cerveja em lata, as esquerdas não morrerão jamais.

7 O leitor há de perguntar, com irritação e escândalo: “Mas elas não fazem nada?” Responderei: — “Fazem.” Insistirá o leitor: — “E fazem o quê?” Direi: — “Autopromoção.” É a pura verdade. A esquerda não sai por aí, derrubando bastilhas e decapitando marias antonietas, porque está ocupada em se autopromover.

8 Abram os jornais, ouçam o rádio, vejam a televisão. O “grande poeta”, o “grande crítico”, o “grande ensaísta”, o “grande romancista”, o “grande dramaturgo” são membros da “festiva”. Gustavo Corção acaba de publicar um grande livro. É toda uma meditação maravilhosa. Dois volumes de uma lucidez apavorante. E não sai, em lugar nenhum, uma linha, uma

vírgula, nada. A imprensa, as câmeras e os microfones estão cegos, surdos e mudos para a obra de Corção.

9 É inédita essa capacidade promocional das esquerdas. Elas ocuparam as redações. Não brigam, nem chupam o sangue da burguesia. Em compensação, a glória, ou execração, depende do seu exclusivo arbítrio. Ou faz uma reputação literária ou, com um piparote, a derruba. É um terrorismo cultural que se exerce, na melhor das hipóteses, com o silêncio. Corção é reacionário? Silêncio em cima dele.

10 Ainda ontem, um revisor veio-me pedir emprego. Tem mulher, filhos, e contou o seu drama. Trabalhava num grande jornal, mas cometeu a imprudência suicida de elogiar os Estados Unidos. Não sei por quê, ou por outra: — lembro-me agora. Disse ele que uma peça, ora em exibição em Nova York, insinuava que o presidente Johnson e senhora eram assassinos, ou coassassinos, de Kennedy. E, por isso, concluía o revisor que havia liberdade nos Estados Unidos.

11 Foi despedido, sumariamente. Vejam como as esquerdas têm poderes para admitir, ou demitir, nos jornais, rádio e TVs. Dominando em todas as artes, não podiam deixar de fora o teatro. (Na pintura, aquele que não for da “festiva” terá menos imprensa de que um cachorro atropelado.) E, no teatro, as esquerdas descobriram o palavrão.

12 Pasmem para as ironias da vida literária e dramática. Durante 18 anos, ou vinte, fui o único obsceno do teatro brasileiro. Minhas peças, *Álbum de família*, *Anjo negro*, *Senhora dos afogados*, foram interditadas. E não tive a solidariedade de ninguém. Lembro-me de que Álvaro Lins, a maior autoridade crítica da época, declarou, por outras palavras, o seguinte: — eu saíra da literatura e era agora um “caso de polícia”. No mais, nem

estudantes, nem escritores, quando passavam por mim, concediam a graça de um “oba”. O dr. Alceu, em declarações a *O Globo*, aplaudia a minha interdição. Sempre que se referia a mim dizia, enjoado: “As peças obscenas de Nelson Rodrigues.”

13 O curioso é que, nem *Álbum de família*, nem *Anjo negro*, nem *Senhora dos afogados* tinham um único e escasso palavrão. Eu viria a usá-lo muito mais tarde. E, no entanto, montou-se, a meu respeito, todo um folclore medonho. Segundo corria, à boca pequena, eu, todos os dias, depois do almoço, fazia a sesta num caixão de defunto. E as esquerdas tinham, dos meus textos, uma repugnância total.

14 Súbito, elas descobrem o palavrão, ou especificando: o palavrão no teatro. Já o usavam no romance. Mas a pornografia do livro se dirige a um único e íntimo leitor e morre numa relação individualíssima e secreta. Ao passo que no teatro o palavrão é declamado para duzentos, quatrocentos, oitocentos.

15 Se bem entendi, as esquerdas querem chocar a plateia. É preciso que esta não fique, nas cadeiras, comendo pipocas. O bom teatro tem de ser agressão. Muito bem, ótimo. Nada tenho a objetar. E fui ver, sábado, o *Rei da vela*, dirigido por meu caro e simpaticíssimo José Celso. Trata-se do grande diretor do momento. Do mesmo modo que o Plínio Marcos está sendo representado em todos os palcos, o José Celso parece dirigir todas as peças. A do Chico, por exemplo, é dele.

16 Preparei-me para ser testemunha e vítima da agressão. Durante todo o espetáculo, não fiz outra coisa senão esperar. Diziam que o texto e o espetáculo eram um soco na cara. E eu estava lá para ver e receber o soco na cara. No fim de duas horas e meia, saímos, eu e os outros, intactos.

Éramos quatrocentos sujeitos e não havia, entre nós, um único e vago agredido. O novo teatro conseguiu desmoralizar o soco na cara. O palavrão, antes, tinha suspense, tinha mistério, tinha espanto. E a audiência do *Rei da vela* saía arrotando a sua satisfação burguesa.

17 Por aí se vê como falhou o sonho de uma plateia esbugalhada, horrorizada. Imaginem que, no segundo ato, um dos personagens solta um palavrão inédito e que teria horrorizado as cinzas do Bocage, não o do soneto, mas o da anedota. Era o momento de a plateia arrancar os cabelos ou subir pelas paredes como uma lagartixa profissional. E, no entanto, vejam vocês: — os presentes, de pé, aplaudiam, aos vivas: Essa apoteose súbita e feroz frustrou, ofendeu e humilhou o pobre palavrão.

O Globo, 31/1/1968

20. O único jovem

1 Eis o que acontecia com o marido das velhas gerações: — na vida real ou na ópera bufa, era o último a saber. Cegueira plácida e obtusa. E, muitas vezes, a infidelidade era de um óbvio ululante. A mulher namorava nas suas bochechas. Pois o idiota ia, de esquina em esquina, de boteco em boteco, proclamando: — “Minha mulher é uma santa! Uma santa!” Podia-se então dizer que o pior cego era o marido enganado.

2 Hoje, as coisas mudaram. O Sexo só mata na manchete de *O Dia* e da *Luta Democrática*. E o marido moderno é o primeiro a saber. Muitos sabem antes do pecado. Outros estão cientes até de traições falhadas. Há também os que oferecem a mulher e cobram do amante. Conteí, aqui mesmo, o caso de um marido, milionário e grã-fino. No meio da sala, dizia, de olho rútilo e lábio trêmulo: — “Minha mulher é amante espiritual de Guevara!” Portanto, o atual marido enxerga como ninguém.

3 Em recente artigo, formulei a pergunta: — “Qual é o pior cego da nossa época?” Depois de várias pesquisas, cheguei à seguinte conclusão: — o pior cego era o marxista brasileiro. Não vê nada e podia sair por aí de óculos escuros e bengalinha branca. Se alguém fizer uma ópera bufa, terá que substituir o marido pelo marxista patricio. E lá o veremos de barriga de travesseiro e careca artificial, tropeçando nas mesas e nas cadeiras.

4 Mas eis que, na crise francesa, despontou um novo cego. Refiro-me aos colegas que, em nossa imprensa, fazem “política internacional”. Vejam bem: — são especialistas ou, melhor dizendo, proprietários do “assunto”. Qualquer fato ou qualquer figura com um sotaque mínimo só por eles pode ser tratado. Certa vez, passei no *Jornal do Brasil*. (Era ainda a época em que eu frequentava o *Jornal do Brasil*.) E, súbito, vejo passar, por mim, uma singularíssima figura. Era um pavão enfático. Viro-me para alguém e, baixo, pergunto: — “Quem é esse?” Resposta: — “Faz política internacional.” E porque fazia “política internacional” tinha, na cabeça, um halo fluorescente — como os santos.

5 Passou. E eis que começa a crise francesa. Ninguém entendia nada. De repente, os estudantes de lá começavam a arrancar os paralelepípedos, a virar os carros e a incendiar a Bolsa. Nas fábricas, os operários raptavam os gerentes e não os devolviam. O teatro, o cinema, a pintura, a arquitetura, o futebol, jornal, TV, todo mundo aderiu. Os professores apoiavam os estudantes. Aqui o Carlinhos de Oliveira hipotecou a sua mais veemente solidariedade aos jovens da França. E, se Carlinhos os apoiava, De Gaulle estava por terra.

6 Todos os dias, tratava eu de ler as nossas autoridades em “política internacional”. Vocês não imaginam a clarividência esmagadora. Eis o que se dizia: — De Gaulle era o passado, sim, De Gaulle era tão obsoleto quanto o marechal Foch. E a mocidade francesa vinha para as ruas e o enxotava da História e da Lenda. Os estudantes diziam nos cartazes: — “De Gaulle, o assassino”, “Fora com De Gaulle”. E os mais indulgentes mandavam-no para casa. Em nosso *Jornal do Brasil*, o dr. Alceu proclamava a “Razão da Idade”. De Gaulle, com os seus 74 anos, era um mito exausto ou, por outra, era um mito gagá.

7 E que fazia o velho general? Como reagia tão alta e senil glória da França? Eis a verdade: — não reagia. Estava fora e não se apressou. Sua volta não teve nenhuma urgência. Enquanto “o jovem” francês virava a França de pernas para o ar, De Gaulle não se mexia. Os nossos comentaristas internacionais viam na inércia do general a vitória dos estudantes. O máximo que fez De Gaulle foi dizer meia dúzia de palavras na TV. Era pouco para a nossa fome. E, mais do que nunca, os fatos pareciam dar razão ao Carlinhos de Oliveira e ao dr. Alceu: — a “jovem revolução” derrubava as estruturas gagás.

8 Mas os nossos comentaristas internacionais eram profetas de curto prazo. Com mais cinco ou seis dias, iríamos verificar a limpidez de sua visão histórica. Houve as eleições e De Gaulle venceu como nunca. Seu triunfo teve apenas o defeito da comicidade. Quero crer que, nos últimos 50 anos, nada aconteceu de tão engraçado, no mundo. Por um desses mistérios totais, De Gaulle saiu do teste eleitoral como o mais amado líder da nossa época. E a extensão, a profundidade, a violência da revolução estudantil? E por que os jovens da França arrancaram os paralelepípedos, viraram os carros e incendiaram a Bolsa? Ninguém sabe. Aí está um dos mistérios mais humorísticos da Terra. Os fatos demonstram esta verdade límpida e profunda: — os jovens franceses também amam De Gaulle. É personalista, absolutista, degaullista ou que outro nome tenha. Mas a direita votou nele, e a esquerda também votou, e o centro, e assim os comunistas, e os monarquistas, e os católicos.

9 Cabe então a pergunta: — e que tal a sagacidade, a lucidez, o dom profético dos que aqui tratam de “política internacional”? Não enxergaram nada, viram tudo errado, falharam em todas as impressões e vaticínios. E a nossa imprensa pode gabar-se de ter, no seu comentarista internacional, o *pior cego* da atualidade. Eu disse cego e posso acrescentar: de uma cegueira crassa, radical, irreversível.

10 Não deixa de ser curioso o seguinte: — há uma “jovem revolução” em marcha. O Carlinhos de Oliveira assim o diz e o dr. Alceu o confirma. Muito bem: — e, na França, os jovens se juntam em ferocíssima unanimidade. É um movimento parricida. Digo “parricida” porque De Gaulle representa o pai. Até os velhos o chamam de “o velho”. Portanto, é um pai geral de todas as idades. A juventude exterminadora se lança contra o ancião. Dizia eu, mais acima, que De Gaulle “não fez nada”. Não piscou um olho. E foi com essa inexpugnável, essa monumental inércia que ele os derrotou, a todos. De Gaulle, com 74 anos, o único jovem da França. Com a eleição, vimos tudo. O mito gagá devorou o jovem mito.

11 Mas não pensem que esteja eu, aqui, a subestimar o papel dos moços. A revolta estudantil da França não foi em vão. Na pior das hipóteses, teve, no Brasil ou, mais precisamente, em São Paulo, uma nobilíssima consequência. Falo dos estudantes que ocuparam uma faculdade bandeirante. Nenhuma resistência. Assim como os jovens franceses ocuparam a Sorbonne, os paulistas instalaram-se na tal faculdade. E se prepararam para uma longa e fanática resistência. Mal comparando, era o Alcazar de Toledo, sem Toledo e sem Alcazar. Ergueram barricadas de paralelepípedos. Assim se entrincheiraram. Estão sitiados, embora sem nada que se pareça com sitiantes. De noite, um voluntário, quase um *kamikaze*, atravessa as linhas inimigas, embora não exista tal inimigo, e vai buscar sanduíche, pastel, etc., etc. De vez em quando, vem no embrulho a empada que matou o guarda. Se aparecer um cavalo nas redondezas, vão sequestrá-lo; e o mundo saberá que eles estão comendo carne de cavalo. E, se faltar cavalo, talvez o gato seja a solução (sendo que gato é mais promocional).

O Globo, 9/7/1968

21. A vaca premiada

1 Não há ser mais pungente e, repito, não há ser mais plangente do que o brasileiro premiado. O inglês, não, nem o francês. Um ou outro recebe qualquer prêmio com modéstia e tédio. Quando deram a Churchill o Nobel de Literatura, ele nem foi lá. Mandou a mulher e continuou em Londres, tomando o seu uísque e mamando o seu charuto. O francês ou o alemão também reagiria com o mesmo superior descaso.

2 E que faria o brasileiro? Sim, o brasileiro que, de repente, recebesse um telegrama assim: — “Ganhaste o prêmio Nobel. Gustavo da Suécia.” Pergunto se algum brasileiro, vivo ou morto, teria a suprema desfaçatez de mandar um representante, como fez o Churchill. Por exemplo: — o meu amigo Otto Lara Resende. Se a Academia Sueca, por unanimidade ou sem unanimidade, por simples maioria, o preferisse.

3 Semelhante hipótese, que arrisquei ao acaso, já me fascina. O Otto, prêmio Nobel. Que faria ele? Ou que faria o Jorge Amado? Ou o Érico Veríssimo? Eis o que eu queria dizer: — qualquer um de nós iria, a nado, buscar o cheque e a medalha. Nem se pense que faríamos tal esforço natatório por imodéstia. Pelo contrário. Nenhuma imodéstia e só humildade.

4 A nossa modéstia começa nas vacas. Quando era garoto, fui, certa vez, a uma exposição de gado. E o júri, depois de não sei quantas dúvidas atroz, chegou a uma conclusão. Vi, transido, quando colocaram no pescoço da vaca a fitinha e a medalha. Claro que a criança tem uma desvairada imaginação óptica. Há coisas que só a criança enxerga. Mas quis-me parecer que o animal teve uma euforia pânica e pingou várias lágrimas da gratidão brasileira e selvagem.

5 Cabe então a pergunta: — e por que até as vacas brasileiras reagem assim? O mistério me parece bem transparente. Cada um de nós carrega um potencial de santas humilhações hereditárias. Cada geração transmite à seguinte todas as suas frustrações e misérias. No fim de certo tempo, o brasileiro tornou-se um Narciso às avessas, que cospe na própria imagem. Eis a verdade: — não encontramos pretextos pessoais ou históricos para a autoestima.

6 Se não me entenderam, paciência. E tudo nos assombra. Um simples “bom-dia” já nos gratifica. Nunca me esqueço de minha iniciação jornalística. Trabalhei num jornal que não pagava. Mas o diretor, um escroque perfumadíssimo, e, insisto, mais cheiroso do que uma cocote, era o gênio do cumprimento. Não passava por um funcionário sem lhe apertar a mão, e sem lhe sorrir, e sem lhe piscar o olho.

7 E o cumprimento do chefe era, para o repórter ou para o faxineiro, a própria remuneração. Fiz as divagações acima porque assisti, no último sábado, à entrega dos prêmios do Museu da Imagem e do Som. A cerimônia ia ser televisada. Disse de mim para mim: — “Vamos ver se o brasileiro mudou.”

8 Fiz, preliminarmente, uma breve autocrítica. Eis o que me perguntei: “Será que estou frustrado, ressentido, humilhado, de não ser um deles?” Há vinte anos, quando comecei minha carreira, queria ter o meu nome no jornal de qualquer maneira e a qualquer preço. Ah, quantas vezes escrevi sobre mim mesmo. Assinava com um nome inventado e mandava publicar. E, depois, vinha perguntar cá fora: — “Conhece esse sujeito? Escreveu sobre mim. Não sei quem é.” Pois bem: — e comecei a entrar em todos os concursos de peças, de reportagens, de contos, crônicas, o diabo. Todo mundo era premiado, menos eu. No primeiro ano, segundo, terceiro, eu estrebuchava de humilhação. Por fim, veio um doce e compassivo fatalismo. Repito: — “Não ser premiado” é o meu hábito de vinte e tantos anos.

9 (Minto. Outro dia, recebi no Chacrinha o prêmio de melhor cronista esportivo de jornal. E a verdade é que reagi como brasileiro. Escolhi o meu melhor terno, a minha melhor gravata, o meu melhor sapato. Meia hora antes estava na televisão. Lá encontrei o João Saldanha, também contemplado. Vagando pelos corredores da TV Globo, à espera da nossa convocação, tínhamos, os dois, um ar indubitável de “prêmio Nobel”).

10 Volto ao sábado. Sala Cecília Meireles. Como o Governo da Guanabara estava ligado aos prêmios, compareceu o governador Negrão de Lima. Ele, em pessoa, faria a entrega. E, para maior ênfase do acontecimento, puseram lá uma banda de música. Um dos premiados era Oscar Niemeyer. Outro: Glauber Rocha; outro ainda: Pelé.

11 Dirá alguém que eram prêmios modestos. Não importa. A vaca já citada recebeu muito menos, ou seja, uma fitinha com uma medalha. E nasceu nos seus dentes toda uma espuma; a gratidão escorria-lhe em forma

de baba elástica. Eis o que me perguntava: — como reagiria Oscar Niemeyer?

12 (Bato estas notas e sou perseguido por uma obsessão pueril e terrível. Não me sai da cabeça a seguinte cena: — o Otto indo buscar, a nado, o prêmio Nobel.) E, de repente, o ator Sérgio Cardoso diz o nome de Oscar Niemeyer. A plateia quase veio abaixo. O nome de Pelé foi muito menos aplaudido. E, no entanto, para o gosto popular, as botinadas estão muito mais próximas do sublime do que a arquitetura.

13 Na minha casa, eu adulava a minha úlcera com pires de leite. E não entendia mais nada. Por que esse amor súbito e ululante por um arquiteto? Desde quando a arquitetura teve, no Brasil, um Frank Sinatra? Estava vendo a hora em que os presentes, de pé, iam berrar como nos comícios do Brigadeiro: — “Já ganhou! Já ganhou!” Mas por que essa ovação de Cauby Peixoto? Era a pergunta que continuava sem resposta.

14 E, súbito, percebo toda a verdade. Não era o arquiteto, era o gênio. O povo não gosta das invenções plásticas de Oscar Niemeyer. Abomina. O que o povo adora é aquele prédio do Elixir de Nogueira, ali na Glória, perto do Relógio. O homem comum entende que a casa feita por Oscar Niemeyer não serve para dormir, amar, morrer ou simplesmente estar. Não importa. É gênio.

15 Pouco depois chegou a vez de Glauber. Outra ovação formidável. O grande público não gosta dos seus filmes, não entende seus filmes. Mas é outro gênio. Chamam-no de maluco. A figura que tenha essa lenda de insânia fascina o povo. Lembro-me de um conhecido que foi ver *Terra em transe* e veio-me dizer, deslumbrado: — “Não entendi nada.” Estava gratíssimo ao filme e ao seu autor. O povo desconfia do que entende,

desconfia do que gosta. E Glauber Rocha, ao surgir na sala, era uma figura. A cabeleira mais selvagem do que as cerdas bravas do javali.

16 Subiu a escadinha do palco com um passo ágil, elástico, quase alado. Mas nem Glauber, nem Oscar Niemeyer fizeram a concessão de um sorriso. A cara do Niemeyer estava fechada, inescrutável, como certas máscaras cesarianas. (Ah, como o brasileiro precisa ter um gênio à mão. Sim, para apalpá-lo, farejá-lo. A simples existência de um gênio patricio já nos permite um mínimo de autoestima.) E, por fim, o Luís Carlos Barreto, o formidável animador do cinema novo, foi receber o seu. Subindo, disse, à queima-roupa, ao governador: — “O dinheiro já saiu.” E aí, nessa voracidade jucunda, estava todo o Brasil.

O Globo, 23/1/1968

22. Festa de cabeças cortadas

1 Graças ao Dumas pai, eu e o José Lino Grünewald somos íntimos da “Revolução Francesa”. Falo da primeira, da autêntica e não da atual. A atual tem um defeito indesculpável: falta-lhe sangue e, repito, o sangue não jorra como a água dos tritões de chafariz. E, como não há marias antonietas, nem cabeças cortadas, o mundo já boceja. Sim, é o tédio antes do Terror (e talvez não haja nem o Terror).

2 Eu e o José Lino Grünewald, com base em nossa experiência de Dumas pai, diríamos que a atual “Revolução Francesa” não tem nada de “Revolução Francesa”. Ainda ontem, Raul Brandão, o pintor, bateu o telefone para mim: — “Como a greve é chata!” Dava uma opinião pictória. E, realmente, só tem valor plástico a greve metralhada, com operários emborcados na sarjeta. Mas nada mais insípido do que a greve consentida, abençoada, unânime. Imaginem, imaginem: — a própria Polícia é grevista também.

3 Eu e o José Lino poderíamos sugerir ao público: — “Não leiam os jornais. Leiam o velho Dumas.” Faltam ao noticiário atual o frêmito, a tensão, a crueldade das *Memórias de um médico*.³ Portanto, entendo o comentário restritivo do Raul Brandão: — “Como é chata a greve!”

4 Todavia, alguma coisa salva a “revolução cultural” da monotonia irremediável. É um certo suspense, é um certo mistério. A França parou. Primeiro, os estudantes e, depois, o resto. Nunca houve tamanha greve. Até os papa-defuntos, até os coveiros cruzaram os braços. Ninguém morre por falta de quem o enterre.

5 Mas eis a pergunta que o mundo faz, sem lhe achar a resposta: — “Por quê?” Os artigos sobre as greves não explicam nada e por uma razão óbvia: — o inexplicável é inexplicável. A princípio, imaginei que os grevistas quisessem o Poder. São milhões e milhões. Portanto, os grevistas têm o que eu chamaria de onipotência numérica. Não há o que objetar, o que discutir, o que resistir. São milhões e eu imaginei que a História lhes daria o Poder imediato.

6 Engano. Os dez ou 12 milhões de franceses não querem o Poder. Vocês entendem? O Poder está, diante deles, como um fruto próximo, fácil, indefeso; basta o gesto de colhê-lo. Mas ninguém se dispõe a tal gesto. E nem há, ao menos, o vago, surdo, informulado desejo do Poder. A presente “revolução cultural” corre o risco de ser um movimento idiota. Dirá alguém que as greves assumem uma dimensão de catástrofe. Mas insisto: — pode haver a catástrofe idiota.

7 Sem querer, deixei escapar a palavra exata: — idiota. Há 15 ou vinte dias atrás, escrevi sobre o grande tema de nossa época. Não sei se vocês se lembram. Falei da ascensão do idiota. No passado, eram os “melhores” que faziam os usos, os costumes, os valores, as ideias, os sentimentos, etc., etc. Perguntará alguém: — “E que fazia o idiota?” Resposta: — fazia filhos.

8 Mas vejam: — o idiota como tal se comportava. Na rua, passava rente às paredes, gaguejante de humildade. Sabia-se idiota e estava ciente da própria inépcia. Só os “melhores” sentiam, pensavam, e só eles tinham as grandes esposas, as grandes amantes, as grandes residências. E, quando um deles morria, logo os idiotas tratavam de erguer um monumento ao gênio.

9 E, de repente, tudo mudou. Após milênios de passividade abjeta, o idiota descobriu a própria superioridade numérica. Começaram a aparecer as multidões jamais concebidas. Eram eles, os idiotas. Os “melhores” se juntavam em pequenas minorias acuadas, batidas, apavoradas. O imbecil, que falava baixinho, ergueu a voz; ele, que apenas fazia filhos, começou a pensar. Pela primeira vez, o idiota é artista plástico, é sociólogo, é cientista, é romancista, é prêmio Nobel, é dramaturgo, é professor, é sacerdote. Aprende, sabe, ensina.

10 No presente mundo ninguém faz nada, ninguém é nada, sem o apoio dos cretinos de ambos os sexos. Sem esse apoio, o sujeito não existe, simplesmente não existe. E, para sobreviver, o intelectual, o santo ou herói precisa imitar o idiota. O próprio líder deixou de ser uma seleção. Hoje, os cretinos preferem a liderança de outro cretino.

11 Escrevi tudo isso há uns 15 dias. Ou por outra: — há um mês, mês e meio. E, súbito, as greves da França parecem dar razão aos meus escritos. Eu queria, aqui, insinuar a hipótese de que a “revolução cultural” seja obra de idiotas. São milhões de sujeitos implicados no movimento. Mas não há um único e escasso líder; não se ouve um nome. Aí está um dado patético. Não há nada mais impessoal do que o idiota e nada mais idiota do que a unanimidade. E os milhões exprimem a “onipotência numérica” de que falei mais acima.

12 De Gaulle tem, nisso tudo, a solidão do herói. Sua liderança foi um equívoco que teria de ser desfeito. É o herói puro e, ainda mais, com esporas e penacho. Diria também que não há francês mais radical. Foi francês no momento em que ninguém era francês. Mas tem o defeito realmente indesculpável de não ser idiota. Terá que cair, mais cedo ou mais tarde.

13 Mas devo fazer uma ressalva. E, de fato, o idiota francês não será nunca trivial. Tem, a seu favor, a língua. A lavadeira parisiense é uma estilista; fala como uma heroína de Racine. E o chofer de táxi descompõe os turistas com o rigor, a melodia, a plasticidade da prosa francesa. Em tal idioma, a pior vulgaridade está a um milímetro do sublime. Nos telegramas, não se cita um grande nome da França. Minto. Vi uma fotografia de Sartre ao lado de grevistas. Estava, ali, fingendo-se de idiota para sobreviver.

O Globo, 24/5/1968

Nota

3 A primeira edição de *A cabra vadia*, de 1970, suprimia uma frase: “E ninguém morre, ninguém mata ninguém.”

23. A grande tosse

1 Já contei o caso, mas vale a pena repetir: — anos atrás, fiz uma operação de vesícula. O cirurgião, um amigo pessoal, Hugo Cota dos Santos, tratou de esvaziar o fato de todo o suspense, dramatismo e mistério. Convenceu-me. E fui para a casa de saúde, na avenida Mem de Sá, com um desses otimismoes idiotas e fatais.

2 A operação, que me fez o dr. Hugo, foi uma obra-prima de virtuosismo cirúrgico. Anestesia perfeita, tudo perfeito. Volto para a cama. E começa o martírio. Ainda hoje tremo, só de ouvir falar em vesícula. Passei três meses cara a cara com a morte; dia e noite, a minha temperatura ia de quarenta para trinta e nove e meio, e voltava para os quarenta. E eu sentia a febre subir para os cabelos.

3 Mas falo, falo, e não disse ainda uma palavra sobre a grande tosse. Estou enfatizando de caso pensado. Em nossa época, o brasileiro tosse menos ou quase não tosse. Há menos bronquite, menos asma, menos tuberculose e, até, menos pigarro. O doente moderno pode ter o pulmão constelado de cavernas e sem tossir (que eu me lembre, o único brasileiro que ainda tosse é o João Saldanha). Mas o que é mesmo que eu estava dizendo? Ah, já sei. Uma noite, 48 horas depois da operação, estou eu na minha cama.

4 O pior é que tive uma febre lúcida, uma febre sem delírio. Via tudo, sabia de tudo (houve um momento em que desejei ter visões). Mas estava na cama e cochilei. Pouco antes alguém me cochichara o conselho: — “Deita de lado. Não dorme de barriga pra cima.” (Quando eu era garoto, tinha vergonha de dizer, ou ouvir, a palavra “barriga”.) Por coincidência, cochilei de barriga para cima.

5 Falei na Grande Tosse. E, realmente, ela justifica essa altissonância. Não foi uma tosse qualquer. Aos três anos, eu próprio tivera coqueluche. Mas nenhuma outra tosse, minha ou alheia, se parecia com aquela. Eu estava dormindo, quando ela me atacou. E, dormindo, eu a ouvia, como se fosse a tosse de outro, não minha. Quando acordei, estava alagado no meu próprio sangue. Todos os pontos explodiram. Alguém dizia: “Chama a Assistência! Chama a Assistência!”

6 Ainda hoje faço espanto: “Como se pode ter tanto sangue?” Levei, depois disso, não sei quantas transfusões. E começou o desfile de médicos. Uns sete ou oito me examinaram. E não houve um que justificasse, com uma causa física, a minha febre tão sem delírio. Diante de tamanha perplexidade clínica, eu dizia, de mim para mim: — “É a alma! É a alma!” A carne não tinha nada a ver com o meu prodigioso sofrimento (e também a tosse, a Grande Tosse, jamais concebida, também fora deflagrada pela alma).

7 Mas não era bem isso o que eu queria dizer. O que eu queria dizer é que, durante os três meses, tive três visitas. Não quatro ou cinco, mas exatamente três. Já contei isso outras vezes e estou repetindo por ressentimento. Na cama, de barriga aberta, pensei mil vezes: — “Ninguém me visita. Não tenho amigos. Não sei fazer amigos.” Mas quero dar nomes às visitas (três, não mais de três). Quem primeiro apareceu foi o Pinheiro

Júnior, da *Última Hora*. Note-se que me veio ver em função estritamente profissional. Ao seu lado, estava o fotógrafo, que bateu chapas dos pontos estourados. Pinheiro me entrevistou. A segunda visita foi o ex-contínuo, doce ex-contínuo de Ponge & Irmão. Na ocasião, era sargento da Aeronáutica.

8 Terceira visita: — Paschoal Carlos Magno. Apareceu na minha casa num chapa-branca lindo. Imaginem vocês que eu falara mil vezes contra Paschoal, mil vezes escrevera contra ele. Lembro-me de que, certa vez, disse numa roda de teatro: — “A besta do Paschoal.” E justamente “a besta” aparecia-me, no meio da tarde, atônito diante da minha face escavada. Ficou, lá, conversando, talvez uma hora ou mais. E quando falou em ir embora, quase, quase fiz o apelo: — “Fica, Paschoal, fica.” Mas não pedi de vergonha. Vejo Paschoal estendendo a mão. Penso: — “Talvez não o veja nunca mais.” E tive vontade de lhe beijar as mãos.

9 (De vez em quando, até o fim da minha vida, contarei outras vezes as três visitas.) Alguém poderá perguntar se continuo reduzido aos três amigos, que são realmente dois, já que Pinheiro Júnior foi apenas o repórter. Não sei, ou por outra: — creio que eu teria mais visitas. Penso no José Lino Grunewald, o Marcelo Soares de Moura, o Francisco Pedro do Couto, o “Marinheiro Sueco”. É claro que também o Hélió Pellegrino. Há, entre nós, um cavo abismo ideológico. Mas o nosso Hélió compareceria, na certa. E havia de enxugar, na minha frente, o oleoso suor do martírio.

10 Pode parecer que, ainda assim, fiz um elenco bem escasso de amigos. Em contrapartida, tenho uma massa de amigos desconhecidos ou, se preferirem, de “desconhecidos íntimos”. Vocês nem imaginam. No meio da rua, sou atropelado por sujeitos que nunca vi. Eles vêm para mim, de braços abertos: — “Nelson, Nelson!” E me apertam, de encontro ao peito,

longamente, como se eu ou ele fosse partir para o Vietnã e lá morrer com um tiro na cara. Outro dia, um crioulo, com um hálito fulminante de cachaça, fez-me parar em cima da calçada. Dizia-me, com seu beijo largo e esplêndido: — “Nelson, Nelson.” Olhava para mim e não tinha um mísero dente no riso enorme. Repetiu: — “Nelson, Nelson!” Não saía disso e partiu, feliz, iluminado.

11 E, ontem, aconteceu-me uma que achei ótima. A partir das duas da tarde, alguém não identificado moveu-me um feroz cerco telefônico. Em toda parte, avisaram-me: — “Telefonaram pra ti.” E a pessoa não deixava nome, jamais. Quem seria? Começou a se criar um mistério, um suspense. Já me sentia um perseguido. Passei por um escritório, onde não ia há muito tempo, e lá disseram: — “Telefonaram para o senhor.” Senti que era a mesma pessoa, eternamente a mesma pessoa. E já estava ficando meio sinistro.

12 Até que paro num café, aqui na esquina de Irineu Marinho com Santana. E, súbito, irrompe lá um rapaz, esbaforido, com umas tiras na mão. Apresentou-se, risonhamente: — “Sou um revisor de *O Globo*.” Contou-me que me procurava por toda parte, dera uns dez telefonemas. E, subitamente, desfez-se todo o clima kafkiano da perseguição anônima e inexorável. Simplesmente, a revisão de *O Globo* me procurava por uma dúvida mínima, não sei se gramatical ou estilística. E eu, diante desse meticuloso escrúpulo profissional, fiquei numa gratidão atônita e feroz.

13 Vocês não sabem como o revisor mudou de uma geração para outra geração. Quando comecei, a revisão era uma cova de ressentimentos, frustrações. O revisor odiava o diretor, a gerência, a redação, as oficinas, as rotativas. Cada qual era um Raskolnikov. O sujeito acordava disposto a destruir o mundo. E, hoje, ele é uma nobilíssima figura humana. A revisão

de *O Globo* me trata como eu trato a minha úlcera — a pires de leite. O rapaz saiu, varou a cidade por causa de um retoque de estilo. Se eu precisasse arrancar outra vesícula, tenho a certeza de que uns três revisores de *O Globo* iriam bater na minha porta, para abanar um pouco a minha febre.

O Globo, 8/4/1968

24. Os idiotas da objetividade

1 Sou da imprensa anterior ao *copy desk*. Tinha 13 anos quando me iniciei no jornal, como repórter de polícia. Na redação não havia nada da aridez atual e pelo contrário: — era uma cova de delícias. O sujeito ganhava mal ou simplesmente não ganhava. Para comer, dependia de um vale utópico de cinco ou dez mil-réis.

2 Mas tinha a compensação da glória. Quem redigia um atropelamento julgava-se um estilista. E a própria vaidade o remunerava. Cada qual era um pavão enfático. Escrevia na véspera e no dia seguinte via-se impresso, sem o retoque de uma vírgula. Havia uma volúpia autoral inenarrável. E nenhum estilo era profanado por uma emenda, jamais.

3 Durante várias gerações foi assim e sempre assim. De repente, explodiu o *copy desk*. Houve um impacto medonho. Qualquer um na redação, seja repórter de setor ou editorialista, tem uma sagrada vaidade estilística. E o *copy desk* não respeitava ninguém. Se lá aparecesse um Proust, seria reescrito do mesmo jeito. Sim, o *copy desk* instalou-se como a figura demoníaca da redação.

4 Falei no demônio e pode parecer que foi o “Príncipe das Trevas” que criou a nova moda. Não, o abominável “Pai da Mentira” não é o autor do *copy desk*. Quem o lançou e promoveu foi Pompeu de Sousa. Era ainda o *Diário Carioca*, do senador, do Danton. Não quero ser injusto, mesmo porque o Pompeu é meu amigo. Ele teve um pretexto, digamos assim, histórico, para tentar a inovação.

5 Havia na imprensa uma massa de analfabetos. Saíam as coisas mais incríveis. Lembro-me de que alguém, num crime passional, terminou assim a matéria: — “E nem um goivinho ornava a cova dela.” Dirão vocês que esse fecho de ouro é puramente folclórico. Não sei se talvez. Mas saía coisa parecida. E o Pompeu trouxe para cá o que se fazia nos Estados Unidos — o *copy desk*.

6 Começava a nova imprensa. Primeiro, foi só o *Diário Carioca*; pouco depois, os outros, por imitação, o acompanharam. Rapidamente, os nossos jornais foram atacados de uma doença grave: — a objetividade. Daí para o “idiota da objetividade” seria um passo. Certa vez, encontrei-me com o Moacir Werneck de Castro. Gosto muito dele e o saudei com a mais larga e cálida efusão. E o Moacir, com seu perfil de Lord Byron, disse para mim, risonhamente: — “Eu sou um idiota da objetividade.”

7 Também Roberto Campos, mais tarde, em discurso, diria: — “Eu sou um idiota da objetividade.” Na verdade, tanto Roberto, como Moacir, são dois líricos. Eis o que eu queria dizer: — o idiota da objetividade inunda as mesas de redação e seu autor foi, mais uma vez, Pompeu de Sousa. Aliás, devo dizer que o *copy desk* e o idiota da objetividade são gêmeos e um explica o outro.

8 E toda a imprensa passou a usar a palavra “objetividade” como um simples brinquedo auditivo. A crônica esportiva via times e jogadores “objetivos”. Equipes e jogadores eram condenados por falta de objetividade. Um exemplo da nova linguagem foi o atentado de Toneleros. Toda a nação tremeu. Era óbvio que o crime trazia, em seu ventre, uma tragédia nacional. Podia ser até a guerra civil. Em menos de 24 horas o Brasil se preparou para matar ou para morrer.

9 E como noticiou o *Diário Carioca* o acontecimento? Era uma catástrofe. O jornal deu-lhe esse tom de catástrofe? Não e nunca. O *Diário Carioca* nada concedeu à emoção nem ao espanto. Podia ter posto na manchete, e ao menos na manchete, um ponto de exclamação. Foi de uma casta, exemplar objetividade. Tom estrita e secamente informativo. Tratou o drama histórico como se fosse o atropelamento do Zezinho, ali da esquina.

10 Era, repito, a implacável objetividade. E, depois, Getúlio deu um tiro no peito. Ali, estava o Brasil, novamente, cara a cara com a guerra civil. E que fez o *Diário Carioca*? A aragem da tragédia soprou nas suas páginas? Jamais. No princípio do século, mataram o rei e o príncipe herdeiro de Portugal. (Segundo me diz o luso Álvaro Nascimento, o rei tinha o olho perdidamente azul.) Aqui, o nosso *Correio da Manhã* abria cinco manchetes. Os tipos enormes eram um soco visual. E rezava a quinta manchete: — “Horrível Emoção!” Vejam vocês: — Horrível Emoção!

11 O *Diário Carioca* não pingou uma lágrima sobre o corpo de Getúlio. Era a monstruosa e alienada objetividade. As duas coisas pareciam não ter nenhuma conexão: — o fato e a sua cobertura. Estava um povo inteiro a se desgrenhar, a chorar lágrimas de pedra. E a reportagem, sem entranhas, ignorava a pavorosa emoção popular. Outro exemplo seria ainda o assassinato de Kennedy.

12 Na velha imprensa as manchetes choravam com o leitor. A partir do *copy desk*, sumiu a emoção dos títulos e subtítulos. E que pobre cadáver foi Kennedy na primeira página, por exemplo, do *Jornal do Brasil*. A manchete humilhava a catástrofe. O mesmo e impessoal tom informativo. Estava lá o cadáver ainda quente. Uma bala arrancara o seu queixo forte, plástico, vital. Nenhum espanto da manchete. Havia um abismo entre o *Jornal do Brasil* e a tragédia, entre o *Jornal do Brasil* e a cara mutilada. Pode-se falar na desumanização da manchete.

13 O *Jornal do Brasil*, sob o reinado do *copy desk*, lembra-me aquela página célebre de ficção. Era uma lavadeira que se viu, de repente, no meio de uma baderna horrorosa. Tiro e bordoadas em quantidade. A lavadeira veio espiar a briga. Lá adiante, numa colina, viu um baixinho olhando por um binóculo. Ali estava Napoleão e ali estava Waterloo. Mas a santa mulher ignorou um e outro; e veio para dentro ensaboar a sua roupa suja. Eis o que eu queria dizer: — a primeira página do *Jornal do Brasil* tem a mesma alienação da lavadeira diante dos napoleões e das batalhas.

14 E o pior é que, pouco a pouco, o *copy desk* vem fazendo do leitor um outro idiota da objetividade. A aridez de um se transmite ao outro. Eu me pergunto se, um dia, não seremos nós 80 milhões de *copy desk*. Oitenta milhões de impotentes do sentimento. Ontem, falava eu do pânico de um médico famoso. Segundo o clínico, a juventude está desinteressada do amor, ou por outra: — esquece antes de amar, sente tédio antes do desejo. Juventude *copy desk*, talvez.

15 Dirá alguém que o jovem é capaz de um sentimento forte. Tem vida ideológica, ódio político. Não sei se contei que vi, um dia, um rapaz dizer que dava um tiro no Roberto Campos. Mas o ódio político não é um

sentimento, uma paixão, nem mesmo ódio. É uma pura, vil, obtusa palavra de ordem.

O Globo, 22/2/1968

25. Nossos amores

1 Desculpem, mas volto à minha infância. Tenho usado muito uma imagem, que é a seguinte: — o menino está enterrado no adulto como sapo ou rato de macumba. Nada mais verdadeiro. Esse menino perene, dos seus sete, oito anos, existe em mim como no dr. Brito. Eu o sinto, a toda hora e em toda parte. E assim qualquer emoção é um pretexto para a volta à rua Alegre, à Aldeia Campista.

2 No capítulo de ontem, isto é, de anteontem, falei, de passagem, na fome de 1918, 1919 e, até, 1920. Dirá alguém que a fome é a mesma em qualquer tempo e em qualquer idioma. Ilusão. Não é a mesma, ou por outra: — conforme a época e o país, varia de tipo, de gosto, de ênfase. Ora, naquele tempo a fome era mansa e quase agradecida. Direi mais: — o pobre não tinha nem o direito de invejar. Minha infância está cheia de cenas cruéis. Lembro-me de um roto, de um esfarrapado, que viu um rico; e o lambeu com a vista.

3 Anos depois, a fome passou a ter outras reações. Há pouco tempo, houve um episódio que seria inviável em 1919. Vamos ao fato. Na véspera do Natal, houve um assalto. Era um boteco, na hora de fechar. O português ia justamente arriar a porta de aço quando sentiu um cano nas costas e a voz:

— “É um assalto.” Tudo aconteceu numa progressão fulminante. O luso entrou e, atrás dele, os três bandidos (exatamente três).

4 Era um boteco não sei se da Penha, Brás de Pina ou por aí. Um dos assaltantes baixou a porta de aço. Disseram ao português: — “Senta aí.” E ameaçaram o homem de um “banho de balas” caso arriscasse um gesto suspeito. Naquele momento, o nosso luso era esperado em casa para a grande ceia. Parentes chegados de Portugal estavam lá. Três ou quatro garrações de um santo vinho iam inundar a família.

5 O português começou por chamar os assaltantes de “meus filhos”. Disse-lhes onde estava o dinheiro; deu-lhes chave; e só pedia, como uma criança: — “Levem tudo, mas não me façam mal.” Um crioulo magro o encara: — “Está falando muito. Quer morrer, ó galego?” O outro parou. O terror alumia o olho enorme. E, então, os bandidos limpam tudo, raspam o dinheiro, arrancaram o anel e o relógio da vítima. O português ainda balbuciou que não lhes queria mal e quase os abençoava.

6 Chegou a hora de fugir. Disseram: — “Fica quieto ou morre.” Dois iam na frente e o crioulo magro, por último. Meia porta de aço foi erguida. Passaram os dois primeiros; o crioulo magro para um momento. Fala: — “Toma um presente de Natal.” Estava de revólver na mão e puxou o gatilho. Uma bala estourou a barriga do português. No seu espanto, ergueu-se. Morreu na hora. Estava morto e continuava de pé. Adiante, um táxi esperava os bandidos. O crioulo magro, de peito cavo, foi o último a entrar. O carro partiu. Ao dobrar a primeira esquina, derrapou como os gângsteres de filme.

7 E, por um momento, ainda ficou de pé o cadáver espantado. Morreu sem saber por que o matavam. Eis o que eu queria dizer: — na minha infância,

o presente de Natal era uma impossibilidade. É certo que em 1919 ainda se falava muito do crime de Roca e Carleto. Mas Roca foi preso e dizia: — “Sou inocente!” Julgado e condenado, repetiu: — “Sou inocente!” Passou não sei quantos anos na prisão. Lá, de vez em quando, punha-se a berrar: — “Eu não matei! Eu não matei!”

8 Não sei se Roca matou. Sua obsessão de inocência era tão feroz que ele próprio há de ter perdido qualquer noção de culpa. Mas eis o que eu quero ressaltar: — Se matou, não foi por fome. A fome daquele tempo não matava. (Mataria antes e depois; naquele tempo, não.) O assassino ou suicida era o amoroso. Aí está dito tudo: — o ódio nascia do amor e não da fome.

9 Se alguém traduzisse as manchetes de *O Dia* e da *Luta Democrática* para um turista, este havia de pensar, por outras palavras: — “O brasileiro vive matando o ser amado.” Cabe uma retificação: — antes matava mais. Por toda a *belle époque*, até 1920, por aí, o marido, a mulher, os namorados brincavam com a morte. Sem desconfiar, brincavam com a morte. Uma jovem nunca sabia se estava flertando com o seu assassino.

10 Em nossos dias, um dos tipos de relação conjugal não excepcionais é o seguinte: — a infidelidade recíproca e consentida. Os dois sabem. O “último a saber” das velhas gerações passou de moda. Hoje é comum que o marido saiba antes dos outros e, por vezes, antes da infidelidade. Há os que adivinham, sim, os proféticos.

11 Via de regra, o nosso jornal moderno tem pudor de valorizar e dramatizar o crime passionai (fora os casos já referidos de *O Dia* e da *Luta Democrática*). Marido que mata mulher, ou mulher que mata marido, é tratado sem nenhum patético, em forma de pura, sucinta e objetiva

informação. (O *Jornal do Brasil* vai mais longe. Ignora qualquer modalidade de crime e de criminoso. Os atropelados, os esfaqueados, os enforcados, que comprem outros jornais. O *do Brasil* não lhes dará a mínima cobertura. Um dia, por força do seu desenvolvimento, este país terá o seu vampiro. Mas não se preocupem. No dia em que alguém chupar a carótida de alguém, o sangue há de tingir todas as primeiras páginas. Só a do *Jornal do Brasil* continuará firme no seu preto e branco.)

12 Em 1919, a nossa imprensa gostava de sangue. O futebol ainda não se instalara na primeira página. E a adúltera assassinada era mais promovida do que a Bovary ou Karenina. A reportagem invadia o necrotério, a alcova, e fazia um saque de fotografias e cartas íntimas. Lembro-me de um senador, tribuno fabuloso, patriota de causas sublimes. Um dia descobre que era traído e fuzilou a mulher. Não houve o flagrante e, depois das 24 horas, lá estava ele na porta do cemitério. Quando o caixão da vítima ia passando, cuspiu-lhe em cima.

13 Tudo isso, inclusive a cusparada, saiu nos jornais mais graves. E a Aldeia Campista em peso disse: — “Bem feito! Bem feito!” O senador fez isso, ainda enxugou com o lenço a saliva vingadora e foi tomar o táxi, adiante. Eu então já sabia ler. Saí do *Tico-Tico* para as histórias de amor e morte. Descobria que o homem mata e se mata por amor. E, quando num crime havia amor, eu me crispava de beleza.

14 Dizia eu que o idílio mais terno e manso podia ser um ensaio para a morte. Um dia saiu nos jornais um episódio que assombrou a cidade. Imaginem dois namorados, ele, 17, ela, 16 anos. As duas famílias faziam gosto. Ao cair da tarde, passeavam na calçada, de mãos dadas. Iam ficar noivos e, de 15 em 15 minutos, um gostava mais do outro. Até que um dia saíram para visitar uma tia. E lá não chegaram. No dia seguinte,

encontraram os dois, perto da Cascatinha, e mortos. Ao lado, um vidro de um desinfetante então muito usado — “Lisol”. Um bilhete assinado pelos dois, dizendo: — “Morremos felizes.” Só. Foi, então, que eu, ferido de espanto, descobri: quem nunca desejou morrer com o ser amado não conhece o amor, não sabe o que é amar.

O Globo, 8/1/1968

26. As duas cabeças

1 Sou um profissional de velhas gerações. Mas a “jovem revolução” está aí. E quero crer que, em futuro bem próximo, eu e o Carlos Tavares seremos dirigidos pelas estagiárias do *Jornal do Brasil*. Imaginem vocês uma imprensa de meninas. E a redação será uma paisagem de bordados, de tapete, com ninfas, ou sílfides, sei lá, bebendo em cascatas artificiais.

2 Fiz este comentário parnasiano e já mudo de tom. Eis o que eu queria dizer: — três vezes por semana, sou atropelado por uma estagiária. É uma fatalidade. Não atendo telefone, fujo, não estou, não volto mais. Mas a estagiária é invencível. Acaba por me descobrir, e nas horas e locais os mais surpreendentes. Outras vezes sou eu próprio que, por fraqueza de caráter, ou por indulgência de velho, as atendo. Foi o que aconteceu ontem.

3 Bateu o telefone e o contínuo me avisa: — *Jornal do Brasil*. Tinha de ser uma estagiária. Eu podia ter dito como de outras vezes: — “Não estou” ou “Estou no café”. Mas ontem era um dia excepcional e cruelíssimo. Pela manhã, o jornaleiro me assombrou: — “Mataram Kennedy.” Por um momento, não soube o que pensar, o que dizer. Quase perguntei: — “Outra vez?” Os dois fatos estavam justapostos na minha cabeça: — Bob e Johnny. Eu já não sabia se eram dois ou um só. Se era o presidente que

morria novamente, e não mais no Texas, agora em Los Angeles. O jornalista, numa gloriosa excitação, arqueja: — “O rádio está dando! O rádio está dando!”

4 Não era ainda a morte. Bob Kennedy apenas agonizava. Talvez não morresse. Vim para a cidade já desesperado. E, no Centro, fui ouvindo por toda a parte: — “Um tiro na cabeça.” Se fosse no coração, ninguém diria “um tiro no coração”. Mas o assassino de um Kennedy e o assassino do outro Kennedy quiseram a cabeça. Vocês entendem? Quiseram estourar o cérebro. Como se o morto, apenas ferido no peito, continuasse pensando, morto e pensando, cadáver e pensando, enterrado e pensando, eternamente.

5 Portanto, era preciso parar a cabeça. Foi assim no Texas. De repente, Jacqueline viu, a seu lado, um marido sem queixo. O presidente era, sobretudo, o queixo forte, crispado, vital. E, agora, em Los Angeles, num hotel vagabundo (não seria hotel vagabundo. Mas a minha visão do crime exige o lívido corredor de um hotel vagabundo). Um jovem jordaniano atira muitas vezes. E Bob Kennedy há de ter sentido, antes do medo, o espanto. No corredor, houve uma constelação de estampidos. Foi, como queria o assassino, uma bala na cabeça.

6 Não sei por que estou repetindo o que todas as primeiras páginas já disseram e repisaram. Venho para a redação e sou chamado pelo *Jornal do Brasil*. De fato, era uma estagiária. Entre parênteses, acontece, entre mim e o velho órgão, uma coisa singularíssima. Quase todos os dias uma estagiária me entrevista. No dia seguinte: — não sai a entrevista. É espantoso, mas exato. Não sai, nem a tiro. Eu opino sobre tudo, desde o Zé da Ilha no barraco, ao arquiduque da Áustria, em Sarajevo. E a minha opinião não aparece. Digo as coisas mais ousadas, certo de que ficarão para sempre inéditas.

7 Naturalmente, o *Jornal do Brasil* havia de querer o meu ponto de vista sobre o crime. (E, de certo, como das outras vezes, não publicaria uma linha.) Muito bem. Sento-me e apanho o telefone. “Alô”, digo. Uma voz feminina pergunta: — “Nelson Rodrigues?” Sou eu, sim. Há situações em que um homem, qualquer um, passa a ser um momento da consciência humana. Ao telefone, eu me sentia, exatamente, esse momento da consciência humana. Já imaginava uma frase. Ia dizer que todos os males pessoais e coletivos têm uma origem obrigatória: — o desenvolvimento.

8 O curioso é que responderia antes da pergunta; e diria então: — “A civilização é responsável por mais este crime que...” Mas não cheguei a falar. A estagiária falou antes: — “Nelson Rodrigues, eu queria a sua opinião sobre...” Esperei ouvir o nome do Kennedy. A menina continuou: — “Sua opinião sobre o jogo Vasco x Botafogo.” Estou trêmulo de espanto. Insiste, risonhamente: — “Qual é seu palpite?” Estou calado: — “Também queria um palpite seu sobre Flamengo x Bonsucesso, Fluminense x América”, etc., etc.

9 Dei-lhe os palpites pedidos, que o *Jornal do Brasil* não vai publicar, absolutamente. Saí do telefone humilhado e ofendido. Pensava no dia em que eu e o Carlos Tavares estaremos sob as ordens das estagiárias. Bem, agora tentarei resumir o que não disse à jovem do “Segundo Caderno”. Vamos lá.

10 Há pouco tempo, vi um sacerdote afirmar com a ênfase de uma manchete: — “Paz é Desenvolvimento.” O sacerdote falava com a certeza forte de um Moisés de Cecil B. de Mille. Disse “Paz é Desenvolvimento” e acrescentou-lhe um patético ponto de exclamação. Eis o que eu diria à estagiária: — “Aí está uma opinião falsamente acaciana.” Parece o óbvio, mas nunca foi e nunca será o óbvio.

11 Repito: — é o falso Acácio e o falso óbvio. Justa será a verdade inversa: — “O Desenvolvimento não é a Paz.” Ou: — “O Desenvolvimento é a Guerra” ou, ainda, “O Desenvolvimento criou a Antipessoa.” A estagiária não se espantaria, porque as estagiárias são insuscetíveis de espanto. E eu diria mais: — “O Desenvolvimento é a agressividade, a angústia, a mania de grandeza, o ódio e, ainda, a guerra interna e externa, a mania homicida, o inferno sexual, a morte da alma.”

12 As duas nações mais desenvolvidas do mundo, os Estados Unidos e a Rússia, estão sempre a um passo da Guerra Nuclear. Dizem, até, que um equívoco pode liquidar a vida e o homem. Falam da Suécia. Mas a Suécia é uma festa de suicidas. Na melhor das hipóteses o desenvolvimento é o tédio mortal. Agora, matam o segundo Kennedy. Dirá alguém que na Rússia não há crime político. Ao que eu responderia: só há crime político. Nos EUA, qualquer um mata. E, por trás da “Cortina de Ferro”, só o Estado mata. Só o Estado é assassino. Mas o que importa notar é a brutal solidão do homem desenvolvido. A feroz infelicidade. E as lesões de sentimento. E as trevas interiores que ninguém pode desafiar em vão. Não sei quem disse, ou talvez ninguém tenha dito: — “O Desenvolvimento é o Demônio.”

O Globo, 7/6/1968

27. O bom menino

1 Vocês devem estar lembrados. Era um dia como outro qualquer, ou por outra, não era um dia como outro qualquer. E repito: — era um dia dramatizado pela greve do rádio e da televisão. Dirá alguém que os jornais circulavam.

2 Mas o tempo da imprensa é um e outro o das câmeras e microfones. Em jornal, o fato leva 24 horas para ser notícia. Ao passo que tanto o rádio como as TVs são fulminantes (mais uma vez, estou aqui proclamando o óbvio). Eis o que eu queria lembrar: — Kennedy morreu e custamos a saber. Entre nós e a tragédia houve a greve. Um tiro arrancou o queixo presidencial. E, aqui, ninguém desconfiava de nada. Quando as extras saíram, Kennedy já estava no caixão, Johnson tomara posse, Jacqueline improvisara o luto de sua viuvez atônita.

3 (Aliás, foi furada a greve do rádio e da televisão. Se não me engano, a Roquette Pinto estava no ar. Mas o rádio educativo faz sua audição para surdos. Ninguém a ouve, ninguém; ou por outra: — só uma meia dúzia a ouve. E foi essa meia dúzia que saiu contando para os amigos, os familiares, os conhecidos; e assim, de boca em boca, a notícia tomou conta, paulatinamente, da cidade. Todavia o silêncio do rádio e da televisão parecia humilhar, parecia desfeitear a catástrofe.)

4 Estou falando de Kennedy e de sua morte porque meu filho Joffre chegou de Nova York. Está aqui de passagem e voltará. E, nos Estados Unidos, ele vai de um assombro a outro assombro. Lá, vive ele num mundo quase absurdo. Um dia, abre a televisão e vê um filme sobre “as atrocidades norte-americanas”. O mesmo filme passara, antes, normalmente, num gigantesco circuito de cinemas.

5 Só um país, no mundo, ousaria tamanha antipropaganda, tamanha antipromoção. E o Joffre, em conversas intermináveis, fala de tudo que há de pueril, trágico, jamais concebido, na vida americana. Súbito, meu filho chega a Bob Kennedy. Nós o conhecemos fisicamente; nós o vimos, aqui, na praia, de calção, dourando-se ao sol como um camaleão (rimou com calção, e desculpem).

6 Mas o Bob que por aqui passou e viu muitos poentes de Leblon nada tem a ver com o Bob candidato. Naquele tempo, ele preservava, como um segredo, como um pudor, a sua intenção presidencial. Fazia de conta que o sonho do Poder ainda não se instalara no seu coração. Mas, ao falar do Bob, não resisto à tentação de contar um episódio brasileiro. Vamos lá.

7 Certa noite, o nosso Bob teve um encontro com vários patrícios nossos, inclusive o dr. Alceu. Eram intelectuais, estudantes, cada qual fazendo a sua pose e cada qual dando seu recado. Por coincidência, todos vendiam a mesma imagem do Brasil. Houve um momento em que o Tristão empostou-se, ergueu o gesto e disse, textualmente, o seguinte: — “Posso assegurar-lhe que não havia o menor perigo comunista no Brasil!” Foi imensamente divertido o tom inapelável de verdade eterna com que o mestre atirava na cara do ilustre visitante tamanha barbaridade.

8 Os presentes, menos Bob Kennedy, balançaram a cabeça, e com o maior descaro. Mas nada descreve a amarga perplexidade do americano. Eis as perguntas que ele, espantadíssimo, teve o decoro de não fazer: — “Como não há perigo comunista? Isto aqui não é um país subdesenvolvido? Não há fome? Existe ou não existe o Nordeste? A tal mortalidade infantil é pura *escroquerie*?” Com a conivência e o descaro dos brasileiros presentes, o dr. Alceu estava sendo de uma monstruosa e consciente inveracidade. Digo “consciente”, porque ele não ignora, decerto, a fome, o Nordeste, a mortalidade infantil, etc., etc.

9 Volto aos Estados Unidos. Conta Joffre que Bob mudou, até fisicamente. Há pouquíssimo tempo era, na televisão, um modesto, um humilde, um cerimonioso. Não olhava, cara a cara, os vários milhões de telespectadores. Baixava a cabeça. Tinha como que a vergonha física do Poder. E, súbito, o candidato secreto, inconfesso, começou a borbulhar, irresistivelmente. Bob Kennedy se deflagra. Seu gesto, sua inflexão, sua ênfase, sua ira, tudo, tudo promove, impõe, desfralda o candidato.

10 E, com isso, ficamos sabendo que a modéstia, a humildade, a suavidade anteriores eram uma pose. Aliás, pode-se datar a sua candidatura: — no dia, ou, melhor dizendo, no momento em que John Kennedy morreu, ele começou a ser candidato, automaticamente candidato. Não importa o pudor que, por muito tempo, disfarçou, negou o automatismo dessa candidatura.

11 Eu diria que, no seu caminho presidencial, só resta uma dúvida. E, de fato, custa crer que existam, numa mesma família, dois Kennedys. Seria o mesmo que pretender dois Napoleões. E, quando dois nomes coincidem, passamos de um Napoleão, o Grande, para o Napoleão III, o idiota. Há,

todavia, uma hipótese para o nosso Bob: — de que o verdadeiro Kennedy não seja o morto mas o sobrevivente.

12 Sempre me pareceu que Johnny Kennedy era, como líder, um equívoco. Escrevi, aqui mesmo, que o verdadeiro líder é um canalha. E Kennedy era um pobre ser, crispado de humanidade, igual a um de nós, perplexo, frágil, dilacerado, menino, como um de nós. Menino sim, infinitamente menino. Kennedy tinha mulher bonita; amava e era amado. Não há Jacqueline na História e na Lenda de Lenin, Stalin, Hitler. E a mulher bonita só tem sentido para o líder quando o trai. E mais: o líder morre na hora certa, e não antes. Kennedy morreu antes, e repito: — morreu antes da obra. Um Napoleão que morresse na tomada da Bastilha não seria Napoleão. Um Cristo morto aos três anos de idade, de coqueluche, já não seria Cristo. De mais a mais, o verdadeiro líder há de morrer com o rosto. Sim, a morte tem que preservar seu perfil para a moeda, a cédula, a medalha. O último rosto, o rosto do caixão, precisa estar intacto. E tiveram que fechar o caixão de Kennedy para esconder o queixo arrancado.

O Globo, 25/3/1968

28. A feia nudez

1 A propósito da melindrosa de 1929, escrevi, certa vez: — “Como é antigo o passado recente.” Gostei da frase e pinguei-lhe um ponto de exclamação. De então para cá, sempre que posso repito, e não sem uma certa vaidade autoral: “Como é antigo o passado recente.”

2 E, de fato, não há mulher mais antiga, mais fenecida, do que a melindrosa de 1929. É anterior a qualquer baixo-relevo assírio, fenício ou que outro nome tenha. Há pouco, andei repassando um dos primeiros números de *O Cruzeiro*. Exatamente de 1929, se não me engano. E vi as grã-finas da época. Já não falo do vestido sem cintura, nem do penteado, nem do sapato, etc., etc. O que me importa é valorizar o espantoso olhar e o espantoso sorriso.

3 Cada época sorri de certa maneira, olha de uma certa maneira. Repito: — por um olhar, ou por um sorriso, pode-se dizer de uma certa dama: — “Esta é do Século Fulano, ou do Século Beltrano.” E quanto mais antiga, a pessoa mais se parece conosco. Ao passo que há, entre nós e a melindrosa, como que uma distância abismal.

4 Dirá alguém que de 1929 para cá são passados apenas 39 anos. Ah, não acreditem no falso tempo das folhinhas. A idade da melindrosa de *O Cruzeiro* nada tem a ver com esses míseros, escassos 39 anos. E ela sorri de um tal jeito, e olha de tal jeito, que, por vezes, me ocorre a seguinte suspeita: — “A melindrosa de 1929 nunca existiu.”

5 Se me perguntarem o que havia no seu olhar e no seu sorriso, eu diria que ambos eram idiotas. Recorram às velhas edições de *O Cruzeiro* e, mais velhas ainda, da *Fon-Fon*, da *Revista da Semana*. Vejam as mais belas mulheres e as mais amadas do tempo. Olhavam e sorriam como débeis mentais. Aí está dito tudo: débeis mentais. E só admira que alguém as suportasse, ou pior, que alguém as desejasse.

6 Não sei se me entendem. Se estou sendo obscuro, paciência. Mas, como ia dizendo: — desdobro aqui a minha meditação de ontem. Falei do biquíni, que, a meu ver, é muito, muitíssimo anterior ao primeiro espartilho de Sarah Bernhardt. O biquíni, repito, tem a idade do impudor, que podemos estimar em para mais de, sei lá, 40 mil anos. Digo 40 mil anos, como poderia dizer milhões.

7 Bastam os quarenta mil. O impudor era certo, natural, consagrado, na mulher pré-histórica. Mas, quando a mulher se tornou um ser histórico, o pudor foi a sua primeira atitude, o seu primeiro gesto. Mesmo as mais degradadas preservavam um mínimo de pudor. E eis que, de repente, em nossos dias, há todo um movimento regressivo. Aí está o biquíni.

8 Dirão que tenho a fixação do biquíni. (A nossa vida moral depende de uma meia dúzia de nobilíssimas ideias fixas. O santo ou, nem tanto, o simples homem de bem há de ser um obsessivo. Tenho um amigo que só pensa em biquíni. Nos pesadelos, os umbigos o atropelam.)

9 Durante séculos e séculos, a História preservou o mistério e o suspense do umbigo. Era como se a mulher não o tivesse. Através das idades, só o marido de civil e religioso, ou o parteiro, conseguia vê-lo. Para os outros, o umbigo era irreal, utópico, absurdo. E, súbito, começam a aparecer, aqui e ali, as praias pré-históricas. Tal como no tempo em que os homens viviam em hordas bestiais. E começamos a época da nudez sem amor, do nu de graça e, repito, sem o pretexto do amor. A nudez exclusiva para o ser amado deixou de existir. Todas se despem, para o ser amado e para outros, inclusive o crioulinho do “Grapette”.

10 Deixo de lado os outros povos. O que me interessa é o nosso. Nunca o povo brasileiro viveu tanto do passado, das rendas do passado. Somos devorados por misteriosas nostalgias. Dizia-me, ainda ontem, o meu amigo Luís Eduardo Borgerth: — “Nós somos vestidos pelos nossos avós.” O próprio Borgerth anda, por aí, estranhíssimo. Inaugurou um bigode que me deu o que pensar. Eu quebrava a cabeça perguntando-me a mim mesmo: — “Onde é que eu vi esse bigode?” E, súbito, um nome faísca na treva: — “Rio Branco, barão do Rio Branco.” O nosso Luís Eduardo pôs o bigode espectral do barão.

11 E o Carlos Alberto, presidente do Banco do Estado da Guanabara? Doce figura. Um belo dia aparece com os bigodões de um longínquo avô. Quando ele entra, ou quando ele sai, dá a sensação de que é avô de si mesmo, ou o neto de si mesmo. No dia 2 ou 3 do presente janeiro, fui receber na TV Globo. Embolso o dinheiro e passo no gabinete do Walter Clark, o gênio da televisão. (Segundo o Otto Lara Resende, o Walter seria gênio do mesmo jeito, fosse arquiteto, veterinário, agrimensor ou bombeiro hidráulico.)

12 Entro e vejo o meu amigo sem paletó, um vasto charuto. O charuto é o de menos. O transcendente eram os suspensórios. Não se pode falar dos suspensórios. Não se pode falar dos suspensórios do Walter Clark sem lhes acrescentar um ponto de exclamação. Falei da melindrosa de 1929. Pois é esta a data dos suspensórios de Walter Clark, e repito: era assim que os gângsteres da Grande Repressão seguravam as suas calças. Não só os suspensórios. Também o colarinho, a gravata, a camisa listrada, as botinas.

13 Eu disse 1929 e já não sei se a sua elegância não será um pouco anterior. O fato é que, ao me despedir, tive vontade de perguntar-lhe: — “Estás faturando bem com a Lei Seca?” Mas o leitor sairia frustrado se eu não contasse uma singularidade: — os suspensórios do Walter Clark têm paisagem. Neles há o Pão de Açúcar, corações flechados, faunos de gaitas, sátiros de pés de cabra, etc., etc.

14 Para sair da Grande Depressão, tive de deixar o gabinete. E cá fora, no corredor, já comecei a respirar o ano de 1968. Mas por toda parte continuo sentindo focos do passado. Na quinta-feira passada, apareceu aqui, de repente, o Otto Lara Resende. Vinha de Lisboa. Às sete horas da noite, sua presença explodiu na casa do Hélio Pellegrino.

15 Mas era um outro Otto, sem nenhuma relação com o que daqui saíra para conquistar Portugal. Durante sua ausência mandara-me uma carta em que julguei perceber um sotaque lisboeta de Leopoldo Fróes. Mas na casa do Hélio Pellegrino deu-me outra impressão. Lusíada da cabeça aos sapatos. Ou melhor: Eça puro. O Otto instalou ali, na rua Nascimento Bittencourt, todo um clima antigo. E ele próprio parecia alguém expelido do ventre da primeira edição de *Os Maias*.

O Globo, 15/1/1968

29. Saúde dentária

1 Cada um de nós é um subdesenvolvido furioso contra o subdesenvolvimento. Outro dia, fui testemunha auditiva e ocular de um episódio curiosíssimo. Era na rua Santa Luzia, esquina de México. E um idiota trepa num caixote de querosene Jacaré. Começa a fazer um comício. E que dizia ele? Falava do desenvolvimento. Imediatamente, juntou-se, ali, uma multidão de Fla-Flu.

2 Berrava: — “Porque o desenvolvimento, e o subdesenvolvimento, e outra vez o desenvolvimento”, etc., etc. Essa música verbal fascinava a plateia. Já um amigo meu, temperamento otimista, tem uma visão menos negra da nossa miséria. Esse meu amigo viu, na TV, o “Festival da Canção”. Não prestou atenção, nem à música, nem à letra, nem ao canto. Estava obcecado pela saúde dentária dos intérpretes. Gemia: — “Que dentes! Que dentes!” E concluía que o nosso subdesenvolvimento é uma fraude. Se o brasileiro tem bons dentes — não é subdesenvolvido.

3 Mas eu falava da nossa fúria contra o subdesenvolvimento. Vejam o nosso Nordeste. A quem deve d. Hélder o seu pão de cada dia? Deve-o à fome do Nordeste. E há outros, e outros, e outros que, como o bom arcebispo, vivem e prosperam graças, ainda e sempre, à fome do Nordeste. Há mais. D. Hélder deve cada frase e cada gesto de sua retórica à bendita

miséria nordestina. (Quando lá se instala uma nova fábrica ele tem urticária de ódio impotente.)

4 Portanto, os interesses criados exigem que o Nordeste permaneça como está, rigorosamente como está. É preciso que não seja alterada uma vírgula da mortalidade infantil. O que eu queria dizer é que, em tantos casos, a raiva contra o subdesenvolvimento é profissional. Uns morrem de fome; outros vivem dela, com generosa abundância.

5 Todavia, existe uma paixão pior que o ódio do subdesenvolvido contra o subdesenvolvimento. Sim, há um outro tipo de ressentimento ainda mais amargo e ainda mais feroz. Refiro-me ao desenvolvido indignado contra o desenvolvimento. Aí está o exemplo dos Estados Unidos.

6 Os Estados Unidos, além de outros méritos, puseram o homem na Lua. Devíamos dizer: — “Que país formidável!” Outro dia, um nosso “padre de passeata” esbravejava no sermão: — “Paz é desenvolvimento.” O sacerdote fez uma pausa, parou o gesto, arquejante da própria veemência. Repetiu, abrindo os braços: — “Paz é desenvolvimento!” Os ouvintes tremiam em cima dos sapatos. E poucos perceberam que aquilo era muito mais patético do que verdadeiro. O correto seria dizer, inversamente, que são incompatíveis a paz e o desenvolvimento.

7 Falei dos Estados Unidos. Se o desenvolvimento fosse a paz, o americano seria um ser paradisíaco. Tem tudo. O seu país é o mais rico do mundo. O operário vive a vida que pediu a Deus. Tem muito mais direitos do que deveres. Na guerra, os metalúrgicos tiveram o sinistro descaro de fazer uma greve. Estavam comprometendo o esforço de guerra do país; e eles, que já ganhavam bastante, queriam mais uns tostões. Pergunto: — por quê, nos Estados Unidos, é mais fácil arranjar uma girafa do que uma

cozinheira? Porque, lá, a cozinheira é uma grã-fina. Boia numa banheira de leite de cabra como uma Paulina Bonaparte. E o próprio desempregado tem uma pensão suntuária.

8 Portanto, a ser verdade o que diz o “padre de passeata”, o americano devia estar dando graças a Deus de ser americano. Pelo contrário. Ainda me lembro daquele almoço de Porto Alegre. Estavam na mesa brasileiros e americanos. Um dos presentes era o nosso Sobral Pinto. E o grande Sobral começou a meter pau nos Estados Unidos, a fazer-lhe restrições crudelíssimas. Aconteceu, então, esta coisa prodigiosa: os americanos aderiram e malharam, também, a formidável nação. Daí a pouco, estava o Sobral a defender os Estados Unidos dos americanos.

9 Eis o que eu queria dizer: — o desenvolvido é um ressentido contra o desenvolvimento. Ninguém agride tanto os Estados Unidos como os próprios Estados Unidos. Há pouco tempo, passou nos cinemas de lá, em circuito normal, e, em seguida, nas TVs, um filme sobre “as atrocidades americanas no Vietnã”. Ora, numa guerra, todos cometem atrocidades contra todos. Seria fácilimo filmar as iniquidades de parte a parte. Mas os Estados Unidos trataram de reunir uma antologia de cenas que os comprometessem ao infinito.

10 E o sujeito que vê tal filme imagina que só os americanos matam, só os americanos ferem, só o americano dá tiro. Por sua vez, os jornais e as agências telegráficas tratam de vender, para o mundo, uma imagem aviltada de sua pátria. Qualquer radiofoto que possa ofender o país é distribuída para o mundo inteiro. As revistas norte-americanas encomendam, no estrangeiro, artigos contra os Estados Unidos.

11 Certa vez, um dos nossos intelectuais de esquerda escreveu um artigo absolutamente irracional. Lá dizia ele, mais ou menos, o seguinte: — só o americano gosta de beber, de ganhar, de matar, de roubar, etc., etc. Muito bem. E o intelectual patricio mandou traduzir o artigo e o remeteu a uma grande revista dos Estados Unidos. Pela volta do correio, recebeu o cheque suntuário. E, pouco depois, via, na tal revista, seu trabalho aberto, escandalosamente, em página dupla.

12 Todavia, o maior enfermo do desenvolvimento americano é o estudante. O Estado lhe dá tudo para ser um gênio. É tratado a pires de leite como uma úlcera. E, no entanto, a juventude universitária é de um antiamericanismo total. Recebi, ontem, de Nova York, a carta de um amigo meu. Diz ele que, na Califórnia, os dois líderes estudantis mais agressivos são um peruano e um venezuelano. Os desenvolvidos deixam-se manipular pelos latino-americanos. Pergunta-se: — e por que esse peruano e esse venezuelano assumem tal poder de liderança? Porque odeiam os Estados Unidos. Por isso, tantos universitários os seguem, fascinados.

13 Mais dramático é o nosso caso. O terrorismo instalou-se no Brasil. E os que o praticam são brasileiros que se dizem chineses. Por aí se vê que nos falta também, e por motivos diferentes, um mínimo de autoestima. Cabe então a pergunta: — por que a China, ou Cuba, ou Rússia, e não o Brasil? Por que esses homicidas, incendiários e assaltantes precisam pôr um sotaque no próprio ódio? Imaginem que nem os chineses entendem os chineses. O que nós chamamos China são várias Chinas. Eis um povo que não tem um idioma único e nem, ao menos, o mesmo Deus. Por enquanto, o que dá aos chineses uma certa unidade é o terror. Sabemos que o medo junta, e até quando? Há de chegar um dia em que, naquele território, aparecerão vários maos tsé-tungs, várias guardas vermelhas. E recomeçará o caos da China. Velha China, de Pearl Buck.

14 Vi tantas vezes jovens brasileiros gritando: “Vietnã, Vietnã, Vietnã!” Isso nas barbas da rua do Ouvidor, da rua Sete, do Largo da Carioca. E se confessavam, aos berros, chineses, ou vietcongs, ou cubanos. Certa vez, condenando meus artigos, telefonou-me uma aluna da PUC. Disse o diabo e concluía: — “Sou da linha chinesa.” Ninguém é brasileiro, nem quer fazer uma revolução brasileira. Simplesmente, o Brasil não existe. E vi, em outra ocasião, uma cena que não me canso de relembrar. Numa passeata, um jovem estudante carregava um cartaz: — “Muerte” a não sei o quê. O jovem queria matar em espanhol.

O Globo, 1/10/1969

30. Alienação

1 Faço anos dia 23 de agosto e confesso: — tenho, como o José Lino Grunewald, a alma do aniversariante. Nos meus sete, oito anos, minha família nem sempre teve uma fatia de pão com um pouco de manteiga para lhe barrar por cima. Não importa. Mesmo sem uma mísera cocada, sem uma mísera mãe-benta, eu celebrava, sozinho, a feliz data.

2 E, hoje, quero crer que o aniversário apagado e triste é mais lindo. Também o José Lino Grunewald sabe fazer anos como ninguém, e repito: — é um aniversariante vocacional. Muito bem. Fiz esta introdução para dizer o seguinte: — lembro-me, com implacável nitidez, de cada dia 23 de agosto de minha vida.

3 Dirão vocês que dou muita importância a meu próprio aniversário. Exato, exato. Dou, sim, uma importância capital. Todavia, há um 23 de agosto que me doeu com uma pungência mais aguda. E isso por dois motivos: — primeiro, porque eu fazia anos; e, segundo, porque era véspera de um suicídio histórico. Vocês já perceberam que falo de Getúlio.

4 Um suicida não se improvisa, assim como não se improvisa o artista, o poeta, o mágico, o mímico, o arquiteto. Portanto, teremos de antedatar a

tragédia getuliana. Não sei se me entendem e tentarei explicar. O suicídio é anterior a si mesmo. Começa muito antes, e direi mesmo: — começa no berço. Não sei se cabe falar em gesto nato. Ao vir ao mundo, o homem traz um repertório de atos facultativos e de atos obrigatórios.

5 Quando Getúlio nasceu, o tiro no peito estava inserido entre seus gestos obrigatórios. Em 30, ao assumir o Poder, já era o suicida. E, dia após dia, foi ainda e sempre o suicida. Até que, já aos 70 anos ou pouco mais, matou-se. Mas atirou no peito. Não estourou os miolos, como o faria um suicida banal. Quis preservar o rosto, o último rosto, para a história, para a lenda. O povo quer olhar a cara do líder morto.

6 Mas o que eu queria dizer é o seguinte: — Getúlio foi o último grande enterro do Brasil. Parou a cidade, parou o Brasil. Lembro-me de uma crioula, de gloriosas ventas raciais, que desmaiou junto ao caixão. Foi levada, arrastada por dois ou três. Que crioula, gorda como a babá de ...*E o vento levou*, retinta como a babá de ...*E o vento levou*, que crioula, repito, desmaiaria por um morto contemporâneo?

7 Somos 80 milhões. Examinemos, um por um, os 80 milhões. Façamos um censo de possíveis defuntos. E chegaremos à conclusão de que ninguém, no momento, justificaria um grande enterro. Por isso, falo na solidão do Brasil. Não há a perspectiva do “grande enterro” porque não há “grande homem” para enterrar.

8 Parece enfático falar em “solidão do Brasil”. Mas é a límpida e inapelável verdade. E como é árida a época que não consegue dar um defunto monumental! De repente, entendemos o mistério brasileiro. Somos uma rala, uma tênue orla litorânea. O que existe, fora de nós, é uma

imensa Sibéria florestal. E nunca o deserto siberiano daria um radiante cadáver.

9 Aqui, passo às nossas esquerdas. Sou uma flor de obsessão e, nos meus últimos escritos, tenho insistido no papel e destino das esquerdas brasileiras. Elas não faziam nada, senão beber no Antonio's, dourar-se na praia e rabiscar nos suplementos dominicais. Até que uma data universal deu-lhes a oportunidade sonhada: — o 1º de Maio.

10 As esquerdas se prepararam para entoar o que se chama, em ópera, o dó de peito. No mesmo dia 1º de maio, o Estádio Mário Filho apresentava um Flamengo x Vasco. O paralelo pode ser feito nos seguintes termos: — o jogo trouxe, em seu ventre, uma renda de 416 milhões de cruzeiros antigos. E ao comício compareceram apenas os oradores. Minto. Em verdade, compareceram alguns familiares dos oradores.

11 E o comício foi desses fatos íntimos, confidencialíssimos. O pior vocês não sabem. O pior é que, em pleno e furioso ato cívico, dois ou três oradores ligaram o rádio de pilha e ficaram ouvindo o jogo. Travou-se, ali, um duelo inesperado entre as duas retóricas: — de um lado, a libertária; de outro lado, a futebolística. Enquanto em São Cristóvão o orador fazia anti-imperialismo, no Mário Filho o locutor tratava de botinadas.

12 No dia seguinte, encontro-me com um esquerdista feroz. Numa cava depressão, gemeu: — “Como pode? Como pode?” Ele não entendia os 15 gatos pingados do comício e as duzentas mil pessoas do jogo. E, por uma boa meia hora, rosnou de impotência e frustração. Por fim, despediu-se. Mas estava de pé o problema, a saber: — por que o povo ignora as esquerdas?

13 Pelo simples motivo de que as esquerdas também ignoram o povo. Não se conhece, na Terra, caso mais prodigioso de alienação. Por outro lado, volto ao dado fúnebre, que me parece decisivo: — onde não há perspectiva de “grande enterro”, também não é viável o “grande comício”. E vêm as esquerdas e começam a falar do Vietnã, de Cuba, dos Estados Unidos. Se o problema é racismo, falam do norte-americano. E não há uma palavra, ou um palavrão, em favor do negro brasileiro. Simplesmente, o nosso negro não existe.

14 Poderão objetar que não há racismo em nosso país. Como não há, se nunca vimos um negro de casaca? Mas a fatal alienação das esquerdas começa na própria língua. Já citei uma passeata recente. Vários cartazes davam morras ao imperialismo. Mas a palavra escrita, a piche, era “Muerte”. Não morte, e sim “Muerte”. Os gaiatos odiavam em castelhano, queriam matar em castelhano. Punham sotaque até nos cartazes. Claro que ali se insinua a influência cubana. Mas Cuba é uma Paquetá, ou, se preferirem outra imagem, eu diria que é uma pulga e o Brasil, um fabuloso elefante geográfico. A troco de quê a pulga vai montar no elefante? Os gringos das nossas esquerdas representam o anti-Brasil, a negação do Brasil. As esquerdas não entendem o povo, nem o povo as entende.

O Globo, 10/5/1968

31. “O velho”

1 Em recente confissão, contei a minha visita a uma grã-fina que, de três em três meses, é capa de *Manchete*. E, de fato, sempre que Justino Martins está em apertos, vai ao arquivo e apanha a cara da minha belíssima anfitriã. O leitor nem desconfia que já viu a mesmíssima capa umas 15 vezes. Não há nada mais parecido com uma grã-fina do que outra grã-fina. Por dentro e por fora, todas se parecem. Quem viu uma, viu as outras.

2 Entro no palácio e nada descreve a minha perplexidade. Conheço, de longa data, a dona da casa. Mas como identificá-la, se lá todas se pareciam entre si como soldadinhos de chumbo? Cumprimentei umas oito, na ilusão de que era a própria. Até que uma delas, ligeiramente mais lânguida, ligeiramente mais afetada do que as demais, suspirou: — “Até que enfim veio à minha casa!” Fez-se luz em meu espírito. Era aquela.

3 Bem. Estou-me perdendo no secundário em prejuízo do essencial. O que eu queria dizer é que lá passei umas cinco horas. E, até o fim da noite, só se ouviu um nome e só se falou de uma figura: — Marx. Tudo era marxista. O mordomo de casaca devia ser outro marxista. Idem, os garçons dos salgadinhos, uísque e champanhe. E Marx não era apenas Marx. Não. De um momento para outro, passou a ser “o velho”. Damas e cavalheiros diziam “o velho” com uma salvação intensa.

4 Foi quando, a folhas tantas, alguém lembrou que “o velho” era dado a furúnculos. Houve um frêmito de volúpia geral e inconfessável. Parece meio difícil emprestar-se qualquer transcendência a uma furunculose. Pois bem. Havia, ali, um tal clima marxista, que os furúnculos do “velho” pareciam mais resplandecentes do que as chagas de Cristo. Os decotes palpitaram. Os cílios postiços tremeram. Havia como que uma voluptuosidade difusa, volatilizada, atmosférica. E, de repente, Marx deixava de ser o profeta, o gênio, o santo. Parecia mais um fauno de tapete, torpe e senil. Ao passo que as damas presentes seriam ninfas também de tapete.

5 Por aí se vê que uma simples furunculose pode deflagrar um misterioso surto erótico. Saí de lá às quatro da manhã e sem me despedir. Não foi incivilidade, absolutamente. É que eu reincidia na mesma confusão visual. Como reconhecer a anfitriã, se todas as presentes eram iguaizinhas umas às outras? Vim para casa e pensava em tudo que vira e ouvira no sarau grã-fino.

6 Eis o que eu pensava: — “Como a nossa alta burguesia é marxista!” E não só a alta burguesia. Por toda a parte, só esbarramos, só tropeçamos em marxistas. Um turista que por aqui passasse havia de anotar no seu caderninho: — “O Brasil tem 80 milhões de marxistas.” Hoje, o não marxista sente-se marginalizado, uma espécie de leproso político, ideológico, cultural, etc., etc. Só um herói, ou um santo, ou um louco, ousaria confessar, publicamente: — “Meus senhores e minhas senhoras, eu não sou marxista, nunca fui marxista. E mais: considero os marxistas de minhas relações uns débeis mentais de babar na gravata.”

7 Mas contei o episódio da furunculose para concluir: — como nós conhecemos Marx! E o conhecemos na sua intimidade mais doméstica,

prosaica e profunda. Somos autoridades em seus furúnculos. Do mesmo modo, estaremos informadíssimos sobre as suas tosses, bronquites, asma, aerofagias, etc., etc. Resta apenas uma pergunta: — e teremos a mesma intimidade com os seus escritos? Aqui se insinua a minha primeira dúvida.

8 Se não, vejamos. Há três ou quatro dias, fui eu a um sarau político. Lá, como no grã-finismo, o marxismo reinava. Cheguei disposto às provocações mais sórdidas. Meus bolsos estavam entupidos de notas. Reuni a fina flor da “festiva” e comecei: — “Venham ouvir umas piadas bacanérrimas. Ouçam, ouçam!” E, de repente, tornei-me extrovertido, plástico, histriônico, como um camelô da rua Santa Luzia. Promovia ideias como quem vende laranjas, canetas-tinteiro, pentes, isqueiros, calicidas.

9 Logo juntou gente. E comecei a ler frases de recente leitura: — “O imperialismo é a tarefa dos povos dominantes — Alemanha, França, Inglaterra, Estados Unidos.” Estes últimos “eram o país mais progressista do mundo”. “Contra o imperialismo russo, a salvação era o imperialismo britânico.” Outra: — “O defeito dos ingleses é que não são bastante imperialistas.” Quanto à História, “avança de leste para oeste”. O colonialismo é progressista porque os povos domináveis e colonizáveis só têm para dar “a estupidez primitiva”. O budismo é “o culto bestial da natureza”.

10 E que dizer da China? É uma “civilização que apodrece”. Por outro lado, a vitória dos Estados Unidos sobre o México, em 1848, foi uma felicidade para o próprio México. Dizia o autor que eu citava: — “Presenciamos a conquista do México E REGOZIJAMO-NOS PORQUE ESTE PAÍS, FECHADO EM SI MESMO, dilacerado por guerras civis, e negando-se a toda evolução, seja precipitado violentamente no movimento

histórico. No seu próprio interesse, terá que suportar a tutela que, desde este momento, os Estados Unidos exercerão sobre ele.”

11 Por outro lado, é maravilhosa a sujeição da Índia à Inglaterra. “A Alemanha é um povo superior e os latinos e os escravos, mera gentilha.” Ainda sobre os escravos: — “Povos piolhentos, estes dos Bálcãs, povos de bandidos.” Os búlgaros, em especial, são “um povo de suínos” que “melhor estariam sob o domínio turco”. Em suma: todos esses povos escravos são “povos anões”, “escórias de uma civilização milenar”. Mais ainda: — “A expansão russa para o Ocidente é a expansão da barbárie”, etc., etc.

12 Durante duas horas li para a “festiva”. Por fim, embolsei as notas e, arquejante, falei: — “Vocês ouviram. O autor ou autores citados já morreram. Quero saber se teriam coragem de cuspir na cova de quem escreveu tudo isso.” E outra pergunta: — “Quem pensa assim, e escreve assim, é um canalha? Respondam.” Em fulminante resposta, todos disseram: — “É um canalha!” Ainda os adverti: — “Calma, calma. São dois os autores! Vocês têm certeza de que são dois canalhas? E canalhas abjetos?” Não houve uma única e escassa dúvida. Os marxistas ali presentes juraram que os dois autores eram “canalhas” e abjetos. E, então, só então, alcei a fronte e anunciei: — “Agora ouçam os nomes dos canalhas.” Pausa e disse: — “Marx e Engels.” Fez-se na sala um silêncio ensurdecedor. Repeti: “Marx e Engels, os dois pulhas, segundo vocês.”

13 Tudo aquilo estava em *Marx et la Politique Internationale*, por Kostas Papaloanou, etc., etc. Os dois, Marx e Engels, eram paladinos fanáticos do imperialismo, do colonialismo, admiradores dos ianques, russófobos. Disseram mais: — “A revolução proletária acarretará um implacável terrorismo até o extermínio de todos esses povos escravos.”

14 Os marxistas que me ouviam eram poetas, romancistas, sociólogos, ensaístas. Intelectuais da mais alta qualidade. E entendiam tanto de Marx quanto de um texto chinês de cabeça para baixo. Eis a verdade: somos analfabetos em Marx, dolorosamente analfabetos em Marx.

O Globo, 3/5/1968

32. A doença infantil do palavrão

1 Que estaria fazendo eu, ontem, às três da madrugada? Sei que isso é intranscendente, irrelevante, mas vamos lá. Simplesmente, eu estava adulando minha úlcera com leite gelado. (Minha úlcera lambe leite como uma gata.) Pacificada a dor, vim para a janela espiar a noite. E comecei a pensar no teatro brasileiro.

2 (É triste ser inteligente com dor.) Escrevi, há dois ou três dias, que lavra, por todo o Brasil, a doença infantil do palavrão. Não há lembrança de outra época tão pornográfica. Dirá alguém que o brasileiro sempre foi um neto retardatário e ululante de Bocage.

3 Isso é e não é verdade. De fato, o povo sempre teve a boca suja. O nosso Pedro I, segundo informam a História e a Lenda, soltava, com larga e cálida ênfase, alguns dos mais truculentos palavrões da língua. E, assim, através dos tempos, cada geração recebe das anteriores um farto legado obsceno.

4 (Claro que a linguagem das mulheres sempre foi muito mais limpa.) Eis o que eu queria dizer: — no passado, o palavrão era muito mais solene, patético, vital. Bem me lembro de uma vizinha nossa, que perdeu a

filhinha, de febre amarela. (Era ainda a cidade dos lampiões e da febre amarela.)

5 Quando a menina morreu, e a mãe sentiu a morte, podia ter rezado. Rezado, em pé, erecta, a fronte alçada. Não. Ela se esganiçou em palavrões hediondos, inclusive alguns que os homens, os latagões presentes, não conheciam. Houve, junto à cama da agonia, um escândalo total. Mas logo todos perceberam que a dor pornográfica é ainda mais terrível.

6 Uns vinte anos depois, passo, com um amigo, pela praia de Ipanema. E, por um momento, ficamos, ali, feridos de espanto. Que dizer de um poente do Leblon? Um de nós poderia declamar a seguinte imagem de D'Annunzio: — “O crepúsculo rola em quedas de silêncio e de luz.” Em vez disso, o meu amigo arrancou, das próprias entranhas, um palavrão deslumbrado. Aquele poente de folhinha como que exigia o uivo obsceno, não convencional.

7 Disse obsceno e já retifico. Não houve obscenidade nenhuma. Houve, repito, uma unção e uma carga de espanto que a palavra comum não suportaria. Não sei se me entenderam. Mas o que eu queria dizer é que o palavrão não tinha nada de gratuito, de irresponsável. Nunca. E ainda outro exemplo: — fui ver um amigo que estava morre, não morre. Encontrei-o já com a dispneia pré-agônica. Houve um momento em que a mulher curvou-se e lhe fez a pergunta: — “Meu bem?” Sem abrir os olhos, soluçou um palavrão e morreu.

8 O homem era pornográfico para morrer. Ou ainda: — era pornográfico por ódio, medo, paixão. Havia sempre um sentimento forte. Hoje não. O chamado nome feio deixou de ser feio. Esvaziou-se o palavrão de toda a

transcendência, de todo o dramatismo. Ele já não causa o velho impacto heroico.

9 Realmente, é a doença infantil dos adultos. Ontem, contei, de passagem, as reações da plateia do *Rei da vela*. Um belo espetáculo e um elenco admirável. O diretor, José Celso, fez um nobilíssimo esforço. No fim, o texto era uma laranja chupada (o diretor extraíra todo o caldo). Um amigo, que foi comigo, dizia-me da peça: — “Não tem estrutura.” E, de fato, se lhe retirassem os palavrões enxertados, o *Rei da vela* não ficaria de pé cinco minutos.

10 O que explica o êxito do espetáculo é, exatamente, o engenho diabólico de José Celso. Não conversamos sobre a execução cênica do original. Mas quero crer que ele percebeu, em toda a sua força epidêmica e incontrollável, a doença infantil do palavrão. As falas de Oswald de Andrade não chegam ao público ou, na melhor das hipóteses, são de uma eficácia mínima. Quem reinou, através dos três atos, foi o palavrão.

11 Claro que há, no *Rei da vela*, uma mensagem. Mensagem para a qual a plateia é surda, cega e muda. Em dado momento, no terceiro ato, a peça emposta a voz e se torna gravíssima. O tédio do público é então indescritível. Ah, por que fazer um Oswald de Andrade solene, encasacado como um mordomo de filme policial inglês?

12 Já o rendimento plástico e auditivo do palavrão foi absoluto. Na minha frente estava um rapaz com a noiva. Passei duas horas seguindo as reações do casal. Diga-se de passagem que era a plateia mais antipolítica, mais anti-ideológica que já entrou no João Caetano. Volto ao rapaz (um latagão de vastas bochechas). A única coisa que o fascinava no espetáculo era a pornografia e toda a gesticulação correspondente.

13 E sempre que explodia um palavrão, nada descreve e nada se compara à delícia auditiva do noivo. Ficava escarlate de prazer (e os outros também). Lembro-me de que, na minha peça *O beijo no asfalto*, um velhinho trepou na cadeira e pôs-se a berrar: — “Indecentes! Imorais! Tarados!” Houve porém uma resistência solitária. Alguém, não identificado, estourou: — “Cala a boca, burro!” E o carequinha: — “Burro é a mão na cara!”

14 O momento mais alto do *Rei da vela* é quando a plateia, em sua unanimidade ululante, aplaudiu, de pé, o palavrão mais violento dos três atos. Ninguém fez cara feia; nenhuma senhora deu muxoxo; jamais um casal se retirou. No dia seguinte, encontro o doce Eduardo Chermont de Brito. Conto-lhe toda a minha experiência brasileira do *Rei da vela*. Pergunto: — “Chermont, que fazem os nossos sociólogos? Que faz o padre Ávila que ainda não deu uma aula sobre a doença infantil do palavrão?” O Chermont suspira: — “É o Brasil, é o Brasil!”

15 E há de ser também o Brasil o *Roda-viva* do Chico. Um dos Guinles foi lá, com a senhora, ver a peça. Queria o Chico terno, tímido, nostálgico. Pois bem: — e deu de cara com o truculento José Celso. Em *Roda-viva* há uma presença devoradora: — o José Celso. O casal Guinle saiu, no meio, como se fugisse do anti-Brasil. Mas é o Brasil, o novo Brasil com potencialidades imprevisíveis.

16 O público só irá, daqui por diante, ao espetáculo pornográfico. A plateia exige as duas coisas: — o palavrão e o gesto que lhe corresponde. É como se a obscenidade de palco justificasse e absolvesse a obscenidade do espectador. Se eu conhecesse o padre Ávila, ou outro sociólogo, ou quem sabe um psicanalista, ou ainda um pediatra, havia de perguntar-lhe: — há ou não, por todo o Brasil, a doença infantil do palavrão?

O Globo, 1/2/1968

33. Velho mito

1 Imaginem vocês a Irlanda de 1919 ou 1920. Havia lá, numa cidadezinha obscura, um prefeito igualmente obscuro. Não se notava entre ele e os demais nenhuma forte e crespa dessemelhança. Absolutamente. Não era pior, nem melhor do que milhões de irlandeses, vivos ou mortos. E tinha essa mediocridade de virtudes e defeitos que exigimos do bom marido e de exemplar funcionário.

2 Até que, um dia, esse burocrata apagado resolve fazer um protesto contra a Inglaterra. Hoje, todo mundo protesta. Há sujeitos que acordam indignados e não sabem contra quem, nem por quê. Naquele tempo, não. Depois de uma guerra, o mundo estava exausto do próprio ódio. Havia um tédio da violência e da paixão. Mas o homem resolveu desafiar todo o Império Inglês.

3 Anunciou a greve de fome e a começou. Claro que, em nosso tempo, as técnicas de comunicação têm uma eficácia e uma instantaneidade prodigiosas. Faz-se um gênio ou idiota, um santo ou herói em 15 minutos de fulminante promoção. Em 1920, ou 1921, porém, uma notícia ainda levava meia hora para chegar de uma esquina a outra esquina.

4 Assim mesmo, o mundo soube, já no dia seguinte, que alguém estava morrendo pela liberdade. (Não existe, hoje, palavra mais vã, mais sem caráter, e, direi mesmo, mais pulha do que “liberdade”. Como a corromperam em todos os idiomas!) Sim, o martírio do vago funcionário irlandês teve uma plateia mundial. Dia após dia, o prefeito ia morrendo, ia agonizando nas manchetes. A Inglaterra fez o diabo para salvá-lo. Mas aquele santo nacional não se corrompeu.

5 A morte amadurecia no seu coração atormentado e puro. Mas falei em “plateia mundial” e preciso acrescentar que eu, garoto de seis anos, de pé no chão, fui um dos espectadores. Na minha rua, em Aldeia Campista, os moradores apostavam na sua vida e na sua morte. E quando, finalmente, ele morreu, e morreu de fome e de sede, houve uma misteriosa irritação.

6 Quero crer que, em Aldeia Campista, o patriota irlandês só foi amado por mim. E amado porque eu era um menino, um pobre ser ainda incorrupto. Mais tarde, compreenderia que o santo, ou herói, ou mártir, ofende e humilha os demais. Na própria Irlanda, agonizou só e morreu só. A solidão do seu gesto, até hoje, ainda me fere de espanto.

7 Foi talvez o último herói do século. Não sei se exatamente o último. Vá lá — “o último”. Em nosso tempo, só conhecemos o heroísmo coletivo. Na guerra, não se viu uma Joana D’Arc. A heroína era Varsóvia, Roterdã, Londres ou Hiroshima. E, depois da guerra, o homem nunca mais ficou só. Cada um de nós é um comício, uma assembleia, uma unanimidade.

8 Na hora de odiar, ou de matar, ou de morrer, ou simplesmente de pensar, os homens se aglomeram. As unanimidades decidem por nós, sonham por nós, berram por nós. Qualquer idiota sobe num para-lama de automóvel, esbraveja e faz uma multidão. Um camelô de caneta-tinteiro é mais ouvido

do que os profetas antigos. E, quando está só, o homem começa a babar de pusilanimidade. As maiorias, as unanimidades ululantes, é que dão à nossa covardia um sentimento de onipotência.

9 Hoje, o prefeito irlandês seria uma rigorosa impossibilidade. Não teria sentido a sua feroz solidão. Sentiríamos falta, no episódio, da assembleia, do comício, da massa. E daí porque há, em nosso tempo, o ódio ao herói. Não existe figura mais indesejável, antiga, inválida, espectral.

10 Ainda há pouco, viu-se a França levantar-se contra De Gaulle. Lembrome de uma fotografia das greves francesas. É uma rua de paralelepípedos arrancados. É como se até os paralelepípedos estivessem contra o herói. Disse eu, linhas atrás, que o prefeito irlandês, em sua inútil greve de fome, fora o último caso de heroísmo solitário. Faço a correção: — existe também De Gaulle. Outro dia, uma estagiária do *Jornal do Brasil* veio perguntar-me: — “Qual a sua opinião sobre De Gaulle?” Eu poderia ter dito: — “De Gaulle é o passado.” E estaria certo. O herói é o passado.

11 Mas como ia dizendo: — o país se levantou contra o mito. Estudantes levavam cartazes assim: — “De Gaulle assassino”, “Fora De Gaulle”, etc., etc. E o prodigioso é que a França foi a pátria dos heróis. Mas não se iludam. A própria França é o passado. Diante de nós está a anti-França.

12 No momento em que o país se matava em greves, De Gaulle fez um pronunciamento. Disse: — “*Eu* sou a Revolução.” Mas vejam a obstinação com que ele se diz “*eu*”. Usa uma linguagem morta, até o último vestígio. Ao se apresentar como o último “eu” do século, De Gaulle pôs entre ele e o seu povo toda uma distância irreversível.

13 Dirá alguém que os paralelepípedos foram repostos, que não há mais carros virados e que apagaram o incêndio da Bolsa. Por outro lado, os operários que sequestraram os gerentes já os devolveram. Tudo isso é certo. Mas nada impede que De Gaulle seja o puro e irremediável passado. O herói está só e cada vez mais só. Sei que o resultado das eleições parece uma ressurreição. De Gaulle ganha por toda a parte. Mas é preciso ver o que há de aparente, de ilusório, de efêmero em tal vitória. São os cem dias napoleônicos.

14 O que se passou entre ele e o seu povo é uma incompatibilidade irremediável, fatal. A França das assembleias, das maiorias, das unanimidades não aceita mais o herói solitário e formidável. De Gaulle não sabe que está morto, e faz discursos.

O Globo, 27/6/1968

34. As cabeças rolantes

1 E ninguém fala dos estudantes tchecos. Quando os jovens da França começaram a virar carros, a arrancar paralelepípedos e a incendiar a Bolsa, as manchetes se assanharam, em todos os idiomas. Ninguém entendia nada. A primeira Revolução Francesa fora nítida e profunda. Derrubou-se a Bastilha, decapitou-se Maria Antonieta e instalou-se o Terror. Mas sabíamos por que as coisas aconteciam e por que rolavam as cabeças.

2 Mas a recente agitação estudantil teve um defeito indesculpável: — faltou-lhe o Terror. O mundo ainda faz a pergunta sem resposta: — “Onde estão as cabeças cortadas?” Simplesmente, não estão, nem houve. Ninguém decapitou ninguém. E, como não havia gasolina, ninguém morria, nem atropelado.

3 Pode-se dizer que nem tudo se perdeu no caos estudantil. Eu diria que se salvaram algumas frases. Fala-se muito da prosa francesa. E, de fato, as maiores bobagens ditas em francês têm um insuperável requinte estilístico. Além de arrancar a capa de asfalto, e pôr fogo nos carros, os estudantes faziam as belas frases. Uma delas dizia assim: — “É proibido proibir.” Houve um dia que todos os muros parisienses não diziam outra coisa. Por toda parte, o berro vital: — “É proibido proibir.”

4 E todos os fatos eram possíveis. Numa assembleia de estudantes, levantou-se um barrigudo: — “Quero falar. Sou um capitalista.” Um jovem líder se levanta: — “Fala o camarada capitalista.” E o gorducho disse ao que veio. Em seguida, o poeta Aragon pede a palavra. Um estudante diz: — “Aqui, qualquer um pode falar, inclusive o último dos traidores. Aragon é stalinista e, como tal, o último dos traidores”, não só da França, não só da poesia, como da própria pessoa humana. Falou, como o camarada canalha.

5 Naturalmente, vocês querem saber qual figura fez Sartre no lírico tumulto daqueles dias. Ah, Sartre, Sartre! Quando o filósofo esteve no Brasil, o nosso papel foi, se me permitem dizê-lo, meio indigno. Sim, os nossos intelectuais se comportaram como se fôssemos a mais deprimente subcolônia espiritual. Fui ver uma de suas conferências. Quando ele apareceu, a plateia só faltou lambe-lhe as botas como uma cadelinha amestrada. E foi aí que eu descobri que há, sim, admirações abjetas.

6 Mas o francês não admira outro francês com esse estupor. E os estudantes de lá trataram o filósofo de alto a baixo. Quase não houve conversa. A rapaziada ouvia Sartre com irônica indulgência. Por fim, o gênio levantou-se, humilhadíssimo; disse: — “Vocês têm mais imaginação do que eu.” Saiu de lá trôpego e derrotado. Os jovens o enxotaram, e assim começou a solidão de Sartre.

7 Mas a grande frase da quase Revolução Francesa foi mesmo a do general De Gaulle. O velho herói parecia um mito exausto. A jovem massa levava cartazes assim: — “Fora De Gaulle”, “De Gaulle Assassino”, “Morte Para De Gaulle”. O general estava fora. Sim, o mito passeava. Quando voltou à França, declarou para o seu povo: — “Eu sou a Revolução!” Foi um espanto mundial. E todos sentiram que De Gaulle era

o último “eu” do Século. Olhem o nosso mundo, virem e revirem a nossa época. Não há outro “eu”. E o herói septuagenário parece um momento da insânia humana. Só um louco, em sua danação, pode-se julgar um “eu”.

8 Nem precisamos ir tão longe. Vamos olhar o Brasil. Antes, porém, de falar do Brasil, quero lembrar os versos que Rainer Maria Rilke escreveu para o próprio túmulo. Só me lembro de um momento do epitáfio. É quando diz o poeta que o morto sente “a volúpia de ser ninguém”. Aí está o mistério da nossa época. Fora um insano, como De Gaulle, que se imagina “eu”, não há mais as fortes e crispadas individualidades, que ofendiam e humilhavam os demais com a sua dessemelhança genial.

9 Mas deixemos de lado os outros países e os outros homens. O que me interessa é o Brasil, é o brasileiro e, em especial, o nosso teatro. Sempre digo que só os profetas enxergam o óbvio. O que eu chamo de óbvio é este fato: — o teatro brasileiro acabou antes de começar. Na altura de 1940, sentiu-se aqui uma enorme tensão criadora; e cheguei a pensar que ia nascer a nossa tragédia. Toda uma geração de autores, diretores, atores parecia saturada de potencialidade.

10 Essa plenitude durou pouco. De repente, estancou o processo teatral. Falei do “nascimento da tragédia” no Brasil. E o que aconteceu foi espantoso: a “tragédia brasileira” ainda não nasceu e já está decadente. Entendem? Decadente antes de nascer. Todo o maravilhoso ímpeto inicial se esvaiu e se corrompeu no *show* idiota. Mas há pior e, repito, há pior. O *show* ainda tem uma relação com o teatro. Acontece que os diretores, autores, atores e atrizes abandonam o palco. Cabe então a pergunta: — e onde estão eles?

11 Cada qual assume a forma impessoal, numerosa e irresponsável da assembleia, do comício, da comissão, do manifesto, da passeata e da unanimidade. Só agimos, só sentimos, só amamos e só odiamos em massa. Sim, estamos todos massificados. E cada um sente, como no epítáfio de Rilke, a volúpia de ser ninguém. O sujeito se dissolve na passeata, na assembleia, na unanimidade. E ninguém faz as coisas simples e profundas que o teatro exige. Em vez de realizar o *Hamlet* ou *A dama das camélias*, a classe desfila da Cinelândia à Candelária. E basta.

12 E, por isso, dizia eu que o teatro está morto, no Brasil. Morreu a partir do momento em que nos politizamos. Felizmente, a nossa traição ao “drama brasileiro” tem nobilíssimas razões e, eu diria mesmo, razões sublimes. Não escrevemos peças, nem as representamos, e tampouco as dirigimos. Em compensação, salvamos o Vietnã e, ao mesmo tempo, resolvemos o problema da fome mundial. Dirá alguém que a fome do homem resistiu a Cristo, Buda, Alá, Maomé, Marx, Freud. Mas os citados falharam, por azar, inépcia, incompetência, má-fé, corrupção. O que não acontece com a Classe Teatral. Bem me lembro da nossa última assembleia. Enquanto vociferávamos, o Pentágono foi surpreendido a ouvir-nos, atrás das portas; e do seu lábio vil pendia a baba elástica e bovina da pusilanimidade.

O Globo, 26/7/1968

35. Terreno baldio

1 Ah, como é falsa a entrevista verdadeira! Não sei se me entendem. Eis o que eu queria dizer: — trabalho em jornal desde os 13 anos e tenho 55 anos. Façam as contas. São 42 anos. Depois de 42 anos de redação, o sujeito acumulou uma experiência em nada inferior às obras completas de William Shakespeare.

2 Posso ir à boca de cena, alçar a fronte e anunciar para a plateia: — “Eu vi tudo e sei tudo.” Não vejam imodéstia nas minhas palavras. Qualquer repórter de polícia, em fim de carreira, terá a mesmíssima vidência shakespeariana. O mérito não é nosso, mas estritamente profissional. E, depois de 42 anos de vida jornalística, posso repetir: — nada mais cínico, nada mais apócrifo do que a entrevista verdadeira.

3 Não me esquecerei nunca do meu primeiro entrevistado. Se não me engano, era o diretor da Casa da Moeda (ou seria da Imprensa Nacional?). Mas não importam os títulos do homem, nem suas funções. O entrevistado é sempre o mesmo, variando apenas de terno e de feitio de nariz. No mais, há uma semelhança espantosa. Nem importa o assunto. Seja batalha de confete, ou Hiroshima, um cano furado, ou os Direitos do Homem. O que vale é o cinismo gigantesco. O sujeito não diz uma palavra do que pensa, ou sente.

4 E o pior é o gesto, é a ênfase, é a inflexão. O diretor da Casa da Moeda, que também podia ser da Imprensa Nacional, recebeu-me no seu gabinete. Falou uma hora, ou mais. Hora e meia. Mas fosse um Bismarck e daria no mesmo. Ele se perfilava para falar, como se a sua palavra fosse o próprio Hino Nacional.

5 Fiz outras entrevistas, centenas, dezenas de entrevistas. E todas me deixaram a mesma sensação de cinismo. No fim de alguns anos, eis a minha certeza definitiva, inapelável: — ninguém devia ser entrevistado, nem os santos. Até que, um dia, na crônica, ocorreu-me a ideia das “entrevistas imaginárias”. Aí estava a única maneira de arrancar do entrevistado as verdades que ele não diria ao padre, ao psicanalista, nem ao médium, depois de morto.

6 Fascinou-me a “entrevista imaginária”. Precisava, porém, arranjar-lhe uma paisagem. Não podia ser um gabinete, nem uma sala. Lembrei-me, então, do terreno baldio. Eu e o entrevistado e, no máximo, uma cabra vadia. Além do valor plástico da figura, a cabra não trai. Realmente, nunca se viu uma cabra sair por aí fazendo inconfidências. Restava o problema do horário. Podia ser meia-noite, hora convencional, mas altamente sugestiva. Nada do que se diz, ou faz, à meia-noite é intranscendente. Boa hora para matar, para morrer ou, simplesmente, para dizer as verdades atrozes.

7 Fiz “entrevistas imaginárias” com jogadores, dirigentes de futebol, literatos. Ainda anteontem, o Antonio Callado foi meu convidado no terreno baldio. Mas eu sentia, de maneira obscura, quase dolorosa, que faltava alguém no capinzal. — “Mas quem?” — eis o que me perguntava. — “Quem?” E, súbito, um nome ilumina minhas trevas interiores: — “D.

Hélder!” De todos os vivos ou mortos do Brasil, era ele o mais urgente, o mais premente. E, de mais a mais, uma batina é sempre paisagística.

8 Ontem, finalmente, houve, no terreno baldio, a “entrevista imaginária”. À meia-noite, em ponto, chegava d. Hélder. Lá estava também a cabra, comendo capim, ou, melhor dizendo, comendo a paisagem. À luz do archote, começamos a conversar. Primeira pergunta: — “O senhor fuma, d. Hélder?” Resposta: — “A entrevista é imaginária?” Acho graça: — “Ou o senhor duvida?” E d. Hélder: — “Se é imaginária, fumo. Qual é o teu?” Digo: — “Caporal Amarelinho.” Cuspiu por cima do ombro: — “Deus me livre! Mata-rato!”

9 Faço a pergunta: — “Que notícias o senhor me dá da vida eterna?” Riu: — “Rapaz! Não sou leitor do *Tico-Tico* nem do *Gibi*. Está-me achando com cara de vida eterna?” No meu espanto, indago: — “E o senhor acredita em Deus? Pelo menos em Deus?” O arcebispo abre os braços, num escândalo profundo: — “Nem o Alceu acredita em Deus. Traz o Alceu para o terreno baldio e pergunta.”

10 Ele continuava: — “O Alceu acha graça na vida eterna. A vida eterna nunca encheu a barriga de ninguém.” d. Hélder falava e eu ia taquigrafando tudo. Aquele que estava diante de mim nada tinha a ver com o suave, o melífluo, o pastoral d. Hélder da vida real. E disse mais: — “Vocês falam de santos, de anjos, de profetas, e outros bichos. Mas vem cá. E a fome do Nordeste? Vamos ao concreto. E a fome do Nordeste?”

11 Não me ocorreu nenhum outro comentário senão este: — “A fome do Nordeste é a fome do Nordeste.” D. Hélder estende a mão: — “Dá um dos teus mata-ratos.” Acendi-lhe o cigarro. D. Hélder não para mais: — “Diz cá uma coisa, meu bom Nelson. Você já viu um santo, uma santa? Por

exemplo: — Joana D’Arc. Já viu a nossa querida Joana D’Arc baixar no Nordeste e dar uma bolacha a uma criança? As crianças lá morrem como ratas. E o que é que esse tal de São Francisco de Assis fez pelo Nordeste? Conversa, conversa!”

12 Lanço outra isca: — “É verdade que o senhor vai para o Amazonas?” Riu: — “Onde fica esse troço? Ó rapaz! Ainda nunca desconfiaste que a fome do Nordeste é o meu ganha-pão? E o Amazonas é terra de jacaré. Tenho cara de jacaré?” Concorde em que ele não tem nenhuma semelhança física com jacaré. Indago: — “E o comunismo?”

13 D. Hélder conta: — “Quando estive nos Estados Unidos, bolei um cartaz assim: — ‘O Arcebispo Vermelho!’ Era eu o Arcebispo Vermelho, eu!” Insinuei a dúvida: — “Mas esse negócio de comunismo é meio perigoso.” Nova risada: — “Perigosa é a Direita. A Direita é que não dá mais nada. O ‘Arcebispo Vermelho’ fez um sucesso tremendo nos Estados Unidos.”

14 Pede outro cigarro. Fez novas confidências: — “Sou homem da minha época. Na Idade Média, eu era da vida eterna, do Sobrenatural. Fui um santo. É o que lhe digo: — cada época tem seus padrões. Benjamin Costallat, no seu tempo, era o Proust. O *charleston* já foi a grande moda. Pelo amor de Deus, não me falem da vida eterna, que é mais antiga, mais obsoleta do que o primeiro espartilho de Sarah Bernhardt. Hoje, a moda não é mais Benjamin Costallat, nem o *charleston*. Entende? É Guevara. O santo é Guevara. E acompanho a moda.”

15 Desfechei-lhe a pergunta final: — “E a Presidência da República?” D. Hélder respira fundo: — “Depende. A fome do Nordeste é o barril de pólvora balcânico. Fome, mortalidade infantil, muita miséria e cada vez

maior. Chegarei lá.” Era o fim da “entrevista imaginária”. Despedi-me assim: — “Até logo, presidente.” Respondeu: “Obrigado, irmão.” E antes de partir fez a última declaração: — “Olha, as donas de casa têm uma simpatia para curar dor de barriginha em criança. Acredito mais na simpatia do que na Ressurreição de Lázaro.” Disse isso e sumiu na treva.

O Globo, 14/3/1968

36. Caça-níqueis

1 Passo na redação e apanho um bilhete de *Playboy*, a revista de nus. Viro, reviro o envelope. Ai de nós, ai de nós! Tudo que tenha um vago sotaque norte-americano já exala o terror. Finalmente, tomo coragem e abro o envelope.

2 Era uma meia dúzia de linhas. Simplesmente, o correspondente de *Playboy* queria, de mim, um favor de colega para colega. Pedia, em suma, informações urgentes sobre “Palhares”, o brasileiro ilustre que surpreendera o país com seus métodos originais e revolucionários de “Educação Sexual”. *Playboy* queria biografia, o nome completo, idade, estado civil, etc., etc. Li e reli, na mais absurda das perplexidades.

3 Eis o que me perguntei: — “Palhares, que Palhares?” Por um desses lapsos fatais, não me lembrava de ter conhecido, aqui ou alhures, em passado recente ou longínquo, nenhum Palhares. Seria Tavares? Eu conhecia um Tavares. Mas esse Palhares que, de repente, invadia a minha vida, era o desconhecido total, jamais visto, jamais cumprimentado. O bilhete dava, embaixo, no canto da página, um número de telefone. Liguei.

4 Por sorte, encontrei o diabo do correspondente. Disse-lhe a feia e humilhante verdade. Não conhecia nenhum Palhares, vivo ou morto. O colega internacional não queria acreditar. Mas como, se, no momento, o Palhares é o nome obsessivo, a figura obrigatória? Só se falava no Palhares. Toda a cidade repetia os feitos do Palhares, as anedotas de Palhares, as piadas do Palhares. Saí do telefone, humilhadíssimo. Numa amargura medonha, pensava na ideia que a *Playboy* faria de mim, o único brasileiro que desconhecia o Palhares!

5 Vejam como são as coisas. Horas depois, estou, num boteco, tomando cafezinho em pé, quando se irradia uma luz de minhas profundezas e eu descubro a verdade jamais imaginada. O misterioso Palhares era simplesmente o Palhares. Eu o conhecia, sim, e de longa data; e mais: — eu o vira de calças curtas, roubando goiabas. Coisa de espantar: — o Palhares era um sobrenome. O seu nome por extenso é uma maciça impossibilidade. Ele próprio o diz: — “Desde garotinho, sempre fui Palhares, e só Palhares!”

6 Nada quer ser mais além de Palhares. De mais a mais, o nosso herói é conhecidíssimo do leitor. Várias vezes, aqui mesmo, nesta coluna, narrei o seu maior feito. Se vocês não se lembram, posso repetir. Eis o episódio: — certa vez, o Palhares cruza com a cunhada no corredor. Não diz nada. Segura a mocinha e dá-lhe um beijo no pescoço. Ali, inaugurou-se um novo canalha. Não sei por inconfidência de quem, a torpeza espalhou-se. E quando o Palhares passava, havia o cochicho estarecido: — “O que não respeita nem as cunhadas!”

7 Vivemos uma época tão surpreendente, que a vil audácia foi de uma prodigiosa e fulminante eficácia promocional. Todas as portas se abriram para o canalha. No emprego, por coincidência ou não, o chefe aumentou-

lhe o ordenado. Certa vez, fui a um aniversário. Estava lá o Palhares. Tão cínico que, a um canto, perto da janela, cheirava uma camélia. Não era camélia, mas vá lá. E lembro-me de que uma senhora gorda, abanando-se com uma *Revista do Rádio*, suspirava: — “Adoro o Palhares!” Dizia isso e tinha, no pescoço, um colar de brotoejas. Em outra ocasião, entrei no Antonio’s e o vejo com um vasto embrulho debaixo do braço. Pergunto: — “Que é isso?” E ele, com ardente seriedade: “O Cristo!” Em seguida, desembulha e mostra o retrato de Guevara. Lá estava o guerrilheiro, de boina, a cara virilizada por uma barba crespa. Guevara era o Cristo.

8 Chamo o canalha para um canto. Digo-lhe: — “Rapaz, a piada tem um limite.” Ele refaz o embrulho, amarra o barbante e se justifica: “A cruz não dá mais nada. É preciso, de vez em quando, mudar de Cristo.” Olha para os lados e baixa a voz: — “Este retrato é uma mina. Convido as meninas para ver o Guevara no meu apartamento. Tiro e queda. Vai por mim: — é o verdadeiro Cristo. Esse negócio de amar o próximo é uma laranja chupada. Não pinga mais nada.” E, no fim, deu-me o conselho: — “Você tem de ser socialista. É o golpe.”

9 Mas nunca me ocorrera, nem como hipótese suicida, que, um dia, o Palhares viesse a explodir como o revolucionário da “Educação Sexual”. Bati o telefone: — “Escuta, Palhares. Que negócio é esse de professor? E de ‘Educação Sexual’ ainda por cima?” Fiz-lhe mesmo a pergunta contundente: “Desde quando deixaste de ser analfabeto?”

10 Sendo um canalha, o Palhares tem uma virtude admirável: — não reage. Achou uma graça saudabilíssima. Inicialmente, foi de um luminoso impudor: — “Continuo o mesmo analfabeto, o mesmo. Não leio nem manchete.” Fiz a pergunta impaciente: — “Mas qual é o teu colégio?” Ao ouvir falar em colégio, Palhares soltou uma gargalhada de se ouvir no fim

da rua: — “Colégio? Me achas com cara de colégio?” Eu já não entendia mais nada. Já o canalha explicava: — “Faço ‘Educação Sexual’ a domicílio. Percebeste? A domicílio.”

11 Em todas as suas palavras, inflexões, pontos de vista, sentia-se o bem-sucedido total: — “Podes chamar-me de analfabeto. E eu sou analfabeto com muita honra. Mas escuta: — ninguém precisa do ‘bê-á-bá’ para ensinar ‘Educação Sexual’. Conversamos duas horas. Afirma o Palhares que nós tivemos sorte de nascer na presente época. “Os novos tempos são tão gigantescos que a gente pode dizer tudo, fazer tudo, pensar tudo.”

12 Quase me despedindo, fiz uma amarga ironia: — “Resumindo, qual é o conselho que você me dá?” Fingiu modéstia: — “Quem sou eu pra te dar conselhos?” Insisti. E, então, o canalha tira um pigarro, coloca a voz e diz, gravemente: — “Seja o ex-católico. No momento, é o que dá mais. O ex-católico tem todos os trunfos na mão.”

13 Aquilo deu-me um novo e agudo interesse pela conversa. Eu já queria crer que certas coisas, certas verdades, exigem um canalha para dizê-las. Pergunto: — “Que história é essa de ex-católico?” O nosso Palhares foi preciso: — “É o seguinte. Repara. Há uma colossal maioria católica. Não há? É o óbvio.” E continuou. Segundo ele, não adianta nada ser “maioria”. Quem tem o poder de decisão, e o exerce furiosamente, é uma pequena minoria de ex-católicos. O Palhares cita como exemplos de ex-católicos o dr. Alceu e d. Hélder. Ah, os minoritários como influem, como decidem, como agitam. E a maioria católica está aí, por todo o Brasil, aturdida, acuada, humilhada. Ouvi o Palhares sem interrompê-lo. Terminou com uma profecia jucunda: “Toma nota. Escreve o que te estou dizendo. Ainda seremos o maior povo ex-católico do mundo.”

O Globo, 19/6/1968

37. Nelsinho

1 Depois do último carnaval, passei uma semana escrevendo sobre o mesmo assunto. Meus amigos me chamam de “Flor de Obsessão”. Ainda ontem, recebo uma carta de Roma. E lá vinha escrito, no envelope, “Nelson Rodrigues” e, por baixo do nome, a “Flor de Obsessão”. (Há, em tal metáfora, como que um odor de folclore havaiano. Mas isso é outra conversa.) Meus amigos não exageram. Eu sou assim, e digo mais: convivo muito bem com as minhas ideias fixas.

2 E a minha fixação, nos quatro dias de carnaval, foi a nudez unânime. Imaginem uma cidade que se despia, e com a agravante: — não se despia para o namorado, noivo, marido ou lá o que fosse. Não. Um, apenas um, seria muito pouco para o seu impudor. (Hoje, a própria palavra “pudor” é tão antiga e irreal como, como... Vejamos uma palavra bem fora de moda. Já sei: — “supimpa”. Aí está: — supimpa.) Mas as mulheres se despiam para milhões de telespectadores. Milhões.

3 Não saí de casa. Fundei a minha solidão diante do vídeo. E, de repente, aparece uma conhecida minha, aliás uma menina linda, linda. Um mês antes perdera o marido, um jovem aviador, moreno como um galã de neorrealismo italiano. O jato batera numa montanha e não restara do ser amado, para a viúva, um relógio, uma aliança, uma obturação. E, um mês

depois, ela pôs um sarongue em cima da eterna saudade e levou a viuvez para sambar.

4 Por uma fúnebre coincidência, as câmeras não tiraram o olho da viúva. Ela apareceu duzentas vezes em cada dia. O rosto era lindo. Todavia, ninguém estava lá para promover rostos. E a televisão só mostrava o umbigo, vejam vocês, o umbigo da menina. Minto. Mostrava também uma pequena cicatriz de apendicite. E o umbigo e a cicatriz, ampliados, tinham uma dimensão miguelangesca.

5 Depois do carnaval, andei tendo sonhos hediondos. E, no pesadelo, era atropelado por milhões de umbigos, por milhões de cicatrizes. Eis o que eu queria dizer: — na série de artigos, em torno da festa de nus, disse eu o que me parece ser uma verdade eterna: — nada mais feio do que a nudez sem amor. O ideal seria que só o bem-amado pudesse ver um decote. Dirá alguém que o decote é tão pouco. Sei que é tão pouco. Mas só o bem-amado devia olhar o decote. Escrevi mais: — como é triste e, mesmo, vil a nudez que ninguém pediu, que ninguém quis ver, e que nenhum desejo explica. A Marilyn Monroe também se despiu para uma folhinha. Mas teve um preço, um cachê. Era um impudor mercenário. Mas parece mais vil a nudez de graça, a nudez sem gratificação.

6 Foi mais ou menos isso que escrevi em três ou quatro artigos. E, um dia, recebo a carta de uma leitora indignada. Começou por me chamar de “velho”. Até aí nada de mais, porque sou realmente uma múmia. Mas ela continua e logo percebo que não se trata de uma velhice de idade, mas de espírito. E dizia mais: — que só um velho podia-se interessar pela nudez feminina. Os jovens tinham mais em que pensar, etc., etc. Achei a carta da leitora uma delícia rara. Dois ou três dias depois, conversei com um clínico famoso. E ele estava apavorado. Disse-me que nota nas novas

gerações um ressentimento contra o Sexo, contra o Amor e contra a Mulher. Isso da parte dos homens. E as meninas têm a mesma aridez. Os jovens de ambos os sexos sentem o tédio antes do amor e esquecem antes da posse.

7 Vejam bem. Se a leitora e o médico têm razão, os únicos homens válidos são os velhinhos nostálgicos e espectrais da porta da Colombo. E os moços plásticos, elásticos, ornamentais da praia? Bem. Sempre me pareceu que, aos 20 anos, o sujeito não sabe nem como se diz “bom-dia” a uma mulher. Simplesmente não sabe como tratar uma mulher. Mas no passado a vitalidade o salvara. Vitalidade talvez cega, talvez obtusa, talvez brutal. Mas, repito, essa vitalidade era alguma coisa. E, de repente, vêm a leitora e o médico e dizem: — só os velhos ainda se interessam por amor, só os velhos ainda se interessam por Sexo.

8 A princípio, fiquei em pânico. Mais tarde, pensando melhor, cuidei que tinha sido um exagero da leitora e do clínico. Não era possível. E, no entanto, vejam vocês: — acabei de ler um prodigioso artigo de Nelsinho Motta. Sim, o escritor, o jornalista, o ensaísta, o sociólogo, o letrista, o homem de televisão. Não sei se vocês o conhecem. Se não conhecem, tentarei descrevê-lo, por dentro e por fora. Fisicamente, é pálido e diáfano como Werther ou, se preferirem, como Alfredo da *Traviata*. Não sei se tal “Alfredo” tinha costeletas. Mas quero acreditar que, de costeletas, o Nelsinho seria o próprio. Ainda no terreno da ópera, lembra também o pajem do *Rigoletto*. E por dentro é de uma fragilidade ideal. Sua estrutura psíquica não resistiria a um sopro de apagar velinha de aniversário.

9 (Por um lapso indesculpável, eu ia-me esquecendo de um dado fundamental: — nunca foi à praia. No momento em que cada brasileiro é moreno como um havaiano de Hollywood, a palidez do Nelsinho Motta

faria o maior sucesso nos velhos folhetins.) E foi essa flor de *biscuit* que, subitamente, escreveu um artigo feroz. Imaginem um javali com todas as cerdas eriçadas. Assim é Nelsinho Motta na primeira e admirável fúria de sua vida. O pretexto foi a música popular.

10 O autor fala como jovem e em nome dos jovens. Os idiotas da objetividade diriam que a ira do Nelsinho (só comparável à de Zola) tem motivos menos nobres e estritamente competitivos. Mas vejamos. Ele arrasa os compositores que pretendem “uma música pura, romântica, que eleve a alma”; e que querem impressionar as meninas (o que é o caso de todos os brasileiros vivos e mortos). Diz o caro Nelsinho que essa espécie está-se extinguindo. Com um pouco mais, estaremos todos desinteressados de meninas. Essa castração do homem brasileiro chega a ser comovente.

11 Em tom épico, fala da juventude que lutou nas ruas de Paris. Mas que luta? Contra os paralelepípedos, contra os carros virados? Não houve uma cabeça quebrada, uma fratura, nada. E continua o Nelsinho. Fala nas passeatas. Realmente, as passeatas! Alguém viu um negro, um operário, um roto, um esfarrapado? Mas o autor afirma que as passeatas vão salvar o Brasil. E, súbito, ele cita o Chico Buarque de Hollanda e o inclui na lista dos jovens que não gostam de amor. Mas é falso. O Chico é anti-*Roda-viva*. “A banda” é anti-*Roda-viva*. Não há autor mais lírico, e que toque mais às meninas, e mais terno, e mais “sentimentaloide”, e mais “desvinculado do mundo em que vivemos”. Aí está: — o vil e canceroso mundo em que vivemos não admite, segundo o Nelsinho, nem Amor, nem Sexo, nem Mulher e, muito menos, Homem.

12 E mesmo o Nelsinho, que é o próprio Werther? Como ele se explica, como ele se justifica? Mas, de qualquer maneira, acredita em passeatas. Na próxima, ponha um negro na marcha; um operário; um esfarrapado; um

torcedor do Flamengo; uma crioula dando o peito seco ao filhinho recém-nascido. Não me comove a passeata das Classes Dominantes. É preciso tirar a fome brasileira de sua hedionda solidão.

O Globo, 1/8/1968

38. Os abnegados

1 Há uma página de *Os Maias* que não consigo esquecer. Imaginem um ministro de Educação que não tinha cara, só tinha testa. Nem um mísero e escasso fio de cabelo. Tamanha testa foi o seu destino e sua glória. Ele não precisava ciciar uma palavra, ou desdenhar um gesto, ou piscar um olho. A testa bastava e repito: — a testa era a evidência mesma do gênio.

2 Uma noite, está o nosso ministro numa recepção. Cercado de damas e cavalheiros por todos os lados. E, súbito, alguém fala na Inglaterra. S. Ex.^a achou bonito o nome, o som. Inglaterra. E vira-se, então, para o Ega, que estava a dois passos. Pergunta-lhe: — “Sabe se, na Inglaterra, há folhetinistas de pulso, como aqui? Talentos como os nossos?” Primeiro, o Ega tem uma vertigem diante da testa inaudita. Em seguida, informa: — “Lá não há literatura.” Diz então o ministro: — “Logo vi. Povo prático, essencialmente prático.”

3 Eis o que eu queria dizer: — sou um pouco essa admirável testa de *Os Maias*. Em criança, só li folhetim. E ainda hoje, tanto tempo depois, ainda preservo a nostalgia dos Sue, dos Perez Scrigh, dos Dumas pai, dos Ponson Du Terrail. Outro dia, fui a uma festinha em casa de um amigo. E, de repente, vem a dona de casa, com um pratinho. Pergunta: — “Aceita rocambole?” Esse nome arremessou-me no passado profundo.

“Rocambole” era o nome de um herói de Ponson Du Terrail e título também do próprio folhetim. Disse, radiante: — “Pois não, pois não.” E os dois ficaram justapostos na minha memória: — o personagem e o doce, o folhetim e o prato.

4 Essa mesma experiência proustiana tenho eu quando me chega uma carta anônima. E aí está uma marca de leituras passadas. Como se sabe, a carta anônima é um dos artifícios mais felizes do velho folhetim. O marido a recebia (e o marido era sempre sórdido e obeso). Lá vinha escrito: — “Considere-se miseravelmente enganado.” E se disparava a intriga romanesca. Na altura dos meus oito, nove, dez anos, daria tudo para receber uma torpe carta anônima.

5 Fiz a introdução acima para contar o que me sucedeu ontem. Vou ler a minha correspondência e já no primeiro envelope tenho o impacto. É que a carta não trazia assinatura. Ah, o homem diz, na carta anônima, o que não ousaria dizer ao padre, ao psicanalista e ao médium, depois de morto. O menino do folhetim veio à tona. Comecei a ler.

6 Começava assim: — “Nelson, você é um traidor.” Minha curiosidade assumiu proporções inéditas. Traidor, eu? Da Pátria, talvez. Entre parênteses, assim como há uma rua Voluntários da Pátria, podia haver uma outra que se chamasse, inversamente, rua Traidores da Pátria. Em seguida, a carta anônima informa que sou traidor da própria classe. Qual delas? Tenho duas: — por um lado, faço jornalismo; por outro lado, faço teatro. Segundo a carta, era traidor da classe teatral. Quando cheguei à última linha, voltei à primeira e reli tudo. Só então fui-me olhar no espelho. E vi, na minha cara, o esgar hediondo da traição.

7 Fica de pé a pergunta: — e por que traidor? Vejamos os fatos. *O Estado de S. Paulo* fez um editorial, ou dois editoriais, que desagradaram à classe. E que faz a classe? Reúne-se e, por unanimidade, resolve devolver os “sacis” que o velho órgão distribui entre os melhores de cada ano, no cinema e no teatro. E, não satisfeita, a assembleia decidiu, e por outra unanimidade, uma passeata monstro.

8 Mas, vejamos. A classe ia marchar contra quem? Aqui começa o doloroso, o comprometedor, o humilhante: — contra um jornal. Se os meus colegas saíssem, pelas ruas paulistas, decapitando marias antonietas e derrubando bastilhas, eu estaria admirando a ferocidade teatral. Mas a nossa vítima é uma redação, vejam vocês, uma redação. Por outro lado, tenho algumas dúvidas perturbadoras.

9 O “Saci” é uma pequena estatueta. E se fosse um prêmio em dinheiro? Repito: — se o “Saci” fosse um cheque de cinco milhões de cruzeiros? E nem precisa tanto. Imaginemos um cheque mais modesto de um milhão ou menos do que isso: — de quinhentos mil cruzeiros antigos. Pergunto se os manifestantes devolveriam o dinheiro vivo. Duvido, isto é, afirmo que ninguém devolveria um centavo. Portanto, vamos desconfiar de um desprendimento que não desembolsa um tostão.

10 Nem considero a “unanimidade” um argumento decente. Quanto ao meu caso pessoal, estou farto de repudiar unanimidades. Além disso, como eu sou um premiado, e não vou devolver “Saci” nenhum, não existe tal unanimidade. Mas, vamos admitir que todos, absolutamente todos, estejam contra *O Estado de S. Paulo*. Eu estaria a favor. Não me solidarizo com os erros, os equívocos, de minha classe. Diz a carta anônima: — “Uma classe não erra. Uma classe sempre tem razão.”

11 Nada mais falso. Homens, classes, povos são suscetíveis dos mais sinistros enganos ou das mais hediondas torpezas. O motivo e a origem de tudo foram dois editoriais. Que fossem duzentos. Qualquer jornal tem o direito de escrever como quiser e o que quiser, sem dar satisfações a ninguém. Falo por experiência própria. Ao longo de vinte anos, fui o único autor obscuro do Brasil. E, durante esse período, fui chamado de “tarado” em manchete. Os críticos me xingavam de “cérebro doentio”, de “caso de polícia”, de “louco varrido”. O dr. Alceu Amoroso Lima disse horrores de mim. Em momento nenhum, neguei-lhe o direito de me dizer tais horrores. Sempre quis a imprensa livre.

12 Diz a carta que a classe quer a liberdade. Ah, os nossos libertários! Bem os conheço, bem os conheço. Querem a própria liberdade. Dos outros, não. Que se dane a liberdade alheia. Berram contra todos os regimes de força, mas cada qual tem no bolso a “sua” ditadura. A passeata que se fez é, precisamente, contra a liberdade de imprensa. Queremos um teatro livre. E, ao mesmo tempo, pretendemos exercer uma censura, vejam vocês. Os censores da imprensa somos nós, atores, atrizes, autores.

13 Em nome da liberdade, agredimos a liberdade. Ainda bem que o nosso heroísmo começou e acabou na devolução dos “sacis”. E assim o pessoal de teatro desceu do palco e foi às ruas, representar de libertário.

O Globo, 22/6/1968

39. Os ceguinhos

1 Certa vez, disse eu ao Otto Lara Resende: — “Não se mexe na memória! Não se mexe na memória!” Falei ontem na minha primeira experiência dramática. E, sem querer, deflagrei todo um processo de nostalgia. Agora mesmo, passa, por debaixo da minha máquina, um filão de lembranças encantadas. Por exemplo: — estou pensando no cantor de tango que foi parar no Sanatorinho, em Campos do Jordão.

2 Doente do pulmão, eu me curava em nossa montanha mágica. Lá conheci o cantor de tango. Antes da tuberculose, ele fora, em Santos, uma espécie de Hugo Del Carril. E cantava, por esmolas, como um cego. Eis o que eu queria dizer: — muitos anos depois, conheci os falsos cegos da vida literária. Eles faziam o seu romance, o seu poema, o seu canto, a sua peça. Em seguida, corriam o pires, recolhendo e embolsando os elogios.

3 E já me lembro de Jorge de Lima, o patético e formidável Jorge de Lima. Era um cego, meu Deus, docemente cego como um que toca violino na rua do Ouvidor. Outro dia, fui ver o Zé Luís, no Banco Nacional de Minas Gerais. O ceguinho tocava a “La Cumparsita”. Jorge de Lima era exatamente assim. Quando saiu *Invenção de Orfeu*, ele andava de pires, esperando que cada qual pingasse o seu ditirambo.

4 A meu ver, ele era, e é, o maior poeta brasileiro. E, no entanto, comportou-se, na vida literária, como o ceguinho da rua do Ouvidor ou o falso cego do Sanatorinho. Quando percebi que ele estava de pires, fiz-lhe os elogios mais delirantes. Uma vez, respondendo a uma enquete do Paulinho Mendes Campos, disse: — “Depois de *Invenção de Orfeu*, o Brasil está cheio de ex-grandes poetas.” E Jorge de Lima retribuiu, logo, crispado de gratidão. Mandou-me um livro e me chamou, na impulsiva dedicatória, de “o grande” Nelson Rodrigues.

5 Também andei de chapéu, ou pires, na mão, pedindo pelo Amor de Deus que me elogiassem. Se me perguntarem se fiz os papéis mais humilhantes, direi que fiz, sim, os papéis mais humilhantes. Tudo que eu escrevia, saía mostrando, de porta em porta. Bem me lembro de minha primeira peça, *A mulher sem pecado*. Minha primeira intenção, e estritamente mercenária, era fazer uma chanchada e, repito, uma cínica e corajosa chanchada caçaníqueis.

6 Todavia, no meio do primeiro ato, começou a minha ambição literária. E o curioso é que, até então, me sentia romancista e não teatrólogo. Mas como ia dizendo: — a peça era a história de um paralítico que, nos seus delírios eróticos, induzia a mulher ao adultério. No fim, apelei para uma solução dramática que não estava nos meus cálculos: — o paralítico não era paralítico. Simplesmente, testava a fidelidade da mulher. E quando, finalmente, se ergueu da cadeira de rodas, era tarde, tarde demais. A mulher fugira com o chofer.

7 Com o texto debaixo do braço, pensei menos nos direitos autorais. Pouco importava que meu trabalho fosse ou não remunerado. Queria o elogio, não simplesmente falado ou cochichado. Queria o elogio impresso. Certa vez vi o Marques Rebelo entrar em *O Globo* com o volume recém-

saído de *Três caminhos*. Ofereceu o volume a não sei quem e lá deixou o retrato. Eu também queria ver a minha cara no jornal.

8 Eu me vejo entregando o original a Henrique Pongetti, ali, no Palácio Tiradentes. Três dias depois, voltei, desesperado. Pensava: — “Pongetti não vai gostar. Vai achar uma porcaria.” Eu devia estar trêmulo (e abjeto) de humildade. Pongetti devolveu-me a cópia, dizendo: — “É uma peça universal.” Minha úlcera crispou-se como uma víbora. Não, não. Eu ainda não tinha úlcera. Saí de lá borracho, como se dizia nos velhos tangos. Desci a rua São José e me sentia um Ibsen.

9 Eu era, então, cronista esportivo. E me humilhava estar escrevendo sobre futebol. Saíam retratos meus, ao lado de crioulões, ou, na melhor das hipóteses, de nadadoras. Uma vez, apareci, na fotografia, ao lado do Homem-Peixe. Sodré Viana me dizia: — “Você precisa deixar o esporte, rapaz.” Uma vez, quis ser crítico literário, pedi para ser crítico literário. Acharam uma graça compassiva no meu pedido. E continuei escrevendo sobre futebol.

10 Minto. Já trabalhava, então, no *Globo Juvenil*. Era uma revista de história em quadrinhos, que fizera um sucesso fulminante. Ao menos, eu não precisava mais fotografar-me ao lado do Homem-Peixe. E, com o elogio do Pongetti no bolso, já me sentia outro. Peça universal. Era o autor da “peça universal”. Do Pongetti, fui ao Hélió de Almeida, meu amigo, então presidente do Diretório Central dos Estudantes. Hélió de Almeida teria uma influência decisiva na minha carreira dramática. Levou-me ao Carlos Drummond de Andrade, chefe de gabinete de Capanema. O poeta gostou: — “Muito interessante, muito interessante.”

11 As coisas foram acontecendo numa vertigem. Meu irmão Mário Filho apresentou-me a Vargas Netto. Este não conhecia uma vírgula da peça. Mas gostava de Mário e foi padrinho do meu texto. Mário avisara-me: — “Manda no Abadie.” Estávamos em pleno Estado Novo. Ao nome de Vargas, abriam-se as paredes, assanhavam-se as cadeiras. Corri ao Abadie. Leu a carta do Vargas Netto e abriu gesto: “O Vargas manda.” E incluiu *A mulher sem pecado* no repertório da “Comédia Brasileira”, a companhia do Serviço Nacional de Teatro.

12 Ao mesmo tempo, recorri às minhas amizades jornalísticas. Invadia as redações; pedia a um e outro: — “Escreve, escreve.” Esse impudor voraz irritava alguns. Um redator do *Correio da Noite* deu-me um passa-fora: — “Não te conheço.” E quando saía uma vaga notícia eu ia, de mesa em mesa, mostrando. No ensaio geral de *A mulher sem pecado*, eu pensei muito em Gilberto Amado.

13 Por que em Gilberto Amado, se ele não tinha nenhuma relação com o teatro? — Explico: — aos 12 anos de idade, eu lia de José do Telhado a Dumas pai, de Xavier de Montepin a Zola. E, um dia, apanhei *A chave de Salomão*. Na terceira ou quarta página vinha esta imagem: — “O Pão de Açúcar tinha qualquer coisa de humoristicamente nu dentro da luz.” Reli, trêmulo de beleza.

14 Mais adiante, outra imagem: — “A luz tremia como uma pétala sensível.” E voltei à pedra colossal e à sua nudez humorística. Doeume não ser eu o autor de ambas as imagens. Diria que as duas metáforas do velho Gilberto foram o afrodisíaco auditivo que me potencializou para a vida literária. Ah, bem me lembro do grande dia. Às seis da tarde, fiquei um momento, só, na plateia. Os artistas estavam no camarim, comendo

sanduíches. Ninguém na cena iluminada. Nunca senti tanto o mistério do teatro, como naquela maravilhosa solidão de cadeiras vazias. Tive medo.

O Globo, 8/8/1969

40. Os assassinados

1 Disse não sei quem que os homens se dividem em dois grupos: — “assassinos” e “assassinados”. Ou o sujeito mata ou, se não mata, morre. Portanto, segundo esse autor, cujo nome não me ocorre, não há hipótese de morte natural. Mesmo os “assassinos” são, por sua vez, “assassinados”. Por isso, o francês Paul Valéry chegou a imaginar, para si mesmo, o seguinte epitáfio: “Aqui jaz Paul Valéry — assassinado pelos ‘outros’.”

2 Houve, porém, um momento, na minha vida, em que “todos” eram assassinos. Foi quando morreu meu irmão Roberto. Roberto Rodrigues. Não sei se me entendem. O que eu quero dizer é que “todos” eram assassinos, e Roberto, a única vítima. Foi ferido no dia 26 de dezembro de 1929. Ele conversava comigo. Uma voz pediu: “Pode-me dar um minuto de atenção?” Era na redação de *Crítica*. Os passos caminharam até a sala seguinte. Porta de vaivém. Roberto faz a volta da mesa e caminha para lá.

3 Por minha vez, encaminho-me para a escada. Ia tomar um refresco no botequim da esquina. Paro com o estampido. Houve uma pausa entre o tiro e o grito (e foi um grito de quem vai morrer). Um dos presentes era o detetive Garcia. Com seu reflexo profissional, tirou o revólver; e foi de arma em punho que invadiu a sala da frente. Roberto está de joelhos, com as duas mãos agarrando a mão que o ferira.

4 Da serraria do lado, os operários subiam a velha escada gasta de muitas gerações. Roberto tinha 23 anos, era o homem mais bonito que vi até hoje. Uma bala interrompeu, para sempre, a obra que amadurecia na sua alma atormentada. Levado para o Pronto-Socorro, lá morreu dois dias depois. Eu continuava a ouvir a voz: “Vim matar Mário Rodrigues ou um dos seus filhos.” Paro de escrever. A voz está dizendo, como 39 anos atrás: “Mário Rodrigues ou um dos seus filhos.”

5 A redação armada em câmara-ardente. Eu, com 17 anos, era abraçado. Um velho agarrou-se a mim: “O nosso Roberto.” E eu tinha pena, vergonha, remorso de estar vivo. Muitos anos depois, na minha peça *Anjo negro* há esta imagem: “No enterro sobra sempre uma flor. Uma flor fica boiando no soalho.” E, de fato, naquele dia, eu vi uma flor boiando no soalho. Não sei se alguém a pisou. Passei toda uma madrugada vendo o sono dos círios.

6 O último a se despedir de Roberto foi meu pai. “Eu te vingo”, soluçou. No fim, chegou Melo Viana, o vice-presidente da República. Abraçou-se a meu pai, que repetiu: “Essa bala era para mim.” E, depois, o enterro saindo. Era uma manhã de tanto céu que a própria sombra era azulada, lunar. Dois meses depois, morria meu pai. Sua agonia durou 15 dias. Morávamos numa colina. E, na última noite, da esquina já se ouvia a sua dispneia. Morreu tão órfão do próprio filho.

7 Eis o que aprendi com Roberto e meu pai: — o importante é não matar. Nada mais doce do que nascer, viver, envelhecer e morrer. E não ser jamais assassino. Nunca me esqueço do que aconteceu com um dos meus amigos. Gostou de uma menina e, no final da tarde, os dois passeavam, na Praça Saenz Peña, de mãos dadas. Um dia, a menina crispa a mão no braço do bem-amado; diz: “Olha Fulano.” Fulano era o ex-namorado da garota,

um brutamontes, que aprendia judô, caratê, etc., etc. E, segundo se dizia, estava esperando, para qualquer momento, o seu primeiro ataque epiléptico. O ex-namorado barrou-lhe a passagem; abotoa o meu amigo: “Quando se encontrar comigo...” Cala a boca. “Quando se encontrar comigo, atravesse a rua. Ou lhe parto a cara.” O ofendido, branco, não disse uma palavra. E o outro: “Agora, suma. Ande. Suma.” O rapaz baixou a cabeça e correu.

8 De noite, a moça liga para ele, aos soluços. Quase não podia falar. O humilhado, o ofendido, só dizia: “Calma, meu bem, calma.” Por fim, mais controlada, disse tudo: “Você vai-me fazer um favor. Vai dar um tiro nesse miserável.” Num espanto aterrado, balbuciou: “Tiro, eu? Meu bem. Eu não sou de dar tiros.” E a outra: “Quer dizer que você é covarde?” Respondeu: “Não sei se sou covarde. Assassino, não sou.” Esganiçou-se no telefone: “Escuta! Escuta! Na próxima vez, ele vai-te dar na cara. E você vai apanhar calado?” Disse, manso como um santo: “É mais forte do que eu. Não posso brigar, fisicamente. Apanho, mas não mato. Nada me fará matar!” Romperam no telefone. E a menina acabou voltando para o ex-namorado.

9 Eu compreendo tanto os que não matam. Gostaria de explicar. Quando matam alguém, é como se Roberto estivesse morrendo outra vez. Foi assim como o primeiro dos Kennedy. Uma bala arrancou seu queixo plástico, crispado, vital. Então senti como se fosse Roberto, novamente Roberto. E, por um momento, tive a ilusão de que, dois meses depois, meu pai morreria também, como em 1930. E assim, quando balearam o outro Kennedy, Bob. E onde quer que alguém seja assassinado por alguém — cria-se entre mim e o que morreu uma relação obsessiva, implacável.

10 Há dias, trucidaram, em Pernambuco, o jovem padre Antônio Henrique Pereira Neto. Até o momento em que bato estas notas, não se sabe quem matou e por que matou. Segundo o comunicado da Arquidiocese de Olinda e Recife, o padre Antônio Henrique, além de sofrer uma série de sevícias hediondas, foi amarrado e enforcado. Em seguida, vararam de balas o cadáver. Começam então as hipóteses desesperadas. Autoridades policiais do Recife acham que se trata de um crime passional. Ao passo que autoridades eclesiásticas afirmam que foi “crime político”. Mas “passional” ou “político”, o que importa é a hediondez do fato. Dizia aquele personagem dostoiévskiano: “Se Deus não existe, tudo é permitido.”

11 Para muitos brasileiros, Deus está morto. E para esses, para os “assassinos de Deus”, tudo é permitido. Que limites, dúvidas, arrependimentos poderão travar os “cristãos-marxistas”, os “cristãos-sem vida eterna”, os “cristãos-sem sobrenatural”, os “cristãos-sem Cristo”? Falei da “Esquerda Católica”. Um dia, ela terá de ser julgada. Na confissão de ontem, falei de um dos pronunciamentos mais claros de d. Hélder. Sem nenhum disfarce, declara: “Respeito aqueles que, em consciência, sentem-se obrigados a optar pela violência; não a violência fácil dos ‘guerrilheiros de salão’, mas a daqueles que provaram sua sinceridade com o sacrifício de suas vidas.” Não. Aí não está dito tudo. Provaram a sinceridade morrendo, por azar, e matando, por querer. Antes de morrer, Guevara matou. E, repito, morreu sem querer e matou querendo. Também Camilo Torres. Esse cristão-homicida empunhou o fuzil, não para morrer, mas para matar. E diz mais o arcebispo de Olinda e Recife: “Parece-me que as memórias de Camilo Torres e de Che Guevara merecem tanto respeito quanto a do pastor Martin Luther King.” Não, mil vezes não! Luther King não morreu de fuzil, faca ou revólver na mão, como Guevara ou Camilo Torres. Não matou, nem quis matar. Não pregou o ódio, a “violência

justificada” católica. Morreu de amor e por amor. Os que pregam o ódio não podem chorar o jovem sacerdote do Recife.

12 Todos nós temos um projeto de Brasil. O da Esquerda Católica é o Brasil do ódio. O Brasil do sangue, o anti-Brasil, um Brasil sem Deus. Este país não teve jamais um Drácula. E, súbito, os possessos querem que nos transformemos em 80 milhões de Dráculas bebendo o sangue uns dos outros.

O Globo, 9/6/1969

41. O paulista

1 Certa vez, estou em casa, quando bate o telefone. Atendo: — era o paulista. Fiz-lhe uma festa imensa: — “Como vai? Há quanto tempo!” E, de fato, não nos víamos há uns três anos. Ou mais. Quatro ou cinco anos. Sou um desses brasileiros que vão pouco a São Paulo. Em 55 anos de vida passei por lá três ou quatro vezes. Só. E não sei se por culpa minha ou de São Paulo ou de ambos. Creio que de ambos.

2 Um dia, fui a São Paulo, de automóvel, ver um jogo. Se não me engano, Brasil x Tchecoslováquia. Exatamente, Brasil x Tchecoslováquia. E ele foi comigo ao Pacaembu. Torcíamos juntos, ou por outra: — só me lembro da minha torcida. A dele apagou-se completamente na minha memória. Do Pacaembu saímos para jantar. Jantamos. E já me pergunto: — será que jantamos mesmo? Sei lá. Passamos a noite juntos. Ele não arredava o pé de mim. Fazia um frio tão feroz — era junho — que, em dado momento, tive vontade de chorar, sentado no meio-fio.

3 O homem foi para mim uma espécie, digamos, de irmão súbito. Não consegui pagar uma caixa de fósforo. Ele subvencionou tudo. E fez questão de me levar no trem. Desembarquei no Rio e me saturei, até os sapatos, de vida carioca. Passa-se o tempo e, de vez em quando, me lembrava do paulista. Via, com a maior nitidez, a sua cara, o terno, a

camisa, e nada mais. Lembrava-me, sim, do seu pigarro. Mas não me ficara de nossa convivência uma palavra, uma frase, um “boa-noite”, um “adeus”. Cheguei a pensar que, na minha passagem por São Paulo, ou eu era surdo ou ele mudo. Mas, claro que se tratava de uma ilusão auditiva, até uma múmia acompanhada há de falar coisas, dizer frases, soltar palavrões, etc., etc. E eu só me lembrava de um único e escasso pigarro.

4 Mas, enfim, estava ele no Rio. Ótimo, ótimo. Eu ia vê-lo e, mais do que isso, ia ouvi-lo. No telefone, combinamos um jantar. Exagerei, patético: — “Você não imagina a minha alegria.” Quis saber: — “Quanto tempo vai passar aqui?” Resposta: — “Dois dias.” Ao sair do telefone, juntei ao pigarro mais umas 15 palavras. Vejam bem: quinze palavras e um pigarro tinham, para mim, quase que a abundância de uma ópera.

5 Vou encurtar, porque não quero tomar o tempo do leitor. Jantamos nesse dia, almoçamos e jantamos no dia seguinte, fomos ao teatro e ainda ceamos na sua última madrugada de Rio. De manhã, compareci ao aeroporto. Perguntei-lhe: — “Até quando?” Teve um sorriso inescrutável e não disse uma palavra. Por fim, tomou o avião e partiu. Vim embora e aqui começa a minha trágica perplexidade: — eu voltava à mesma situação. O outro era um paulista fino, inteligente, um homem de sensibilidade, de imaginação. Há momentos em que o mais incomunicável dos homens tem que fazer uma confidência. Ou faz uma confidência ou morre.

6 E ele, nos seus dois dias de Rio, não fizera nenhuma confidência. A princípio, ainda tentei forçar aquela barreira de silêncio. Mas senti que era inútil e calei-me também. E, então, aconteceu esta coisa vagamente alucinatória: — éramos dois silêncios que andavam um atrás do outro; dois silêncios que comiam, bebiam, fumavam e se entreolhavam. Deu-me, por vezes, a vontade de ouvir-lhe o som do pigarro. Se não tinha o que

dizer, podia dar-me a esmola auditiva de um pigarro. Por imitação inconsciente, eu ia-me tornando paulista também.

7 Saí do aeroporto numa melancolia hedionda. E a primeira buzina que ouvi deu-me uma desesperada euforia. Pensei: — “Ao menos, as buzinas falam!” Entrei na redação e fui adiantar o serviço. Passei dez minutos diante da máquina. Mas não me ocorria absolutamente nada. O papel estava na máquina, branco, virginal. Acabei decidindo: — “Vou escrever sobre o Kaiser.” Mas quando comecei a bater as teclas, saiu-me esta frase: — “A pior forma de solidão é a companhia de um paulista.” Reli, honestamente espantado. A coisa nascera sem nenhuma elaboração prévia. Continuei a escrever. Expliquei a verdade, isto é, que a frase me escapara, sem querer. E fiz toda uma crônica sobre o Kaiser.

8 Dias depois, encontrei-me, na casa do Pitanguy, com a sra. Clô Prado. Falou da minha frase com uma ternura agradecida: — “Como é verdadeiro o que você diz! Como é exato! Como é perfeito!” Nessa mesma noite, e ainda na casa do Pitanguy, um dos convidados achou que eu escrevera, numa simples frase, uma verdade estadual inapelável e eterna. Já no fim da madrugada, uma terceira pessoa me levou para os fundos da casa. Pitanguy tem uma piscina. E foi perto da piscina que conversamos.

9 Era ainda a frase. O convidado começou por dizer que o paulista é a única solidão do Brasil. E aí está sua formidável superioridade sobre todos os outros brasileiros. E o que explica a epopeia industrial de São Paulo é a solidão. Realmente, o paulista é capaz de viver, amar, envelhecer sem fazer jamais uma confidência, nem ao médium, depois de morto. Os demais brasileiros são extrovertidos ululantes, está certo. Mas não fazem o Brasil. O único que faz o Brasil é o paulista. O autor do Brasil é São Paulo. Fiz-lhe a pergunta: — “O senhor é paulista?” Era.

10 Todos os autores têm suas três ou quatro frases bem-sucedidas. Não sei se me entendem. São frases que adquirem vida própria e que duram mais do que o autor, mais do que o estilo do autor, mais do que as obras completas do autor. Imaginem que a da solidão paulista ainda me rende bons dividendos. Ontem, por exemplo. O telefone me chama. Vou lá. Era uma voz fininha de criança que baixa em centro espírita. Veio a pergunta: — “Seu Nelson?” E eu: — “Pois não.”

11 Começou dizendo que era paulista. Começo a ficar inquieto. Continua: — “Vim-lhe falar sobre aquilo que o senhor escreveu.” Eu não digo nada, ou melhor, digo: — “Ah, sim, sim.” Evidentemente, era a frase. Pergunto: — “A senhora concorda ou não?” E a voz de anjo defunto: — “Foi a maior verdade que o senhor já disse na sua vida. O senhor é paulista?” Quase pedi desculpas de ser pernambucano. Conversamos uma hora ou mais. Disse a idade: — oitenta. Era paulista há oitenta anos. Casada desde os 15, vivera com o marido, outro paulista, 65 anos. Ele era fazendeiro, não sei onde. E passavam dias, semanas, meses de silêncio total. Muitas vezes, ela já não se lembrava como era a voz do marido e chegava a esquecer a própria. E a velhinha me perguntou: — “O senhor acredita, se eu lhe disser, que enterrei meu marido na semana passada?” Acreditei. Em mais de meio século de coabitação, nem lhe conhecera o gemido, o simples gemido. Um ficava escutando o silêncio do outro. Ele agonizara sem gemer. E, depois, lá foi ela para a capelinha. Floriu, velou e chorou um desconhecido.

O Globo, 7/8/1968

42. A mulher interessante

1 O desejo tem pudor. Conteí, outro dia, a maravilhosa história da aluna da PUC. Perdão, perdão. Adjetivei mal. “Maravilhosa” é a própria aluna da PUC. Não sei se vocês se lembram. Ela descobriu o amor e sumiu. Desapareceu, repito, como só as mortas desaparecem. E, durante o carnaval, ninguém a viu de sarongue, ou de folha de parreira, ninguém viu o seu decote e seu umbigo continua irrevelado.

2 O umbigo! Lembro-me da índia, que enrola um barbante no seu nu e sai por aí. É o seu pudor. Eis o que eu queria dizer: — faltou-nos até o pudor do barbante. Depois da praia e do carnaval, não há mais umbigo inédito. A aluna da PUC é uma das nossas últimas e desesperadas exceções. Em vez de correr para a televisão, em vez de beijar para as câmeras e microfones, ela fugiu.

3 De vez em quando, chega um e me pergunta: — “Essa aluna da PUC existe mesmo?” Outro cochichou uma sugestão vil: — “Me apresenta, me apresenta!” Mesmo os cínicos, porém, sentem uma brusca nostalgia de pudores falecidos. E há uma pergunta insistente e maligna: — “É bonita?” Tenho de explicar a uns e outros: — “Não sei se é bonita.”

4 Já disse e repito: — na “mulher interessante” a beleza é secundária, irrelevante e, mesmo, indesejável. A beleza interessa nos primeiros 15 dias; e morre, em seguida, num insuportável tédio visual. Era preciso que alguém fosse, de mulher em mulher, anunciando: — “Ser bonita não interessa. Seja interessante.” Conheci um sujeito que era casado com uma “mulher interessante”. Viveram imersos no sonho como num claustro. Depois de 15 anos de felicidade absoluta, ela morreu. De repente, diante do espelho (diante do espelho, não. Seria uma morte plástica demais. Simplesmente morreu.)

5 Passara 15 anos olhando aquela mulher. E foi ao vê-la no caixão que subitamente soluçou a descoberta: — “Também era bonita! Também era bonita!” — Aí está todo o mistério da convivência amorosa: — jamais, em momento nenhum, desconfiara de sua beleza. Vejam: — a beleza fora, de todas as virtudes da bem-amada, a mais esquecida, a mais desfeiteada.

6 Reparem como os homens bonitos e as mulheres bonitas são traídos. É o que ensina toda a longa e dilacerada história do coração humano. Claro que não se trata de uma infidelidade gratuita. Só por milagre o bonito e a bonita são “interessantes”.

7 Mas não era bem isso o que eu queria dizer. O que eu queria dizer é que só o falso desejo atropela as câmeras e os microfones. Nos quatro dias de carnaval vimos esta cena obsessiva: — casais que se beijavam para a televisão. Não o beijo entre si, mas para a televisão. Centenas, milhares de casais fizeram isso. Cabe então a pergunta: — e por quê? Claro que, por trás do exibicionismo, havia o miserável tédio da carne e da alma, havia uma desgraçada impotência do sentimento. E, ao mesmo tempo, que vil solidão em todo esse impudor proclamado!

8 Não me venham falar em Sexo no carnaval. O homem era tão pouco homem, a mulher tão pouco mulher. Feminina foi a aluna da PUC. Dizia eu que o desejo tem pudor. O desejo precisa do seu claustro; lá vive e morre. Não, não. Lá vive e não morre nunca.

9 E nem se pense que a aluna da PUC não veio ver o carnaval. Saíam por um momento, ela e o ser amado. Mas não podiam ser vistos por ninguém. Vestiram uma máscara. Foram buscar o uso nostálgico, fenecido, das antigas gerações. Ninguém usa a máscara, que seria a folha de parreira do rosto. O impudor exige o rosto crispado de falsa volúpia. As câmeras e os refletores não gostam, não aceitam o umbigo sem a cara que lhes dê intimidade. E os dois mascarados, de mãos dadas, vagando por entre os sarongues e os quadris, eram de uma prodigiosa inatualidade. Mas voltavam logo. Enquanto multidões fingiam um erotismo absurdo, o casal era expulso para o Paraíso.

10 Imaginem vocês que ontem dobro uma esquina e tropeço num velho amigo. Houve uma festa recíproca e, súbito, com o olho cravado em mim, diz: — “Também tenho a minha aluna da PUC.” Lera a minha confissão e estava maravilhado, não comigo, evidentemente, mas com a amorosa por mim descrita. Crispa a mão no meu braço: — “A minha garota tem pudor. Pudor. Sabe lá o que é pudor?” Estava com o olhar cheio de lágrimas. E repetia a palavra: — “Pudor!” Tive a sensação de que, a qualquer momento, ia chorar no meu ombro.

11 Certo que, hoje, o pudor é algo de antigo, de espectral, como o primeiro espartilho de Sarah Bernhardt. Não se usa mais o pudor, como não se usa mais o espartilho. E, de repente, o meu amigo descobre uma menina que tem pudor, como no princípio do século. Ele contou-me o que lhe disse a garota: — “O nosso caso é mais sério do que eu pensava. Porque é terno.”

Ao ouvir isso, ele teve vontade de se ajoelhar, simplesmente se ajoelhar: e beijar-lhe as mãos como Raskolnikov beijou as mãos de Sônia. (Aliás, Raskolnikov beijou os pés de Sônia.) Ele citou o herói dostoievskiano.

12 Disse-me: — “Palavra de honra. Não me incomodaria de ser criminoso. Contanto que a minha garota fosse comigo para a Sibéria.” Já se imagina Raskolnikov e já vê a menina como uma Sônia, tão fiel e tão linda (Sônia era feia, mas não faz mal: — linda).

13 Já se despedindo, ainda fazia confidências: — “Você sabe que eu beijava e não sabia o que era beijo. Beijava por beijar. Só agora é que, de repente, descobri o beijo. Foi preciso que namorasse uma menina, sim, uma menina que tem pudor. Parece pouco e é tanto, tanto!” Queria falar e lhe faltavam palavras. Perguntava, na sua angústia: — “Você me entende, entende?” Queria explicar que, só agora, com o amor, está realizando valores que pareciam perdidos, esquecidos ou degradados. E quando beija tem vontade de morrer, de morrer ali, naquele momento, morrer com o ser amado. Diz, por fim: — “Morrer só com a mulher que tem pudor.”

O Globo, 6/3/1968

43. Da linha chinesa

1 Todos os dias, chova ou faça sol, vou tomar o meu copo de leite, ou meu prato de mingau, ali, no “cabaré dos bandidos”. É na esquina de Mem de Sá com Tenente Possolo. Eu tenho, se assim posso dizer, uma úlcera amestrada, que dói na hora certa. Nunca houve uma lesão duodenal tão adulada. E, assim, com papinhas analgésicas, minha úlcera vive a vida que pediu a Deus. Boa, excelente ferida. Mais do que um martírio, é um hábito. Sinto falta de sua dor e, quase diria, saudade de sua acidez.

2 Ontem, aconteceu como sempre: — na hora convencional, começaram os seus espasmos de víbora. Olho o relógio e constato a sua pontualidade. Manifestava-se na hora própria, nem um minuto a mais, nem um minuto a menos. Levanto-me e vou para o “cabaré dos bandidos”, a dois passos do trabalho. Quando chego na esquina, paro em cima do meio-fio. Fechara o sinal para os pedestres. Ao meu lado estava um jovem havaiano do Leblon, vasta cabeleira, imensas costeletas, blusão de couro. De propósito, e não sei por quê, esperou que o sinal abrisse para os carros.

3 Podia ter atravessado antes, com os outros. Não. Ficou esperando. E quando os carros, os ônibus começaram a rolar, desceu do meio-fio como de um pedestal. Seria talvez um desafio. Ou estaria testando a própria onipotência. Os Fuscas passavam em delirante velocidade. E, lá ia ele,

num passo mole, sem olhar, de perfil, sempre de perfil, sem pressa, uma morosidade insolente. A princípio, imaginei: — “Vai morrer.” Se fosse um velho, ou uma senhora, ou alguém de mais de 35 anos, seria fatalmente arrastado, esmagado.

4 Logo, porém, baixou em mim uma certeza total: — não aconteceria nada. Ele chegaria ao outro lado, maravilhosamente intacto. Os Fuscas tiravam finos mortais. Houve derrapagens, buzinas; em dado momento, um pneu chiou como uma cigarra lancinante. E nada aconteceu, prodigiosamente nada. Por um desses milagres irritantes, aquele rapaz não seria atropelado, em hipótese nenhuma. De uma calçada à outra, cumpriu a sua travessia encantada. A velocidade o poupou como a um santo.

5 Em outros tempos, ou na passada geração, o mesmo jovem levaria uma trombada assassina. Seria batido, ao mesmo tempo, por três automóveis. E ficaria emborcado, rente ao meio-fio, com a cara enfiada no ralo. Uma apiedada mão acenderia uma vela. Alguém talvez o cobrisse com uma folha de jornal. E a chama ficaria lambendo o silêncio. Depois, viria o rabeção apanhá-lo. E, então, o jovem seria apenas um cadáver numerado do necrotério.

6 Hoje, não. Há, por toda parte, a “jovem revolução”. É um movimento mundial. Quem o diz, e as manchetes o confirmam, é o Carlinhos de Oliveira. Os jovens se levantam na China, na França, nos Estados Unidos, na Inglaterra. E por que se levantam? Segundo se diz, porque estão insatisfeitos com os valores até então vigentes. Só que tais valores ninguém os realizou e todos os traíram. E os jovens parisienses arrancaram os paralelepípedos, viraram os carros e incendiaram a Bolsa. Na China, a “Guarda Vermelha” caça os inimigos de Mao Tsé-tung. Sim,

os desafetos de Mao são exterminados a pauladas, na rua, como obesas ratazanas.

7 Tem razão o Carlinhos de Oliveira: — a “jovem revolução” é mundial. Só uns dois ou três sujeitos, estreita e amargamente positivos, insinuam que se está fazendo, e também em dimensões mundiais, uma gigantesca e irresistível impostura. Outros espíritos, também minoritários, afirmam o seguinte: — a “jovem revolução” nada tem de jovem. São precisamente os velhos que a promovem. E, com efeito, o caso da China dá o que pensar. A “Guarda Vermelha” tem, já o disseram, a idade de Mao Tsé-tung e, possivelmente, a sua obesidade e, mais possivelmente, a sua arteriosclerose.

8 Cabe então a pergunta: — e por quê, de repente, os “mais velhos” resolveram idealizar o jovem e conferir ao jovem a própria onipotência? Referi, mais acima, o episódio de trânsito. O rapaz que, insolentemente, esperou que o sinal fechasse para os pedestres e só então atravessou a rua. Não foi atropelado porque os veículos também bajulam a “jovem revolução”.

9 Ainda ontem, fui procurado por um rapaz, estudante de teatro. Entrou na redação e vinha solene, erecto, hierático. Para na minha mesa. Diz, gravíssimo: — “Seu Nelson, trouxe isto aqui para o senhor ler.” Era um recorte de jornal; explica: — “É uma entrevista da Cacilda Becker.” Estou ouvindo, risonhamente. E ele continua: — “Queria que o senhor lesse, o senhor que é contra o jovem.” Com tal afirmação, o rapaz criou entre nós o súbito e cavo abismo da primeira divergência.

10 Dá-me um certo cansaço, um certo tédio, ouvir que sou contra o jovem. Repeti para o rapaz a casta e singela verdade: — não sou contra ou a favor

de ninguém, automaticamente. Expliquei que a mais tola das virtudes é a idade. Que significa ter 15, 17, 18 ou 20 anos? Há pulhas, há imbecis, há santos, há gênios de todas as idades. Naturalmente, o jovem tem o defeito salubérrimo e simpaticíssimo da imaturidade. De vez em quando, isto é, de quatro em quatro séculos, aparece um Rimbaud. Aos 17 anos, fez toda a sua obra. Se não me engano, o poeta acabou aos 17 anos. Viro-me para o rapaz: — “Queres que eu te admire? E te faça manchetes? Sê um Rimbaud. Aí está a solução. Sê Rimbaud.”

11 Foi então que o garoto ousou a confiança: — não estava interessado em poesia. Fiz um alegre escândalo: — “Não é possível! Um estudante de teatro tem que estar interessado em poesia!” Novamente, ele me surpreendeu ao dizer que também não estava interessado em teatro. Desta vez, o meu espanto teve um mínimo de irritação. Disse-lhe: — “Escuta cá. Se não te interessas nem por teatro, nem poesia, estás interessado em quê?” Disse, ofegante da vaidade: — “Sou da linha chinesa.”

12 Fez-se uma pausa. E, então, catei na mesa a entrevista da minha amiga Cacilda Becker. Mas antes de lê-la fiz, para o rapaz, algumas observações de minha experiência teatral. Eis a minha tese: — uma atriz ou ator não devia ter nada com a vida real. Por exigência contratual, não poderia deixar o palco, nunca. Justifiquei meu ponto de vista: — a Duse, a Sarah Bernhardt ou qualquer outra grande atriz age e reage, cá fora, como uma canastrona. Eu preferia uma Cacilda dramática, lírica, romântica, e não impressa.

13 A Cacilda impressa, a mim, não me diz nada. Nem a líder. Conheço-a, somos amigos, admiro-a profundamente. E parece que eu estava adivinhando. Começo a ler e paro nesta frase: — “O mundo é dos jovens.” A gloriosa atriz dá o mundo, de graça, de mão beijada. O sujeito tem 17,

18, 20. Pronto. Toma o mundo. Mas vejam como, numa simples frase, está todo um crime, ou seja, o crime de dar razão a quem não a tem. O mundo só pode ser dos que têm razão. Mas a razão é todo um maravilhoso esforço, toda uma dilacerada paciência, toda uma santidade conquistada, toda uma desesperada lucidez. Não era bem assim que eu queria dizer. Faltam-me palavras.

O Globo, 20/6/1968

44. O irmão adquirido

1 Tempos atrás, o Walter Clark telefonou-me. Foi sumário: — “Preciso de ti.” Ainda perguntei: — “Qual é o drama?” Fez suspense, fez mistério: — “Só pessoalmente.” E já se despedia: — “Te espero. Vem já.” Meia hora depois, entro no seu gabinete, ali, na TV Globo.

2 Tenho que esperar, porque ele despachava alguém. E, então, para fazer hora, vou espiar os quadros do meu amigo. Walter Clark gosta de pintura e, pior, entende de pintura. Ao passo que eu, como o Otto Lara Resende, sou um idiota plástico. Certa vez, aconteceu uma, que considero antológica. Estávamos, eu e o Otto, na casa do Hélio Pellegrino. E paramos, um momento, diante de um Volpi. Veio o Hélio e jurou que o Volpi era “melhor que Portinari”. Uma abjeta pusilanimidade crítica tapou-nos a boca. Mas, assim que o anfitrião virou as costas, ciciei para o Otto e o Otto ciciou para mim: — “Abominável Volpi! Horrendo Volpi!” Essa sinceridade cochichada lavou-nos a alma.

3 E, justamente, o escritório do Walter Clark está cheio de belas cópias de Cézanne, Gauguin, Degas, Monet, etc., etc. Aqui há um jóquei, ali uma bailarina, acolá uma mulata e, mais adiante, um *clown*. Falta-me entusiasmo visual. Para mim e o Otto, a boa pintura é como um texto chinês de cabeça para baixo. Súbito, ouço o Walter balbuciar, de puro

assombro: “Você veio da Hungria só para me tomar dinheiro?” Era verdade. O sujeito que lá estava viera, sim, de Budapeste pedir-lhe setenta contos emprestado.

4 Walter quis um abatimento para cinquenta. O patriota húngaro não transigiu: — “Setenta.” E daí não saía. Walter subiu para sessenta. E ninguém percebeu que os papéis já se invertiam. O pedinte agora era o meu amigo. Sim, era ele que crispava as mãos numa súplica abjeta. O outro estava quase ofendido e quase enojado. Houve um momento em que, nauseado, ergueu-se: — “Ou setenta ou nada.” Então, batido, o Walter encheu o cheque dos setenta. O sujeito olha o papel, verifica a quantia, a data e a assinatura. E vai-se embora sem agradecer e sem se despedir.

5 Só então o Walter me chama. E confesso: — pasmei para o esplendor dos seus suspensórios. Não sei se me entendem. O meu amigo usa, hoje, os suspensórios dos gângsteres de Chicago, na “Grande Depressão”. São, por assim dizer, suspensórios paisagísticos, com figurinhas de flores, bezerros, vaquinhas, bodes, arvoredos, corações flechados. Essas tatuagens encantadas fascinam não só os visitantes da TV Globo, como os funcionários da casa. Eu diria que a única vaidade física do Walter Clark está nos suspensórios.

6 Começamos a conversar e ele foi direto ao assunto: — “Bola um programa de televisão. Coisa interessante. Pra você fazer com o Otto e o Hélio.” Seria um programa sem limite de tempo. E, todas as noites, ou mais precisamente no fim da noite, eu, o Otto Lara Resende e o Hélio Pellegrino passaríamos em revista, e com a maior imodéstia, os grandes problemas do Brasil e do mundo. Prometi ao Walter: — “Vou pensar.”

7 Fui para casa e não me saíam da cabeça as vaquinhas desenhadas nos suspensórios. Quebrava a cabeça e não me ocorria uma ideia, um título, nada. Até que, de repente, fez-se luz. Imaginei um programa que se chamasse assim: — *Os falsos canalhas*. Repeti para mim mesmo: — *Os falsos canalhas*. Uma das vantagens do título era fazer mistério, fazer suspense. De resto, “canalha” era uma das palavras mais fortes, mais densas, mais patéticas da língua.

8 Quando liguei para o Walter, propondo o título, ele fez espanto: — “Por que *falsos canalhas*?” Tratei de explicar. Todos os países e todos os idiomas têm uma seletíssima elite de “canalhas aparentes”. Darei um exemplo. Imaginem um político, ou um poeta, ou um artista, ou um ministro, ou um funcionário. Parecem esculpidos em ignomínia. Lembro-me de um rapaz que conheci, uma flor de rapaz. E todos o apontavam e cochichavam: — “Pulha da pior espécie!” Mas ninguém sabia de um gesto seu menos correto, de uma ação menos digna, de um sentimento menos nobre. Até que, uma tarde, eu próprio o vi passar, de braço, com a esposa linda. Estava aí o mistério de sua reputação: — a mulher bonita.

9 E, de fato, não custa chamar de “escroque”, de “gatuno”, de “crápula” aquele que tem, em casa, uma Ava Gardner. O fato é que os “falsos canalhas” existem, por toda parte. E o triste é quando o sujeito morre sem reabilitação. Todos pensam, inclusive a própria família, que o morto foi realmente um pulha. Há sempre alguém, no Dia de Finados, com vontade de lhe cuspir na cova.

10 Mas o que eu queria, na presente confissão, é contar uma experiência muito pessoal. Imaginem que, certa noite, meu irmão Mário Filho apresentou-me a Carlos Heitor Cony. É exatamente a pessoa: — Carlos Heitor Cony. Jornalista, polemista, romancista, etc., etc. Eu já o conhecia

de nome e de vista. Vira-o, uma madrugada, nos Três Patetas tomando café. Não sei se café ou sei lá. Não, não. Estava em pé, nos Três Patetas, junto ao balcão, e de cachimbo. Até o momento em que fomos apresentados, Cony era um cachimbo. Não uma pessoa, e não um artista. Um cachimbo.

11 Bem me lembro da nossa primeira conversa. Eis o que eu pensava: — que sujeito indesejável, irrespirável e cínico. Eis a palavra: — cínico. Achei Carlos Heitor Cony de um cinismo abjeto e total. E não entendia por que Mário se afeiçoara a ele e tão profundamente. Dizia-me: — “O Cony! O Cony!” Em suma: — com meia hora de conversa, já não tive a menor dúvida: — era um canalha. Seu riso me ofendia e me humilhava. Na primeira pausa, aproveitei para me despedir. Saí, desesperado e nem sei por que desesperado. Afinal, não tínhamos nenhuma relação especial, nenhuma intimidade. Mas sentia uma angústia intolerável como se a simples presença de Carlos Heitor Cony exalasse o tifo, a malária, a febre amarela.

12 E quantas vezes, depois disso, Mário me falou de Cony. Sim, o meu irmão continuava achando o amigo um maravilhoso ser. Eu não entendia nada. Mas senti, sempre, sempre, que Mário ia ser, e para sempre, amigo do canalha. Até que, uma madrugada, às quatro e pouco, bate o telefone. Lúcia atende: — Mário acabara de morrer. Corri para vê-lo. Na véspera, tomamos café juntos, no bar da esquina. E ele combinara, para o dia seguinte, uma chopada com o Hélio Pellegrino. Debrucei-me sobre o irmão. As mãos entrelaçadas e com que estremecido amor. Tive pudor de beijá-lo.

13 Bem. Quero falar, não de mim, mas de Carlos Heitor Cony. Chegou, na casa de Mário, às seis da manhã. Para diante de mim, abre os braços, grita:

— “Como foi isso? Como foi isso?” O espanto veio antes da dor. Eu via, ali, um outro Cony, absurdo, irreal, jamais concebido. E, depois, ficou ainda, algum tempo, vagando, por entre mesas e cadeiras — tão órfão de Mário. Foi aí, e só então, que entendi a amizade que os unia. O irreal, o absurdo, era o Cony cínico, o Cony pulha, o Cony obsceno; o verdadeiro Cony é o da orfandade brutal. Vi-o desabar. Afundou o rosto nas duas mãos, chorou alto, chorou forte. E, naquele momento, eu me tornei seu irmão, para sempre. Era, sim, o falso canalha.

O Globo, 25/6/1968

45. Os dráculas

1 Quero crer que certas épocas são doentes mentais. Por exemplo: — a nossa. Ainda anteontem, falei da ideia inusitada de d. Hélder. O nosso querido arcebispo propõe uma missa cômica (se duvidarem, leiam a última edição dominical de *O Jornal*). Por trás de suas palavras, sentimos o tédio cruel de uma missa que se repete, com uma monotonia já irrespirável, há dois mil anos. E ele sugere que se substituam o órgão, o violino, a harpa, o címbalo, pelo reco-reco, tamborim e a cuíca.

2 Por aí se vê que ele, como o dr. Alceu, é um progressista. Não sei se o leitor entendeu todo o alcance da sugestão. D. Hélder propõe, se bem o entendi, que se enfie o sobrenatural na gafeira, ou por outra: — que se faça da catedral uma gafeira gótica. Parece ao arcebispo de Olinda que se pode louvar a Deus, igualmente ou até com vantagem, com a cuíca, o pandeiro, o reco-reco e o tamborim.

3 A missa, como a conhecemos, nos últimos vinte séculos, é triste, é depressiva, é neurótica. E quem sabe se a Virgem, se Jesus, se os santos não hão de preferir, por fundo musical, o samba? Seria uma boa maneira de espanar o pó que dois mil anos depositaram em certas representações católicas.

4 Mas falei acima nas épocas que parecem doentes mentais. Só em nossos dias um arcebispo poderia irromper num jornal, na televisão ou rádio e lançar a ideia da missa cômica. Estamos pertinho da Semana Santa. É o caso de, na Sexta-Feira da Paixão, cada um levar seu reco-reco, sua cuíca, seu tamborim e seu pandeiro. Nada de lúgubres e mórbidas procissões. E chorar por quê, se tristezas não pagam dívidas? Mas, como eu ia dizendo: — se em qualquer outra época, de razoável sanidade, alguém sugerisse tal coisa, seria um escândalo inominável. Em sua indignação, os fiéis dariam arrancos triunfais de cachorro atropelado. Hoje, não.

5 Hoje, achamos perfeitamente normal que se instale a vida eterna numa gafieira. Daqui a pouco, um outro há de propor que, dentro das igrejas, garçons passem bandejas de salgadinhos, mães-bentas, caldo de cana, grapete e chicabon. Mas volto à minha observação anterior: — D. Hélder não espantou ninguém. Não houve escândalo, ninguém arrancou os cabelos, etc., etc.

6 Essa impotência para o espanto dá o que pensar. Eis o que me pergunto: — e por quê, meu Deus, por quê? Vejo católicos justificando a guerrilha, achando a guerrilha uma atividade nobilíssima. E o dr. Alceu só não a recomenda para o Brasil, porque, diz ele, os nossos camponeses não são politizados. Eu me lembro de que, antes da Esquerda Católica, não tínhamos dráculas neste país.

7 E já os temos. Amaldiçoados? Não. Abençoados. Sim, abençoados, absolvidos, por respeitáveis homens de fé. Quando vi o dr. Alceu falando, com indisfarçável simpatia, das guerrilhas, pensei numa outra e singular figura: — o Lawrence das Arábias. Vocês o conhecem da História e da Lenda. O próprio Lawrence conta uma de suas passagens mais patéticas. Vale a pena lembrar o episódio.

8 Em dado momento, Lawrence teve que matar. Jamais tirara a vida de ninguém. Em criança, era contra a matança até de passarinho. E, além disso, havia um mandamento, o único do qual se lembrava e, também, o único que cumpria: — o “Não matarás”. Lawrence estaria disposto a roubar e, aqui entre nós, já roubara. Matar, jamais. Mas precisava tirar a vida de um semelhante. Era um homem como ele e igual a ele.

9 E, então, Lawrence preparou-se para matar. Nobilíssimos motivos o impeliam para o assassinato. Na véspera do crime, não dormiu; passou a noite em claro. Houve um momento em que o fascinou a ideia de morrer para não matar. Se estourasse os miolos, estaria dispensado do crime hediondo. Outro que matasse. O diabo é que o sentimento do dever o empurrava. E o dever passa por cima dos mandamentos, por cima dos escrúpulos, por cima da misericórdia. Por dever, Lawrence saiu de casa para matar.

10 Viu a vítima. Ia morrer e não sabia. Ele, Lawrence, seria, por um momento, Deus; tiraria uma vida, como se Deus fosse. E Lawrence matou. O primeiro tiro já seria mortal. Mas a vítima poderia não morrer imediatamente e também atirar. Então, Lawrence deu o segundo tiro, igualmente mortal. Não precisava mais; ele poderia correr, pular o muro e sumir. Mas Lawrence ficou.

11 O sujeito já estava morto, tecnicamente morto. Mas saiu o terceiro tiro. Eis a pergunta que o assassino fazia a si mesmo: — por que o terceiro tiro se, desde o primeiro, a vítima já era um inequívoco, indubitável cadáver? Com grande assombro para si mesmo, continuou atirando. Quarto, quinto, sexto tiro. E só parou quando esgotou a carga. Era a hora de fugir. Mas ficou ainda. Virou a arma e meteu a coronha na cara do cadáver. E o fato

de não ter mais balas, para continuar atirando, deu-lhe um sentimento atroz de frustração. Só então fugiu.

12 Mais adiante, Lawrence para, assustadíssimo. O que o apavorava, em si, era a ausência de qualquer horror. Matara, pela primeira vez matara, e não estava horrorizado. Matara gostando de matar. Ao varar de balas a vítima, sentira um prazer jamais suspeitado. Era uma volúpia que não conhecia. Olhou em torno. Passava, lá adiante, uma senhora, uma velha; e, mais além, uma criança. Teve a súbita e inefável tentação de matá-las também. Matar, sempre matar, matar na véspera, no dia seguinte, eternamente matar.

13 Não quero ser enfático. Mas me parece estar havendo, no Brasil, uma degradingolada de valores. Vimos d. Hélder propor a missa cômica; e ninguém se espantou. Vimos o dr. Alceu declarar que, por causa de um passarinho, pode-se matar um homem. Uma coisa está ligada à outra e ambas se explicam. Se d. Hélder pode propor a gafeira gótica, e se o dr. Alceu absolve um monstruosíssimo assassinato (se bem que hipotético), tudo é permitido e vale tudo.

14 O brasileiro é uma espécie de Lawrence, na véspera do crime. Vozes piedosas, batinas consagradas e a ferocíssima Esquerda Católica doutrinam as massas sobre a “violência justificada”. Aí está uma janela aberta para o infinito. E se o brasileiro matar, um dia? E se, como Lawrence, gostar de matar? E se começar a beber o sangue como groselha?

O Globo, 5/4/1968

46. Admirável defunto

1 Uma coluna diária precisa ter um elenco variadíssimo, sim, um elenco colorido de mágicos, trapezistas, *clowns*, arquitetos, cineastas, heróis, estudantes, intelectuais e pulhas. Quando o colunista precisa de um mímico, tem o mímico; e se é cineasta, vem o cineasta; e se é o intelectual, há o intelectual.

2 Fiz esta breve introdução para concluir: — as minhas “Confissões” vivem de um elenco assim. Meus protagonistas e meus comparsas dariam para lotar uma plateia de Fla-Flu. E um dos meus personagens mais fascinantes é exatamente o “defunto vocacional”. Não sei se me entendem. Imagino mesmo que o leitor há de perguntar: — “Por que defunto e por que vocacional?” Tentarei explicar.

3 Outro dia cruzei na avenida com um morto. Passou por mim e acenou-me com os dedos: — “Salve!” Balbuciei, lívido: — “Salve.” E fiquei olhando o outro afastar-se e sumir na multidão. Mas por que o meu espanto e por que o meu horror? Era um sujeito que eu já velara, e chorara, e florira umas cinco vezes.

4 Dirá alguém: — “Ilusão.” Seja ilusão. Mas o “defunto vocacional” cumprimenta como os outros, e calça como os outros, e tem gravata como os outros. E dá sempre a sensação de que já o vimos de pés juntos e de algodão nas narinas. Sua cara é hirta e feia como uma máscara, sim, uma máscara da cor de certas pinceladas amarelas de Van Gogh.

5 Mas por que estou dizendo tudo isso? Ah, já sei. Imaginem vocês que recebi um telefonema fantástico. Era alguém que deseja de mim uma “entrevista imaginária”. O sujeito falava de maneira especialíssima. Era uma voz fininha de criança que baixa em centro espírita. Fiz-lhe a pergunta assustada: — “O senhor tem mesmo essa voz?” Jurou que tinha. E eu: — “Mas quem é o senhor?” Veio a resposta terrível: — “Sou o homem de bem.”

6 Ora, eu estava certo de que o homem de bem era, precisamente, “O Grande Defunto”. Ninguém tão morto e ninguém tão enterrado. Lembrava-me da missa mandada rezar pelo seu eterno repouso. E me parecia irritante que alguém saísse da tumba e pedisse uma “entrevista imaginária”. Seriam ambos imaginários: — a entrevista e o “homem de bem”.

7 Tive de usar de franqueza: — “Meu amigo, vai-me desculpar, mas o senhor já morreu.” Há uma pausa lúgubre. E, depois do suspense, diz o “homem de bem”: — “Obrigado pela informação.” E desligou. Viro-me para os colegas e, puxando um cigarro, digo-lhes: — “O ‘homem de bem’ é um cadáver mal-informado. Não sabe que morreu.”

8 Volto para a minha mesa. Bate novamente o telefone. Aviso: — “Se for o *homem de bem*, não estou.” Felizmente, não era o falecido. O contínuo pergunta: — “Quem quer falar com ele?” Pausa. O contínuo repete: “Quem? O canalha?” Alguém que se dizia “o canalha” queria falar

comigo. Levanto e vou atender. Mas achava curioso que no mesmo dia, na mesma hora, fosse eu solicitado pelo falecido homem de bem e por um salubérrimo canalha. Do outro lado da linha, diz alguém: — “Seu Nelson Rodrigues? Eu queria dar uma entrevista imaginária. Pode ser?” Fiz-lhe a primeira pergunta: — “Quem é o senhor?” E o outro, com a voz de quem está mascando chicletes: — “Já disse. Sou o canalha.”

9 Tive de explicar-lhe: — “Meu amigo, já temos um canalha oficial. Nunca ouviu falar no Palhares, o que não respeita nem as cunhadas?” Respondeu, com radiante vaidade: — “Sou muito pior do que o Palhares.” Era uma bravata óbvia. Digo: — “Escuta. O Palhares beijou a cunhada no corredor. E o senhor? Vamos lá. Qual foi a sua ignomínia?” O outro dá uma risadinha de Chaliapine em *Mefistófeles*: — “Só responderei no terreno baldio.” Faço uma pausa. Estou achando a voz muito moça. Pergunto: — “Afinal, que idade tem o senhor?” Eis a resposta: — “17 anos.”

10 Ao ouvir falar em “17” treme em cima dos sapatos. Faço-lhe reverências de Michel Zévaco: — “Peço-lhe mil desculpas. Eu não sabia que o senhor era ‘o jovem’. Pode vir. O terreno baldio jamais fechará suas portas para ‘o jovem’.” Expliquei-lhe que as “entrevistas imaginárias” devem começar à meia-noite, hora que, segundo Machado de Assis, apavora. “O jovem” foi sarcástico: — “A meia-noite é uma ilusão.” Seja como for, foi magnânimo; e aceitou o tenebroso horário. Assim me despedi: — “Salve, jovem canalha!”

11 Imediatamente, liguei para o contrarregra do terreno baldio: — “Sou eu. Manda providenciar papel picado e listas telefônicas. Vamos receber a mais ilustre visita de toda a história do terreno baldio.” Pergunta, e pálido, o contrarregra: — “Quem?” Imaginou, por certo, que seria um rajá

montado num elefante. Disse-lhe: — “O jovem canalha!” Era honra demais para o contrarregra. Sob violenta dispneia emocional, quase desfaleceu no telefone: — “Não merecemos tanto.” Trato de instigá-lo: — “Capricha, capricha!” Saio do telefone, ponho o paletó e embaixo apanho o primeiro táxi. Arquejo: — “Me leva no terreno baldio. Chispa.”

12 Salto lá. A cabra, os gafanhotos, os sapos, as pulgas, os caramujos estão assanhadíssimos: — “Cadê ‘o jovem canalha’?” Tenho que pedir calma. Chamo as pulgas: — “Modos, hein, modos.” Ao longe, como no soneto de Alencar, de *Os Maias*, um burro, pensativo, pastava. E, súbito, a cabra põe a boca no mundo: — “E vem ‘o jovem canalha’!” Era a pura verdade. Vinha ele com as costeletas ao vento. Mas não vinha só. Uma massa o seguia, berrando como nos comícios do Brigadeiro: “Já ganhou! Já ganhou!” De um lado do “jovem canalha” marchava o dr. Alceu; de outro lado vinha d. Hélder. E ambos abanavam o pulha com uma *Revista do Rádio*. Foi sublime quando o patife entrou no terreno baldio. Num desvairado arroubo, o dr. Alceu forrou o chão com o próprio paletó para o “jovem” pisar. Do alto, choviam listas telefônicas e papel picado. Finalmente, pedi silêncio. E então o mestre de cerimônias anunciou os títulos do entrevistado: — “É estudante, mas não sabe nada, porque onde se viu estudante estudar? Nunca leu um livro. Só lê manchete.” Palmas, vivas, foguetes. Dr. Alceu começa a gritar: — “Tem a Razão da Idade!” A massa coral de gafanhotos, sapos, pulgas, camaleões pôs-se a repetir: — “Tem a Razão da Idade! Tem a Razão da Idade!” E, súbito, fez-se o maior silêncio da terra. O “jovem canalha”, de viva voz, ia contar o feito que estava justificando aquela apoteose. Com radiante modéstia, disse tudo: “Não fiz nada de mais. Estão exagerando. Simplesmente, havia uma menina reacionária. Tão reacionária e obscurantista que namorava de mãos dadas. Eu e mais uns sete pegamos a menina. Batemos no namorado.” Pausa, suspense. E, então, limpando as unhas com um pau de fósforo, concluiu: — “Eu sou um coautor do ‘jovem estupro’.” Em delírio,

a multidão avançou. O coautor foi carregado na bandeja, e de maçã na boca, como um leitão assado. Assim fez, pelo terreno baldio, a triunfal volta olímpica.

O Globo, 21/9/1968

47. O nu e o grito

1 Pedem a minha opinião sobre a atualidade teatral. Vamos lá. O teatro brasileiro está cheio de Carlinhos de Oliveira. Flávio Rangel é um Carlinhos de Oliveira e José Celso é outro Carlinhos de Oliveira. Envolvido por tantos nomes desconhecidos, o leitor nem sabe o que pensar, nem sabe o que dizer. Eu escrevi “desconhecidos” e alguém poderá objetar: — “Mas são três celebridades!”

2 E, de fato, são igualmente célebres Carlinhos de Oliveira, Flávio Rangel e José Celso. Mas, ai de nós, ai de nós! No Brasil, o sujeito pode ser famoso para meia dúzia. Sim, pode ser célebre no Antonio’s e inédito no Nino’s e no Le Bateau ou no Zeppelin. É, digamos assim, uma celebridade íntima, uma fama confidencial, uma glória secreta.

3 Mas pretender que só uma meia dúzia conhece o Carlinhos, o Flávio e o Zé é exagero. Admito que cem pessoas, de ambos os sexos, os conheçam e os admirem. Amplio para duzentas. Duzentas pessoas conhecem e admiram os três citados. Mas há 80 milhões que os ignoram solidamente. Vejam bem: 80 milhões de patrícios imaginam talvez que Carlinhos, ou Flávio, ou Zé, seja o caçula do vizinho.

4 Não posso imaginar se o leitor está entre os duzentos que os admiram ou entre os 80 milhões que os desconhecem. Seja como for, darei aqui uma breve notícia sobre os meus colegas da crônica e de teatro. O que caracteriza o Carlinhos é a sua fragilidade indefesa. E a ternura protetora do diminutivo é um dado psicológico. Carlinhos teria que ser Carlinhos. O solene, enfático, trivial José Carlos de Oliveira é o anti-Carlinhos.

5 Já escrevi que, ao vê-lo, tenho vontade de oferecer-lhe alpiste na mão (tão passarinho é ele, e tão inerme, e quase exânime). Justamente por ser um frágil, ele não tem sossego. Tudo o que diz, e faz, e escreve, é um disfarce de fragilidade tamanha. Contam que, no Antonio's, provoca Deus e todo mundo. Se lá aparecer um gângster, é capaz de lhe atirar na cara um copo de cerveja. Por trás do gesto, estará o Carlinhos pânico, o Carlinhos esbugalhado, e sua estrutura tão doce, tão fina. Sim, uma estrutura de palito, de pauzinhos de fósforo.

6 Acrescentemos o talento a essa orfandade e teremos o quadro trágico. Eu aproximei os outros dois do Carlinhos, e explico: — porque ambos padecem não sei se do mesmo mal ou do mesmo bem. Flávio Rangel é outra fragilidade. Como Carlinhos, Flávio Rangel também se esconde, e se nega, e se disfarça. Não atiraria um copo de cerveja na cara do gângster. Não. Sua agressividade explode no espetáculo.

7 Os 80 milhões que o desconhecem precisavam conhecer o seu espetáculo. Ele tem de partir para o gigantesco, para o Cecil B. de Mille. Fui ver o seu *Depois da queda*. Entre parênteses, o único momento do texto de Arthur Miller é quando Marilyn Monroe, de quatro, põe-se a gemer: “Eu queria ser maravilhosa! Eu queria ser maravilhosa!” Aí está o que se salva da peça, e repito: — a solidão de sua nudez e a solidão do seu grito.

8 Volto ao Flávio Rangel. Desde os primeiros momentos, a direção de *Depois da queda* lembrava-me não sei o quê. Na minha cadeira, imaginava já ter visto aquele gosto, aquela imaginação, aqueles efeitos. Seria uma missa, uma macumba? E, súbito, sou varado por uma luz: — “Terça-feira gorda!” Não Cecil B. de Mille, mas o carro-chefe. Não Cecil B. de Mille, mas os Fenianos e a Embaixada do Sossego. E, até o fim da peça, não me saía da cabeça a conexão entre aquilo e as chamadas “Grandes Sociedades”. Era um Arthur Miller de galpão de Fenianos, Democráticos. Estava vendo a hora em que a Marilyn Monroe ia atirar beijos e o Paulo Autran ia soltar fogos de bengala na cara da plateia.

9 Pelo amor de Deus, não vejam nenhuma intenção restritiva nas minhas palavras. O que me importa é o cristalino dado psicológico: — assim se vinga Flávio Rangel do Carlinhos de Oliveira que o habita, assim se vinga da fragilidade que o humilha. Resta o terceiro Carlinhos de Oliveira: — o José Celso.

10 O bom, na direção do José Celso, não é a direção, mas o próprio José Celso. A sua pessoa me parece bem mais fascinante do que a obra. Antes de prosseguir, preciso dizer duas palavras sobre o seu passado. Sim, o seu passado é o que há de mais anti-José Celso. Contam-me que era o acadêmico, o Osvaldo Teixeira, o poente de folhinha. Havia então entre ele e sua fragilidade uma perfeita convivência, uma acomodação recíproca e total.

11 Até que, um dia, o José Celso explodiu dentro do José Celso. Do dia para a noite, rompeu com todas as suas pusilanimidades. Pode-se dizer que o palavrão o salvou. Por exemplo: — o seu *Rei da vela*. Ele injetou, no texto, uns trezentos palavrões que lá não estavam. E quem não o conheça não imagina o que há de pessoalmente épico no seu esforço.

12 Não me falem em autor, em texto, em intérpretes. Esses não existem. Quem existe, com toda a tensão e exclusividade de uma presença obsessiva, é o José Celso. Enxerta trezentos palavrões num Oswald de Andrade, num Sófocles, e assim potencializa a sua imensa e crispada fragilidade. O José Celso que hoje cumprimentamos, e a quem pagamos o cafezinho na esquina, nada tem a ver com os Josés Celsos anteriores.

13 E, justamente, é essa estrutura de menino, de Carlinhos de Oliveira, que faz dele uma força da natureza. Quanto mais as dúvidas o dilaceram, mais ele venta em procela. E é tão força da natureza que poderíamos perguntar-lhe: — “Vais chover hoje? Vais trovejar? Relampejar?” Ao mesmo tempo, ninguém se espante de o ver, um dia, sentado no meio-fio, chorando de solidão apavorada.

14 Assim, o nosso teatro está cheio de falsos possessos, e repito: — cheio de fragilidades homicidas. Mas há pior, há pior. Refiro-me a uma encenação de *O processo*, de Kafka, pelo Teatro de Arena, de São Paulo. O Teatro de Arena é o que vive da própria pose, da própria ênfase. O mais modesto lá se julga um gênio nato e hereditário. E o Teatro de Arena cometeu, com a encenação de *O processo*, o mais negro crime contra a inteligência. Em todo o teatro brasileiro, desde Anchieta, não há nada tão vil.

15 Os inteligentes ameaçam o teatro brasileiro. Um dia, chamaremos os idiotas para salvá-lo.

O Globo, 13/3/1968

48. Os falsos canalhas

1 Um dos momentos mais patéticos da minha infância foi quando ouvi alguém chamar alguém de “canalha”. Note-se: — era a primeira vez. Teria eu que idade? Cinco anos, talvez. Ou menos. Vá lá: — cinco anos. E me crispei de espanto. Minto: — de medo. Foi medo e não espanto. Para mim, uma palavra estava nascendo, era o nascimento de uma palavra.

2 Paro de escrever. Por um momento, repito para mim mesmo: — “Canalha, canalha.” O som ainda me fascina como na infância. E pergunto a mim mesmo se “o canalha” é uma dimensão obrigatória de cada um. Pode haver alguém que não tenha um mínimo de canalha? Um santo, talvez, ou nem isso. Disse não sei quem que há santos canalhas.

3 Eis o que eu queria dizer: — o medo dos cinco anos perdura em mim até hoje. Ainda agora me pergunto se alguém tem o direito de chamar um semelhante de canalha. Poderão objetar que pulha é um insulto equivalente. Ilusão. Vi um sujeito ser chamado de “pulha”. Retrucou ao outro: — “Pulha é você!” E o incidente morreu aí. Dez minutos depois, os dois pulhas estavam, na esquina, bebendo cerveja.

4 O sujeito pode ser pulha e como tal beber cerveja. Não há incompatibilidade entre o pulha e a cerveja. Mas ninguém pode ser canalha. A simples palavra constrói uma solidão inapelável e eterna. Eis o que eu queria dizer: — o canalha é o pior solitário. Esse destino de solidão é o seu, eternamente.

5 Mas tinha eu, como já disse e repeti, cinco anos. Meio século depois, me pediram um programa de televisão. Recomendaram: — “Coisa original.” Tratei de recorrer à minha originalidade. E, então, lembrei-me da cena de Aldeia Campista. Diante de mim estava um sujeito chamando o outro de canalha (e, meio século depois, a minha úlcera teve contrações de víbora agonizante). Imediatamente, ocorreu-me a ideia. Liguei para o patrocinador. Disse-lhe: — “Já tenho o título.”

6 O anunciante esperou. E eu anunciei: — *Os falsos canalhas*. Era o título. Expliquei o resto. Seria uma revisão de valores. No Brasil, como em qualquer país, a história, a glória, a lenda são tecidas de equívocos fatais. Nunca se sabe se o grande homem é grande homem, se o gênio é um débil mental, se a senhora honesta é uma Messalina.

7 Eu queria fazer, justamente, o processo dos nossos falsos canalhas. Assim como há a falsa virtude, existe a falsa abjeção. E os falsos canalhas andam por aí. Nós os encontramos nas primeiras páginas, nos editoriais; ou na boca das esquinas e dos botecos. Estão no parlamento, nos consultórios, nos lares e no banho de mar.

8 Começaríamos o programa, exatamente, com Roberto Campos. A meu ver, não há, em todo o Brasil, e por toda a nossa história, um falso canalha mais translúcido e mais exemplar. Ou por outra: — era tão canalha como *O inimigo do povo*, de Ibsen. O herói ibseniano acabou apedrejado como

uma adúltera bíblica. E, súbito, ele descobriu que o grande homem é o que está “mais só”.

9 Falei em solidão e já retifico. O falso canalha é mais solitário do que o verdadeiro. O Poder foi, para Roberto Campos, a solidão total. Não houve ninguém tão só, não houve ninguém mais só. Queriam matá-lo, simplesmente matá-lo. Vi um pau-d’água berrando: — “Dou um tiro nesse Roberto Campos!” Ao mesmo tempo que dizia isso, pendia-lhe do lábio a baba elástica e bovina do homicida.

10 E Roberto Campos seria o meu primeiro falso canalha. Mas acabei desistindo do programa e explico. Foi tudo o medo antigo, pueril e insuportável de uma palavra, de um som, de um efeito auditivo. Quando me sentei à máquina para fazer o *script* do programa e escrevi a palavra *canalha*, aconteceu isto: — senti a minha úlcera vibrando como uma víbora. Tirei o papel da máquina e o rasguei. Liguei para o patrocinador; disse-lhe: — “Olha. Nada feito. Esse título me dá vômito.”

11 Ao mesmo tempo, prometi a mim mesmo não chamar ninguém, jamais, de canalha. Queria-me parecer que é mais puro o sujeito que nasce, vive, envelhece e morre sem usar, contra outro homem, a mais cruel e inapelável das palavras. E, no entanto, vejam vocês, nem pensei nas surpresas do mundo.

12 Eis o caso: — li, ontem, isto é, anteontem, um artigo do dr. Alceu. Sou, não nego, o seu mais fiel e obstinado leitor. Diga-se de passagem que, quando repasso os seus escritos, caio em frustração e pena. Durante vários anos, tentei ser seu amigo e fracassei. Muito bem: — e que diz em tal artigo o notável pensador católico?

13 Houve, em Cuba, um congresso, ou coisa que o valha, de quatrocentos intelectuais. E começa o dr. Alceu: — “Não sei, realmente, se os 400 intelectuais reunidos em Cuba se esqueceram ou não de protestar contra o resultado iníquo de mais esse crime contra a liberdade de inteligência que acaba de ser cometido em Moscou.” Bem. Em primeiro lugar, ninguém “esqueceu” nada. Os totalitários são insuscetíveis de tais lapsos. Simplesmente, os quatrocentos intelectuais estão inteiramente a favor da polícia soviética e apoiam, de alto a baixo, “mais esse crime”.

14 Mas o que me faz rilhar os dentes de horror é que venha o dr. Alceu, para a imprensa, dizer que “não sabe”. Não sabe que, por trás de toda a cortina de ferro, e em qualquer regime totalitário, inclusive Cuba, não existe nenhuma liberdade de pensamento, de criação artística, de inteligência ou que seja? E se o dr. Alceu “não sabe”, nem desconfia do óbvio ululante, como ousa assinar uma coluna de jornal? Insisto: — se “não sabe”, então que devolva o dinheiro que o dr. Brito lhe paga pela colaboração tão cega e tão surda.

15 Mas sabe. Aí é que está o grave, o patético, o inconcebível: — o dr. Alceu sabe. Sabe que, há pouco tempo, um poeta foi processado, em Moscou, por vadiagem, e condenado. Quando lhe perguntaram pela profissão, respondeu: — “Sou poeta.” E o juiz, fulminante: — “Isso não é profissão!” A Rússia encarcerou o poeta pelo crime de ser poeta. Aliás, esse juiz não é juiz, mas um tira abjeto.

16 Insinuará alguém a seguinte hipótese: — o dr. Alceu tem uma boa-fé obtusa. Nem isso. Sabe. E insisto na pergunta: — “E, se sabe, por que vem dizer, de olhos baixos: — ‘Eu não sei?’ Mas, se sabe, não deve nem rezar. O dr. Alceu pode enganar, a mim, ou ao dr. Brito, ou aos seus leitores. Mas não enganará a Deus. Deus também sabe e sabe que o dr. Alceu sabe. Ou

achará que Deus é um dr. Brito? Mas eu direi ao eminente sábio, sob minha palavra de honra: — Deus não é o dr. Brito. Amém.

17 O que é que eu ia dizer mais? Já sei. Ia dizer que o dr. Alceu vê a torpeza, e não a identifica, vê a podridão, e não lhe sente o cheiro.⁴ Direi, por fim, que os quatrocentos intelectuais de Cuba em nada diferem dos oitocentos que, na Rússia, assassinaram Pasternak. São canalhas uns e outros.

O Globo, 5/2/1968

Nota

4 A frase foi acrescentada na primeira edição de *A cabra vadia*, de 1970.

49. “El arzobispo de la revolución”

1 Quando era crítico teatral, Paulo Francis disse certa vez: — “O hospital é mais importante do que o teatro.” Não me lembro se escreveu exatamente assim, mas o sentido era este. E o articulista tinha a ênfase, a certeza de quem anuncia uma verdade inapelável e eterna. Ao acabar o texto, voltei à frase e a reli: — “O hospital é mais importante do que o teatro.”

2 Fiz para mim mesmo a pergunta: — “Será?” Já me pareceu imprudente que se comparassem funções e finalidades diferentes. Para que serve um teatro e para que serve um hospital? Por outro lado, não vejo como um crítico de teatro, no gozo de plena saúde, possa preferir uma boa rede hospitalar às obras completas de William Shakespeare.

3 De mais a mais, o teatro era, na pior das hipóteses, o seu ganha-pão. Imaginem um médico que, de repente, no meio de uma operação, começasse a berrar: — “Viva o teatro e abaixo o hospital!” A mim, parecem gêmeas as duas contradições: — de um lado, o crítico que prefere o hospital; de outro lado, o cirurgião que prefere o teatro.

4 É óbvio que a importância das coisas depende de nós. Se somos doentes, o hospital está acima de tudo e de todos; caso contrário, um filme de mocinho, ou uma *Vida de Cristo* ali no República, ou uma burleta de Freyre Junior é uma delícia total. Mas volto ao Paulo Francis. Alguém que lesse o artigo citado havia de pensar: — “Bem. Esse crítico deve estar no fundo da cama, moribundo, já com a dispneia pré-agônica. E, por isso, prefere o hospital.” Engano. Repito que, ao escrever aquilo, Paulo Francis nadava em saúde. E por que o disse?

5 O leitor, em sua espessa ingenuidade, não imagina, como nós, intelectuais, precisamos de poses. Cada frase nossa, ou gesto, ou palavrão é uma pose e, diria mesmo, um quadro plástico. Ah, as nossas posturas ideológicas, literárias, éticas, etc., etc. Agimos e reagimos de acordo com os fatos do mundo. Se há o Vietnã nós somos *vietcongs*, mas se a Rússia invade a Tchecoslováquia, vestimos a pose tcheca mais agressiva. E as variações do nosso histrionismo chegam ao infinito. Imagino que, ao desdenhar do teatro, o Paulo estivesse fazendo apenas uma pose.

6 Bem. Fiz as divagações acima para chegar ao nosso d. Hélder. Está aqui na minha mesa um jornal colombiano. É um tabloide que... Um momento. Antes de prosseguir, preciso dizer duas palavras. Domingo, na TV Globo, o Augusto Melo Pinto chamou-me num canto e cochichou: — “Você precisa parar com o d. Hélder.” Faço um espanto: — “Por quê?” E ele: — “Você está insistindo demais.” Pausa e completa: — “Você acaba fazendo de d. Hélder uma vítima.”

7 Disse-lhe da boca para fora: — “Você tem razão, Gugu.” E paramos por aí. Mas eis a verdade: — o meu amigo não tem nenhuma razão. Gugu inverte as posições. Se há uma vítima, entre mim e d. Hélder, sou eu. Outrora, Vítor Hugo vivia bramando: — “Ele! Sempre ele!” Falava de

Napoleão, o Grande, que não lhe saía da cabeça. Com todo o universo, nas suas barbas, a inspirá-lo, Hugo só via na sua frente o imperador. Bem sei que não sou Hugo, nem d. Helder, Bonaparte. Mas eu podia gemer como o autor de *Os miseráveis*: — “Ele! Sempre ele!” Realmente, sou um território solidamente ocupado pelo querido padre.

8 Dia após dia, noite após noite, ele obstrui, engarrafa todos os meus caminhos de cronista. É, sem nenhum favor, uma presença obsessiva, sim, uma presença devoradora. Ainda ontem, aconteceu-me uma impressionante. Tarde da noite, estava eu acordado. Ai de mim, ai de mim! Sofro de insônias. Graças a Deus, me dou bem com as minhas insônias e repito: — nós nos suportamos com uma paciência recíproca e quase doce. Mas não conseguia dormir e levantei-me. Fui procurar uma leitura. Procura daqui, dali, e acabei apanhando um número de *Manchete*.

9 E quem havia de brotar, da imagem e do texto? O nosso arcebispo. Quatro páginas de d. Helder! E, súbito, minha insônia foi ocupada pela sua figura e pela sua mensagem. Primeiro, entretive-me em vê-lo; em seguida passei à leitura. E há um momento em que o arcebispo diz, por outras palavras, o seguinte: — o mundo pensa que o importante é uma possível guerra entre Leste e Oeste. E d. Helder acha uma graça compassiva em nossa infinita obtusidade.

10 Se a Rússia e os Estados Unidos se engalfinharem; se as bombas de cobalto caírem nos nossos telhados ou, diretamente, em nossas cabeças; se a OTAN começar a disparar foguetes como um Tom Mix atômico — ninguém se assuste. O perigo não está aí. Não. O perigo está no subdesenvolvimento. Leio a fala de d. Helder e a releio. Eis a minha impressão: esse desdém pelas armas atômicas não me parece original, sim, não me parece inédito.

11 E, súbito, um nome e, mais do que um nome, uma barriga me ocorre: — Mao Tsé-tung. Certa vez, Mao Tsé-tung chamou liricamente a bomba atômica de “tigre de papel”. Foi uma imagem engenhosa e até delicada. E vem d. Hélder e, pela *Manchete*, diz, por outras palavras, a mesmíssima coisa. O homem pode esquecer o seu pueril terror atômico. Quem o diz é o arcebispo e ele sabe o que diz. Mas objetará o leitor: — e aquela ilha em que a criança é cancerosa antes de nascer? Exato, exato. Vejam bem o milagre: — ainda não nasceu e já tem o câncer. O leitor, que é um piegas, perguntará por essas crianças.

12 Mas ninguém se aflija, ninguém se preocupe. A guerra nuclear não importa. Eis o que eu não disse ao Gugu: — como esquecer uma figura que diz coisas tão corajosas, inteligentes, exatas, coisas que só ela, ou Mao Tsé-tung, ousaria dizer? Sabemos que o ser humano não diz tudo. Jorge Amado tem uma personagem que vive puxando barbantes imaginários que a enrolam. Os nossos limites morais, espirituais, humanos, ou que outro nome tenham, os nossos limites são esses barbantes. Há coisas que o homem não diz, e há coisas que o homem não faz. Mas deixemos os atos e fiquemos nas palavras. O que me espanta é a coragem que leva d. Hélder a dizer tanto. Há um elã demoníaco nessa capacidade de falar demais.

13 Continuemos, continuemos. No dia seguinte, veio o “Marinheiro Sueco” trazer-me, em mão, um jornal colombiano. E, novamente, agora em castelhano, aparecia d. Hélder. Ele começava na manchete: — “EL ARZOBISPO DE LA REVOLUCIÓN.” Em seguida, outra manchete, com a declaração do *arzobispo*: — “ES MÁS IMPORTANTE FORMAR UN SINDICATO QUE CONSTRUIR UN TEMPLO.” Eis o que eu gostaria de notar: — na “Grande Revolução”, os russos substituíam, nos vitrais, o rosto da Virgem Maria por um focinho de vaca. Jesus tinha a cara de boi, com as ventas enormes. Mas a “Grande Revolução” se fez contra Deus, contra a Virgem, contra o Sobrenatural, etc., etc. e, como se verificaria em

seguida, contra o Homem. Portanto, ela podia incluir Jesus, os santos, num elenco misto de bois e vacas. Mas um católico não pode agredir a Igreja com esta manchete: — “Es más importante formar un sindicato que construir un templo.” E se o nosso Hélder o diz, estejamos certos: — é um ex-católico e, pior, um anticatólico.

O Globo, 25/9/1968

50. A frase

1 Ah, o brasileiro mata e morre por uma frase. Nunca me esqueço de uma crônica dominical do Carlinhos de Oliveira. Terminava assim: — “A solidão do homem é um problema político.” Era a chave de ouro. Antigamente, os poetas não a dispensavam. Soneto sem “chave de ouro” morria ao nascer e, repito, morria antes da primeira chupeta. Carlinhos não faz sonetos e, se os faz, não os publica. Mas é um parnasiano. E usa, nas suas crônicas, a perfeita, irretocável chave de ouro.

2 A mim interessa, e muito, o destino das frases. — “A solidão dos homens é um problema político.” Saiu no domingo; e já no dia seguinte, segunda, alguém me perguntava: — “O que é que o Carlinhos quis dizer com isso?” Há um velho e obtuso preconceito, segundo o qual todas as frases querem dizer alguma coisa. Nem sempre. No caso do Carlinhos, nem ele nem a frase querem dizer rigorosamente nada.

3 E foi por isso que Carlinhos a fez, e foi por isso que Carlinhos a publicou. Mas certas frases vivem, precisamente, de mistério e de *suspense*. A nitidez seria fatal. “A solidão dos homens é um problema político.” Na pior das hipóteses, há uma melodia e o resultado auditivo basta. Mas entendo o drama do cronista. Os melhores autores têm suas três ou quatro frases encalhadas. É preciso aplicá-las. Mas onde e quando? O

ideal seria que o dr. Brito pagasse e publicasse, no espaço da crônica, uma única e escassa frase. Mas tal não acontece.

4 O autor traz, no ventre, um romance. E, quando trabalhávamos ambos, com os Blochs, o Carlinhos fez insinuações sobre uma “obra ciclópica” que estaria realizando, no silêncio de sua água-furtada. Seriam umas oitocentas ou, talvez, mil páginas. E o nosso Carlinhos estaria disposto a lá inserir a “frase”, que o ralava. Mas não saía uma vírgula do tal romance. Até que, um dia, exausto da própria frase, pingou-a na primeira crônica. “A solidão dos homens é um problema político.” Se fosse na guerra, o Carlinhos seria preso como espião, pois todos veriam, aí, uma senha para o inimigo.

5 Bem. Escrevi tudo isso para chegar a uma verdade eterna, ou seja: — a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir o grande efeito. Uma frase mínima, ínfima, quase levou o Carlinhos a escrever um romance monumental, uma espécie de *Guerra e paz*, sei lá. Outras vezes, uma simples e irresponsável piada faz História. Por exemplo: — a “Revolução Francesa”. Abanando-se com a *Revista do Rádio*, pergunta Maria Antonieta: — “O povo não tem pão? Coma brioche.” E, com isso, meia dúzia de palavras, morreu um mundo e nasceu outro.

6 Também um paletó, um vago paletó, pode mudar os destinos de um povo. Tentarei explicar. Normalmente, um paletó só interessa ao alfaiate, que o faz, e ao freguês, que o veste. Do mesmo modo, uma gravata. Uma gravata não é nada. Muitos nem a usam. O único que não a dispensa é o defunto. O cadáver mais favelado tem sempre uma gravata. Lembro-me de um pastor protestante que, em 1920, morreu na minha rua. Morreu, se bem me lembro, de tifo. E foi enterrado de gravatinha-borboleta.

7 Não sei se vocês acompanharam, pelos jornais, o episódio do paletó. Era em Brasília. E para lá embarcou uma comissão dos “Cem Mil” que ia avistar-se com o presidente Costa e Silva. Um dos seus membros era meu amigo, e quase dizia irmão, Hélio Pellegrino. Este pôs o seu melhor terno e a sua melhor gravata. Muito bem. A comissão ia resolver problemas de alta transcendência, ia propor nobilíssimas e urgentíssimas reivindicações.

8 E lá chegam os intelectuais e estudantes. (No dia seguinte, eu vi, pelos retratos dos jornais, que os dois estudantes estão de cara amarrada. Tenho vontade de pedir à fotografia para sorrir, sorrir como os namorados sorriem para o lambe-lambe.) Entra a comissão e vem o assessor da Presidência espavorido. Os dois estudantes não têm paletó, nem gravata. E, como o protocolo exige uma coisa e outra, era preciso que ambos se compusessem.

9 Pode, não pode, e criou-se o impasse. O diabo é que o problema era aparentemente insolúvel. Os dois estudantes tinham o paletó e a gravata no Rio. Felizmente, surgiu a ideia: — dois contínuos emprestariam tanto o paletó como a gravata. Mas os estudantes não aceitaram. Absolutamente. Queriam ser recebidos sem paletó e sem gravata. Outros assessores vieram. Discute daqui, dali. Apelos patéticos.

10 Vejam como um nada pode mudar a direção da História. De repente, os estudantes presos, o Calabouço, as Reformas, tudo, tudo passou para um plano secundário ou nulo. Os dois estudantes faziam pé firme, esbanjavam uma formidável energia física e mental contra o paletó e contra a gravata. O paletó e a gravata eram agora “O Inimigo”. Vesti-los seria a abjeção suprema, a humilhação total, a derrota irreversível.

11 O rádio e a TV pediam paletós e gravatas, assim como quem pede remédios salvadores. Paletós de luxo e gravatas de Paris, de Londres, de Berlim foram doados. Mas os dois permaneciam inexpugnáveis. Gravata, não! Paletó, jamais! Ora, o Brasil está por fazer, e repito: — todos os dias o Brasil pede que alguém o faça. E há o Amazonas. É uma imensa Sibéria florestal. É preciso que o Brasil conquiste seus próprios desertos, antes que outros os ocupem. E há a fome do Nordeste. Todos os dias, os jornais gastam seu papel e sua tinta com a nossa mortalidade infantil. Pois bem. E dois estudantes reduzem o Brasil à questão shakespeariana: — pôr ou não pôr um paletó, pôr ou não pôr uma gravata. O Poder os esperava e, dócil ao protocolo, de gravata e paletó.

12 Se um de nós por lá aparecesse, havia de imaginar que tudo estava resolvido, e atendidas todas as reivindicações específicas da classe. Claro! Uma vez que se discutiam paletós e gravatas, como se aquilo fosse uma assembleia acadêmica de alfaiates, a “Grande Causa” estava vitoriosa. Libertados os estudantes, aberto, e de par em par, o Calabouço, e substituída toda a estrutura do ensino. E continuava a “Resistência”, muito mais épica e muito mais obstinada do que a francesa na guerra. Até que, de repente, veio do alto a ordem: — “Manda entrar, mesmo sem paletó, mesmo sem gravata.” Era a vitória. E, por um momento, os presentes tiveram a vontade de cantar o Hino Nacional.

O Globo, 5/7/1968

51. O marxista brasileiro

1 Era a véspera de 1º de maio. Vou pela avenida Rio Branco e, na esquina de Sete de Setembro, cruzo com um marxista. Passo adiante. Mas ele também me vira e correu atrás de mim. Crispa a mão no meu braço: — “Nelson, Nelson!” Paro. O marxista, velho asmático, está arquejante. Correrá cinco metros e parecia agonizar. Diz, explicando a dispneia: — “Asma é fogo! Fogo!” Tem o olho enorme do asfíxiado.

2 Sou, por índole, um efusivo. De mais a mais, acho a asma um desses males quase divinos (para outros, sagrada é a epilepsia). E, já que não pudera evitá-lo, fiz-lhe uma festa imensa: — “Como vai essa figura?” Ajuntei, com um descaro total: — “Estás com uma aparência ótima!” O outro rosnou: — “Estou com o pé na cova!” Em seguida, depois de olhar para os lados, cochicha: “Amanhã, não sai de casa! Não sai, percebeu?”

3 Qualquer suspense, qualquer mistério me deslumbram. Já interessado, pergunto: “Mas vem cá. Escuta. O que é que há? O que é que vai haver?” Olha, de novo, para os lados; repete: — “Fica em casa!” A minha perplexidade assume proporções inéditas. Enojado de tanta incompreensão, acrescenta, em tom cavo: — “Lembre-se de que amanhã é 1º de Maio!” E já estendia a mão: — “Adeus.”

4 Travo-lhe o braço: — “Mas escuta. Amanhã, não posso ficar em casa. Tenho o jogo.” O marxista não entende: — “Que jogo?” Preciso explicar que no Dia do Trabalhador, e aproveitando o feriado, o Flamengo e o Vasco iam fazer um jogão. Desta vez, ele se zangou de verdade: — “Você pensa que a História está preocupada com futebol?” Retruquei que, se a História não ligava para os clássicos e para as peladas, eu ligava. O marxista me arrasou: — “Fique sabendo que nenhum trabalhador brasileiro — nenhum! — vai a esse jogo!”

5 Eu ia objetar-lhe não sei o quê, mas já o homem me virava as costas. Ou por outra: — antes de partir, ainda disse: — “Vai haver o diabo!” Numa impressão profunda, deixei-o partir. O marxista sumiu na primeira esquina. E o pior é que a sua respiração infeliz de asmático valorizava o suspense e o mistério. Pelo que se desprendia de suas insinuações e de sua dispneia, o trabalhador não iria ao Estádio Mário Filho. Em vez disso, sairia por aí derrubando bastilhas e decapitando marias antonietas.

6 Todavia, o que mais me impressionava era a hipótese de um Flamengo x Vasco para ninguém. Ou por outra: — um Flamengo x Vasco em que seria eu o único e mísero espectador. Todos conhecem o Estádio Mário Filho. Aquilo é uma sibéria de concreto armado, sibéria na qual eu funcionaria como o único siberiano.

7 No dia seguinte, 1º de maio, acordo e ainda impressionadíssimo com a conversa da véspera. Depois do almoço, desço e tomo a carona do Marcelo Soares de Moura. Iam também o Antônio Moniz Viana e o Raul Brunini. Eu esperava topar, a qualquer momento, com as vítimas da fome, em hordas ululantes. E só via, por toda parte, em delírio, as bandeiras do Vasco e do Flamengo. Mas quem sabe se o sangue não estaria correndo alhures? Fosse como fosse, o clássico teria quatro espectadores, a saber:

— eu, o Marcelo Soares de Moura, o Moniz Viana e o Raul Brunini. Nas imediações do Estádio Mário Filho, passamos por um cavalo morto. Devia ser atropelamento. O falecimento do nobilíssimo animal seria a única nota realmente patética do 1º de Maio carioca.

8 Saltamos no último andar do Estádio Mário Filho. Do alto, vimos tudo. E, súbito, me deu vontade de gritar como um astronauta: — “A multidão é azul! A multidão é azul!” Não todas, evidentemente. Tenho visto multidões negras. Mas a de Flamengo x Vasco era de um azul espantoso, jamais sonhado. Ah, quando o locutor do ex-Maracanã anunciou a renda. O nosso marxista se enganara em apenas 416 milhões de cruzeiros velhos.

9 Mas foi no gol do Vasco, aos quatro minutos de jogo, que me ocorreu esta verdade súbita e inapelável: — o pior cego é o marxista brasileiro. Ele nada vê e vê menos ainda o próprio Marx. Aliás, não só o marxista. Todos nós fazemos um Marx que nada tem a ver com o próprio. Já contei o que me disse um amigo meu, num espasmo de admiração: — “O verdadeiro Cristo é Marx!”

10 Essa idealização vem sendo feita por todo este século. Dia após dia, retocamos e enriquecemos a sua figura com virtudes sublimes. Chegamos a adorar a sua furunculose. O pior é que, sem o saber, temos construído o anti-Marx, a negação do Marx. O verdadeiro Marx está nas cartas.

11 As cartas, as cartas! Mente-se mais num artigo, num livro, num discurso. Mas as cartas de Marx têm a autenticidade de sua furunculose. É aí que ele se abre para o mundo. E elas são tão dramáticas que ninguém as comenta. Há todo um silêncio mundial. O único que ousou tratar desse texto espantoso foi Madariaga. Mas que espécie de Marx emerge de sua correspondência?

12 Gostaria de perguntar aos meus amigos marxistas: — “Que diriam vocês de um sujeito que fosse, ao mesmo tempo, imperialista, colonialista, racista e genocida?” Pois esse é o Marx de verdade, não o de nossa fantasia, não o do nosso delírio, mas o sem retoque, o Marx tragicamente autêntico. Para ele, o povo miserável deve ser destruído por ser miserável. Diz: — “povos sem história”, “povos anãos”, “escórias”, etc., etc. A guerra generalizada destruirá todas essas pequenas nações macrocéfalas, de modo a riscar do mapa o seu nome, até.

13 E verificamos, então, que o santo, o Cristo, é, antes de mais nada, um impotente do sentimento. Por esse lado, as cartas são demoníacas. Como se sabe, a desgraça de Satã é sua impossibilidade de amar. O abominável “Pai da Mentira” não gosta de ninguém. Daria a metade de suas trevas por uma única lágrima. E, por todas as cartas de Marx, não há um vislumbre de amor e só o ódio, o puro ódio. Para ele, há “povos piolhentos”, “povos de suínos”, “povos de bandidos”, que devem ser exterminados.

14 Ele e Engels batem palmas para o imperialismo britânico e norte-americano. Eis o que eu gostaria de notar: — são cartas que Hitler, Himmler, Goebbels assinariam, sem lhes riscar uma vírgula. E os dois têm uma convicção nítida, nítida da superioridade do povo alemão. Mas, lendo Marx e Engels, eu penso no Vietnã, em Cuba, e também no Brasil. Por que não estaríamos inseridos entre os “povos piolhentos”? Somos ou não somos piolhentos? Há populações inteiras no Brasil que vivem numa imundície de ratas. Se nos conhecessem, Marx e Engels diriam que devemos ser riscados do mapa, até. Faltou humanidade a um e outro para sentir que os “povos piolhentos” merecem mais amor por isso mesmo, porque são piolhentos.

O Globo, 6/5/1968

52. Os centauros

1 Fala-se em “Poder Jovem”, na “Jovem Revolução” e um “padre de passeata”, em seu veemente sermão, chamou Nossa Senhora de “a mãe do ‘Jovem Salvador’”. Vejam: — é tão importante ser “jovem” que já se providenciou uma idade promocional para Jesus. Há também os que proclamam a “Razão da Idade”. Nada tenho a objetar. Que seja dado o Poder aos jovens, e que eles o exerçam, e que façam o mundo à sua imagem e semelhança.

2 A meu ver, porém, chegou a hora de se falar também da “jovem obtusidade”. Que ela existe como uma realidade concreta, que se pode apalpar, farejar, não há dúvida. Basta olhar e faremos a singela, a tranquila constatação visual. Se me pedirem fatos, eu direi: — “Vamos aos fatos.”

3 Sábado, fiquei em casa. Fazia um frio cadavérico. Tenho um amigo que se refere ao frio em termos de “julgamento moral”. Quando a aragem vai gelando os edifícios e as esquinas, ele põe-se a esbravejar: — “Ah, frio canalha! Ah, frio indecente!” Para a sua indignação, o frio era “torpe”, era “obsceno”, era “sórdido”. Sábado, tive também vontade de xingar o frio dessa forma direta, pessoal e cruelíssima.

4 Fiquei vendo televisão, com três suéteres. Ia passar o *tape* do Festival da Canção. Não sei se não teria preferido um *bang-bang*. Mas, vamos lá. Começa o festival com uma panorâmica da plateia. Verificou-se, ao primeiro olhar, que todo mundo lá era jovem. Só rapazes, só mocinhas. É apavorante. No passado ocorria o inverso: — o Brasil era uma paisagem de velhos. Nos bondes, só os velhos vinham sentados; os jovens ficavam de fora, pendurados no balaústre. E as senhoras grávidas pediam para o filho já nascer septuagenário e de guarda-chuva como o personagem de Gógol.

5 Hoje, o velho tem vergonha de o ser. O “padre de passeata” precisa fazer uma plástica em Jesus e remoçá-lo (talvez assim o Salvador se salve, sobreviva, etc., etc.). Mas, como ia dizendo: — não havia na plateia um sujeito de meia-idade, uma viúva, ou, como quer a gíria perversa, uma “coroa”. Uma plateia sem “coroa” e ocupada por uma mocidade ululante e salubérrima. Imaginei que estaria, ali, a melhor juventude paulista.

6 E era de um óbvio escandaloso a politização dos presentes. Sempre que uma letra fazia uma insinuação política, ou tinha um arroubo ideológico, ou rosnava para os Estados Unidos — a audiência vinha abaixo. Que “passionárias” eram as meninas! Lembro-me de uma que assim se manifestava: — tirando os sapatos e batendo com os saltos, um no outro. Ninguém sabia se estava aplaudindo ou vaiando. Ah, os rapazes, os rapazes! Cavalgavam as cadeiras e atiravam patadas como rútilos centauros.

7 Mas todas essas impressões paisagísticas são secundárias, irrelevantes. De um altíssimo patético foi a aparição do sr. Caetano Veloso. Ah, esquecia-me de Vandrê. Seus versos tinham o seguinte título, de uma malícia ou, melhor dizendo, de uma ironia finíssima: — “Pra não dizer

que eu não falei de flores.” E, realmente, para nosso pasmo, ele faz um artigo de fundo contra as flores. Até hoje ainda não sei o que é que o nosso libertário propõe. Vejamos algumas hipóteses: — quererá ele dizer que a “Grande Revolução” vai acabar com as flores? Ou que só a burguesia mais reacionária aprecia as rosas e, por carambola, a beleza? E que o revolucionário é tão obtuso, tão bestial, tão abjeto que não pode ver uma flor sem chutá-la? Sim, há várias metáforas no editorial do Vandrê e todas absolutamente inescrutáveis. Só uma coisa é certa: — sem que o próprio autor o perceba, tais metáforas são absolutamente contrarrevolucionárias.

8 Mas vejamos o sr. Caetano Veloso. A vaia selvagem com que o receberam já me deu uma certa náusea de ser brasileiro. Dirão os idiotas da objetividade que ele estava de salto alto, plumas, peruca, batom, etc., etc. Era um artista. De peruca ou não, era um artista. De plumas, mas artista. De salto alto, mas artista. E foi uma monstruosa vaia. A menina, já citada, batia com os saltos dos sapatos, em delírio. Mas era um concorrente que vinha, ali, cantar; simplesmente cantar. Mas os jovens centauros não deixaram. Na minha casa, lembrei-me de uma velha solenidade nazista: — a queima de livros. Imaginei que, a qualquer momento, a guarda vermelha ia subir ao palco para queimar o próprio Caetano Veloso. Não me admiraria nada que, no futuro, os nossos jovens socialistas queimem poetas no meio da rua.

9 Mas estou aqui fazendo uma defesa inútil de Caetano Veloso. Ninguém reage melhor do que ele mesmo. Quis cantar e esmagaram seu canto. A massa coral repetia, em furiosa cadência, uma obscenidade espantosa. Era o massacre de um artista, um desesperado artista que se propunha a cantar o “É proibido proibir”. A canção era a flor que o nosso Vandrê quer expulsar do seu horrendo paraíso socialista. Já nenhum telespectador suportava mais a humilhação, que se transferia para as casas. (E a jovem

massa insistia no refrão torpe.) Súbito, os brios do artista se eriçaram mais que as cerdas bravas do javali.

10 Ele começou a falar. Era um contra mil e quinhentos. E um que dizia a sua feroz mensagem nos trajes mais impróprios para o seu rompante. Sim, estava de peruca, plumas, batom, salto alto, etc. E disse as verdades que estavam mudas, sim, as verdades que precisavam ser ditas — urgentes, inadiáveis e santas verdades. Ainda bem que milhões de telespectadores as ouviram.

11 Se bem me lembro, eis as suas palavras: — “É isso a juventude? E vocês são políticos? Querem o poder! Vocês não sabem nada, não entendem nada! Analfabetos em política e arte! Se entendem de política como entendem de música, desgraçado Brasil!” Não me lembro de tudo. Houve um momento em que Caetano Veloso comparou, e com exemplar justiça, as duas vergonhas: — a vaia obscena e a invasão do Teatro Ruth Escobar. Naquela ocasião, depois do espetáculo *Roda-viva*, uns quarenta bandidos espancaram o elenco. Havia uma atriz grávida, que gritou: — “Estou grávida!” Levou um chute na barriga. Foi pisada como uma flor do nosso Vandrê. E dizia Caetano Veloso: — “Vocês não são melhores! São iguaizinhos!”

12 Os idiotas da objetividade hão de perguntar: — “E a peruca? E as plumas? E o batom? E o salto alto?” Eu responderia que qualquer um pode ter uma indignação à Zola. Quando morreu o autor de *Germinal*, disse alguém, à beira do túmulo: — “Zola foi um momento da consciência humana.” No *tape* de sábado tivemos, pela fúria de Caetano Veloso, um momento da consciência brasileira. E vimos como a sua implacável lucidez acuou e bateu a “jovem obtusidade”.

O Globo, 26/9/1968

53. A fotografia do ódio

1 É uma fotografia de *Manchete*, e com a agravante: — colorida. Lá está o sangue coagulado. O olho enorme, que ninguém fechou; e os intestinos escorrendo, no seu puro escarlata; e as mãos entrevadas pela morte. Morreu, não há dúvida, morreu.

2 E odeia. Morreu com esgar de ódio, com a boca aberta em grito. Nem sei se é de um lado ou de outro; se é guerrilheiro ou não. Morreu, mas o ódio sobrevive. É um cadáver e continua odiando. Olho a fotografia e vejo tudo. Não é americano, não pode ser americano. Tem de ser de outro lado, e explico.

3 O mistério de *Manchete* está na impressão, em cores. Seus anúncios são graficamente exemplares. Lembro-me de uma salada de página inteira. A alface, as fatias de tomate, os frios, a maionese, tudo, tudo é perfeito, irretocável. *Manchete* imprimiu o cadáver vietnamita com o mesmo virtuosismo da salada.

4 Mas eu digo que devia ser guerrilheiro pela miséria dentária. Eram cacos, não dentes. Dirá alguém que de um lado e do outro há maus dentes.

Seja como for, instala-se em mim a certeza, talvez pueril, mas obsessiva: — são dentes de terrorista.

5 Mas não falemos mais na meia dúzia de cacos pendurados nas feias gengivas. O que realmente apavora é o ódio. Imaginem vocês que acabo de receber a carta de uma leitora. É uma brasileira que me escreve e não assina. A meu ver, não há carta anônima intranscendente. Se não tem assinatura, passa a valer como um documento trágico. Desde os velhos folhetins, a carta anônima é de uma veracidade apavorante.

6 A leitora fala da moça que morreu de gangrena. E morreu porque saiu, de hospital em hospital, e não encontrou um médico, uma enfermeira, um estudante, um porteiro. Teria sido salva, sem maiores problemas, se alguém a atendesse em tempo. Mas vinha um médico, olhava o braço partido e dizia: — “Não é urgente.” E a mandava embora.

7 Qualquer barbeiro diria: — “É de urgência, sim.” Mas não houve, repito, um médico que reconhecesse o óbvio. Não houve uma enfermeira, nem um funcionário. Há uma escola que se chama, pomposamente, Ana Nery. Pois as enfermeiras, práticas ou formadas, as serventes, ninguém teve pena, simplesmente pena. Temos pena de uma cachorra manca. E ninguém teve pena da gangrena em flor.

8 No fim, não havia a menor dúvida. Caso tão nítido, tão límpido, tão inequívoco. Qualquer um, a olho nu, veria a cor da gangrena e da orquídea. Mas os médicos, de vários hospitais, de todos os hospitais, continuavam a negar, de pés juntos, a gravidade e a urgência. Até que a menina morreu, apenas morreu, e nada mais.

9 E, então, a leitora me escreve. O que me impressionou na carta foi o ódio. Um ódio só comparável ao do cadáver que continuava odiando. Sempre digo que o verdadeiro amor continua para além da vida e para além da morte. Mas vejo o cadáver da guerra. E sinto que também o verdadeiro ódio dura mais que a vida e dura mais que a morte. Minha leitora viu a notícia no jornal. E conheceu não a irritação efêmera, não a raiva que passa, não o protesto que se esquece. Não, não. Ele toma uma posição radical. É uma paixão que não conhecia. E, no seu ódio, pergunta se ninguém vai fazer nada. Nada, nada?

10 Sim, ninguém fará nada, nada. Exatamente nada. Mas a leitora tem um tesouro de ódio, íntimo tesouro, que não sabe como aplicar ou contra quem aplicar. Odeia, mas a quem? E o pior é que morreu uma só e repito: — uma só Gisela. Se fossem duzentas, trezentas Giselas, talvez tivéssemos, por aí, um surto de piedade convencional e enfática. Mas uma só gangrena é de tal insignificação numérica que comove de uma maneira muito epidérmica e ineficaz.

11 E me espanta o nosso vão esforço. Pagamos toda uma imensa organização, toda uma estrutura gigantesca. E sabem para quê? Para que um médico olhe uma gangrena inequívoca, óbvia, evidentíssima, e diga: — “Não é de urgência.” Ora, eu sou um obsessivo. E uma das minhas ideias fixas é, justamente, a seguinte: — o médico ou é um santo ou um gângster. Meu Deus, não vejam nas minhas palavras nem exagero, nem caricatura.

12 Um médico tem responsabilidades que ninguém tem. Estou dizendo o óbvio, mas paciência. O médico só devia ser médico depois de sofrer uma série de provas, de testes vitais crucialíssimos. O sujeito teria de passar três anos nos cafundós da África, tratando de negros leprosos. Como é que

se pode passar um atestado de óbito sem tremer? Diz um amigo meu que o sujeito que assina um atestado de óbito substituiu Deus e O antecipa.

13 Mas não se aflijam. Os médicos que não identificaram a gangrena, que não enxergaram o óbvio e despacharam alegremente a moça continuarão a fazer a barba, escovar os dentes, a namorar, a assobiar, etc., etc. Mas volto ao cadáver que mereceu de *Manchete* uma impressão de salada. Eu falei de dois ódios e passo a um terceiro. Desta vez é um chofer de praça.

14 Imaginem um chefe de família, de origem italiana. Mas a origem pouco importa. Era uma criatura doce, cálida, generosa. Um dia foi preso porque não tinha, na hora, a sua identidade. Sua mulher, seus oito filhos, estão em casa, esperando para o jantar. Mas ele não vem porque foi atirado no fundo de um xadrez. Passou lá, entre marginais, 24 horas, e gritando. Digo eu que o verdadeiro grito parece falso. E o motorista gritava como se estivesse imitando, apenas imitando, a dor da carne ferida.

15 Eis o que aconteceu: — fora estuprado por seis ou sete marginais. Saiu do xadrez, foi para casa. Empurrou a mulher, entrou no quarto e trancou-se. Lá, meteu uma bala na cabeça. Morreu de ódio, morreu odiando, como a fotografia de *Manchete*. E, como a leitora, não sabia a quem odiar. Os marginais eram, decerto, os menos culpados. Episódios assim são uma rotina que jamais variou. Isso pode acontecer com o filho, o pai, o irmão de qualquer um; pode acontecer com qualquer um. A vítima pode uivar três dias e três noites. Ninguém se mexe na delegacia.

16 A nova peça de Plínio Marcos, *Barrela*, que o Teatro Jovem ia levar, se passa num xadrez. Seis ou sete marginais estão em cena. E, de repente, entra mais um preso, um adolescente, preso porque brigara num bar do Leblon. Os outros o agarram, e qualquer um pode imaginar o resto.

Pergunto: — que faremos nós? Desta vez, foi tomada a providência justa: — interditou-se a peça. Obscena é a denúncia e não a monstruosidade. A moral está salva, porque se emudeceu uma peça. E o ser humano continuará sendo violentado em cada xadrez, eternamente. Porque o nosso sentimento é impotente, como o ódio do chofer.

O Globo, 20/3/1968

54. Negro azul

1 Ontem, em pleno expediente, comecei a sentir uma misteriosa angústia. Quero que me entendam. Disse “angústia”, mas explico: — era um sofrimento menor e indefinível. Paro de bater à máquina e puxo um cigarro. Sofria sem nenhum motivo preciso, concreto. Fui ao boteco da esquina tomar um cafezinho. A angústia continuava lá. Mexendo o cafezinho, descobri subitamente tudo. Eu me afligia porque estava sentindo falta de alguma coisa e não sabia o quê. Voltei para a redação e aquilo não me saía da cabeça. “Falta alguma coisa”, repetia para mim mesmo.

2 Mas não sabia o que era. Paciência. Quero trabalhar e não posso. De repente, há um clarão interior: — as polainas! Eu sentia, exatamente, a falta das polainas. Não em mim, que nunca as usei, mas nos outros. Olhem em torno, baixem a vista. As polainas desapareceram da cidade, do país. São antigas, espectrais, como o guarda-chuva de Paulo de Frontin. Será que alguém as usa? Esqueço o trabalho e me concentro. Eis a pergunta que me faço: — “Qual foi o último sujeito que eu vi de polainas?”

3 Um deles foi o dr. Jacarandá. Outro: — o cidadão Pingô. Mas o “último”, exatamente o último que vi de polainas foi um preto, oficial de justiça. Sempre digo que nunca se viu, neste país, um negro de casaca. É

verdade. Os nossos patrícios de cor já usaram tudo e, se quiserem, até folha de parreira, menos casaca. Estou para fazer uma tragédia racial, cujo título é o seguinte: — *O negro azul*. Morava o “negro azul” num pardieiro, em Del Castilho. De manhã, entrava ele na fila do banheiro coletivo. Até que, um dia, às dez horas da manhã, todos o viram sair de casaca. Casaca e cartola. Não tomou um táxi, um ônibus, um bonde ou taioaba. Levou a casaca a passear pelas ruas e a pé. O desfile começou às dez da manhã e só parou à meia-noite. Exatamente à meia-noite, atirou-se debaixo de um ônibus. Ninguém soube jamais que a casaca era o seu protesto contra o Brasil.

4 Volto ao oficial de justiça. Fisicamente enorme, era um negro plástico, lustroso, ornamental. E tinha uma voz de Paul Robeson, as ventas de Paul Robeson, os beijos de Paul Robeson. Vou eu passando pela rua Senador Furtado (ou seria Senador Pompeu). E, súbito, vejo adiante um ajuntamento. O brasileiro se incorpora a qualquer grupo de mais de cinco pessoas. De mais a mais, temos a fascinação do escândalo. E eu, da esquina, já ouvia o berreiro tremendo, gritos de mulher, etc., etc.

5 Tantos anos depois, ainda vejo o Paul Robeson em todo o esplendor de sua figura e de suas polainas. Vocalmente, tinha a potência de um barítono, ou baixo cantante, desses que exigem a acústica de uma catedral, a cúpula de uma catedral. Enchia a rua, o bairro, com o seu clamor: — “Eu tenho razão! Eu tenho razão!” Lá estavam elas, as polainas. O homem andava de um lado para outro. Bem vi que as polainas o desagravavam da frustração da casaca. Soltava a voz: — “Eu tenho razão! Eu tenho razão!”

6 Em três ou quatro minutos, vim a conhecer a história toda. Aquilo era um despejo. O crioulo de polainas estava ali como oficial de justiça. Outros crioulos, e um branco sarará, iam e vinham, trazendo os móveis e

empilhando tudo na calçada. Quanto à mulher dos gritos (e continuava gritando), era viúva e mãe de cinco ou seis filhos. Há uns três meses o marido morrera tuberculoso e deixara, para a mulher, além das dívidas, a própria doença.

7 Cabe então a pergunta: — e de onde vinha a magnífica, a estupenda, a ululante razão do oficial? Ei-la: — a viúva não pagava o aluguel havia um ano. E, portanto, ele podia abrir sua razão de par em par, como uma manchete. Outrora, o brasileiro reagia muito contra a violência, mesmo justa, mesmo legal. Sempre um ou outro gritava: — “Não pode, não pode!” Mas ninguém insinuou um vago pio em favor da viúva e dos filhos. De vez em quando vinha a tosse afogar a sua fúria. Ela se torcia e destorcia em náuseas medonhas. Houve um momento em que, depois do acesso, cuspiu na palma da própria mão e espiou o sangue. A vista do vermelho distraiu-a do despejo. Arquejou, sem desespero, apenas informativa: — “O falecido me chama.” Não chorou mais, ou por outra: — continuou chorando, mas sem gritar. E as polainas eram mais insolentes do que esporas.

8 Eis o que eu queria dizer: — vem daí, desse pequeno e ilustrativo episódio, o meu horror às pessoas que têm razão e a proclamam com o impudor da manchete. Dirá o leitor que qualquer um pode ter razão. Nem todos, nem todos. Eu diria mesmo que só algumas almas seletíssimas, alguns espíritos de rara delicadeza podem tê-la. Lembro-me de outro episódio também perfeitamente cabível. Foi uma briga de mulheres. Uma senhora insultou outra. Por quê, não me lembro. E o marido da ofendida foi tomar satisfações. A culpada estava esperando criança. Mas o Fulano tinha razão; e porque a tinha, derrubou-a a bofetões e mais: — pisou-lhe a barriga, chutou-lhe a gravidez. Correto. Tinha razão.

9 Nas almas menos nobres, a razão pode subir à cabeça em forma de vil embriaguez. E os piores sentimentos, e as crueldades mais secretas e inconfessas, e todos os demônios do orgulho são liberados. Tudo que sei da vida ensina que a razão pode perder a nossa alma e repito: — pode destruí-la.

10 Fiz a volta imensa para chegar à juventude. Vocês me entendem. Falo dessa figura impessoal, sem cara, sem nome, que é “o jovem”. Eis o seu drama: — mesmo sem razão, ele a tem. É uma razão que não lhe custa um esforço, um mérito, um sacrifício, uma conquista. Tem razão porque é jovem. Não sei se vocês leram um recente artigo do dr. Alceu. Vale a pena.

11 (Claro que não estou falando de razão em cada caso concreto e específico. Refiro-me ao problema vital que se está criando com uma desfaçatez inédita.) Todo o artigo do dr. Alceu é muito curioso. Mas em dado momento descobre o notável pensador a “Razão da Idade”. É fantástico.

12 A *Razão da Idade* muda todas as relações e todos os valores. Nem importa o que faça “o jovem”. Incendeia a França. Tem 17, 18, 22 anos. E basta. Arranca os paralelepípedos e vira os carros. Pode fazê-lo porque tem no bolso a triunfal certidão de idade. Se nasceu no ano X, tudo lhe é permitido. Estão aí o jornal, o rádio, a TV para justificá-lo, para absolvê-lo. Há uma “Moral da Idade”, assim como há uma “Igreja da Idade”. Conheço sacerdotes que só confessam “o jovem”. Todos põem na mão do jovem, como uma bomba, a razão absoluta. O mundo deixou de ser dos “mais velhos”. Mas pergunto: — que fará “o jovem” com sua onipotência? A *Razão da Idade* pode destruir o mundo.

O Globo, 1/7/1968

55. Bonita demais

1 Não há mulher bonita feliz. Sim, as duas coisas são incoincidentes: — a felicidade e a beleza. Isso dito assim, à queima-roupa, tem um som de moeda falsa. Mas nem tanto, nem tanto. Se a mulher bonita é feliz, estejamos certos de um equívoco visual. Não é bonita. E teremos de fazer uma correção óptica.

2 Eu me lembro de uma capa de *Manchete*. Era uma grã-fina lindíssima. Os olhos, a pele, a cor, o lábio, o nariz, tudo, tudo. Há médicos que cobram até “bom-dia”. Também a musa em questão só tinha paixões caríssimas. Era uma graça mercenária, sim, uma graça escorchante. Só era fiel por dinheiro, só traía por dinheiro. Na infância, não tivera sarampo, nem coqueluche; e, na adolescência, ninguém mais amada, ninguém tão amada.

3 Era assim, feliz. Tão feliz que chegava a sentir o tédio de tamanha felicidade. Mas não era bonita. Enganou-se Justino Martins quando a escolheu entre muitas, entre todas; enganara-se o fotógrafo; enganara-se a máquina que imprimira tão bem. Toda uma sociedade se juntava em torno do mesmo equívoco. Era a falsa bonita.

4 Bonita de verdade, tragicamente bonita, e uma bonita tacada de mistério e de patético, era a Marilyn Monroe. Mas, antes de falar de Marilyn, quero dizer duas palavras sobre a Ava Gardner. Bela mulher. Júlio Diniz, se vivo fosse, diria: “Formosa rapariga.” Houve um tempo em que a mulher bonita era “formosa” e era “rapariga”. Eis o que eu queria dizer: — não se pode ser mais bonita do que Ava Gardner (igualmente não se pode ser mais bonita do que Marilyn Monroe).

5 Mas o que me importa, de momento, é a beleza absurda de Ava Gardner. E ninguém mais infeliz. Quando passou por aqui, sua desgraça não foi segredo para ninguém. Certa vez, em minha infância profunda, vi uma mulher brigando com o marido: — “Não chama a tua filha de desgraçada!” E a Ava Gardner é, justamente, a desgraçada. Ninguém a ama e ela não ama ninguém.

6 Vejam bem: traída por todos e não amada por nenhum. Aí está, numa frase sucinta, o seu destino. Há infelicidades altivas, dignas, que permitem a pose. A mulher se conserva erecta, hierática, inescrutável. Ava Gardner, não. É a infelicidade que precisa beber e, repito, a infelicidade abjeta. Na sua passagem pelo Rio, fez coisas que logo se incorporaram ao folclore da madrugada.

7 A morte de Marilyn Monroe era a sua beleza. Desde os 12 anos, não foi outra coisa senão bonita, e condenada a ser bonita, dia e noite. Não falemos da neurótica ou, por outra, falemos da neurótica. Vejam a grande mulher. Se é bonita, tem de ser neurótica. (Dirão que estou generalizando. Mas como é idiota o medo de generalizar.)

8 Um dia, Marilyn posou nua para uma folhinha. Foi o seu primeiro gesto suicida. Só está salva a mulher que se despe por amor e apenas por amor. E

Marilyn despia-se por dinheiro. Esse impudor pago, esse impudor gratificado, foi também a sua morte. E, logo, houve a multiplicação do nu em milhões de folhinhas. Nos Mares do Sul, em qualquer boteco dos Mares do Sul, lá estava a nudez. Foi desejada em todos os idiomas. Paus-d'água, de todos os sotaques, disseram horrores à folhinha.

9 E Marilyn deixou de ser mulher. Era a folhinha. Nunca perdeu a obsessão da própria nudez. Quando pensou em se matar, teve que se despir para morrer. Morreu nua, morreu folhinha. Só hoje nós compreendemos a solidão de sua nudez. Era bonita e não foi jamais amada, nem amou ninguém. Portanto, a sua beleza está acima de qualquer dúvida ou sofisma.

10 Mas eu falei de duas celebridades. Agora, vou referir uma carioca da classe média, que morava pouco além da Praça Saenz Peña. Era linda, linda. Muito melhor do que qualquer capa de *Manchete*. Chamava-se Amelinha (a classe média não sabe viver sem diminutivo). Um dia, morre a avó de Amelinha. Na volta do enterro, e na porta do cemitério, ela conhece o Norberto. Era um belo rapaz, pálido como um Werther ou, se preferirem, pálido como um santo.

11 Hoje, no Brasil, ninguém põe mais luto, ou por outra: o luto é uma frívola gravata preta. Norberto era o único luto fechado da nação. Enquanto Amelinha esperava um automóvel, Norberto aproximou-se e enfiou-lhe na mão um bilhete. No papel, está escrito o seu nome e o telefone (esquecia-me de dizer que a avó de Amelinha fora enterrada no Cemitério de São Francisco Xavier).

12 O romance teve uma progressão fulminante. No dia seguinte, Amelinha telefonava e, mais dois dias, Norberto instalou-se naquela família. Não fez segredo. Disse que fora até o terceiro ano de Medicina e

que abandonara os estudos. Explicou que a sua vocação era outra. Homem sem segredos, só tinha um segredo, ou seja, a vocação. Prometeu: — “Um dia, vocês vão saber.” Sempre no seu luto pesadíssimo, jantava lá todos os dias e, aos domingos, almoçava.

13 No fim de um mês, estavam noivos. Disse à família: — “Eu me caso quando sair a vaga.” E, realmente, estava esperando um emprego onde poderia realizar, afinal, a sua vocação. Amelinha quis saber: — “E você perdeu quem?” Explicou, risonhamente, que não perdera ninguém. O luto não era luto. “Gosto de preto, prefiro o preto.”

14 E, de repente, começou a acontecer uma coisa muito interessante. Parentes e amigos viam sempre o Norberto ou dentro do cemitério, ou na porta do cemitério, ou saindo do necrotério, ou fazendo quarto a um morto qualquer. Às vezes, Amelinha queria ir a um cinema e Norberto suspirava: — “Tenho que ir a um velório.” Mais alguns meses, e o enxoval ficou pronto (de 15 em 15 minutos aquela menina ficava mais linda). Em casa, o pai rosnava: — “Mas sai ou não sai essa vaga?”

15 Até que o sogro resolveu, como ele próprio disse, mexer seus pauzinhos. E tantas fez que conseguiu um emprego excepcional. Era não sei o que na Casa da Moeda. E a família se juntou, toda, na sala, à espera do Norberto. Quando ele chegou, Amelinha se arremessou: — “Papai te arranjou um emprego! Emprego!” Pálido, ele soube do resto. E, então, ergueu o rosto: — “Não quero! Não quero!” E foi num crescendo: — “Não pedi emprego a ninguém. Ou pedi? Estou esperando a minha vaga.” Lívido, o lábio trêmulo, o sogro perguntou: — “Teu emprego é melhor do que esse? Fala! Qual é o teu emprego?”

16 Silêncio. O sogro berra: — “Eu não sou palhaço! Responde! Qual é o teu emprego?” Olha as caras que o cercam. Diz, num sopro: — “Coveiro.” E, súbito, dá-lhe uma coragem feroz: — “Coveiro! Queriam saber? Coveiro!” Os presentes se entreolham. Amelinha estava ainda mais bonita. O velho insiste: — “Você diz coveiro? De cemitério? Coveiro de enterrar defunto?” Numa euforia de louco, respondeu: — “Isso! Coveiro de enterrar defunto!” O velho não esperou mais. Derrubou-o com o primeiro bofetão. Norberto levantou-se e tomou um *rapa*. E assim, de queda em queda, foi posto na rua. Lá fora, correu, gritando. E o velho voltou, lentamente. Ninguém dizia nada. Até que, de repente, uma tia solteirona pôs-se a berrar, apontando para Amelinha: — “Beleza dá azar! Beleza dá azar!”

O Globo, 22/3/1968

56. O único De Gaulle

1 Uma das maiores festas populares do velho Rio era o “grande enterro”. Não sei se me faço entender. Falo de uma cidade ou de um Brasil que passou até o último vestígio. Era ainda o tempo do barão do Rio Branco, de Pinheiro Machado, de Oswaldo Cruz, Patrocínio, Rui (digo os nomes, ao acaso, sem nenhuma cronologia). E, quando morria um dos citados, a cidade vinha, radiante, enterrar o “grande homem”.

2 Claro que ninguém chorava o defunto oficial. E, por todo o itinerário fúnebre, ou falsamente fúnebre, havia uma euforia louca. Os moleques, trepados nos postes e nas árvores, avisavam: — “*Evém! Evém!*” Mas eu disse que ninguém chorava o “grande homem” e já retifico: — as velhinhas choravam, sim, o cadáver monumental. Foi assim quando morreu o barão do Rio Branco.

3 Naquela época, ainda tínhamos o instrumento da reverência que era o chapéu. Podia ser um enterro de quinta classe. E cada qual se descobria diante da morte. Ninguém morria sem que toda uma cidade o cumprimentasse. Mas eu estava falando de quê mesmo? Ah, de Rio Branco. Segundo se afirma, foi o maior enterro do Brasil, em qualquer tempo. O velho barão era “grande homem” até fisicamente. Bem me lembro que, na minha infância, o que mais me fascinava em Rio Branco

era a barriga. Hoje, temos um preconceito cardíaco, não sei se justo ou iníquo, contra o barrigudo. Os clínicos costumam fazer a restrição pressaga: — “Você está muito gordo.”

4 No velho Rio, porém, a barriga era um mérito a mais do ministro, do homem de Estado, do senador. E, naquele dia, ninguém ficou em casa, ninguém, e só as velhinhas choravam. O resto exultava com a *mise-en-scène* funeral. Mas eis o que eu queria dizer: — hoje, seria talvez impossível um enterro parecido. Cabe então a pergunta: — e por quê?

5 Vejamos. Outro dia fui a um sarau de grã-finos na Lagoa. Houve um momento em que faltou assunto. E, então, alguém falou, precisamente, dos velhos enterros do Brasil. Citou os do barão, de Rui, de Pinheiro Machado, etc., etc. Havia lá um escultor português. Este gostaria de ter assistido aos funerais de Inês de Castro. A dona da casa (bonita demais para ser feliz) confessou que não vira, jamais, um “grande enterro”.

6 Em seguida, alguém propôs uma revisão dos nossos “grandes homens”. Houve a dúvida: — “Vivos ou mortos?” Convencionou-se que só interessavam os vivos. E começou uma busca frenética. No fim de uma hora os nomes lembrados dariam para encher uma lista telefônica. E começou um processo de angústia. Mais um pouco e se insinuou a dúvida: — “Será que, no Brasil, ninguém é ‘grande homem’?” Até que, cerca das quatro da manhã, chegou-se à síntese desesperadora: — não temos o “grande enterro” porque nos falta o “grande Morto”. O anfitrião repetia, vagamente humilhado: — “O Brasil não tem um grande homem para enterrar.”

7 Saímos já ao amanhecer. Vim, com mais dois ou três, numa carona amiga. O dono do carro ainda gemia, numa irada frustração: — “É

impossível que o Brasil não tenha um ‘grande homem’.” Nenhum povo pode viver sem o “grande homem”. Um outro sugeriu a hipótese consoladora: — “Quem sabe se não há, por aí, um gênio inédito?” Protesto do dono da carona: — “A primeira virtude do ‘grande homem’ é não ser inédito.” Quando saltei do carro, na porta de casa, já tínhamos renunciado ao “grande homem” brasileiro.

8 E, agora mesmo, ao bater estas notas, estou com o problema na cabeça. Lembro-me então de uma das recentes passeatas, justamente a mais concorrida, a dos “cem mil”. Estavam, ali, erectas as nossas elites. Eram estudantes, poetas, romancistas, professores, sacerdotes, arquitetos, médicos, sociólogos, intelectuais de todos os tipos, cineastas. Do alto de uma sacada, um observador podia imaginar: — “São os que pensam.” E, de fato, era o Brasil pensante que desfilava. Pasmado, cochichei para o meu companheiro Raul Brandão, o pintor das igrejas e das grã-finas: — “Vai haver o diabo.”

9 O meu raciocínio era justo. Cem mil brasileiros não se juntam para nada. Imaginei que ia começar, ali, a “Grande Revolução”. Até que se ouviu a palavra de ordem: — “Vamos sentar.” A docilidade foi total. E as nossas elites sentadas eram de um efeito plástico inesquecível. E, depois, veio a ordem inversa: — “Levantar.” Tal e qual no anúncio do “senta e levanta”. Ninguém queria tomar o Poder, absolutamente. Uma vez que se tinham sentado e levantado, os cem mil se deram por satisfeitos e cada qual foi para casa.

10 Se os que pensam agem e reagem assim, que dizer dos que não pensam? Sim, que dizer do pobre-diabo, do homem de rua, do pé-rapado, do sujeito mais obscuro do que um cachorro atropelado? Finda a passeata das elites, o Raul Brandão esbravejou: — “O importante, no Brasil, não é o

‘grande homem’, mas, inversamente, o pobre-diabo, o homem comum, o torcedor do Flamengo, o analfabeto.” Arquejava de uma fúria sagrada contra as elites.

11 Eis o que eu gostaria de dizer: — passou a época do “grande homem”, e não só no Brasil. Também no mundo. Recentemente, vimos a nova “Revolução Francesa”. Os estudantes viravam a pátria de pernas para o ar; e, logo, 12 milhões de operários entraram em greve. Estudantes chamavam De Gaulle de “o assassino”. O Poder estava indefeso. Mas ninguém o tomou, ninguém. E por quê? Simplesmente porque entre milhões não havia um único e escasso “grande homem”. A França teve que se atirar, outra vez, nos braços de De Gaulle. Sim, o velho De Gaulle, único “grande homem” francês.

12 Na minha mesa está uma revista de Paris. E, lá, vem um artigo confessional de Jean-Louis Barrault. Já falei, aqui, da sua “morte”. Durante a “jovem revolução” o famoso ator, com um oportunismo muito pusilânime, tratou de adular a massa estudantil. O “Teatro Odeon”, que ele dirigia, estava ocupado pelos jovens. E, então, Barrault subiu ao palco. Foi patético. Declarou que, a partir daquele momento, deixava de ser Barrault. De frente alçada, completou: — “Barrault morreu.” Saiu dali e foi comer um bom bife, na esquina. Quinze dias depois, não havia mais greve, não havia mais nada. Barrault, falso grande ator, falso grande homem, teve o seu prêmio. Um outro intelectual, Malraux, o chamou e deve ter dito mais ou menos isto: — “Rua! Rua!” E o artigo do “morto” vem plangente de uma funda e inconsolável nostalgia do salário. Seja como for, a “jovem revolução” ensinou-nos que a França é uma paisagem sem franceses ou, por outra, é a paisagem de um único francês: — Charles de Gaulle.

O Globo, 27/9/1968

57. Herói e mártir

1 Era uma *avant-première* de caridade. Todo o grã-finismo presente. Não se dava um passo sem esbarrar, sem tropeçar numa capa de *Manchete*. Diga-se de passagem que estou usando uma imagem hoje obsoleta. E, de fato, as grã-finas deixaram de ser capas de *Manchete*. Mas, como ia dizendo: eu era, se bem me lembro, o único plebeu da festa. E, súbito, passou por mim um colar de brilhantes. Pobre hereditário, sou um deslumbrado nato pelas joias caras.

2 E aquilo me ofuscou. Como um hipnotizado, fui atrás. Mas, se me perguntarem quem era a dona do colar, e quem era o seu marido, não saberia dizê-lo. Um e outro pareciam secundários, nulos, diante da joia. Ele, multimilionário, era como que contínuo dos brilhantes. Fiquei, de longe, de olho no colar, como um Raffles. Esquecia-me de dizer que sou também fascinado pelo preço das coisas. Fiz meus cálculos. A bela senhora trazia no pescoço uma fortuna delirante. E, súbito, alguém cochicha: — “Aquele colar custou trinta segundos da festa do Patiño.”

3 Quem me disse isso? Não sei. Foi talvez o próprio Satã. O pretexto para a *avant-première* beneficente era um filme francês. E, depois do filme, ouvi não sei quantas opiniões. Alguém dizia, em arroubos: — “Que diálogo! Que diálogo!” Houve um momento em que parou, perto de mim,

o casal do colar. Em vez de se contentar com os brilhantes, a mulher também queria ser inteligente, e dizia: — “A mulher brasileira não chega aos pés da francesa.” O culpado do colar, com um tédio de Nero, resmungou o que não ouvi. E a mulher, com um frêmito nos brilhantes e no decote: — “O Brasil é um país de quinta ordem.” E, então, o marido, obeso como um Nero de Hollywood, faz esta síntese cruelíssima: — “O brasileiro não sabe fazer uma frase.”

4 A ser verdade esta impotência verbal do brasileiro, seria a nossa desgraça. Nenhum povo, nenhuma época, nenhuma classe conseguiriam viver sem frases. E eu, ao apanhar meu táxi, vim pensando na Itália, que é, exatamente, a pátria da frase. A outra pátria seria a França. Quando o táxi passou pelo relógio da Glória, eu pensava em D’Annunzio e na sua prodigiosa magia verbal. Durante toda a *belle époque*, era uma honra ser amante do poeta. Os despeitados, que sempre os há, perguntavam: — “Por quê? Por quê?” Fisicamente, D’Annunzio era o antifauno — pequenino, de barbicha em ponta, uma calva que começava e não sabia onde acabar. Mas fazia frases. E a boa frase, em qualquer tempo ou em qualquer idioma, sempre fez adúlteras. Segundo a lenda, só uma senhora resistiu à frase de D’Annunzio. Vai o poeta e faz-lhe um soneto. Resistiu à frase, não resistiu ao soneto.

5 Falei do gênio verbal de um homem e passo a falar do gênio verbal de um povo: — o francês. Pode parecer exagero. Mas eis o que eu queria dizer: — a França é uma paisagem de frases. O francês não sabe amar, odiar, viver ou morrer sem a palavra. Nele, o gesto é apenas o reforço plástico da frase. Vejam a última “Revolução Francesa”. Evidentemente, ninguém queria cortar a cabeça de ninguém. E, de fato, ninguém morreu e ninguém matou. Mas os revolucionários lavaram a alma porque fizeram uma meia dúzia de frases. Uma delas, que está rolando por todos os idiomas, é a já insuportável “É proibido proibir”. Essa frase já foi bonita.

Mas, pichada em todos os muros, impressa por toda a parte — tornou-se de um tédio auditivo hediondo. Logo se viu, porém, que era uma rele pose verbal da massa francesa. “É proibido proibir”, mas os seus autores foram pichar telas antigas, por serem antigas, as modernas, por serem modernas; e assim como proibiram a pintura, também proibiram o teatro, o cinema, a música. Naqueles dias, o vento da “jovem irracionalidade” varreu a França.

6 Deixemos as frases francesas e passemos às nossas. Será que elas existem? Afirmou o marido dos brilhantes que o brasileiro “não sabe fazer uma frase”. Dirá um patriota de penacho: — “Mas é injusto! Injusto!” Nem tanto, nem tanto, ou por outra: — talvez seja uma falsa injustiça. Acontecem coisas, no Brasil, que fazem desconfiar de nossa potência verbal.

7 Em várias ocasiões cívicas, o brasileiro faz o gesto, sem lhe acrescentar a frase que o justifique e o consagre. Imaginem vocês se Pedro I, nas margens do Ipiranga, puxasse a espada sem o grito. O gesto mudo significaria mais cem anos de colônia. Todavia não precisamos recuar tanto na folhinha. Há pouquíssimo tempo houve aqui a “passeata dos cem mil”. Era a primeira vez em que as nossas elites, depois de uma inércia paradisíaca de 468 anos, iam intervir na vida brasileira. E, súbito, em plena avenida Rio Branco, ocorre o milagre: — as elites brasileiras sentaram-se. E não em cadeiras, não em poltronas, não em sofás, não em divãs. Não. Tal não fariam as nossas elites. Vejam e pasmem: — exaustas de quase quinhentos anos de ociosidade, de praia, de Antonio’s — elas saíram para descansar outros quinhentos anos. E sentaram-se no próprio chão, no próprio asfalto, no próprio meio-fio, na própria calçada.

8 E, se as nossas elites assim o fizeram, temos de admitir que devem ter razões históricas especialíssimas e inescrutáveis. Mas qualquer gesto, ainda o mais trivial, exige a frase correspondente. Foi o que faltou às elites do Brasil. E o gesto mudo nunca fez história. Por aí se vê que o grã-fino do colar não foi, como parecia, de uma inveracidade total. O brasileiro senta como ninguém. E, na hora da frase, porém, cai na mais absurda esterilidade verbal.

9 Felizmente despontou o Festival da Canção. E como os concorrentes fazem frases! Pena é que vários tenham apelado para o “É Proibido Proibir”. Pergunto: por que não inventar uma frase nossa? Por que recorrer a uma tradução? Graças a Deus, outros, como o Vandrê, são de uma fascinante originalidade. Ah, fiquei tocado pela sua integridade autoral. Não há um verso que não seja dele, dele mesmo e arrancado de suas entranhas vivas. E as frases jorram de sua canção, assim como a água jorra da boca dos tritões, sim, dos tritões de chafariz. Ao mesmo tempo, é a letra de um centauro de artistas e de herói.

10 Todavia, quer-me parecer que as letras políticas, ideológicas do “Festival” apresentam um defeito que escapou, certamente, aos seus autores. Vou explicar. No episódio dos “cem mil” houve o gesto e faltou a frase. Na canção do Vandrê só há frases e nenhum gesto. O sujeito, depois de escrever o que ele escreveu, e de cantar o que ele canta, não pode ficar no Maracanãzinho recebendo *corbeilles* como na ópera. É pouco. O leitor e ouvinte imagina que ele ouviu tudo aquilo numa sessão espírita, como médium de Guevara. Depois de tal canção, só lhe resta uma saída: — correr para se encontrar com o próprio martírio na primeira esquina.

O Globo, 28/9/1968

58. A fome agradecida

1 Tempos atrás, encontrei-me com o Carlos Heitor Cony, o falso cínico, o falso obsceno, o falso feroz. Por trás de suas gargalhadas, o que se esconde ou, por outra, o que não se esconde é o romântico. Eis aí um homem tenazmente incompreendido pelos seus amigos, inimigos, conhecidos e familiares. Acreditem que o nosso Cony tem uma estrutura delicada e, repito, uma terna estrutura de pauzinhos de fósforo.

2 Estou-me lembrando do cafezinho que ele me pagou, ali na esquina. Mexendo na sua xicrinha, diz-me o Cony: — “Teu artigo de hoje está de um reacionarismo!” Prova o café e continua: — “Reacionário pra burro!” Não me dou por achado. Digo: — “Mas eu sou reacionário mesmo, o que é que há?” Ele ria, e eu também, e os nossos dois risos se juntavam numa só gargalhada. Seja como for, quis saber: — “Escuta cá. Reacionário, por quê?” E, então, subitamente grave, responde o Cony: — “O teu artigo sobre a fome!”

3 Naquele dia mesmo, saíra o tal artigo. Era uma meiga página de evocação. Relembrando a miséria brasileira de 1920, dizia eu que a fome antiga era doce, mansa e como que consentida. O sujeito morria de fome sem exalar um vago e escasso palavrão. Bem me lembro de um pobre que bateu à nossa porta. Pediu um prato de comida e teve o prato de comida

(feijão com arroz). O sujeito quase que agrediu o prato. Deu as primeiras garfadas. E, súbito, pergunta, arquejante: — “Tem uma pimentinha?”

4 E vi, depois, o pobre lamber, fisicamente, o prato. Eis o que eu queria dizer: — antes de partir, ele agradeceu. Não me olhou como se eu, menino descalço, fosse a “classe dominante”. Sua gratidão teve espasmos nunca vistos. O que consternava o Cony era a doçura agradecida do meu pobre. Ele teria preferido uma fome com estandarte, barricada, archote e comício. E como o miserável não chupou a carótida de ninguém, e simplesmente agradeceu, penhorado, o Cony sentia uma amarga, ressentida frustração.

5 Bem entendi o meu amigo. Lera, como eu, o *Germinal*. E, lá, há uma fome maravilhosamente plástica. Era uma revolta de operários e suas respectivas mulheres. E a multidão ululante assalta uma padaria. (Só em Zola é que a miséria assalta padarias. Na vida real, entre uma padaria e uma igreja, o faminto prefere saquear a igreja. As hordas da fome costumam ter o mais aristocrático desprezo pelo pão.) Mas, como ia eu dizendo: — assaltam a padaria. Diga-se, de passagem, que o padeiro não fiava. E, como não fiava, as mulheres o estriparam, sumariamente. Não satisfeitas, penduraram as carnes do homem na ponta de um pau. O sangue ia pingando, e aquele estandarte deu voltas, passeios, o diabo. Convenho em que o prato de comida é muito menos plástico e muito menos literário.

6 Mas, se a fome da minha infância scandalizou o Cony, que não diria ele da fome da Índia? Sim, de todas as fomes presentes, passadas e futuras da Índia? Imaginem vocês que um outro amigo meu, o Carqueja, acaba de chegar de lá. Ele fez a volta ao mundo. Em outros tempos, levaria uns 35 anos para concluir seu itinerário. E, hoje, saindo de um jato para outro jato, pulava de uma paisagem para outra paisagem, de um clima para outro clima, de um idioma para outro idioma. Diria eu que realizou uma viagem

fulminante. E, para viajar tanto em tão pouco tempo, teve que passar 15 minutos em cada país. Os eternos descontentes poderão insinuar que o Carqueja viu menos do que veria, aqui, olhando um cartão-postal.

7 Na Índia, todavia, passou oito dias. Para o ritmo de sua viagem, esses oito dias foram a própria eternidade. E conta o Carqueja que, ao desembarcar, a sua primeira reação foi de pânico total. Sentia o puro e quase incontrolável medo físico. Sim, medo, medo de uma miséria jamais sonhada, jamais concebida. E é tudo tão estranho, tão acima do que se conhece, tão além do que se imagina, que a miséria de lá pode servir de atração turística. Multidões apodrecendo ao vento.

8 Cony, se ouvisse o Carqueja, havia de perguntar, com superior ironia: — “E o Nordeste? E a nossa mortalidade infantil? E o Amazonas?” Eis a verdade: — diante da Índia, o Nordeste é um aperitivo para a Grande Fome. Perguntei: — “E o que é que tem a Índia de especial, de inédito, o quê?” E, então, o Carqueja não parou mais.

9 As multidões que não moram há milênios. São massas gigantescas que bebem água das sarjetas e para as quais a nossa água da bica seria efervescente, dourado champanhe. É uma gente que não teve, jamais, um teto, uma cama e nem ao menos um caixão. Há sempre um caixão para o cadáver brasileiro. E o caixão como que o desagrava de todas as suas frustrações vitais. Mas, lá, o morto não tem nada. Tem o rio. É o céu fluvial. E multidões moram junto ao rio. As cinzas de cada qual devem ser espalhadas nas águas imundas e divinas.

10 O sujeito nasce, vive, ama e morre na rua. Uma manhã, o Carqueja saiu do hotel; e viu, lá numa esquina, um homem estrebuchando. Eis o que imagina: — “Está morrendo!” Não era fantasia de brasileiro. Estava

morrendo. Sempre pensamos que a morte, em qualquer idioma, fosse o acontecimento. Sim, para nós, a morte de um vira-latas tem sua orla de espanto e de mistério. Mas Carqueja via, em Calcutá, um homem agonizando. E ninguém parava e, pior, ninguém olhava. Qualquer brasileiro acha o defunto uma figura encantada. E, por isso, o meu amigo não arredou pé daquela agonia em flor. Por fim, vira-se e diz: — “Morreu.” Um outro brasileiro, a seu lado, protestou: — “Não pode ser. Ninguém olha!” Realmente, as pessoas não olhavam, as pessoas apenas passavam, eternamente.

11 No Brasil, quando alguém morre na rua, aparece alguém. Há sempre uma piedade sem nome e sem cara que acende uma vela ao lado do morto. Que gesto invisível pôs ali uma chama que nenhum vento pode apagar? Mistério. Desesperado, Carqueja quis saber por que deixaram aquele homem agonizar na rua; e por que o próprio moribundo se deixara morrer, na calçada, sem nenhum pudor da morte pública. Simplesmente, porque a Índia quer morrer, a Índia gosta de morrer. Quem morre, volta milionário, príncipe, e tem palácios de mármore, ou ouro, sei lá.

12 O Cony exige uma fome com ódio, palavrão, retórica. E que diria ele da agradecida passividade indiana? Lá, morrer de fome, simplesmente morrer de fome, tem a doçura e a graça de um hábito muitas vezes milenar. Mas Carqueja queria ver o “Taj Mahal”, em Agra, a 200 quilômetros de Nova Déli. É um palácio de mármore eterno. Tudo de uma beleza apavorante. Vêm turistas de todas as partes e, eu quase dizia, até do céu, para ver o Taj Mahal. Mas eis o que eu queria dizer, eu, que nunca passei do Méier: — qualquer palácio é irrelevante, secundário, trivial. O que realmente fascina, na Índia, é a fome, mais antiga do que seus rios. É a grande fome, crispada e eterna, com odores que ninguém esquece, assim na vida, como na morte.

O Globo, 17/7/1968

59. O esquecido

1 Era um escritor católico. Há um mês, já com sessenta e poucos anos, caiu doente. Os sintomas eram vagos, incomuns, triviais. Desde o primeiro momento, porém, foi varado por uma certeza inapelável: — “Vou morrer.” Não teve medo da morte. Morreria mil vezes, se fosse o caso. Sua angústia era esta: — ser ou não ser esquecido.

2 Piorava, de 15 em 15 minutos. E começou o desfile de médicos. Fez, à queima-roupa, a pergunta cruel: — “Doutor, quanto tempo dura?” Como era um médico da família, o outro fingiu, com nobre descaro, um otimismo impossível. Riu: — “Mas que é isso? Você vai ficar bom.” O doente odiou o médico e não perguntou mais nada. Olhava para a mulher e pensava: — “Vai-me esquecer.” Seria esquecido pela mulher, filhos, amigos e vizinhos. Uma tarde, apanhou um jornal. Olhava na manchete sem ver; e imaginava que, no aniversário de sua morte, nenhum jornal pingaria uma linha sobre sua memória.

3 Fui, um dia, visitá-lo. Disse-me, então, que descobrira um remédio contra a insônia (a doença tirara-lhe o sono). Durante a madrugada, enquanto os outros dormiam, distraía-se imaginando o próprio velório. Suspirou: — “Ah, o pior na capelinha não é a capelinha. Nem os círios elétricos.” O pior, segundo ele, era um pequeno bar que lá funcionava. Aí

estava a impiedade total. A morte tinha, por fundo, o alarido de xícaras e pires. A dois passos do sagrado, do eterno, parentes, amigos, curiosos pediam ou um guaraná ou um grapete, ou uma coca-cola, ou um sanduíche.

4 Quando me despedi, já começava a dispneia pré-agônica. Mas ainda me disse, sem rancor, apenas informativo: — “Você vai-me esquecer.” Neguei, vermelhíssimo da própria mentira: — “Absolutamente. Você pensa que... Ora.” A dona da casa levou-me até a porta. Passei por uma sala e eis o que vi: — dois filhos do moribundo jogando futebol de botão. E me ocorreu uma reflexão a um só tempo cruel e vil: — “Aqueles, ali, já esqueceram.”

5 Lá fora, tomei o primeiro táxi. Disse: — “Cidade.” E que euforia quando o carro pôs uma distância progressiva entre mim e a agonia, entre mim e a morte. No meio da viagem, ocorreu-me um verso não sei de quem: — “Tão curto o amor e tão longo o esquecimento.” Quem escreveu isso? Não sei, ou por outra: — agora me lembro. É de Neruda, o Neruda da primeira fase. Tão curto o amor e tão longo o esquecimento. É espantoso que, algum dia, Neruda tenha amado.

6 Dois dias depois, ou no dia seguinte, um amigo comum bateu o telefone para mim: — “Já sabe? Fulano morreu.” Lembrei-me de Neruda e passei de Neruda para a frívola memória dos homens. O meu informante ainda acrescentou: “Já está na capelinha.” Não me saía da cabeça o futebol de botão, enquanto um pai morria a dois passos. Horas depois, entrava eu na capelinha.

7 Estava errada — era o que ia pensando —, estava errada a simultaneidade de velórios. De vez em quando, o parente, ou o amigo, ou a

esposa, vem espiar o velório vizinho. Ou se, por escrúpulo, pudor, não vem espiar, tem essa vontade. O escritor católico estava no andar de cima. Vou subindo (contando os degraus com uma irremediável pusilanimidade cardíaca).

8 Antes de ver o morto, uma lúgubre curiosidade levou-me ao pequeno bar (e isso me daria, em seguida, um sentimento de culpa pueril e terrível). O escritor não exagerara. Realmente, era exato o alarido de xícaras e pires. As pessoas interrompiam a dor e vinham tomar um cafezinho, ou um refrigerante. Alguém pedia um sanduíche de salaminho. E, de fato, a morte tinha, por fundo, aquele pequeno bar fremente como uma colmeia de xícaras e pires.

9 E, de novo, eu pensava em Neruda. Queria-me parecer que o esquecimento começava antes da morte. Cada um de nós esquece tanto, tanto. Há os que são esquecidos antes da própria doença. Andam por aí, salubérrimos, e nós os esquecemos como se jamais tivessem existido. E, súbito, começo a pensar em Bob Kennedy.

10 (Preciso datar esta minha experiência: — tudo aconteceu há dois dias.) Bob Kennedy era um morto tão recente e tão antigo. Não se passou nem uma semana, não haveria tempo sequer para a missa do sétimo dia. Não sei se os outros povos têm, como o nosso, essa vocação para a missa do sétimo dia. E vejam vocês: — as primeiras 24 ou, digamos, as primeiras 48 horas criaram entre nós e o crime, entre nós e o morto, toda uma distância infinita, milenar. Mais uns 15 dias, e os dois assassinatos parecerão simultâneos: — o de Bob Kennedy e o de Pinheiro Machado. Com um mês, já não saberemos quem levou a punhalada e quem levou o tiro, se o gaúcho, se o americano.

11 Mas onde percebi o esquecimento de Bob Kennedy foi, domingo, no Estádio Mário Filho. Iam jogar o Vasco x Botafogo. Embora fizesse um mau tempo de 5º ato de *Rigoletto*, quase duzentas mil pessoas estavam ali. (E, novamente, me ocorre o verso parnasiano parecido com o do astronauta: — “A multidão é azul.” Realmente, nenhum céu de Itália será mais azul do que a multidão de domingo.) Éramos duzentas mil pessoas e ninguém, ali, exatamente ninguém, pensava em Bob Kennedy. Era quase o morto da véspera. A notícia do atentado feriu de espanto o Brasil inteiro. E a multidão de meio bilhão e quebrados esquecia o jovem até seu último vestígio.

12 E o pior foi quando o locutor do Estádio Mário Filho anunciou o minuto de silêncio pela morte de Bob Kennedy. Ora, no ex-Maracanã vaia-se até minuto de silêncio. Pelo amor de Deus, não façam outro minuto de silêncio num grande clássico. Olhei em torno. Nem todos se levantaram. Houve um muxoxo unânime, ou quase (um muxoxo de duzentas mil pessoas é ensurdecador). E súbito, o mártir passou a ser o importuno, o inconveniente, que vinha adiar por todo um minuto interminável o começo do jogo. Nunca houve um minuto de silêncio tão ressoante de assovios, piadas, e milhões de ruídos fantásticos e inumanos.

13 Pior foi, lá, nos Estados Unidos, na catedral onde o corpo ficou exposto. Aqui, no Estádio Mário Filho, estavam presentes só 180 mil pessoas. Na catedral, um milhão de pessoas desfilaram diante do caixão. Eis o que eu queria notar: — o velório teria de ser um ato de amor, solitário, exclusivo, sagrado ato de amor. Que miserável impostura atribuir às 180 mil daqui e às 900 mil de lá qualquer sentimento de amor. (O velório de um milhão de pessoas é gelado como um deserto siberiano.) Foi apavorante a solidão de Bob Kennedy no jogo Vasco x Botafogo.

O Globo, 12/6/1968

60. A morte do teatro

1 Hoje, a classe teatral é realmente uma classe. Ninguém anda só, ou por outra: — a única solidão que conheço, em nossa comunidade, sou eu mesmo. No meio dos meus colegas, eu me sinto só, e tão só, como um Robinson Crusoé sem radinho de pilha. Ao passo que os outros autores, e os atores, e as atrizes, e os contrarregras, e os maquinistas são A CLASSE.

2 Não vejam, porém, nas minhas palavras, nenhuma insinuação restritiva. Deus me livre. Diria mesmo que considero a minha solidão não uma virtude, mas uma incapacidade. Bem que eu gostaria de ter um mínimo de vocação associativa. Gostaria de ser ninguém ou, por outra, ser apenas GRUPO, CLASSE, REUNIÃO, ASSEMBLEIA, DISCURSO!

3 Outro dia, cruzei com a minha amiga e grande atriz Cacilda Becker. Ia cumprimentá-la, mas não me atrevi. Como tratá-la? Outrora, eu diria: — “Olá, Cacilda”, ou “Bom-dia, Cacilda”, ou “Tudo azul, Cacilda?” Sim, houve um tempo em que Cacilda era Cacilda, simplesmente Cacilda e apenas Cacilda. Hoje, tudo mudou. Cada ator, ou atriz, ou autor, ou diretor, ou cenógrafo é um misterioso ser impessoal rumoroso, coletivo. E eu teria que saudar Cacilda assim: — “Olá, Comissão”, “Olá, Assembleia”, “Olá, Passeata”.

4 Dias atrás, ao sair de casa, encontro um ator patricio, à espera de condução. Ergueu o gesto e anunciou: — “Vou à passeata!” Disse eu não sei o quê, ou melhor, não disse nada, e ele começou a falar. Juntou gente. Não era um ator, era um Discurso, era uma Comissão, era uma Assembleia. Dizia “nós” e não “eu”. E, de repente, entraram, de roldão, o Vietnã, Mao Tsé-tung e Guevara. Com mais um pouco, ele sairia por aí virando carros, arrancando paralelepípedos e incendiando a Bolsa (tal como em Paris).

5 E daí a minha admiração pela CLASSE. Em outra ocasião, houve, em São Paulo, um “Seminário de Teatro”. Era de teatro e, como dramaturgo, lá fui eu. Imaginei que íamos discutir representação, técnicas, *décor*, luz, textos, etc. E, súbito, um alienado qualquer falou em dramaturgia. Quase o lincharam. Um latagão enfiou-lhe o dedo na cara, aos berros: — “Pensa que nós estamos aqui pra discutir teatro?” O quase-agredido baixou a cabeça, lívido de pusilanimidade. Sentou-se no seu canto e lá ficou, numa solidão de comício de 1º de Maio.

6 Eis o que eu queria dizer: — entendo, como ninguém, as posições da CLASSE. Ótimo que cada ator, ou atriz, ou diretor, tenha uma ênfase de 14 de Julho, de Tomada da Bastilha, de Hino Nacional. A Política é a grande linguagem do nosso tempo. E cada qual, para sobreviver, simplesmente existir, precisa ter um toque ideológico. Tudo isso é certo e eu concordo. Mas estão acontecendo coisas que justificam, a meu ver, uma relativa perplexidade. Não sei se vocês conhecem o caso de Norma Benguell.⁵ — O que aconteceu com a famosa atriz tem mais suspense e mistério do que qualquer Hitchcock. Os jornais já comentaram, a TV cobriu, o rádio deu. Vamos aos fatos.

7 Um jornalista norte-americano resolveu assistir à peça de Norma Benguell. Ouviu dizer que se tratava de atriz notável, um valor internacional, e quis ver. Foi à bilheteria, adquiriu e pagou os ingressos, deixou uma propina e foi à vida. Na hora própria, ou melhor, com meia hora de antecedência, estava na porta do teatro. Soube, então, que não havia espetáculo. Deixou passar três ou quatro dias e voltou à bilheteria. Perguntou, com sotaque: — “Há espetáculo?” Havia. E, novamente, comprou os ingressos, pagou e deixou uma propina. Mais tarde, e antes de sair de casa, telefonou para o teatro. Fez a honrada pergunta: — “Há espetáculo?” Havia. Lá se mandou ele com todos os convidados. Chega e sabe: — não havia espetáculo.

8 A partir de então, passou a desconfiar que há qualquer coisa de errado, não só no teatro, como no próprio Brasil. Deixou passar mais uns cinco dias. E volta à bilheteria. Pergunta: — “Há espetáculo?” Havia. Pela terceira vez, comprou os ingressos, deu a propina e partiu. Dez minutos antes de abrir o pano, liga para a bilheteria e pergunta: — “Há espetáculo?” Resposta: — “Há.” O desgraçado pergunta: — “Posso ir?” E do outro lado: — “Pode vir.” O americano junta os convidados e chega ao teatro em cima da hora. E o apunham com a notícia: — não havia espetáculo. Desta vez, o que era simples e difusa angústia tornou-se um pânico total. O homem e os convidados começaram a achar que o Brasil está louco.

9 Mas não desistiu. Deixou passar mais dois dias. Ei-lo de volta ao bilheteiro. Desta vez, os convidados o acompanharam, todos mortalmente interessados naquele suspense insuportável. Cada um perguntou: — “Há espetáculo?” A resposta foi uma só: — “Sim, senhor.” Desta feita ninguém foi para casa. Todos se reuniram num boteco próximo e lá ficaram, esperando a hora de subir o pano. Um processo de angústia instalara-se no grupo. E, quando chegou o momento, lá foram eles. Ou por outra: —

primeiro, foi um voluntário fazer um reconhecimento. Informaram que havia o espetáculo. Voltou com a grande notícia: — “Há espetáculo.” Todos se juntaram, numa euforia feroz, e foram para a porta do teatro. Não havia espetáculo, simplesmente não havia espetáculo.

10 Não era mais possível nenhuma dúvida ou sofisma. Aqueles sujeitos se convenceram e, para sempre, do seguinte: — não haveria espetáculo nunca mais, nunca mais. Daqui a duzentos anos, na hora de subir o pano, virá um funcionário avisar: — “Não há espetáculo.” O tal americano está convencido de que os nossos atores, as nossas atrizes, não representam, de que os nossos diretores não dirigem, de que os nossos cenógrafos não fazem cenários.

11 E talvez seja esta a santa verdade. Dizia-se que o Brasil é um país racional. Já não sei, e tenho as minhas dúvidas. Os atores não representam, e também o romancista não faz romance, nem o poeta, poesia, nem o pintor, pintura, nem o cineasta, filme. Sim, as coisas que devem ser feitas, ninguém as faz. Cabe então a pergunta: — e por quê? Primeiro, porque tanto o teatro, o romance, a poesia, a pintura ou a música vivem de umas tantas ou quantas individualidades fortes, crispadas, miguelangescas. E hoje o artista prefere ser ninguém, isto é, ele morre em classes, assembleias, discursos e passeatas. O artista é um cadáver.

O Globo, 13/7/1968

Nota

5 Publicada originalmente em *O Globo*, a crônica trazia neste ponto um trecho que foi posteriormente suprimido na primeira edição de *A cabra vadia*, de 1970: “Grande atriz e minha amiga pessoal, como a Cacilda. (Quando minha peça *Toda nudez* foi interditada, Norma Benguell fez o diabo para liberá-la. Portou-se com o brio de uma Joana D’Arc. Deus a abençoe.)”

61. O antiteatro

1 Ah, gosto muito do Sábato Magaldi, o crítico paulista. Lembro-me do nosso encontro, há anos, aqui, no Rio, na esquina de Senador Dantas com Evaristo da Veiga. Eu não o via há meses. E ele me pareceu tão magro e tão só. O que me impressionou mais, porém, foi o olho do amigo, e repito: — o olho de uma doçura intensa, quase insuportável. Com um retoque, aqui e ali, o Sábato Magaldi seria um santo, o primeiro santo da crítica teatral.

2 Mas não é isso que eu queria dizer. Eu ia falar da nossa discussão sobre cinema. Era a época dos primeiros filmes coloridos. Há entre mim e o caro amigo uma série de cordiais abismos. Quando escreve sobre o meu teatro, sinto que não é o crítico, mas o amigo, quase o irmão (quero crer que ele sempre reage como o amigo e o irmão das coisas). Eu era a favor do filme colorido, e Sábato, contra. Ele só entendia o preto e branco.

3 No meu espanto, perguntei-lhe: — “Mas que diabo! Você é contra a cor?” E eu não compreendia tal ressentimento visual. Discutimos uma boa meia hora. E, até o fim, o Sábato Magaldi foi o mesmo e brioso paladino do preto e branco. Dizia eu: — “Vem cá, Sábato, vem cá.” E insistia: — “Mas que diabo te fez o amarelo? E o verde? E o azul? E o roxo?” Lembrei-lhe que Van Gogh gostava tanto do amarelo. O meu último

argumento foi este: — “Você odeia o arco-íris?” Não o dissuadi. Hoje, imagino que o Sábato deva abominar também o poente do Leblon porque a natureza não o fez em preto e branco.

4 Falei do cinema para chegar ao teatro. Quando começou o cinema, houve o vaticínio mundial: — “O Teatro vai morrer.” E mais tarde surgiu a televisão. Imediatamente, outros profetas anunciaram também que a televisão era o fim do teatro. Vejam como o teatro vive de mortes e de ressurreições. De vez em quando, vem alguém passar-lhe o atestado de óbito. Mas ele continua. Não importa que a tela cinematográfica seja miguelangesca. (Contra a oposição solitária e ressentida do Sábato Magaldi, a cor vingou triunfalmente.) Mas o teatro está vivo, o teatro é um cadáver salubérrimo.

5 Não sabemos se o cinema morrerá um dia, se outras técnicas vão devorar a televisão. Quanto ao teatro, quero crer que já demonstrou a sua eternidade. Cabe então a pergunta: — e por que sempre existirá um palco e sempre existirá um elenco representando? Tem sido assim e assim será, para sempre. Pode parecer que o “grande artista” explica essa prodigiosa continuidade. Nem tanto, nem tanto. A eternidade do teatro depende mais do canastrão.

6 Foi mais ou menos isso que eu disse, no telefone, ao Sábato Magaldi. Imaginem vocês que o crítico ligou para mim, e vamos e venhamos: um interurbano é sempre uma altíssima demonstração de afeto. Lisonjeado, balbuciei: — “Quanta honra!” Não é sempre que um crítico, e dos mais lúcidos, e dos mais agudos, procura um autor. Conversa daqui, dali, e o Sábato acaba pedindo: “Por que é que você não faz uma ‘entrevista imaginária’ com a Cacilda Becker?” Foi aí que, dentro do meu ponto de vista, expliquei que a Cacilda tinha um defeito: — era “a grande atriz”. O

Sábato não entendeu: — “Se é grande atriz, melhor.” Reagi: — “Pior.” E expliquei que é o canastra que, inversamente, nutre a continuidade teatral. O “grande ator” é um para dez mil. Só a massa de medíocres pode alimentar milhares de elencos e milhares de repertórios.

7 Todavia, o Sábato, com sua bondade pertinaz e persuasiva, insistia: — “Pelo amor de Deus, faz a ‘entrevista imaginária’ com a Cacilda. Te peço como amigo.” Eu preferia a canastrona, muito mais representativa do que o gênio. A Duse ou Sarah Bernhardt é um corpo estranho dentro de sua geração. Mas o Sábato pedia; e quem, no céu e na terra, pode resistir ao Sábato? Suspirei: — “Está bem. Você manda. Vou entrevistar a Cacilda Becker.” E, antes de me despedir, fiz o apelo: — “Me abençoa, Sábato, me abençoa.” E o amigo, em sua infinita misericórdia, me abençoou.

8 Saí do telefone, isto é, não saí do telefone. Desliguei e, imediatamente, disquei para 01. Feita a ligação fulminante, uma voz feminina atende. Peço: — “Quer-me chamar a Cacilda?” A resposta foi taxativa: — “Não mora aqui.” Protesto: — “É esse o número, minha senhora, Cacilda Becker. Mora aí.” E a outra: — “Engano.” E, súbito, desconfio da verdade. Berro: — “É você que está falando, Cacilda. Sou eu, Nelson!” Há uma pausa dramática. Finalmente, explode a voz feminina: — “É mesmo, é mesmo! Agora me lembro. Cacilda Becker. Eu *era* Cacilda, *fui* Cacilda. O sobrenome é Becker?” “Fui Cacilda Becker.” A conversa estava meio alucinatória. Numa impressão profunda, pergunto: — “Está-me ouvindo, Cacilda? Esteja, hoje à meia-noite, no terreno baldio. Você vai-me dar uma entrevista imaginária. Entendeu? Uma entrevista imaginária, na presença da cabra vadia.” A grande atriz pluralizou: — “Lá estaremos.” E eu: — “Boa-noite.” Ela respondeu em voz pungente, em voz plangente: — “Boa-noite.”

9 Às dez para meia-noite, estou eu no terreno baldio. Tomei todas as providências. Reuni os gafanhotos, sapos, corujas, caramujos e minhocas. Fui de um em um, pedindo pelo amor de Deus: — “Modos, hein; modos!” E, súbito, vem correndo um caramujo: — “Está chegando a passeata.” Pulo: — “Que passeata? Eu não chamei passeata nenhuma. Vou entrevistar a Cacilda Becker. Só a Cacilda e mais ninguém.” Mas era a estarecedora verdade. Ao longe, empunhando archotes, vinha a passeata. E, no meio, hirta, sonâmbula, vestida de Ofélia, pude ver a minha entrevistada, Cacilda Becker.

10 Aterrado, esperei aquela massa ululante. Ouvia-se o coro: — “Par-ti-ci-pa-ção! Par-ti-ci-pa-ção!” O vozeiro subia aos céus. Lá em cima, as estrelas começaram a atirar listas telefônicas e cinzeiros sobre os manifestantes. A 15 metros do local, o Vladimir Palmeira trepa na capota do próprio automóvel. Diz, forte: — “Classe teatral!” Silêncio. E o Vladimir: — “Estamos cansados. Vamos sentar.” A docilidade foi total. A Classe sentou-se no asfalto, o Líder deixou passar cinco minutos; e comanda: — “Já descansamos. Vamos marchar!” E todos marcharam os 15 metros que faltavam. Só então, dilacerado e confuso, dirijo-me à própria Cacilda: — “Escuta, houve um lamentável engano, um equívoco horrendo. Eu só convidei você, Cacilda!” E a atriz: — “Eu não sou Cacilda. Sou a passeata!” Lá estava Paulo Autran: — “Você, Paulo Autran, ao menos você, é Paulo Autran?” Resposta: — “Sou uma assembleia!” Ao lado, vi o Ferreira Gullar: — “Ferreira, diga, berre: eu sou Ferreira Gullar!” Retruca: — “Eu sou um abaixo-assinado! Sou uma comissão de intelectuais!” Em seguida, puxou um isqueiro e incendiou um exemplar de *A luta corporal*. Vozes repetiam: — “Sou um comício! Sou um panfleto! Sou a Classe!” Cada qual era ninguém. Olho aquelas caras. Todos tinham perdido a noção da própria identidade. Recuo, apavorado. Uma coruja rola com ataque. E, então, a marcha continua. A massa coral repetia: “Par-ti-ci-pa-ção! Par-ti-ci-pa-ção!” A cabra vadia veio sentar-se no meio-fio e começou a chorar.

As estrelas atiravam catálogos telefônicos sobre a passeata. Foi um caso sério.

O Globo, 25/7/1968

62. Veterinários

1 Era na rua Alegre, em Aldeia Campista. Hoje, não existe mais a rua Alegre e quase não existe mais Aldeia Campista. Do ano, não estou bem certo. Ou 1921 ou 1922. Não, não. Vinte e dois foi o ano do Centenário. Agora me lembro: — 21. No ano seguinte, minha família foi morar na Tijuca, rua Antônio dos Santos. Defronte, morava o juiz Eurico Cruz.⁶ Mas volto à Aldeia Campista. No fim da rua Alegre, exatamente na esquina com a Maxwell, estava a escola pública.

2 Lá fiz todo o curso primário. Ou por outra: — não todo. Fui até o terceiro ano primário, só. Quando minha mãe me matriculou, eu estava absolutamente certo de que jamais aprenderia a ler e jamais aprenderia a escrever. E foi lá, na escolinha pobre que tinha, se tanto, oitenta alunos, foi lá que eu sofri o primeiro e definitivo trauma da minha infância. Tinha eu seis anos e, como já escrevi, era pequenino e cabeçudo como um anão de Velásquez.⁷

3 Esse trauma, profundo e irreversível, foi um sanduíche. Exatamente, um sanduíche. Minha família era pobre, muito pobre, pobre mesmo. Minha mãe, que foi uma das mulheres mais lindas do seu tempo, tinha que ir para a cozinha e para o tanque. Uma tarde, passou lá em casa uma amiga de minha mãe, amiga dos bons tempos de Recife. Entrou e, quando viu a

nossa miséria, começou a chorar. Chorava a visita por um lado e minha mãe por outro. Até então eu não via a miséria como tal. E me considerava rico diante dos filhos da lavadeira.

4 (Chamava-se Dolores a amiga de minha mãe. Aí está: — Dolores.) Bem. Éramos tão pobres que eu nem sempre levava merenda para a escola. Mas no primeiro dia, e como era o primeiro dia, levei uma banana. Ninguém pode imaginar a ternura, a um só tempo agradecida e triste, com que eu a segurava. O fato de tê-la fez-me sentir um pequeno príncipe. O importante na escola não foi a escola, nem a aula, nem a professora. Foi o recreio, foi a merenda, foi a banana.

5 Tudo aconteceu na hora do recreio. Lá fui eu, com todos os outros, para o pátio. Tenho seis anos e vou comer uma banana. Aos seis anos, ninguém come uma banana com uma fulminante voracidade. No meu tempo, as crianças primeiro a lambiam. Chupava-se banana como, hoje, o chicabon. Eu estou descascando, radiante, a banana. E, súbito, paro. Na minha frente, está um garoto, de cabelo à nazareno. Traz a merenda num papel, papel amarrado com barbante, prateado ou dourado. Desfez o nó sem pressa. Desembrulha. E lá estava, simplesmente, o sanduíche de ovo, o único sanduíche de ovo de todo o recreio.

6 (Já contei este episódio umas dez vezes. Mas entendam: — reescrevê-lo dá-me uma desesperada euforia.)⁸ O garoto está na minha frente e não tira os olhos de mim (por minha vez, também não tiro os olhos dele). Ali começou a vergonha, ali começou a humilhação da banana. Uma professora apareceu e, por um momento, até ela invejou aquele afrontoso pão com ovo. Outros meninos, outras meninas olhavam também. Uma menina tinha uma latinha de biscoito. Mas a latinha perdeu, longe, para o sanduíche. A professora passou outra vez. Uma tristeza turvou o seu olhar.

Tristeza e, mesmo, ressentimento por não estar comendo o pão com ovo. Digo isso e nem sei se estou tecendo uma cruel fantasia retrospectiva. E, não contente, o menino deixava escorrer a gema como uma baba amarela. Era, como já escrevi, o *trauma*. Digo *trauma* e não lhe ponho um *T* maiúsculo por um certo pudor estilístico.

7 Ora, depois disso aconteceu o diabo. Dias, meses, anos já fluíram para a eternidade. Houve a guerra, Hiroshima. Mas a lesão de alma lá continua, preservada, intacta, indiferente ao tempo e à bomba atômica. Escrevo isso e paro de bater à máquina.

8 Imaginem que comecei esta crônica para falar de um “seu” Sepúlveda, nosso vizinho de Aldeia Campista. O nome é fascinante: — Sepúlveda. Não saberia descrever a sua cara. Para mim, Sepúlveda é um nome solto, perdido. Minto. É mais do que um nome. Lembro-me de sua barriga, a maior do bairro, talvez da cidade. E o nome — Sepúlveda — era o meu espanto, quase o meu horror. Ele não fez, não disse, não pensou nada que o notabilizasse. Sua única singularidade, além do nome, era a barriga.

9 Não sei se morreu, mas creio que sim. E quem não morreu de 1922 para cá? Ontem, vi uma fotografia do Flamengo x Fluminense de 1919. Aparece a multidão. E penso que aquelas cinco mil, dez mil pessoas, estão mortas. Mas como ia dizendo: — depois que saímos de Aldeia Campista, nunca mais o vi. O nosso Sepúlveda, com tal nome e tal barriga, desapareceu até o último vestígio. De vez em quando, eu me pergunto se alguém se chamou Sepúlveda e se alguém usou a sua barriga. Mas vejam vocês: — eu tive, ontem, exatamente ontem, uma surpresa encantada. Entro no boteco, para tomar o meu cafezinho. E lá estava um bêbado admirável.

10 Fosse eu um idiota da objetividade, e teria começado esta crônica pelo Sepúlveda. E enveredei por toda uma caprichosa narração nostálgica. Vi o bêbado e confesso: — para mim, não há pau d’água intranscendente. Também se conhece um povo, ou classe, ou época, pelos seus bêbados. Mas o pau d’água citado era da classe média e explicava por que não se casara até então. “Eu não concordo com o Sexo”, declarava. Segundo ele, o Sexo é o responsável por todas as nossas calamidades pessoais e coletivas. E, súbito, me viu. Caminhou para mim e apresentou-se: — “Fulano de tal Sepúlveda.” Tomo um choque. De repente, toda a minha infância se instalou ali, no boteco. Sepúlveda. Por que exatamente esse nome e não outro qualquer? Há milhões de nomes e teria de ser Sepúlveda. Com a boca encharcada, disse-me: — “Sexo é pra operário.” E reprisou a frase não sei quantas vezes. Por fim, confessou que ouvira isso de um rapaz de muito talento, com pinta de galã, o Luís Eduardo Borghert.⁹

11 Uma hora depois, entro na redação e apanho a correspondência. Ao abrir o primeiro envelope, tomo um susto. Era um leitor irritadíssimo. Lera algumas “confissões” e vira em mim um brutal reacionário. Não queria, porém, ser injusto. Por isso, pedia ou exigia que eu me definisse sobre a “Educação Sexual”. Sou contra ou a favor? Bem. Vou ser o mais taxativo possível: — “Sou contra.” E, para evitar qualquer dúvida, ou sofisma, direi com a maior ênfase: — “Absolutamente contra.” Não sei se me entendem. A “Educação Sexual” devia ser dada por um veterinário a bezerros, cabritas, bodes, preás, vira-latas e gatos vadios. No ser humano, sexo é amor. Portanto, os meninos, as meninas deviam ser preparados, educados para o amor. Se meu leitor progressista ainda não está satisfeito, direi algo mais. O homem é triste porque, um dia, separou o Sexo do Amor. Nada mais vil do que o desejo sem amor. A partir do momento da separação, começou um processo de aviltamento que ainda não chegou ao fim. E assim o homem tornou-se um impotente do sentimento e, portanto, o anti-homem, a antipessoa.

O Globo, 2/8/1968

Notas

6 Esta foi uma das mais modificadas crônicas durante a edição de *A cabra vadia* de 1970. Apontamos ao longo do texto apenas as principais alterações. Neste trecho, Nelson Rodrigues continuava a frase: “e, ao lado, o senador Benjamin Barroso.”

7 Foi suprimida a frase: “Em respeito ao trauma, não quero ser literário. Poderia falar em Dickens ou Dostoiévski. Mas repito: — não quero ser literário e Deus me livre.”

8 As observações entre parênteses foram acrescentadas na edição de 1970.

9 Na edição em livro, o parágrafo 10 foi reescrito, condensando três parágrafos da crônica publicada em *O Globo*:

“10 (...) Também se conhece uma classe pelos seus bêbados. Nas últimas Confissões tenho falado muito dos grã-finos. E uso muito os seus paus-d’água. Pode parecer quase uma crueldade. Engano. Nos pileques de *black-tie* explodem as verdades secretas, inconfessas, mentidas. Tudo que está lá dentro rompe então como uma espécie de vômito triunfal.

“11 Aquele era um pau-d’água da classe média e dizia: — ‘Sexo é pra operário.’ Ia ao fundo do boteco e voltava: — ‘Sexo é pra operário.’ Achei graça, isto é, não achei graça. Os outros acharam, não eu. E, súbito, o ébrio me identificou; veio para mim, em ânsias. Começou por me chamar de ‘doutor’. Outro que também me reconheceu, teve o berro dionisiaco: — ‘Fluminense!’ O pau-d’água virou-se, irritado, sem entender que se misturasse futebol com sexo.

“12 Foi aí que o pau-d’água se apresentou: — ‘Fulano de Tal Sepúlveda.’ Tomo um choque. Subitamente, toda a minha infância se instalou ali, no boteco, Sepúlveda. Sou um maravilhoso ouvinte de bêbados. E, com muito mais razão, se o cachaça é Sepúlveda. Mas eis o que o Sepúlveda contemporâneo queria demonstrar: — é uma indignidade tocar na mulher amada. Agarrado a mim, soltou a sua, uma utopia: — casamento devia ser amor, sem nenhum sexo, nenhum, nenhum. Repetia como um fanático: — ‘Sexo é pra operário.’ Por fim, confessou que ouvira isso de um rapaz de muito talento, pinta de galã, o Luís Eduardo Borghert.”

63. Otto

1 Como bebem as esquerdas! Era uma sexta-feira e eu fui ao Antonio's. Hoje, o verdadeiro sábado é a sexta-feira. E, ainda outro dia, dizia-me um pau-d'água grã-fino: — “Não há mais sábados, nem há mais domingos.” Depois de mutilar a semana, concluiu, com o olho parado do bêbado: — “Sexta-feira é o dia em que a virtude prevarica.”

2 “A virtude prevarica” já era o efeito literário, a frase elaborada ainda na lucidez. Seja como for, a esquerda escolhe a sexta-feira para modular seus palavrões e babar seus pileques. Não sei se em toda parte e em todos os idiomas acontece o mesmo. No Brasil ou, mais precisamente, no Leblon, as esquerdas são pornográficas com a maior efusão e abundância.

3 Mas por que escolhi o Antonio's e não, por exemplo, o Nino ou o Bateau, ou outro qualquer? Porque só o Antonio's tem a função e o destino do boteco ideológico. Repito: — sem o Antonio's, o esquerdista não estará completa e definitivamente equipado. É lá que ele vai ensaiar o seu gesto, exercitar sua ênfase, empostar sua voz e esculpir suas caras.

4 Justiça se lhes faça: — são as esquerdas mais plásticas do mundo. Fazem caras, e gesticulam, e saltam, e sapateiam, e atropelam, e cavalgam

as cadeiras, e trepam nas mesas. Eis o que eu queria dizer: — vale a pena atravessar três desertos para vê-las. Além disso, tinha eu um outro motivo, de natureza sentimental, para ir ao Antonio's. Era a esperança de lá encontrar o meu amigo Otto Lara Resende. O Otto estava no Rio, ou por outra: — esteve, porque já voltou para Lisboa.

5 E o meu amigo, de um lado, e as esquerdas, de outro, fizeram da última sexta-feira uma noite inesquecível. Aqui, abro um parêntese para falar do Otto. Ele apareceu tarde da noite e logo senti que vivia um grande momento. Sem se atrelar às esquerdas, está à vontade no “Antonio's” como um peixinho no seu aquário natal. Mesmo porque os donos, os empregados e os fregueses o tratam na palma da mão. No Brasil, ninguém é mais doutor. O único doutor que ainda se conhece, na vida real, é o dr. Brito, do *Jornal do Brasil*. Pois bem: o Otto é doutor para todos os garçons do Antonio's.

6 E há pior: — lá, ele jamais consegue pagar uma única e mísera despesa. A casa não aceita um tostão do meu amigo. Mas Otto chegou e alguém, jamais identificado, enfiou-lhe na mão uma garrafa de champanha. Não pensou duas vezes. Fez saltar a rolha e bebeu pelo gargalo. Eis a cena que arrancou aplausos até dos mais apáticos: — essa do Otto beber champanha pelo gargalo.

7 Nem se pense que parou aí. Contou anedotas. Fez piruetas como o acrobata que testa a própria elasticidade antes da cambalhota suprema. Imaginem que, certa vez, confidenciara a um amigo: — “Eu sou a Idade Média.” A partir de então, os íntimos passaram a chamá-lo assim. Sábado, o Hélio Pellegrino batia o telefone para mim e perguntava: — “Viste a Idade Média?” E eu mesmo, falando com Waldomiro Autran Dourado, dizia-lhes: “Vou-me encontrar com a Idade Média.” E, no entanto, o Otto

de sexta-feira, no “Antonio’s”, era muito mais a *belle époque* do que a Idade Média. Ao tomar champanha pelo gargalo, era a *belle époque* que irrompia, de repente, ali, no Leblon. Uma euforia datada do princípio do século e, repito, anterior à primeira Batalha do Marne. Só faltou beber champanha no sapato de uma cocote.

8 E, por toda uma noite, o Otto foi a ex-Idade Média. Neste momento fecho o parêntese sobre o amigo e volto às esquerdas. Até aqui tenho pluralizado; e, daqui por diante, vou dar-lhes o nome singular, e mais autêntico, de “a festiva”. Dizia eu, no início do capítulo, que “a festiva” bebe. Esqueci-me, porém, de acrescentar a pergunta: e por que bebe? Sim, por que bebem as esquerdas?

9 Domingo, fui passear com o Hélio Pellegrino e acabamos no Parque Lage. A luz dourava a aragem muito leve. E, súbito, não sei se eu, ou Hélio, disse ao outro: — “O Parque Lage é o anti-Antonio’s!” Em seguida levamos tal descoberta às suas últimas consequências. Aquele domingo, de um azul jamais concebido, também era o anti-Antonio’s. E a cidade, e as esquinas, a gente, e o próprio Leblon, tudo era o anti-Antonio’s.

10 Não exagero. Dizia-me o Pellegrino: “O Rio é a cidade mais alegre do mundo.” Ele falava de uma alegria absurda e total. Segundo o Otto, até os nossos esgotos, os nossos ralos são um festival de ratazanas. E o Antonio’s é antifesta. Suas mesas, suas toalhas, seus bifes estão embebidos de tristeza. Cabe então a pergunta: — por quê?

11 Tentarei explicar. Não é uma tristeza própria, mas adquirida. Repito: adquirida das nossas esquerdas. Estas vão para lá exalar suas cavas depressões. Claro que há três ou quatro melancolias auxiliares de grã-finos

errantes na madrugada. Todavia, a tristeza fundamental se evolva da “festiva”.

12 E, por isso, porque são tristes, as esquerdas bebem. Pouco a pouco, o álcool vai desatando não sei que euforias misteriosas e frenéticas. Em seu estado normal, e enquanto sóbria, a “festiva” não é “festiva”. Tem que, primeiro, encharcar-se. Depois, então, cada um dos seus membros torna-se um ser maravilhosamente plástico, elástico, luminoso. É capaz de virar cambalhotas inexcedíveis; e de equilibrar laranjas no focinho; e de ventar fogo por todas as narinas.

13 Alguém poderia perguntar: — e por que “a festiva” é triste? Vejamos. O homem comum fica triste quando se lembra que morre. E a “festiva” bebe porque há de morrer um dia? Não. Nenhum perigo a ameaça. Há o Vietnã. E as esquerdas quando falam da guerra longínqua têm rompantes ferozes. Mas o Vietnã está lá e nós aqui. Há uma sábia distância entre os heróis do Leblon e o perigo.

14 E, assim, sem arredar pé do Antonio’s, a “festiva” chegará aos setenta, oitenta e, eu diria mesmo, noventa anos. Saí do Antonio’s, no fim da madrugada. Lá ficaram as esquerdas, babando o seu pileque e arrotando os últimos palavrões.

O Globo, 30/1/1968

64. O cachorro atropelado

1 Lembro-me de uma crônica que li não sei onde, nem sei quando. Escapa-me também o nome do autor. Se não me engano, era brasileiro. Não, não era brasileiro. E o assunto era a influência da distância nas leis da emoção. Vejamos o que dizia o cronista. Dizia que um atropelamento de cachorro na nossa porta, pelo fato de ser na nossa porta, teria mais apelo emocional do que Hiroshima.

2 Sabemos que, em Hiroshima, morreu um mundo e nasceu outro. A criança de lá passou a ser cancerosa antes do parto. Mas há entre nós e Hiroshima, entre nós e Nagasaki, toda uma distância infinita, espectral. Sem contar, além da distância geográfica, a distância auditiva da língua. Ao passo que o cachorro é atropelado nas nossas barbas traumatizadas. E mais: — nós o conhecíamos de vista, de cumprimento. Na época própria, víamos o brioso vira-latas atropelar as cachorras locais. Em várias oportunidades, ele lambeira as nossas botas.

3 E, além disso, vimos tudo. Vimos quando o automóvel o pisou. Vimos também os arrancos triunfais do cachorro atropelado. Portanto, essa proximidade valorizou o fato, confere ao fato uma densidade insuportável. A morte do simples vira-latas dá-nos uma relação direta com a catástrofe.

Ao passo que Hiroshima, ou o Vietnã, tem, como catástrofe, o defeito da distância.

4 Não sei se estou dizendo o óbvio. Não importa. Toda a história humana ensina que só os profetas enxergam o óbvio. Seja como for, achei a crônica citada de uma sagacidade deliciosa. Muito tempo depois, sinto, na própria carne e na própria alma, a influência da distância nas leis da emoção. Imaginem que recebo de Natal este súbito e inapelável telegrama: — “Sua Peça *Toda nudez* Quase Pronta, Elenco Ensaando, Artistas Unidos Grupo Vencedor Festival Pascoal, Censura Proíbe em Todo Território Nacional. Que Podemos Fazer? Abraços, etc., etc.”

5 Este é o telegrama. A princípio, a proibição me pareceu espantosamente irreal. *Toda nudez será castigada* foi levada no Rio, em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Não sofreu o corte de uma vírgula. Ao terminar o ensaio geral, os seus três censores, inclusive Ayres de Andrade, aplaudiram, de pé, o texto e o espetáculo. E por quê, e a troco de quê, de repente, vem a Censura e impõe uma interdição bestial?

6 Só vejo duas hipóteses: — ou é má-fé cínica, ou obtusidade córnea, ou ambas. Ora, eu sou o sujeito mais próximo de mim mesmo e de minha obra. E a coisa repercutiu brutalmente em mim. Se me perguntarem qual foi a minha primeira reação, eu diria: — a vergonha de ser brasileiro. Tive, sim, uma vergonha total e como que o arrependimento de ter nascido aqui.

7 Estou, porém, diante do fato consumado. O telegrama faz a pergunta, sem lhe achar a resposta: — “Que faremos?” Sim, que faremos? Agora, vou ficar esperando um manifesto, uma passeata e uma greve. Tenho vinte e tantos anos de vida autoral e sofri seis interdições (cinco peças e um

romance). Por uma singular coincidência, nas seis oportunidades, não mereci a solidariedade de ninguém. Álvaro Lins, em plena atividade crítica, limitou-se a dizer: — “Nelson Rodrigues deixou de ser um problema literário. É um caso de polícia.” Dr. Alceu hipotecou a sua veemente solidariedade à polícia. No fundo, os nossos intelectuais achavam que eu era mesmo obsceno e que devia ser mesmo interditado.

8 Mas as coisas mudaram. E, se as coisas não mudaram, mudou o dr. Alceu. E espero um artigo do dr. Alceu. Todo santo dia, hei de comprar o *Jornal do Brasil*. Quero ver o nosso Tristão de Ataíde, com a sua nobilíssima indignação, fulminar o crime contra a inteligência. E também penso na classe teatral, que é a minha. Vocês não são de teatro, nem sabem nada. Mas a classe teatral é um comício nato. Nas suas assembleias, há iras sublimes. Pois eu gostaria de ver as indignações da classe teatral salvando a minha peça.

9 Recentemente, entrei numa greve dos meus colegas. Levei-lhes a minha comovida solidariedade. E mais: — sentei-me na escadaria do Theatro Municipal. Embora não visse em tal ato nenhum heroísmo, sentei-me com os outros. Estavam todos indignados; hipotequei-lhes a minha indignação. O motivo da greve era também a interdição de uma peça, ou duas, não me lembro mais.

10 Em seguida, houve uma nova greve. Por quê, já não sei. A minha solidariedade tem um automatismo inexorável. Juntei-me aos colegas. Todos os teatros deviam cerrar suas portas. E só um permaneceu escandalosamente aberto: — o da sra. Eva Todor. Imediatamente, despachou-se um piquete aguerrido. A atriz estava no palco representando e ganhando o pão. Impediram-na de representar e de ganhar o pão.

11 Vejam vocês como há, de autor para autor, dessemelhanças irritantes de sorte. A classe trata os outros a pires de leite. E eu, mais interditado do que qualquer um, sempre estive em cruelíssima solidão. Alguém dirá que falo assim por despeito, por ressentimento. Não nego. Sou despeitado e sou ressentido. Mas tenho atenuantes. Nas minhas seis interdições, ninguém impediu a sra. Eva Todor de trabalhar. Quero crer que chegou o grande momento. Interditaram *Toda nudez será castigada*. É hora, pois, de mandar a sra. Eva Todor devolver o dinheiro das entradas.

12 Realmente, mais que uma assembleia da classe, mais do que uma greve, estou interessado numa passeata. Sim, um desfile contra a interdição de *Toda nudez será castigada*. Há, em qualquer brasileiro, uma alma de cachorro de batalhão. Passa o batalhão e o cachorro vai atrás. Do mesmo modo, o brasileiro adere a qualquer passeata. Aí está um traço do caráter nacional.

13 Mas já não sei se quero mesmo a passeata. Em passado recente, houve um desfile patético. Cem, duzentos cartazes dando morras ao imperialismo. O diabo é que, em vez de morte, estava lá escrito “muerte”. Imaginem se há a passeata em favor da minha peça. Cem, duzentos cartazes dando morras à Censura em castelhano. Em tal caso, eu teria também vergonha de ser brasileiro.

O Globo, 13/5/1968

65. A maior dor

1 A grande dor não se assoa. Eis uma verdade eterna. Não se assoa. Falei, no capítulo anterior, da senhora do Lemos ou, como era mais conhecido, “Lemos Bexiga”.¹⁰ Com frenética e acrobática agilidade, deu um pulo impossível e caiu montada, solidamente montada, no caixão. Mas não é bem isso que eu queria dizer.

2 O que eu queria dizer é, que da morte do Lemos até o fim do velório, ela não usou lenço uma única e escassa vez. Há também um pranto nasal. E a coriza da viuvez muito chorada costuma ser inestancável. Pois bem. E quando algum imprudente queria oferecer-lhe um lenço, a viúva tinha repelões selvagens. Parecia-lhe que o simples fato de assoar-se seria uma desfeita ao marido morto.

3 Mas, coisa curiosa e, ao mesmo tempo, confrangedora! Ao descrever essa viuvez acrobática que pula num caixão, e o cavalga, dou-me conta de que, sem o querer, estou apresentando uma dor caricatural. De mais a mais, para exasperar o impacto humorístico, a senhora do Lemos era uma gorda. (As vizinhas da minha infância eram fatalmente gordas.) Eis o que me pergunto, com justo pânico: — não estarei fazendo um involuntário deboche?

4 Nem tanto, nem tanto e pelo contrário. Acaba de me ocorrer uma outra verdade: — a grande dor, não só não se assoa, como é humorística. O meu amigo Hugo Cota dos Santos dá-me, a propósito, um testemunho altamente válido. Durante muitos anos, foi ele — e não sei se ainda o é — cirurgião do Pronto-Socorro. Um cirurgião do Pronto-Socorro vê tudo e faz tudo. A toda hora, chegava um crioulo de barriga estourada. Por vezes, o nosso Hugo fazia milagres deslavados.

5 Assim aprendeu que a verdadeira dor tem de ser humorística. O Hugo viu coisas assim: — chegava um acidentado. Era um rapaz, ou uma menina, ou a noiva de não sei quem, ou a mãe de Fulano. A vítima está na mesa. Não há, a bem dizer, um osso intacto. Tudo é fratura. Os vasos explodem. O sangue esguicha. No corredor, amontoam-se os parentes, os vizinhos, amigos, o diabo. Até que o cirurgião para. Ali, nem milagre. E agora é dar a notícia à família, que espera do lado de fora.

6 Nem é preciso dizer. De repente, todos sabem. Sabem antes da notícia. Morreu, morreu e pronto. O dr. Hugo viu a mesma cena duzentas vezes. As grandes dores se parecem e têm o mesmo repertório de gemidos, uivos, caras, gestos, fúrias e blasfêmias. O meu amigo conta a morte de um menino atropelado. Uns vinte parentes no corredor. Quando o dr. Hugo apareceu, vê esta coisa: — mãe, tias, irmãos, cunhadas dançavam, simplesmente dançavam. E, então, o médico descobriu tudo. A grande dor, a dor sem nenhum consolo terreno — dança mambo. Era exatamente mambo. As pessoas pulavam, chocalhavam, tinham espasmos de mambo.

7 Portanto, a senhora do “Lemos Bexiga” estava humoristicamente certa quando repudiava os lenços e quando montava, fisicamente, no caixão. Bem. Agora vou tratar da carta do Otto e de suas relações com a velhíssima dor humana. Antes, porém, quero referir um outro episódio que

me marcou para o resto da vida. Foi aí que verifiquei o seguinte: — o ser humano, tal como o imaginamos, não existe. Imaginem vocês que, há quatro ou cinco anos atrás, fazia eu, diariamente, na televisão, um programa assim chamado: *A figura do dia*. A “figura” tanto podia ser uma pessoa como um fato.

8 E, certa vez, a “figura do dia” foi um noivo que acabava de ser assassinado na Argentina. O telegrama dava conta de tudo e chegava ao requinte da minúcia hedionda. “Bom assunto, bom assunto”, pensei eu. Diante das câmeras e dos refletores, e falando para umas seiscentas mil pessoas, contei tudo. Vamos ao fato. Certa família de lá celebrou, com um jantar, o noivado da filha única. Sentou-se o noivo, ao lado da menina, numa mesa patriarcal. Presentes o pai da moça, a mãe, os irmãos e só. Pratos na mesa, talheres. E nada de comida.

9 Dez minutos, quinze, vinte. E, então, ergue-se o dono da casa. Diz: — “Não há comida. Portanto, um de nós será servido.” Os presentes riram; mas a fome era uma realidade. Tudo aconteceu numa progressão fulminante. Veio alguém, por trás do noivo, e dá-lhe uma cacetada de pôr abaixo um edifício. O rapaz morreu na hora, sem um suspiro. Estava morto. E, então, toda a família, inclusive a noiva, caiu sobre o corpo. Em quarenta minutos, o rapaz foi devorado. Nem os sapatos sobreviveram.

10 Era o horror indubitável, inédito, jamais concebido por Edgard Allan Poe. E, no entanto, vejam vocês: — eu contava a história e, já no meio, começou o riso. Quando a vítima levou a cacetada, o estúdio foi varrido por uma gargalhada universal. Riam o câmara, o contrarregra, o acendedor de refletores, o faxineiro, todo o pessoal da técnica. Isso na própria estação. Lá fora, nem se fala. Seiscentos mil telespectadores esganiçavam a própria gargalhada. Nunca se riu tanto numa cidade.

11 Tudo por quê? Era o horror e, ao mesmo tempo, não havia horror nenhum. E, de repente, eu próprio achava engraçadíssimo o horror. Lembro-me da cena final que descrevi, sem lhe tirar um miserável detalhe: — a noiva, atracada ao calçado da vítima, chupando-lhe os cordões dos sapatos, como aspargos. Conheço uma senhora que ouviu o referido programa. Não há em toda sua família um único caso de asma. Pois ela apanhou asma de tanto rir, nessa noite.

12 Volto, finalmente, à carta do Otto. Não queria que o meu amigo desse, sobre o Guimarães Rosa, um testemunho de admirador. As admirações são pérfidas, e via de regra escondem o nosso ressentimento e a nossa impotência. O Otto devia esquecer o grande homem. O morto é o contínuo, o profundo contínuo, o contínuo total. Não, não. O morto é o “Lemos Bexiga”, e como tal deve ser amado e chorado.

13 Mas, em toda a sua carta, o Guimarães Rosa é apenas o grande homem. O ficcionista está solene, hierático, como o mordomo de filme. E realmente o Otto o admira, sem realmente chorá-lo. Na véspera de partir para Lisboa, ele trancou-se no banheiro do Hélio Pellegrino. E, lá, num espasmo de solidão, chorou como nunca. Na frente do Hélio, ele dançou mambo de dor. E não se assoou. Aí é que está: — até a última lágrima, não aceitou nenhum lenço.

14 Li toda a carta e a reli. A admiração lá estava, perfeita, irretocável. Mas repito: em nenhum momento, o Guimarães Rosa foi, para o Otto, um doce e irremediável “Lemos Bexiga”. Guardei no envelope a carta com toda a sua deliciosa afetação do sotaque lisboeta. E, então, comecei a pensar em Lili. Sim, Lili, paixão minha e de muitos.

O Globo, 11/12/1967

Nota

10 Na crônica de 9 de dezembro de 1967, “O grande homem é o menos amado dos seres”, Nelson Rodrigues comparava o velório de Guimarães Rosa ao de “Lemos Bexiga”, seu vizinho na Aldeia Campista. O texto fez parte da seleção feita pelo autor, em 1968, para o livro *O óbvio ululante*.

66. De educação sexual

1 O meu secretário chama-se “Pão Doce” (tal apelido, não sei por quê, me parece do mais puro Dostoievski. Quero crer que “Pão Doce” é um ser tão prodigioso como Marmeladov, o pai de Sônia). Mas, como ia dizendo: — chego à redação e o “Pão Doce” vem, correndo, avisar: — “Tem um cara te procurando.” E repetia, de olho rútilo: — “Um cara!”

2 Estava excitado como se fosse a Polícia. Tiro o paletó e o ponho na cadeira. O “Pão Doce” indaga: — “Mando entrar?” Puxo um cigarro: — “Manda.” Com pouco mais, volta o “Pão Doce” acompanhado. Era um senhor, grisalho, bem-posto, um ar do major Anthony Eden, quando este era major e tinha 37 anos. Digo: — “Tenha a bondade.” Sentou-se: — “Com licença.” O “Pão Doce” retira-se. E, então, começa uma conversa que me deu, do princípio ao fim, uma sensação de um vil pesadelo.

3 Só agora me lembro que o desconhecido não me disse o nome. Vejam vocês: — conversamos duas horas e não sei como ele se chama (e, como permanece anônimo, o nosso diálogo parece cada vez mais irreal). Eis como se apresentou: — “Eu sou um pai.” Explicou em seguida: — “Vim de São Paulo, especialmente.” (Estou fazendo o suspense que ele fez comigo.) Pausa. Diga-se de passagem que o “diálogo” foi um monólogo. Só ele falava, e só eu ouvia.

4 Durante cerca de duas horas, desfiou a sua história ou, melhor dizendo, a história de sua filha. É uma menina de oito anos, linda, linda, de olhos azuis. Digo “olhos azuis” e já não sei se ele falou de “olhos azuis”. Matriculou a menina num colégio religioso, o melhor, mais caro de São Paulo. “Sou católico”, informa; e ajuntou: — “Praticante.” Quase o interrompi para dizer-lhe que, no Brasil de hoje, o verdadeiro católico é um ser em solidão total. O “Pai” baixa a voz: — “Mas não sou católico *pra frente*.”

5 No colégio referido, só existem meninas de luxo, de famílias também de luxo. O “Pai” estava muito feliz, vendo a garota à sombra das freiras em flor. Aconselhava aos amigos: — “Põe lá a tua filha! Colégio padrão, colégio ideal.” Até que, um dia, é convocado para uma reunião de pais e freiras. Disse no telefone: — “Pois não, pois não! Irei, com muito prazer.” E, na hora marcada, estava lá com a elegância de um major Anthony Eden mais moço. Inclina-se diante de uma freirinha: — “Por obséquio, onde é a reunião dos pais?” A outra sorria: — “Por aqui.” Ele a seguiu.

6 E houve a reunião. O “Pai” chegou, cumprimentou a madre, sorriu para os outros pais e sentou-se. A madre estava falando com uma mãe grã-fina. Dava explicações: — “A Educação Sexual, aqui, começa aos quatro anos de idade.” O “Pai” imagina: — “Devo ter ouvido mal.” Fez a pergunta: — “A senhora disse ‘quatro anos’?” Resposta: — “Quatro anos.” Um outro pai indaga: — “E as crianças entendem?”

7 Todos, ali, eram pessoas esclarecidas, atualizadas, em dia com as novas verdades. Mas houve ainda assim uma dúvida geral. Os presentes se entreolhavam. Havia, sim, uma perplexidade no ar. E o “Pai”, sem nada dizer, imaginava um Jardim de Infância, onde, aos quatro anos, as

garotinhas teriam suas ideias, seu pontos de vista, sobre Freud. A diretora explica, deleitada: — “As meninas aprendem vendo figurinhas.”

8 O coração do “Pai” começou a bater mais forte. Continuava a explicação: — “As meninas veem as gravuras e aprendem tudo.” O major Anthony Eden já não sabia o que pensar, nem o que dizer. Teve vontade de perguntar se não seriam aquelas as tais “gravuras obscenas” que a Polícia não deixa vender. Mas nada disse.

9 E por que garotinhas de quatro anos teriam de ver as “gravuras obscenas” que a madre não achava obscenas? Veio o esclarecimento: “É preciso acabar com o tabu do sexo!” Disse isso e sentia-se a sua gloriosa satisfação. Afirmava, olhando em torno exultante: “Sexo não pode ter mistério. A criança precisa saber que o sexo é como...” A diretora parou um momento, procurando a imagem exata. Disse, afinal: — “Como beber um copo de água.” O sujeito bebe água quando tem sede. Esse copo de água é o Sexo. Uma grã-fina cochicha, deliciada: — “Muito interessante.”

10 O “Pai” já está sentindo uma dor do lado esquerdo, com reflexo pelo braço. E continua ouvindo. Então, a propósito não sei de que filme, alguém fala em “prostituição”. A freira deu a resposta fulminante: — “Ser prostituta é uma profissão como outra qualquer.” Houve uma concordância quase unânime. Fora umas duas ou três perplexidades, aqueles pais e aquelas mães balançavam a cabeça: — “Realmente; realmente.” O “Pai” balbuciou: — “Profissão, como outra qualquer? E a senhora tem a certeza?” A outra é superiormente irônica: — “Não vamos discutir o óbvio.”

11 E, então, o pai ergueu-se. Estava numa indignação homicida. Mas como um bem-educado, preservava a polidez até no ódio. Despediu-se de

todos, desculpou-se: — “Preciso ir. Estão-me esperando.” Saiu, desatinado. E, agora, diante de mim, dizia: — “Um colégio de religiosas. Entende? De religiosas. E ensina que a prostituta é uma profissional como um ourives, ou um protético, ou um bombeiro hidráulico, ou um estofador. A cafetina também não tem nenhum problema. É outra profissional do sexo. Deve descontar para o Instituto.”

12 O outro horror do pobre homem eram as “gravuras obscenas”. Dizia-me: — “O senhor me entende? Um Jardim de Infância de meninas de quatro anos é quase um berçário. O senhor já imaginou freiras mostrando, num berçário, fotografias ignóbeis? Se um jornalista vendesse, para velhos bandalhos, faunos senis, tais gravuras, seria preso, apanharia na Polícia, processado, o diabo. E por que um colégio de luxo, e religioso, pode fazer o que é proibido a um pobre jornalista?”

13 Eu queria falar e não tinha o que dizer. Bati-lhe nas costas: — “É a Igreja pra frente.” E repeti: — “É a Igreja pra frente.” O outro concordou, numa amargura hedionda. Sentiu-se um católico de uma outra Igreja, talvez de um outro Cristo. Estendeu-me a mão, envergonhado do próprio horror. Suspira: — “Pelo menos, desabafei.” E partiu, sem deixar o nome. É tão anônimo como alguém que jamais tivesse existido.

O Globo, 14/6/1968

67. Flor de obsessão

1 De vez em quando, alguém me chama de “flor de obsessão”. Não protesto, e explico: — não faço nenhum mistério dos meus defeitos. Eu os tenho e os prezo (estou usando os pronomes como o Otto Lara Resende na sua fase lisboeta). Sou um obsessivo. E, aliás, que seria de mim, que seria de nós, se não fossem três ou quatro ideias fixas? Repito: — não há santo, herói, gênio ou pulha sem ideias fixas.

2 Só os imbecis não as têm. Não sei por que estou dizendo isto. Ah, já sei. É o seguinte: — recebo a carta de uma leitora. Leio e releio e sinto a irritação feminina. E, justamente, a leitora me atribui a ideia fixa do “umbigo”. Em seguida, acrescenta: — “Isso é mórbido ou o senhor não desconfia que isso é mórbido?” Corretíssima a observação. Realmente, jamais neguei a cota de morbidez que Deus me deu.

3 A minha morbidez. Ela me persegue e, repito, ela me atropela desde os três anos de idade. Eu ainda usava camisinha de pagão acima do umbigo. E, um dia, na rua Alegre, apareceram quatro cegos e um guia. Juntaram-se na esquina, na calçada da farmácia, e tocaram violino. Três anos. Quando os cegos partiam, caí de cama. Debaixo dos lençóis, tiritava de tristeza, como de malária. A partir de então, sou um fascinado pelos cegos.

4 Ainda na infância, eu fechava os olhos e, dentro de minhas próprias trevas, me imaginava cego. Claro que tudo isso é morbidez. Eis o que eu queria dizer à minha leitora: — infelizmente, não tenho nem a saúde física, nem a saúde mental de uma vaca premiada. Na sua irritação, ela continua: — “Bem se vê que o senhor é um velho.” E, de fato, sou tão velho como o Antônio Houaiss.

5 Por coincidência, almocei, ontem, com o já referido Antônio Houaiss, o Francisco Pedro do Couto e o José Lino Grünewald. (Vejam como Grünewald é um nome naval, sim, o nome de um primeiro-tenente morto no afundamento do *Bismarck*.) Durante o almoço, o Antônio Houaiss batia na tecla fatal: — “A minha geração é a do Nelson.” E dizia ao José Lino e ao Couto: — “Vocês que são brotos.” E, pouco a pouco, eu e o próprio Houaiss íamos ficando lívidos de idade, amarelos de velhice, espectrais como a primeira Batalha do Marne ou como o fuzilamento de Mata-Hari.

6 Depois do almoço, volto para a redação e vejo a carta da leitora. Lá está a mesma e crudelíssima acusação de velhice. Cabe então a pergunta: — e por que me chama de velho? Resposta: — porque ainda me impressionam os umbigos do biquíni, do sarongue, dos bailes. E, sem querer, a leitora toca num dos mistérios mais patéticos da nossa época. Os jovens não estão interessados em nudez feminina. Essa rapaziada dourada de sol, esses latagões plásticos, elásticos, solidamente belos como havaianos não desejam como as gerações anteriores. Só os velhos é que ainda se voltam, na rua, ou na praia, para ver as belas formas. Quem o diz é a leitora.

7 Mas o melhor está do meio para o fim. De repente, percebo a origem da carta e da irritação. A leitora defendia alguém. Eis o caso: — no baile do Municipal, irrompeu um umbigo especialíssimo. Uma lindíssima senhora e, se não me engano, embaixatriz foi fotografada, televisada de sarongue.

Mais tarde, os jornais e as revistas falavam do umbigo diplomático. A imprensa rendia suas homenagens à beleza. Mas a leitora via, nas fotografias e legendas, uma inconfidência visual, quase um ultraje. Parece-lhe que não estamos longe do jornalismo de escândalo ou, para usar a cor exata, marrom.

8 Vejam vocês como os papéis se invertem. Já a televisão foi chamada de obscena, porque pôs no vídeo a nudez coletiva, geral, ululante. Eis o que me pergunto: — queriam o quê? Que as câmeras e os microfones vestissem os nus, calafetassem os umbigos, enfiassem espartilhos nos quadris? Ao mesmo tempo, o *Jornal do Brasil* deitou um judicioso editorial afirmando que, depois da praia, a nudez perdera todo o mistério e todo o suspense. Era assim no Brasil e em todo o mundo. Portanto, segundo o velho órgão, não há nada que objetar ao impudor eugênico, salubérrimo e “pra frente” da praia. E, todavia, o mesmo *Jornal do Brasil* e no mesmo editorial condena a televisão que devia ter tapado os quadris, umbigos, etc., etc.

9 Do mesmo modo, o caso da leitora e da embaixatriz. Que uma bela senhora ponha um sarongue assim e vá ao baile, é um fato intrascendente, normalíssimo. Mas, se um cronista deixa escapar uma referência ao umbigo do Itamaraty, vem o mundo abaixo. E por quê, meu Deus do céu? Imoral é a televisão e não os nus frenéticos que vinham posar para as câmeras. Antigamente, havia, em torno de um beijo, todo um sigilo, toda uma solidão. Lembro-me de uns namorados, na minha infância, que iam para debaixo da escada. E, nos bailes recentes, os casais caçavam as câmeras e iam beijar para milhões de telespectadores.

10 Seja como for, algo restou do último carnaval. Refiro-me aos nus arrependidos. Na própria Quarta-Feira de Cinzas, cruzei, ao chegar em

casa, com uma menina da vizinhança. Fora, nos quatro dias, um dos umbigos mais insistentes da televisão. Em qualquer canal, lá estava ele. E, no entanto, enterrado o carnaval, eu via a menina passar, rente à parede, de cabeça baixa, na sua vergonha tardia e crispada.

11 A minha leitora, que assume a irada defesa da embaixatriz, também é outro nu arrependido. Diz, a folhas tantas: — “Eu também brinquei no carnaval”. E levando mais longe a sinceridade, confessa: — “Vesti o meu sarongue e não me arrependo.” Mentira. Está arrependida, e insisto: — é um dos nus arrependidos da cidade.

12 É linda, embora inútil, essa vergonha póstuma. Também as famílias estão horrorizadas com o nudismo carnavalesco. Fui a um jantar e lá as senhoras diziam: — “Não eram meninas de família. Eram aventureiras.” Perdão: — vamos dizer a casta e singela verdade: — os nus saíam dos lares. Já escrevi isto e repito, porque é meio vil trapacear com o nosso próprio impudor. Se a cidade se despiu, deve ter o nobilíssimo cinismo de o proclamar.

13 Mas vamos crer que não houve nus em lugar nenhum. Não adianta. Para nós não há saída. Por que ter pudor no carnaval e não na praia? Aí está o biquíni, que é a forma mais desesperada da nudez. Como é triste o nu que ninguém pediu, que ninguém quer ver, que não espanta ninguém. O biquíni vai comprar grapete e o crioulo da carrocinha tem o maior tédio visual pela plástica nada misteriosa. E aí começa a expiação da nudez sem amor — a inconsolável solidão da mulher.

O Globo, 28/3/1968

68. A patusca

1 Entro na redação e o Carlos Tavares avisa: — “Olha. O correspondente do *Paris-Match* telefonou.” Ora, sou, como se sabe, um pobre jornalista brasileiro, que tem de espremer o cérebro para subvencionar o sapato da mulher e o leite do caçula. Trabalho demais e, como se sabe, jamais o trabalho promoveu a ascensão social e econômica de ninguém. Para um brasileiro pobre e, além de pobre, medíocre, um telefonema do correspondente do *Paris-Match* abre uma janela para o infinito. Ainda perguntei ao Tavares: — “Tens certeza que sou eu mesmo?” O colega só faltou estender a mão sobre uma bíblia invisível e jurar.

2 Portanto, era mesmo comigo. Sentei-me à mesa para escrever a minha “confissão”. Logo, porém, tornaram-se irrelevantes, secundários, os problemas sociais, humanos, políticos e estilísticos de minha coluna. Só o telefonema importava. O que me fascinava era a hipótese de uma entrevista. Imaginei-me falando para o mundo. Mas logo travei a minha fantasia. Uma entrevista parecia demais e, realmente, eu não merecia tanto.

3 Fosse como fosse, o simples fato, em si mesmo, era uma honra. E, de repente, o Carlos Tavares me chama: — “*Paris-Match*, outra vez!” Corro, com uma sufocante dispneia emocional. Digo: — “Alô! Alô!” Era, sim, o

homem. E começou a falar. Mas aí, não se tratava de mim, nem de meus feitos, livros, peças e metáforas. Ele queria apenas informações sobre a “grã-fina gorda”. Por um momento, a minha perplexidade assumiu proporções trágicas. Ainda repeti: — “Grã-fina gorda?”

4 Custei a me lembrar que, dias antes, numa de minhas crônicas, falei, de passagem, numa “grã-fina” realmente gorda e realmente patusca como as viúvas machadianas. O *Paris-Match* queria saber se era fantasia ou fato. O curioso é que não era o primeiro que me interpelava a respeito. Inúmeras pessoas ligaram para mim, intrigadíssimas: — “Mas existe mesmo? Ou é piada?” Muitos achavam que se tratava de uma gorda irreal, de pura e irresponsável ficção. Tive de explicar que não, que absolutamente. Existia, sim. Dei a minha palavra de honra.

5 Ao correspondente do *Paris-Match* forneci informações confidenciais: — “É uma das amantes espirituais de Guevara.” Esse dado íntimo, glorioso e revolucionário causou o melhor efeito. Mas a curiosidade do colega francês era insaciável. Queria saber mais, cada vez mais. Conte-lhe, então, o drama da ilustre senhora. Eis o caso: — era gorda sem o saber ou sem ligar à própria gordura. Até que, um dia, alguém lhe deu um retrato de Guevara, com aquele olhar de santo e aquela barba de fauno. Foi uma paixão fotográfica e à primeira vista.

6 Só então baixou-lhe a súbita e inexorável consciência da própria gordura. Por uma dessas coincidências, que o diabo explica, começou a receber telefonemas anônimos, onde era chamada de “Abade de Brahma” para baixo. Passou a odiar as balanças, e explico: — a balança é o espelho das gorduchas. Ora, a classe média suporta a obesidade mais generosa. Não o grã-finismo. O grã-finismo é extremamente escasso de cadeiras,

bustos. E pior: — o retrato de Guevara era mais inclemente do que uma balança. O simples olhar do “Che” a esmagava.

7 Do outro lado da linha, o correspondente do *Paris-Match* dizia: — “Muito interessante, muito interessante!” Continuei: — até que, certo dia, em conversa com um “padre de passeata”, abre o coração. Dizem que grã-fina não chora, mas ela chorou: — “Eu me sinto uma baiaca!” E, então, o sacerdote começa: — “Já experimentou passeata?” A princípio, não entendeu. Com fina malícia, o outro insinua: — “Passeata é muito bom. Para emagrecer, não há como a passeata.” E o religioso citou o próprio exemplo: — “Estou com menos barriga.” Para convencê-la, girou como uma modelo profissional. Ou por sugestão, ou porque queria ser amável, admitiu: — “É mesmo! É mesmo!” E disse mais, o padre, gravemente: — “A passeata faz bem à aerofagia. Melhor que remédio da Flora Medicinal.”

8 Desde então, a única grã-fina gorda da vida real não perde uma. Tem uma frota de intelectuais, de estudantes, que avisam: — “Hoje tem.” E lá vai ela, feliz. Quando houve a histórica dos “Cem Mil”, foi a primeira a chegar e a última a sair. O padre da aerofagia deu-lhe instruções técnicas lapidares: — “Transpire, transpire.” A gorda teve um escrúpulo desculpável. Realmente, uma grã-fina vai do berço ao túmulo sem transpirar, jamais. O suor é coisa da classe média para baixo. Mas por amor de Guevara fez o sacrifício e transpirou como uma moradora do Encantado.

9 O homem do *Paris-Match* quis saber se a Ana Karenina do retrato tinha perdido peso nas marchas das esquerdas. Disse-lhe: — “Até aqui uns oitocentos gramas.” Passara dos 100 quilos para os 99. E o colega perguntou: — “E o retrato do ‘Che’? Como tem reagido?” Responde: —

“Maravilhosamente.” Sim, o retrato passou a tratá-la com outro charme. Houve mesmo um dia em que teve a sensação de que Guevara piscou-lhe o olho. Radiante, a grã-fina promove o remédio entre as amigas: — “A sauna é uma ilusão. Só a passeata emagrece. E serve também para aerofagia.”

10 O colega indaga: — “Ela participou também da passeata invisível?” Preciso explicar. No seu último artigo, diz o meu doce amigo Hélio Pellegrino que houve uma passeata contra a reunião dos exércitos americanos. Acontece, porém, que ninguém viu tal passeata, e repito: — nenhuma pessoa, viva ou morta, enxergou tal passeata. A coisa deve ter ocorrido dentro da mais rigorosa invisibilidade. Quinhentos agentes do DOPS não perceberam nada. Nem a reportagem, nem os transeuntes, ninguém. Mas a nossa gorducha não podia faltar, ainda que se tratasse de uma passeata espectral. Lá estava ela, a única. Pingava como um jogador de futebol depois de 90 minutos de pelada.

11 Expliquei que os oitocentos gramas custaram um martírio inenarrável. O que isso significa de disciplina interior, de vontade atroz, de energia sobre-humana! Outra qualquer não teria problemas. Mas a nossa heroína é um dos maiores apetites terrenos. E o pior é que, tendo saído em “Os mais belos interiores do Brasil”, que *Manchete* publica, tem uma fome de favelada. Sim, deu-lhe Deus uma fome nada seletiva. É capaz de comer a “empada que matou o guarda”. Mas o amor abre, sobre nossas cabeças, a bica dos milagres. Uma noite, o retrato de Guevara parecia mais frio do que o costume. Sentindo-se esnobada, ela jurou que, daí por diante, só tomaria chá com torradas. Ora, Guevara não acreditou, e vamos e venhamos: — o sujeito só toma chá nos romances e nunca na vida real. Mas a nossa gorda estava mesmo disposta a cumprir o juramento. Foi a umas três festas e, na sua fidelidade ao “Che”, não tocou num mísero salgadinho. Na quarta festa, porém, foi demais. O seu apetite dava

arrancos triunfais. Até que não se conteve. Passou uma bandeja. Apanhou um salgadinho e o enfiou no seio. Cinco minutos depois, outra bandeja. Outro salgadinho sumiu no decote. E assim, sucessivamente. Depois, ficou olhando a mesa. Deixou que todos se servissem. E, quando não havia mais ninguém, foi lá, apanhou uma lagosta e a introduziu pelo decote. (Dirá alguém que, a comportar tamanha lotação, seu busto é o próprio Seio de Abraão. E é.) Fez mais: — numa alucinação, foi à cozinha e arrebatou uma garrafinha de refrigerante. Ato contínuo, trancou-se no banheiro. E, lá dentro, foi comendo, comendo. Na hora de beber, quase engoliu a garrafinha com chapinha e tudo, como um elefante de circo.

O Globo, 11/10/1968

69. Os militares

1 Um sarau de grã-finos é mais ressoante do que uma concha marinha. Por lá, passam todas as vozes do Brasil e do mundo. E nem pensem que exagero. Nem tanto, nem tanto. Tenho falado muito na única grã-fina gorda da vida real. Com uma fina sensibilidade histórica e um sutil faro profético, tem antecipações assustadoras. Quantas vezes não diz, hoje, a manchete de amanhã?

2 Foi justamente a grã-fina gorda que me ligou, anteontem. Era um convite: — “Espero você, hoje. Mas olhe: — sem falta.” Explicou que não era festa: — “Uma reunião de amigos. Coisa íntima.” Eu queria dormir cedo, mas a grã-fina gorda é irresistível. Capitulei: — “Está bem. Vou.” E só no fim, baixando a voz, disse: — “Vem também um coronel, que é a maior cabeça do Exército.” E assim nos despedimos.

3 A minha amiga vive no que a *Manchete* chama de um dos “mais belos interiores do Brasil”. Nove, nove e pouco estou lá. Chego e vou perguntando pela “maior cabeça do Exército”. Ainda não chegara. Insisto: — “Vem mesmo ou vai dar o bolo?” Minha anfitriã fazia tanto suspense, tanto mistério, que não me contive: — “Será um Napoleão talvez?” E ela: — “Quem sabe?”

4 Paramos por aí. Tenho uma vizinha e leitora que me atribui uma fértil imaginação. O fato é que comecei a tecer as minhas desvairadas fantasias. Quis acreditar que o nosso coronel, mais esperado do que um Messias, tivesse mesmo uma dimensão napoleônica. A grã-fina gorda insinuara um “quem sabe?” altamente excitante. Logo percebi, porém, que, com exceção da dona da casa, todos, ali, eram de um antimilitarismo feroz. Um grã-fino pôs gelo no uísque e dizia: — “O lugar dos militares é no quartel!”

5 A grã-fina gorda insinuou a objeção: — “As Forças Armadas também são filhas de Deus!” Protestos: — “Não, senhora! Absolutamente! O papel do Exército não é esse!” E a palavra de ordem que se instalou, ali, e com a maior veemência, foi mais ou menos esta: — “Os militares não são filhos de Deus.” A dona da casa já implorava: — “Vamos mudar de assunto. O Coronel deve estar chegando!” Mas um dos convidados, obeso como um Nero de Cecil B. de Mille, encarniçou-se: — “Não, senhora. Desculpe, mas os militares precisam ouvir certas verdades!” Outros concordaram: — “Isso mesmo! Perfeitamente! Onde é que nós estamos?”

6 Improvisou-se uma unanimidade, segundo a qual a função constitucional dos militares é lavar cavalos nos quartéis. Dizia-se: — “Os militares nunca fizeram nada pelo Brasil!” Até que, de repente, entra o Coronel. Vinha sem sabre, esporas e penacho, em trajes chatamente civis. Não lhe farei nenhuma descrição física e explico: — não quero que ninguém o identifique. Mas entra e logo percebi que tinha o gênio do cumprimento. Saiu apertando a mão dos homens e beijando a mão das senhoras. Já a grã-fina gorda, no seu fervor promocional, cochichava para um e outro: — “Uma cabeça! Uma cabeça!”

7 O curioso é que o colarinho e a gravata do Coronel confundiram um pouco os presentes. Os civilistas ali presentes esperavam talvez ou que ele

entrasse a cavalo ou, pelo menos, de esporas, sabre e penacho. E aquele Coronel a pé, com um terno da “Ducal” e, além disso, de uma polidez quase humilde, foi uma decepção amarga. Outro dissabor foi quando o garçom ofereceu uísque e ele recusou: — “Queria água. Água mineral. Sem gás.” E, risonhamente, explicou para os lados: — “Gosto de Lindóia, porque é água da bica.”

8 Os presentes entenderam que a água mineral não era sede, mas pose. O militar fingia uma pureza de costumes ou, se assim posso dizer, uma espécie de castidade alcoólica. Houve um silêncio. E, de repente, de copo da mão, ergueu-se o Nero de Hollywood. Com a malignidade do pileque pergunta: — “Coronel, permite um aparte?” Ninguém estava falando e ele pedia um aparte ao silêncio. O militar acabava de tomar a água da bica engarrafada: — “Pois não, pois não!”

9 O pau-d’água grã-fino insiste: — “Posso dizer tudo?” E o outro: — “Tudo!” Em pé, o Nero, no seu movimento de fluxo e refluxo, ameaçava entornar o copo no decote mais à mão. Pergunta: — “Quando é que vocês vão voltar à caserna? O d. Hélder já disse: — ‘Voltem às casernas!’” Pausa. O outro, risonho, ainda espera. E o grã-fino das bochechas e da papada: — “Pode-me dizer quando vocês militares voltam para caserna?”

10 O Coronel responde: — “Voltar, por quê? Se nós nunca saímos da caserna?” Houve, ali, um espanto maravilhado. Aquilo enfureceu o Nero: — “E esse Governo, Coronel? O senhor nega que só há militares na minha frente! Só militares!” E apontava os presentes como se todos ali estivessem de sabre, esporas e penacho. — “Hein, Coronel? O senhor nega?” Disse, pousando, ao lado, o copo de água da bica. — “Nego.” Levantou-se: — “Posso falar?”

11 A grã-fina, excitadíssima, pedia silêncio: — “O Coronel vai falar.” E, então, andando de um lado para outro, sem nenhum ardor polêmico, ele ia falando: — “Todo mundo manda no Brasil, todo mundo pia no Brasil, menos as Forças Armadas.” Num repelão, o bêbado rugiu: — “E os tanques? E os tanques?” O Coronel deu a sua primeira gargalhada, como se o outro estivesse falando de tanques de lavar roupa. Explicou então que os facinorosos tanques têm quase a domesticidade dos cachorros velhos.

12 Insistiu em que nunca, nunca, as Forças Armadas influíram tão pouco. Citou um exemplo concreto: — “A ARENA. Que me diz o amigo? Eu sei que a ARENA não é nada. Um sopro de velinha de aniversário basta para apagar a ARENA. Ou não é? Meu amigo, quer fazer uma experiência? Vá à Câmara. Entre lá e, durante a sessão, dê o berro: ‘Olha o rapa!’ Sabe que é que ia acontecer?” Fez um suspense teatral. O Nero estava quase dormindo em pé.

13 Desta feita, o coronel exaltou-se. Dava pulos: — “Vocês vão ver a ARENA sair correndo, pular a janela e nunca mais aparecer.” Como que arrependido do exagero histriônico e arquejante da falsa cólera, completou mais contido: — “E nós acreditamos na ARENA. As Forças Armadas acreditam na ARENA. O Governo acredita na ARENA. A ARENA é ouvida. Se ouvem a ARENA, tudo é possível.” Respira fundo: — “E ninguém desconfia que não se faz o Brasil com arenas.” Estava acabando: — “Saímos da caserna para derrubar o Jango. E, depois, voltamos e estamos encerrados lá como monges. Há um mosteiro onde os monges fazem voto de silêncio. Nós somos os monges do silêncio político.” Puxa o lenço e enxuga o suor da testa. Depois, sai apertando a mão dos homens e beijando a mão das senhoras. A grã-fina gorda foi levá-lo até a porta. O Nero já não tinha forças para falar. De olhos fechados, continuava no seu fluxo e refluxo. Acabou vomitando no decote mais próximo.

O Globo, 14/10/1968

70. Católicos em pânico

1 Passo na redação e apanho um bilhete do *Life*. Viro e reviro o envelope. Já uma certa pusilanimidade me trava. Tudo o que tem um vago sotaque norte-americano exala o terror. Finalmente, tomo coragem e abro o envelope.

2 Era uma meia dúzia de linhas. Simplesmente, o correspondente do *Life* queria de mim um favor de colega para colega. Pedia, em suma, informações urgentes sobre “Palhares”. A direção da revista fora informada de que o ilustre brasileiro surpreendera o país com “métodos originais e revolucionários de Educação Sexual”. E o *Life* queria biografia, o nome completo, idade, estado civil, etc., etc. Li e reli, na mais absurda das perplexidades.

3 Eis a verdade: — eu não conhecia um patricio que fosse, ao mesmo tempo, Palhares e *ilustre brasileiro*. Podia ser um lapso fatal. Mas o fato é que, entre os *ilustres brasileiros* de minhas relações, não havia um único e escasso Palhares. Quebrei a cabeça e não achei uma resposta. O bilhete dava, embaixo, um número de telefone. Liguei.

4 Por sorte, encontrei o diabo do correspondente. A suar de humilhação, disse-lhe toda a verdade. Não conhecia nenhum Palhares, vivo ou morto. O colega não queria acreditar. Repeti: — “Não sei de nenhum ‘ilustre brasileiro’ chamado Palhares.” O americano insistia em que Palhares é, no momento, o nome obsessivo, a figura obrigatória. Só se falava no Palhares. Toda a cidade repetia os feitos do Palhares, as anedotas do Palhares, as piadas do Palhares. Saí do telefone, humilhadíssimo. Numa amargura medonha pensava na ideia que o *Life* faria de mim, o único a desconhecer tão notável Palhares.

5 Mas vejam como são as coisas. Horas depois, estou, num boteco, tomando cafezinho, quando se irradia uma luz de minhas profundezas. E eu descubro a verdade jamais sonhada. O Palhares era simplesmente o Palhares. Eu o conhecia, sim, e de longa data. Acontece, porém, que o Palhares não tem nada de “ilustre brasileiro”. É chamado “o canalha”. Coisa de espantar: — não tem nome, é um sobrenome. Ele próprio o diz: — “Desde garotinho, sempre fui Palhares e só Palhares.”

6 Nada quer ser além de Palhares. De mais a mais, o pulha é conhecidíssimo do leitor. Várias vezes, aqui mesmo, nesta coluna, narrei o seu maior feito. Se vocês não se lembram, posso repetir. Eis o episódio: — certa vez, o Palhares cruza com a cunhada no corredor. Não diz nada. Agarra a mocinha e atira-lhe um beijo ao pescoço. Ali, inaugurava-se um novo canalha. Não sei por inconfidência de quem, a torpeza espalhou-se. E quando o Palhares passava, havia o burburinho: — “O que não respeita nem as cunhadas.”

7 Vivemos numa época tão surpreendente que a vil audácia foi de uma prodigiosa e fulminante eficácia promocional. Todas as portas se abriram para o canalha. No emprego, por coincidência, o chefe aumentou-lhe o

ordenado. Certa vez, fui a uma festa de aniversário. Estava lá o Palhares. Tão cínico que, a um canto, cheirava uma camélia. Não era camélia, mas não faz mal. Lembro-me de que uma senhora gorda, abanando-se com a *Revista do Rádio*, suspirava: — “Adoro o Palhares.” Em outra ocasião, entro no Antonio’s e o vejo com um vasto embrulho debaixo do braço. Pergunto: — “Que diabo é isso?” E ele, sem desfitar-me, com ardente seriedade: — “O Cristo.” Em seguida, desembulha e mostra o retrato de Guevara. Lá estava o guerrilheiro, de boina, a cara virilizada por uma barba crespa. Guevara era o Cristo.

8 Chamo o canalha a um canto. Digo-lhe: — “Rapaz, a piada tem um limite.” Ele refaz o embrulho, amarra o barbante e se justifica: — “A Cruz não dá mais nada. É preciso, de vez em quando, mudar de Cristo.” Olha para os lados e baixa a voz: — “Esse retrato é uma mina. Convido uma garota para ver o Guevara. Todas vão. Não falha. Vai por mim: — Guevara é o verdadeiro Cristo. Esse negócio de amar o próximo é laranja chupada. Não pinga mais nada.” E, no fim, deu-me o conselho: — “Você tem de ser socialista. É o golpe.”

9 Era ainda a época das passeatas. Pouco depois, começava o desgaste do herói. Guevara passou a ser um mito exausto. Mas, como ia dizendo: — o tempo passou. Até que recebo o pedido do *Life*. Vocês compreendem o meu espanto? Jamais me ocorrera a hipótese de que o Palhares viesse a explodir como o revolucionário da “Educação Sexual”. Intrigadíssimo, bati o telefone: — “Escuta, que negócio é esse de professor? E, ainda por cima, de ‘Educação Sexual’?” Fiz mesmo a pergunta contundente: — “Desde quando deixaste de ser analfabeto?” Apesar de canalha, o Palhares tem uma virtude admirável: — não reage. Até achou graça; e disse mesmo, com um luminoso impudor: — “Continuo analfabeto. Não leio nem manchete.” Fiz a pergunta impaciente: — “Qual é o teu colégio?” Ao ouvir falar em colégio, Palhares soltou uma gargalhada de se ouvir no fim

da rua: — “Colégio? Tu me achas com cara de colégio?” Eu não entendo mais nada. Já o canalha explicava: — “Faço ‘Educação Sexual’ a domicílio. Percebeste? A domicílio.” Aí estava o ovo de Colombo.

10 Em todas as suas palavras, inflexões, pontos de vista, sentia-se o bem-sucedido total. Num remorso tardio, desculpei-me de tê-lo chamado de analfabeto. Protestou, alegremente: — “Podes-me chamar de analfabeto. Não dou bola. Mas escuta o que eu te digo: — ninguém precisa do bê-á-bá para ensinar ‘Educação Sexual’.” Quase me despedindo, fiz a amarga ironia: — “Resumindo: — qual é o conselho que você me dá?” Fingiu modéstia: — “Quem sou eu pra te dar conselhos?” E, então, o canalha tira um pigarro, coloca a voz e diz gravemente: — “Seja ex-católico. No momento, é o que dá mais. O ex-católico é uma potência.”

11 Aquilo deu-me um novo e agudo interesse pela conversa. Eu já queria crer que certas coisas, certas verdades e, mesmo, certas mentiras, exigem um canalha para dizê-las. Provoquei-o: — “Que história é essa de ex-católico?” O Palhares foi preciso: — “É o seguinte. Repara. Há uma colossal maioria católica.” E continuou. Segundo ele, não adianta nada ser “maioria”. Quem tem o poder de decisão, e o exerce furiosamente, é uma pequena, mas implacável, ativíssima minoria de ex-católicos. O Palhares citou, como exemplos de ex-católicos, d. Hélder e o dr. Alceu. O primeiro acaba de declarar, em taxativa entrevista internacional: — “Falo como realista e não como católico.” O dr. Alceu quer que atiremos pela janela os dois mil anos de Igreja. Ah, os minoritários como influem, como decidem, e como agitam. E a maioria católica está aí, por todo o Brasil, aturdida, acuada, humilhada. A solidão começou para o verdadeiro católico. Ouço Palhares, o canalha, sem interrompê-lo. Terminou com a profecia jucunda: — “Toma nota do que eu te vou dizer. Ainda seremos o maior povo ex-católico do mundo.”

12 Saí, amargurado, do telefone. Pouco depois, a coincidência: — vejo entrar, pela redação, o correspondente do *Life*. Vinha buscar não sei que fotografias. Achei que era do meu dever esclarecê-lo sobre o estofo moral do Palhares. Chamei-o de lado. Mas, quando acabei de contar-lhe o beijo no corredor, o ultraje à cunhada, o jornalista americano disse, de olho rútilo e lábio trêmulo: — “Muito interessante, muito interessante.”

O Globo, 29/8/1969

71. A messalina gaga

1 Tenho um amigo curiosíssimo. Dá-se comigo há mais de trinta anos. Mas não há, digamos assim, continuidade em nossos encontros. De vez em quando, desaparece; e, de vez em quando, volta (é cíclico como a minha úlcera). Quando some, sua ausência tem a densidade da morte. E, quando reaparece, está sempre comigo, grudado a mim como um gêmeo.

2 Mas eu disse “amigo curiosíssimo”. Pelo seguinte: — nunca sei se ele se chama Meireles ou Marcondes. Pode ser Marcondes e pode ser Meireles. Tal singularidade empresta à nossa relação um tom meio alucinatório. Eis o que eu queria dizer: — não o via há mais de seis meses. E, ontem, de repente, dou com o Meireles na esquina, em cima do meio-fio, esperando que o sinal abrisse para os pedestres. Quando nos vimos, foi uma festa recíproca e escandalosa.

3 O Meireles caiu nos meus braços e eu nos dele. Dizia ele, de olho rútilo: — “Há quanto tempo!” Em seguida, gabou-me a aparência. Disse e repetiu: — “Você está ótimo, ótimo.” E eu: “Você também.” Afirmiei que a sua aparência era um poema. Depois dos mútuos rapapés, o Marcondes (ou será Meireles?) limpa um pigarro e começa: — “Preciso de um favor teu.” Digo-lhe: — “Dois.” Põe a mão no meu ombro: — “É o seguinte: — faz outra ‘entrevista imaginária’ com o d. Hélder, faz.”

4 Era esse o favor. No meu espanto, exclamo: — “Outra vez?” Tentei explicar-lhe que um colunista diário vive da variedade de assuntos e de figuras. O leitor não gosta de fixações. E repeti: — “O segredo é a variedade.” O Marcondes não se conforma. Retruca com um argumento engenhoso: — “D. Hélder é a própria variedade, é a antimonotonia.” Terminou com um novo apelo: — “Te peço, encarecidamente, uma nova ‘entrevista imaginária’ com o d. Hélder.” Digo, por fim: — “Está bem. Farei.” O Marcondes se despediu num arroubo: — “És uma mãe!”

5 Isso foi ontem. Hoje, estou na máquina, escrevendo mais uma “imaginária”. Como se sabe, nada mais falso do que a entrevista verdadeira. O entrevistado só diz o que sente, o que pensa, o que sabe, nas entrevistas inventadas. Inventadas da primeira à última linha e, por isso mesmo, de uma imaculada veracidade.

6 Tais “entrevistas imaginárias” só ocorrem à meia-noite em ponto. Eis a paisagem obrigatória: — um terreno baldio que tenha, no alto, uma lua de sangue e, por fundo, a gargalhada dos sátiros e duendes. Além de mim e d. Hélder, a única presença consentida é a de uma cabra vadia. O arcebispo foi pontualíssimo. Chega exatamente quando o sino da Matriz dava as 12 badaladas. Alhures, uma coruja pia. D. Hélder pergunta: — “E o pessoal? Não vem ninguém?”

7 Explico-lhe que o charme das “entrevistas imaginárias” é o pudor, o sigilo, o mistério. É preciso que ninguém as veja e ninguém as ouça, a não ser a cabra. D. Hélder vira-se: — “Em que jornal trabalha a cabra?” Respondo-lhe que a cabra tem vários defeitos, menos o de ser jornalista. Esclareço ainda: — “A única função da cabra é a paisagística.” A frustração do sacerdote foi total. Fechou a questão: — “Só falo para jornal, rádio, televisão.” Pergunto: — “É sua última palavra?” Era.

8 E, já que não havia outro remédio, tratei de convocar uma imprensa também imaginária para o local. Instantaneamente, apareceram, lá, o caminhão da Globo e os locutores-volantes, o Washington Rodrigues, o Pallut, o Pardelas, fotógrafos, correspondentes estrangeiros, a BBC de Londres, etc., etc. Essa plateia espectral foi um afrodisíaco para o bom padre. O Justino Martins surgiu e prometeu uma capa de *Manchete*. O Cláudio Melo e Sousa daria uma capa de *Fatos & Fotos*. Mas d. Hélder parecia ainda insatisfeito: — “E o *Life* não mandou ninguém?” Tive que providenciar um enviado imaginário do *Life*.

9 Todos presentes, comecei: — “D. Hélder, a diretora de um colégio religioso de São Paulo disse o seguinte: — que ser prostituta é uma profissão como outra qualquer. O senhor concorda?” D. Hélder não respondeu logo. Semicerrou os olhos, juntou as mãos, como se rezasse. Os faunos e as ninfas, que costumam infestar os terrenos baldios, vieram espiar. Suspense aterrador. E, súbito, o arcebispo pula: — “Não! Não!”

10 *Flashes* assustam os grilos e os sapos do terreno baldio. Todos sentiram que d. Hélder ia fulminar a iniquidade. De braços abertos, vai falando: — “Nunca, jamais! Ser prostituta não é uma profissão como outra qualquer. Absolutamente. É uma profissão que exige prendas raras. Raras.”

11 Instalou-se, ali, no mato, o caos profundo. A imprensa imaginária já não sabia se d. Hélder estava contra ou a favor. Os taquígrafos não perdem um suspiro do orador. Mais didático, d. Hélder está falando: — “Qualquer uma pode ser datilógrafa, não é exato? Mas uma Messalina tem que possuir dons outros, atrativos especiais. Uma gaga não pode ser Messalina. Uma bruxa de disco infantil não pode fazer a prostituição. Tanto a gaga como o bucho morreriam de fome. Portanto, é injusto falar em ‘uma

profissão como outra qualquer’. Ou estou enganado?” O orador é aplaudido como um tenor no dó do peito.

12 O representante imaginário do *Life* faz a sua pergunta: — “É verdade que o senhor brigou com os dois mil anos da Igreja?” D. Hélder não ouviu direito. O outro repete: — “É verdade que o senhor brigou com o passado da Igreja?” A resposta foi de uma rara felicidade: — “Meu amigo, quem tem passado é adúltera recuperada.” Neste momento, uma admiradora de J. G. de Araújo Jorge aparece com um livro: — “O senhor quer escrever isso no meu álbum?” D. Hélder arranca da batina uma caneta e põe lá: — “Quem tem passado é adúltera recuperada.” Na sua vaidade autoral, o arcebispo pergunta: — “Gostou?” E a moça: — “Lindinho!”

13 Agora era a vez da estagiária do *Jornal do Brasil*. Eis a pergunta: — “O que é que o senhor acha do Amor?” D. Hélder fez um risonho escândalo. Diz: — “Oh, oh!” E responde com outra pergunta: — “Que idade você tem?” Resposta: — “Dezenove.” D. Hélder ralhrou, alegremente: — “E como é que você, aos 19 anos, fala em Amor? O que é Amor? Isso não existe, nunca existiu. O Amor é a doença do Sexo.” Estaca ao som da própria frase. Diz: — “Acho que fui feliz.” E repete: — “O Amor é a doença do Sexo.” Estimulado pela frase, foi adiante: — “O Amor tem que ser exterminado. Nunca a morbidez é do Sexo, sempre do Amor. O Sexo é de uma pureza, de uma inocência, de uma saúde totais. Vejam a lição dos vira-latas e dos gatos vadios. Olhem a Praça da República. Não se conhece um Werther entre os gatos do Campo de Santana. Jamais um vira-latas matou, ou se matou, ou deu manchete na *Luta* ou no *Dia*. Precisamos matar o Amor!”

14 Era o fim. A aragem fina desfez a imprensa imaginária. O Justino Martins tornou-se diáfano, o Cláudio Melo e Sousa, incorpóreo, a

estagiária, alada. Paletós, camisas, gravatas e sapatos, tudo se volatilizou. E, por muito tempo, o terreno baldio ficou ressoante da sábia frase: — “O Amor é a doença do Sexo.”

O Globo, 15/6/1968

72. Agonia da palavra

1 Há uma relação nítida e taxativa entre as duas coisas. Se não, vejamos. Primeiro, uns estudantes de Belas-Artes sobem a escadaria do Municipal e, de lá, anunciam a morte da palavra. Em seguida, vem o *Jornal do Brasil* e rompe com os fatos. Deus me livre de estar, aqui, fazendo caricatura. O editorial do velho órgão não me deixa mentir. Lá está dito que os fatos dão uma “imagem falsa” do carnaval.

2 De um lado, os artistas plásticos não admitem a palavra; de outro lado, o *Jornal do Brasil* não admite os fatos. Desculpem a minha insistência, mas os dois episódios me parecem de crucial importância. Eis o que eu queria dizer: — no Brasil, em que tais coisas acontecem, tudo é possível e, repito, maravilhosamente possível. E, por último, explode a notícia fantástica: — D. Hélder larga a Fome do Nordeste e assume a Fome do Amazonas.

3 (É o absurdo instalado na vida brasileira. Tenho perdido noites na interpretação de tamanho gesto. Deixando uma Fome por outra, d. Hélder trocou tudo por nada. Realmente, o Amazonas não é nada, nunca foi nada. O Amazonas é o nosso crime. Por outro lado, um autor depende do seu assunto; e há assuntos que fazem um autor. Ora, o assunto de d. Hélder era a bendita fome nordestina. Sim, a miséria de lá tem-no feito. A prova está em que virou figura nacional. Interessa-lhe, e muito, que tudo continue

como está. Enquanto aquele povo não tiver uma fatia de pão, nem um pouco de manteiga para lhe barrar por cima, o nosso arcebispo estará salvo. Já insinuaram o seu nome para a Presidência da República. E, com efeito, era de se esperar que, bem administrando o horror do Nordeste, d. Hélder chegasse lá.)

4 Mas falei em “absurdo” e devo fazer uma correção cronológica. O absurdo é anterior à fúria dos artistas plásticos contra a palavra, anterior à fúria do *Jornal do Brasil* contra os fatos. Eu diria que tudo começou no episódio das lagostas. Não sei se vocês se lembram. Talvez não se lembrem porque o fato nem coçou a sensibilidade nacional. Refiro-me a um gravíssimo incidente entre o Brasil e a França. Os dois países questionavam sobre as lagostas brasileiras.

5 Dirá o leitor com sua crassa objetividade: — “Mas, se eram brasileiras, por que e para quê questionar?” Raciocínio exemplar. Mas a França tem a “Marselhesa” no sangue, e vamos e venhamos: a “Marselhesa” justifica até a insolência e os palavrões do chofer parisiense. Conclusão: — a França achava que tinha direito às lagostas brasileiras, fossem elas brasileiras ou não.

6 Nem se diga que tudo se reduziu a um papo de chancelarias. Nada disso. Cruzadores franceses rosnavam contra a nossa costa. A qualquer momento, desembarcaria, aqui, nas nossas barbas indignadas, um novo Villegaignon. Era, pois, a hora em que os nossos brios deviam estar mais eriçados do que as cerdas bravas do javali.

7 Pois ninguém piou. Somos patriotas. Eu próprio me considero um patriota, à boa maneira do Pinheiro Chagas. E, além disso, lá estava a UNE, a jovem bastilha do nacionalismo. Também a UNE não exalou o

mais vago e tênue pio. Os estudantes não saíram à rua para caçar franceses, a pauladas. (Em 1920, seriam francesas.) Nas calçadas, o povo passava na mais parva, na mais espessa insensibilidade. Em suma: — se os franceses aqui desembarcassem e aqui desfilassem, o povo estaria nas sacadas atirando-lhes papel picado.

8 Dirão que exagero. Nem tanto, nem tanto. Ou por outra: — aqui o nacionalismo só age e reage contra o imperialismo norte-americano. Por azar das nossas lagostas, tratava-se de franceses e não de *yankees*. E aí de nós, aí de nós! Não havendo ódio aos americanos, somos uns plácidos invertebrados.

9 A partir das lagostas, o nosso mistério tornou-se de uma transparência ideal. E, pouco depois, eu veria que o tal ódio aos americanos não chega a ser um sentimento, não chega a ser uma paixão. É uma defesa. Não sei se me entendem, e procurarei ser mais claro. Eis a verdade: — nós precisamos do imperialismo norte-americano, assim como um retirante precisa de sua rapadura. Os Estados Unidos são exatamente a nossa rapadura.

10 Se Deus chamasse as nossas elites, as nossas esquerdas, inclusive a católica; se chamasse os estudantes, se chamasse os escritores e lhes perguntasse: — “Venham cá. Vocês querem que eu expulse o imperialismo norte-americano?” Como reagiríamos, eis o que pergunto — como reagiríamos? Da seguinte maneira. Cairíamos de joelhos, na calçada, soluçando o apelo: — “Não faça isso. Excelência, não faça isso!”

11 É a pura verdade. Não podemos viver sem o imperialismo. Ele é a água da nossa sede, o pão da nossa fome, é o nosso gesto, é a nossa retórica. Quem nos justifica e quem nos absolve? O imperialismo. Reparem:

ninguém aqui se mexe. Há todo um Brasil por fazer. Sim, todos os dias, o Brasil espera que nós o façamos. E nem os intelectuais, nem os políticos, nem os líderes, nem os estudantes, ninguém move uma palha, ninguém tira uma cadeira do lugar. O Brasil é um adiamento infinito. O brasileiro é uma ociosidade compacta.

12 Somos nós responsáveis por tudo e de tudo. Inclusive, teríamos nós que expulsar o imperialismo. Mas expulsar como, se é ele que justifica a nossa inércia, a nossa inépcia, a nossa omissão, a nossa pusilanimidade, a nossa impotência? Queremos que o imperialismo ocupe ainda mais o país. Se tal ocorresse, eis o que faria o brasileiro: — durante o dia, não sairia da praia; durante a noite, não sairia do Antonio's. E é muito doce varar as madrugadas, tomando cerveja em lata. Ou, então, dourar-se ao sol como um havaiano de filme. O imperialismo seria culpado de tudo e nós de nada.

13 Por isso mesmo, ao renunciar à Fome do Nordeste, d. Hélder alcança o patético e raia pelo sublime. Entendam. A fome é uma mina. A rigor, sem ela, não existe d. Hélder, nem existem o seu gesto, a sua ênfase, a sua retórica. Para ele, é da maior conveniência a mortalidade infantil. Se as criancinhas não morrem, eis o nosso arcebispo sem função, sem destino ou apenas reduzido à expressão humilhante de funcionário do sobrenatural.

14 E, súbito, d. Hélder para, olha o horizonte, aponta e diz: — “Meu dever é ali.” (Não sei se foram essas, textualmente, as suas palavras.) E seu dever chama-se Amazonas. Decerto, também lá morrem criancinhas. Mas só nos interessa, e só nos comove uma mortalidade infantil provocada direta e exclusivamente pelo imperialismo. Digo “imperialismo” e específico: — norte-americano. Qualquer outro — francês, russo, alemão, chinês, tirolês — pode ocupar aqueles vazios horrendos. Onde não entram

os Estados Unidos, a nossa indignação pende, molemente, como um balão japonês apagado. Por isso mesmo, a atitude de d. Hélder estarrece o Brasil. É o primeiro gesto em favor daquela formidável sibéria florestal. E eu que via, em cada olhar, sorriso ou palavra do nosso arcebispo, uma nítida, deslavada autopromoção! Enganei-me e aqui me retrato. E já estou imaginando o infalível efeito paisagístico: — a batina de d. Hélder na gigantesca solidão amazônica. É um santo. Vai converter jacarés, à beira dos rios.

O Globo, 5/3/1968

73. Anti-Brasil

1 Na “Confissão” de sábado, chamava eu a atenção dos leitores para o salário profético do Chacrinha. O formidável animador ganha, por mês, 80 milhões; e pior: — no fim de um ano de contrato, passará a ganhar 140 milhões. Se um brasileiro consegue ganhar oitenta ou cem milhões por mês, este simples fato nada tem de simples ou de intranscendente.

2 Na Índia, há milhões de sujeitos que nunca moraram, nunca tiveram um teto, uma mesa, uma cama. Nascem na rua, vivem na rua, amam na rua e morrem na rua. Sim, agonizam rente ao meio-fio, com a cara enfiada no ralo. Isso, na Índia. Mas não precisa ir tão longe. O Nordeste de d. Hélder. Há, por lá, populações inteiras que, do berço ao túmulo, não ganham tanto.

3 Falei em d. Hélder e sinto nas minhas palavras o tom do nosso arcebispo. Não, não e Deus me livre. Juro que não estou aqui pregando o ódio social. Pelo contrário: — o Chacrinha é nosso irmão, o irmão da miséria, o irmão das necessidades. No passado, sua fatia de pão nem tinha manteiga para lhe barrar por cima. Por trás de sua abundância presente, ainda gemem velhas humilhações e fomes jamais esquecidas.

4 Chacrinha é a gigantesca vitória do pé-rapado, é a flamejante ascensão do pobre-diabo. Portanto, tratemos de abençoá-lo e que os seus 80 ou os seus 140 milhões se reproduzam por longos e dilatados anos. E volto ao que dizia. Escrevi que tal salário profetizava um novo Brasil.

5 E já não sei se será “um” novo Brasil ou se convém pluralizar. Vejam as redações, as escolas, as famílias, as festas, as esquinas e os botecos. Por tudo que se diz, e ouve, e lê, percebemos que há vários projetos de Brasil. Qual deles há de vingar, finalmente? Qual deles terá bastante vitalidade histórica?

6 Há muita gente disposta a matar e a morrer pelo Brasil do ódio. Pode parecer que eu esteja exagerando. Mas os sintomas estão à nossa vista com apavorante nitidez. Nunca me esqueço de um concurso de romances que a revista *Leitura* promoveu. Na época, eu ainda acreditava em prêmios e ainda os desejava. Fui, correndo, ler as condições. (E já me via tirando o primeiro lugar, recebendo o dinheiro, sob os delirantes aplausos da assistência.) Os concorrentes podiam escrever sobre tudo, menos sobre amor.

7 Sobre amor, não e nunca. Era uma revista de cultura que vinha dizer, de frente alta e voz cava: — “Tudo, menos amor!” Foi um dos espantos mais cruéis de toda a minha vida literária. Graças a Deus, alguém protestou: — o romancista Lúcio Cardoso. Escreveu ele, se não me engano na *Manhã*, um maravilhoso artigo. Eis o título — “Os romances do ódio”.

8 Se aparecesse, lá, uma *Ana Karenina*, seria expulsa, a pontapés, pela Comissão Julgadora. Ou um *Romeu e Julieta* e quantas e quantas obras-primas? Li o artigo de Lúcio Cardoso e passei-lhe o mais veemente

telegrama da minha gratidão. Mas o concurso era um sintoma — começava aqui o ódio ao amor.

9 Não seria apenas no Brasil, evidentemente. Anos depois, Sartre andou por aqui e deu uma entrevista. Declarou o seguinte: — “Eu não escreveria um romance de amor.” Disse isso ao lado de Simone de Beauvoir. Olhando a santa senhora, cochichou um brasileiro a outro brasileiro: — “Está explicado por que ele não gosta do amor.” Mas que Sartre fizesse a greve do amor, ótimo, ótimo. O que me apavorava era um Brasil sem amor, um Brasil árido como três desertos.

10 Este povo está vivendo uma época de pouquíssimo amor. O ódio é mais promovido do que marca de refrigerante. No ano passado, fui testemunha auditiva e ocular de duas rixas familiares. Em ambas as ocasiões, um filho berrou para o pai: — “Te parto a cara! Te parto a cara!” e só não se engalfinharam, à vista da mãe, das tias, dos cunhados, dos outros filhos e das visitas, porque, nas duas vezes, o velho capitulou. “Ficou por isso mesmo?”, perguntará o leitor. Não, não ficou por isso mesmo. Num dos episódios, o pai chamou o filho e deu-lhe um Galaxie.

11 Eu citaria outros exemplos, e outros, e outros. Falta-me, porém, espaço. Mas não concluirei sem falar do “poder jovem”. Pergunto: — quem é o verdadeiro autor do “poder jovem”? Será o próprio jovem? Eu não teria nada a objetar se o próprio jovem apanhasse no chão, a mãos ambas, o Poder. Mas aqui começa o divertidíssimo equívoco: — o autor ou autores do “poder jovem” são os velhos, os mais velhos.

12 O jovem propriamente não moveu uma palha para se tornar poderoso. Foram os pais, as tias e, numa palavra, a família; foram os professores, os sociólogos, os sacerdotes, os jornalistas, os políticos. De repente, os

velhos resolveram conferir ao jovem, e de graça, méritos e potencialidades jamais suspeitados.

13 Quando me iniciei no jornalismo, um velho profissional me dizia: — “Rapaz, das duas uma: — ou o jovem é um Rimbaud ou uma besta.” Pois bem. Hoje, o jovem sofre a promoção obsessiva de um sabonete. Cada artigo do dr. Alceu parece investir “o jovem” de uma liderança absurda, utópica, delirante, que nunca houve. Por vezes, dá-me vontade de telefonar para o dr. Alceu e pedir-lhe: “O senhor podia-me apontar um líder de 17, 18, 19 ou, vá lá, de 20 anos?” Mas convencionou-se que “o jovem” tem o gênio de Rimbaud. E, se duvidarem, os velhos estarão dispostos a admitir os vícios de Rimbaud.

14 Justificado, absolvido, adulado pelos velhos, que faz o jovem? Nunca odiou tanto. Agora mesmo estou lendo numa primeira página de jornal esta chamada: — “Queima de poemas na Cinelândia”. No primeiro momento, imaginei que se tratasse de uma reportagem evocativa das cerimônias nazistas. Na Alemanha de Hitler houve algo parecido, algo, sim, que estremeceu o mundo: — a queima de livros. Mas não, especificamente, poemas, sonetos, etc., etc. Lendo o texto, localizo a coisa no tempo e no espaço: — o fogaréu ocorrerá amanhã, ou hoje, ou já ocorreu ontem. A data exata, não sei. E os nerds são estudantes brasileiros, da Escola Nacional de Belas-Artes.

15 O local escolhido: a doce, a lírica, carioquíssima Cinelândia. Vejam vocês: — na Cinelândia há pombos. E os estudantes, em vez de lhes dar milho, vão queimar poemas. Nem se pense que é uma crítica literária exercida com archotes. Nada disso. Não é ódio aos versos, mas ao sentimento. Eles querem e vão queimar versos de amor e porque são de amor.

16 Isso é a negação do Brasil, o anti-Brasil, o antibrasileiro. Alguém dirá que já começou a nossa desumanização. Leio a notícia e não sei o que pensar, e o que dizer de uma geração que se vinga do amor e crava o ódio no próprio coração.

O Globo, 29/1/1968

74. A bofetada

1 O defeito do jovem é o velho. Não sei se me entendem. É o velho, ou pluralizando: — são os velhos que, no momento, em toda parte e em qualquer idioma, corrompem os jovens. Antigamente, a velhice era de uma cerimônia, de um pudor, de uma correção admiráveis. Há todo um folclore sobre os nostálgicos, espectrais velhinhos da porta da Colombo. Mas não fazem mal a ninguém. Apenas olham as meninas, e com que ternura infeliz e antiga.

2 Repito: — não falo dos velhinhos da porta da Colombo. Acho até que o Departamento de Turismo devia preservá-los. Falo dos que erguem a cínica bandeira da imaturidade. Nem se pense que a idealização da imaturidade começa nos jornais, nas universidades, nas rádios, nas TVs, nos sermões. Não. Começa em casa.

3 O moço começa a ter razão na altura da primeira chupeta e quase no berçário. Eu gostaria de saber qual teria sido o primeiro pai, ou mãe, ou tia, ou avó, ou cunhada, que inaugurou o Poder Jovem. O Poder Jovem é, portanto, anterior a si mesmo. Começa a exercitar a sua ferocidade muito antes, ainda na infância profunda. Há por aí toda uma geração de pequeninos possessos. São garotinhos de quatro, cinco anos, de uma

intensa malignidade. Um dia, a família achou que a criança está certa quando mete a mão na cara da mãe, do pai, da tia ou da avó.

4 Outro dia, eu próprio vi uma cena admirável. Uma garotinha de cinco anos foi impedida de fazer não sei o quê. Como uma pequenina fera, investiu contra o pai, às caneladas. Desatinada, a mãe vai apanhar a menina e a carrega no colo. E, então, acontece isto: — a filha mete-lhe a mão na cara. Sempre digo que precisamos tirar o som da bofetada. Uma bofetada muda seria menos ultrajante. Mas a bofetada da garotinha estalou na cara materna. (Até hoje, não entendo como aquele pinga de gente foi capaz de bater com uma violência adulta.)

5 Fiquei olhando. Mas o episódio familiar não parou aí. A mãe, agarrada à filhinha, soluçava: — “Coitadinha! Coitadinha!” Tias se arremessavam. A menina passou de colo em colo. Numa das vezes, chutou o seio de uma tia; e meteu a mão na cara da seguinte; e na imediata, cuspiu na boca. Foi um horror.

6 Eis o que eu queria dizer: — a origem do Poder Jovem está numa bofetada consentida, de filha em mãe, ou de filho em pai. Hoje, o adolescente leva uma sensação de onipotência. O homem maduro tem, por vezes, um olhar estrábico de pavor. Sim, o homem maduro traz o medo no coração. Se alguém gritar — “Olha o rapa!” — uma dona de casa ou pai de família sairá correndo e pulando os muros da covardia.

7 O jovem, não e nunca. Vejam um rapaz chegando a qualquer lugar. Entra e olha. Luminoso descaro. Cada gesto forte extroverte toda uma ilusão de onipotência. Sente-se nele uma coragem irresponsável e brutal. Nenhum medo, nenhuma dúvida, nenhuma interrogação. É um prodigioso ser, feito de certezas.

8 Mas eis o que importa repetir: — o jovem não tem culpa nenhuma. Vítima de um processo de desumanização, ele é vítima também dos velhos. Numa das minhas confissões, referi um episódio que considero magistral. A coisa se passou com o padre Ávila. Certo rapaz, se não me engano aluno da PUC, cometeu uma vileza atroz com um amigo. O padre Ávila (espírito altamente compreensivo) foi interpelá-lo. Perguntou-lhe: — “Você não acha isso uma deslealdade?” O adolescente pergunta: — “É preciso ser leal?” O bom sacerdote perdeu noites sem saber direito o que aquilo significava. E nem lhe ocorreu que, por trás do moço, explicando essa e outras deslealdades, estava um velho conhecido nosso — o pulha.

9 Ora, o ser humano não anda de quatro, nem está no bosque urrando à lua. E por quê? Resposta: — porque somos responsáveis. É a responsabilidade o nosso mistério e a nossa salvação. Os velhos começam por suprimir os limites morais da juventude. O nosso padre Ávila apreciou a canalhice do aluno ou conhecido, sei lá, com um espanto muito leve, quase imperceptível. Se fosse um quarentão, havia de se arremessar para a janela, aos berros de — “Aqui del-Rey! Aqui del-Rey!” E chamaria a radiopatrulha. Ou ele próprio, na base da velha moral, daria ao pulha umas bengaladas saudabilíssimas.

10 Portanto, são os velhos, sacerdotes, psicólogos, professores, artistas, sociólogos que dão total cobertura à imaturidade. Os jovens são o certo, o direito, o histórico, o infalível. Um amigo meu, e velho como eu, dizia-me: — “A juventude sabe mais do que nós.” Outro exemplo: — o dr. Alceu. É um sábio católico. Não há dúvida. Ninguém, de boa-fé, poderá negar-lhe a enorme autoridade moral.

11 Quando o leio, fico imaginando: — “Se eu fosse jovem, depois de ler isso, sairia por aí decapitando velhinhas como um Raskolnikov.” Até hoje,

não sei bem que ideia faz da juventude o nosso Tristão de Ataíde. Ou está esquecido de que o jovem participa da nossa miserável, infeliz e, tantas vezes, abjeta condição humana? O jovem é, permita-me o mestre lembrar-lhe, o ser humano com suas fragilidades, os seus méritos, as suas tentações e com a inevitável, obrigatória dimensão do canalha. O moço tem os defeitos de qualquer um e mais este: — a imaturidade. Eu sei que o dr. Alceu anda fazendo uma promoção da imaturidade como se esta fosse sabonete ou um refrigerante. E o nosso Tristão, como o Carlinhos de Oliveira, inverte os papéis: — a maturidade é que passa a ser uma deficiência humilhante.

12 Num dos últimos artigos, conta ele que esteve em Paris e foi testemunha auditiva e ocular da “popularidade mínima” de De Gaulle. Fala de “poucos aplausos” e “algumas vaias”. Eu não entendo e repito: não entendo. Ah, o bom Alceu, o ótimo, o excelente Alceu. Não deve acreditar na vaia. Aqui, no nosso estádio, vaia-se até minuto de silêncio. Mas quererá ele insinuar que o povo francês tem ódio ao herói? Talvez. Se fosse Laval, quem sabe se não seria carregado na bandeja, e de maçã na boca, como um leitão assado?

O Globo, 3/6/1968

75. Sobre vaidade

1 Há tempos, contei o caso do ministro que foi, pela primeira vez, à televisão. A família tremeu em cima dos sapatos. E não sei se a própria mulher, uma tia, ou uma cunhada, deu a sugestão espavorida: — “Toma banho! Toma banho!” E porque não lhe ocorrera a ideia do banho, o ministro julgou-se um vencido. Imediatamente, a esposa se arremessou. Podia ser banho de chuveiro. Mas, como ele ia falar na TV, a santa senhora achou que devia ser banho de imersão.

2 Encheu a banheira. Temperou a água. E o banho ministerial foi digno de Paulina Bonaparte. Do lado de fora, a mulher comandava: — “Esfrega bem! Esfrega bem!” Uma tia cochichou: — “Debaixo do braço!” E a mulher mais alta: — “Debaixo do braço, ouviu?” Súbito, alguém veio dizer à esposa: — “Homem não sabe tomar banho. Não se limpa direito.” Vozes a instigavam: — “Vai lá! Vai lá!” E ela foi. Quando S. Ex.^a saiu, era o membro mais limpo do Governo.

3 E, assim, esfregado pela própria mulher, e mais perfumado do que uma noiva, lá se foi o ministro. Ele, só, não. Levava um acompanhamento estarrecedor. Parecia uma passeata de parentes. Havia, na família, uma solteirona de García Lorca. Chamada, não queria ir. Quase a lançaram; e a velha estrábica (era estrábica) teve que se incorporar à massa familiar.

4 O ministro entrou na estação em ânsias, palpitações sufocantes. Não acreditava em nada, era um ateu nato e hereditário. Todavia, na hora de ir para o ar, vira-se para a mulher: — “Reza por mim! Reza por mim!” E, com uma dispneia pré-agônica, encaminhou-se para o abismo. Sim, a televisão era, para S. Ex.^a, um abismo voraz e inédito. Na frente das câmeras e dos microfones, deixou de ser o Poder, o Governo, a Autoridade. Era o contínuo de si mesmo. Houve um momento em que, em pleno ar, teve sede. Apanhou o copo com as duas mãos. Mas parte da água voltava como uma baba.

5 Já não me lembro por que é que estou contando tudo isso. Ah, já sei, já sei. Eu queria demonstrar o óbvio, isto é, que a televisão fascina qualquer um. O sujeito pode ser rei, ou rainha, ou anjo, ou santo. Mas atravessa três desertos para entrar no programa do Chacrinha, da Dercy ou da Bibi. Cabe então a pergunta: — e por que esse deslumbramento?

6 Vamos lá. Primeiro, porque, normalmente, cada um de nós é um ator sem plateia. Representamos, no máximo, para uma namorada, para meia dúzia de familiares, meia dúzia de vizinhos, meia dúzia de credores. E o sujeito que entra no Chacrinha sai de lá célebre. Aparece para milhões. E essa celebridade fulminante é a maior delícia terrena.

7¹¹ E quem fala para tantos pode, com uma frase, fundar uma Religião, com outra frase, derrubar um Império, com uma terceira frase, decapitar várias marias antonietas. De mais a mais, a simples imagem nos confere uma nova dimensão. Pois não há idiotas no vídeo. Lembro-me de um outro ministro. Alguns espíritos, estreitamente positivos, afirmam que é débil mental de babar na gravata. Foi para a televisão e parecia um Disraeli. E De Gaulle, que fez De Gaulle, quando viu a França, sob a brutal ocupação francesa? Correu à TV. Anunciou: — “Eu sou a Revolução!”

8 Isso, dito cara a cara, e para meia dúzia, não convence ninguém. Mas uma plateia de vinte milhões não pensa. E não precisou Polícia, nem Exército, nem bazuca. Uma frase bastou. Sem nenhuma repressão sangrenta, o único francês vivo liquidou o que ele próprio chamou de “carnaval”. Baixou sobre a França uma súbita Quarta-Feira de Cinzas. O que restou de tudo foi a ressaca do caos ululante.

9 E se alguém disser, na televisão, que é Joana D’Arc, será Joana D’Arc. Portanto, a França e colônias (se sobrou alguma colônia), todo mundo acreditou que De Gaulle era a própria Revolução de esporas e penacho. Aqui mesmo tivemos o encontro de Carlos Lacerda e d. Hélder. Iam fazer um diálogo. Mas o diálogo foi monólogo. Só Lacerda falou. O arcebispo disse um “oba” à entrada e um “até logo” à saída. Por que tal silêncio? Por dois motivos: — primeiro, porque d. Hélder só se interessa por d. Hélder; segundo, porque é um arcebispo de TV, um santo de TV. Ele próprio o disse: — “Não sou um Guevara de salão.” É um Guevara de TV. Carlos Lacerda era um único e escasso espectador. D. Hélder só falaria para milhões de Carlos Lacerda.

10 Eis o problema: — ninguém quer mais posar para meia dúzia. O nosso gesto, a nossa ênfase, a nossa careta pedem a grande comunicação, a formidável audiência. Aí está a minha CLASSE. No passado, era-se atriz, ator, diretor para uma plateia de poucos. Mas hoje o palco passou a ser a pior forma de solidão. Diante dos 150 gatos pingados de cada sessão, a Duse ou o Zaconi sente-se um Robinson Crusoé sem radinho de pilha. Instalou-se em cada um de nós, do teatro, a utopia das plateias fantásticas. Disse-me o dramaturgo Plínio Marcos que queria representar e ser representado no ex-Maracanã, hoje “Mário Filho”, para uma plateia de Vasco x Flamengo, de Santos x Corinthians. Cada um de nós queria ser um Santos x Corinthians, um Vasco x Flamengo. Ou ainda: — qualquer um de nós gostaria de ser, na pior das hipóteses, uma preliminar de Fla-Flu.

11 Foi a televisão, claro, que nos deu essa obsessão numérica das grandes massas. Volto ao teatro. Lembro-me de um ator que me dizia, patético: — “Eu queria morrer no palco.” Um outro, mais radical, além de querer morrer no palco, gostaria de ter nascido no palco. E o palco seria, duplamente, berço e túmulo. Hoje, este último gostaria de nascer e morrer na TV, para milhões. Por que todos gostamos de fazer passeata?

12 Pode parecer que temos altíssimas e sutilíssimas razões políticas, ideológicas, revolucionárias, etc., etc. Na verdade, e até prova em contrário, o que há é a vontade que cada qual tem de ampliar a sua plateia. Reparem como tudo é pretexto para passeata. Há uma greve de veterinários? A CLASSE sai à rua. Mas como, se ela nunca tratou de cachorro? Não importam os cães, sejam eles galgos ou vira-latas. O que interessa é a conquista de uma nova e incalculável plateia. Outrora, as sacadas não iam ao teatro, os automóveis não gostavam de teatro, os edifícios abominavam o teatro. E a passeata incorpora à sua plateia ideal milhares de carros, e prédios, e esquinas, e avenidas, etc., etc. Dirá alguém que é um público sem bilheteria. E pergunto: — e a vaidade? Hoje, há poetas, sociólogos, arquitetos, protéticos, cardiologistas que pagariam, do próprio bolso, para entrar na passeata.

13 Eu disse “vaidade”. Aí está a palavra que explica tudo. O que nos induz à passeata é, digamos, uma vaidade de leitão assado. Se não entenderam a metáfora, tentarei justificá-la. Imaginem um salão imenso. Banquete. Quinhentas pessoas sentadas, entre casacas e decotes. E, lá do fundo, um garçom traz na bandeja um leitão. Levado na bandeja em desfile, o leitão há de sentir uma vaidade total. Assim também o artista, o literato, o cineasta ou o padre de passeata. O sujeito parece desfilar triunfalmente, numa bandeja imaginária, e de maçã na boca, como o leitão assado.

O Globo, 6/8/1968

Nota

11 O parágrafo 7 da crônica originalmente publicada em *O Globo* iniciava da seguinte forma: “Ao mesmo tempo, há a plateia colossal. O sujeito fala para milhões. Vejam bem: – para cinco ou seis milhões.”

76. Contra a violência

1 Apanho o jornal e vejo o telegrama: — Hollywood declara guerra à violência. São atores, atrizes, diretores, roteiristas. É uma unanimidade, mais uma unanimidade. Assim somos nós, todos nós. O nosso gesto, o nosso ódio e o nosso grito já não precisam nascer na solidão. O homem quer ser irresponsável. Na hora do protesto, da ira, todos providenciam uma urgente unanimidade. Ninguém está só. Matamos e morremos em grupos, em hordas, em maiorias, em assembleias, em comícios.

2 No manifesto de Hollywood, o que existe, precisamente, é o pânico da responsabilidade nítida, indivisível, total. Não há um nome, uma cara. Cada qual se esconde debaixo da unanimidade como de uma cama. Todos são contra a violência, a crueldade, o sadismo, o terror. Vejam e pasmem: — daqui para o futuro, Hollywood só fará filmes com bons sentimentos.

3 Não tenho nada a objetar. É uma reação linda, embora tardia. Mata-se demais no cinema, morre-se demais, trai-se demais, odeia-se demais. E há, na tela, um erotismo difuso, volatizado, atmosférico. A plateia respira voluptuosidade. E tudo nos é transmitido em forma de perversão. Portanto, parece muito cabível e sábia a correção ética que se propõe. Até aqui, Hollywood viveu, inversamente, dos maus sentimentos. Com que técnica e

com que arte, com que fotografia e com que direção, soube ela tecer as mais lindas fantasias sobre as nossas abjeções!

4 Para não ir mais longe, aí está *Belle de jour*. Quem o veja, percebe esta verdade absoluta: — o “grande diretor” não pode ter essa mediocridade de virtudes e defeitos que se exige de um marido burguês. Para pôr de pé um personagem sádico, cruel, voluptuoso, ela terá de ser de um sadismo, ou de uma voluptuosidade, ou de uma crueldade profunda. E assim o intérprete, e assim o fotógrafo, e assim o autor dos diálogos. Um filme, como *Belle de jour*, exige toda uma equipe de possessos. Aquela esposa alucinatória é o próprio Buñuel. Sim, ela é ele.

5 Diria eu que a humana sordidez tem sido o ganha-pão dos que, hoje, tentam uma árdua, frenética e antieconômica purificação. Se não existisse no homem o lado podre, se não existisse no fundo de cada qual a lama inconfessa e encantada, também não existiria a indústria cinematográfica. Ah, o cinema nos compromete desde meninos! Bem me lembro dos mitos que Hollywood teceu para as crianças. Um deles foi Tom Mix. Outro Rolleaux; outro, ainda, William S. Hart. Pois Tom Mix subia no cavalo e dava tiros em todas as direções. Matava, e como matava! Era assassino por todas as crianças da plateia.

6 E, de repente, a unanimidade resolve acabar com o terror. Uma das primeiras vítimas de tal providência é um velho conhecido nosso: — o vampiro. Aí está uma figura fundamental do cinema. Tenho um tio que passa anos sem ver um filme. Diz ele que o cinema, como o jornal, mente muito. Mas não perde um filme de vampiro. Certa vez, soube que estava levando um em Vigário Geral. Atravessou a cidade e foi lá. Por que será que esse tio, e outros tios, e outras tias têm um tal delírio pelos vampiros? Deve ser uma fascinação mundial. A indústria cinematográfica não seria o

que é, o império que é, se não tivesse, no seu passado, presente e futuro, as bilheterias do vampiro.

7 Abro um breve parêntese. Ainda ontem estive com o Palhares, o canalha. Sim, “o que não respeita nem as cunhadas”. E o Palhares me dizia, com um agudo sentimento de frustração: — “Nunca houve um vampiro no Brasil!” O canalha chama isso de “lapso”, que se deve atribuir ao subdesenvolvimento. E, de fato, o sujeito aqui nasce com os pendores mais imprevisíveis. Conheci um que era um “barbeiro de necrotério” nato. Teve as melhores ofertas. Certa vez, um vizinho ofereceu-lhe sociedade numa barbearia. Ponto ótimo, aluguel muito em conta. Repeliu a hipótese, com a mais intransigente repugnância. Só queria escanhoar cadáver. Nada o impediria de exercer esta função e de cumprir este destino. Pois bem. O Brasil teve bastante imaginação para dar um barbeiro de necrotério. E nunca pôs no mundo um Drácula. Fecho o parêntese.

8 Voltemos a Hollywood. O que se propõe, no manifesto citado, é da mais pura e deslavada alienação. Nada mais idiota do que fazer filmes sem violência para uma plateia de violentos. Todas as violências nos fascinam. Sempre foi assim, e agora mais do que violência. O cinema trabalha para o mundo que matou Bob Kennedy, chorou Bob Kennedy e, 48 horas depois, esqueceu Bob Kennedy. O esquecimento veio antes de que murchassem as flores do seu caixão.

9 O sujeito entra num cinema e leva a sua tensão exterminadora. Ele odeia e quer ver seu ódio na tela. De vez em quando, a *Manchete* publica um cadáver do Vietnã. Não se sabe se o morto é de lá ou de cá. Pode ser um herói e pode ser um bandido. O cadáver morreu odiando e continua odiando. Lá está seu gesto retorcido de ódio. E assim a fúria do homem continua para além da vida e para além da morte.

10 E que pobre utopia um cinema sem violência, sadismo, terror e medo! Seria a morte da própria indústria cinematográfica. Hollywood desabaria como uma cúpula de palitos. Uma destas noites, passei num sarau de grã-finos. E uma bela senhora dizia, com um maravilhoso impudor: — “Eu era a própria *Belle de jour*. Fiz psicanálise e não adiantou. Continuei *Belle de jour* do mesmo jeito. Até que fui ver o filme e houve o milagre. A heroína fez por mim, sonhou comigo. Saí do cinema purificada. Era uma menina tão pura, tão sem sexo. Nem alma tinha.”

11 Assim, o ser humano vai para o cinema lavar as suas abjeções. Já estou acabando e queria apenas acrescentar: — Hollywood devia fazer precisamente o contrário do que exige a sua tola unanimidade. Mais do que nunca, deve fabricar os filmes hediondos. O homem precisa ser colocado diante da própria violência. Temos que ver a face da nossa crueldade. Ou o cinema nos ofende e nos humilha ou, então, deve morrer. E, sempre que o cinema apresenta a sordidez em dimensão gigantesca, cada qual sente o eterno, o sagrado, que existem no mais vil dos seres.

O Globo, 24/6/1968

77. A inteligente

1 Não há dúvida de que se cavou um abismo, um voraz abismo, entre o antigo teatro e o novo. (Pode parecer que eu esteja aqui dizendo o óbvio ululante. Paciência.) E não se trata do estilo de representação. Outrora, um ator entrava em cena com uma saúde e um estardalhaço de centauro. E o último suspiro da *Dama das camélias* era um rugido. Hoje, berra-se pouco, urra-se menos. Sim, o artista é mais sóbrio, mais contido. Morre e mata com mais cerimônia e polidez. Sua tensão é superiormente controlada.

2 Mas o que me impressiona não é dessemelhança de comportamento cênico. O artista mudou até na vida real. Voltemos, por um momento, à *belle époque*. Faz de conta que ainda não houve a primeira Batalha do Marne, nem os táxis de Paris salvaram a França. Imaginemos por um momento que Mata Hari, a espiã de um seio só, ainda não foi fuzilada, e que tampouco ocorreu a primeira audição do “Danúbio Azul”.

3 Pergunto: — e que fazia então, no palco e fora dele, uma atriz? Qual o seu tipo de vida? As prima-donas vinham realizar, cá fora, todo o patético e todo o sublime dos papéis românticos. Uma Sarah Bernhardt amava mais no mundo do que no palco. Seria uma humilhação para uma atriz passar 15 minutos sem uma paixão suicida e homicida. O que a Duse amou D’Annunzio! O grande homem estava, então, em furioso apogeu.

4 Durante vinte anos, o poeta reinou em toda a Europa. Era uma vergonha não ser amante de D'Annunzio. E a Duse o amou e, pior do que isso, deu-lhe dinheiro. Não satisfeita, a trágica mandava o seu “relações-públicas” espalhar que pagava o esteta. A humilhação também era promocional. Vejam bem: — uma atriz precisava ter, por fundo, amores reais e cruelíssimos. Ou ateava paixões e suicídios ou deixava de ser bilheteria.

5 Hoje, não há mais similitude entre o real e o ideal. A ficção vai para um lado e a vida para outro. Vejam o teatro brasileiro. As nossas musas não amam ou, se amam, ninguém sabe. Dirá alguém que, hoje, o Sexo é menos promocional. Pode ser, quem sabe? E, realmente, depois de Freud, o homem passou a amar menos. Ainda outro dia, uma mocinha, em pânico, correu à mãe. Soluçava: — “Estou amando! Estou amando!” A mãe tremeu em cima dos sapatos, horrorizada. O pai soube e também pôs as mãos na cabeça. Foi chamado, às pressas, um psiquiatra. Finalmente, a menina recebeu um tratamento de choque para se curar do amor. O amor virou doença.

6 Volto ao teatro. Há uns meses que faço a pergunta, sem lhe achar a resposta: — “O que é que mudou essencialmente nas atrizes, nos atores, nos diretores?” Outra pergunta: — “E por que não há mais Duse, nem há mais D'Annunzio?” Imaginem vocês que, de repente, descobri toda a verdade.

7 Ontem, eu ia ver, no “Teatro Jovem”, a peça de José Wilker, *Trágico acidente destronou Teresa*. (Um texto admirável. Resta saber que tratamento lhe deu Kleber Santos.) Mas aconteceu não sei o quê e fiquei em casa. Ligo a televisão. E, por felicidade, vi e ouvi a entrevista da sra. Maria Fernanda. Foi aí que, de supetão, descobri qual é, exatamente, a

dessemelhança entre a atriz moderna e a da *belle époque*. Uma é inteligente, e a outra, não.

8 Não exagero. No antigo teatro, a atriz não pensava, simplesmente não pensava. A maioria absoluta, para não dizer a unanimidade, nascia, vivia e morria sem ter arriscado jamais uma frase própria. Graças a Deus, não havia rádio, nem televisão. E, na hora de dar uma entrevista, a diva chamava o poeta mais à mão e este redigia, com o maior rigor estilístico, as suas declarações. Mas, no teatro moderno, a atriz pensa como nunca. E as que não pensam, pensam que pensam. (Desculpem o jogo de palavras.) Pois bem. O que a televisão nos mostrou foi a sra. Maria Fernanda pensando.

9 O repórter e deputado Amaral Neto fazia as perguntas. E justiça se lhe faça: — como a atriz falou bem! Não me refiro somente às ideias, todas de uma fascinante originalidade. Há também a considerável vantagem do *métier*, que é a inflexão. E como a TV é imagem, a atriz faz uma composição cênica da mais fina qualidade. Assim o sorriso, e o olhar, e o movimento das mãos e, mesmo, o clima que se evolava da entrevistada. O fato é que a sra. Maria Fernanda não dizia duas ou três frases sem lhes salpicar outras duas ou três verdades eternas.

10 A notável atriz está representando, no momento, uma peça do falso grande dramaturgo Arthur Miller. E discorreu, exatamente, sobre esse texto e respectiva encenação. O repórter Amaral Neto pediu-lhe que resumisse a mensagem do drama. Outra qualquer se teria arremessado em uma fulminante resposta. Não a sra. Maria Fernanda. Fez uma pausa de duração calculada. E, por fim, respondeu: — “A peça é o problema de opção.”

11 Nos lares, as donas de casa, os chefes de família, as tias se entreolharam. Rola, por toda a cidade, um suspense atroz. Mas havia mais, havia mais. E a sra. Maria Fernanda varreu todas as dúvidas: — “O problema da nossa época é a opção.” Alguns descontentes, que sempre os há, poderão insinuar que a atriz não disse nada, nem de novo, nem de profundo. Vejamos: — “O problema de nossa época é a opção.” Isso, dito por qualquer outra, não teria maior transcendência. Mas, em teatro, a inflexão é tudo. Um vago “bom-dia”, dito da maneira certa, adquire uma profundidade inimaginável. E a “opção” da sra. Maria Fernanda deu-nos uma vertigem de abismo. Ao mesmo tempo, ela parecia ter, na testa, a seguinte manchete: — “Aqui inteligência é mato.”

12 Sim, subiu muito o nosso nível intelectual. Conteí o caso daquela grã-fina que leu as orelhas de Marcuse. Leu as orelhas e saiu, na passeata, ao lado dos intelectuais e como um deles. Mas voltemos ao nosso teatro. Tenho um amigo que é um retrógrado, um obscurantista, que os íntimos chamam de “a própria Idade Média”. Ele mesmo, antes de opinar, faz sempre a ressalva: — “Eu, que sou a Idade Média, etc., etc.” Esse amigo relembra, com inconsolável nostalgia, as gerações românticas. Naquela época, o ator era grande porque não pensava. E essa radiante obtusidade dava-lhe a tensão dionisíaca que a poesia dramática exige. Quanto à “opção”, não sei se ela existe. A meu ver, nunca optamos tão pouco. Somos pré-fabricados. É difícil para o homem moderno ousar um movimento próprio. Nossa vida é a soma de ideias feitas, de frases feitas, de sentimentos feitos, de atos feitos, de ódios feitos, de angústias feitas. A última passeata mostrou como é rala a nossa autodeterminação. Eis o fato: — no meio do caminho, o líder Vladimir Palmeira trepou no automóvel e disse: — “Estamos cansados.” Ninguém estava cansado. Mas, como ele o dizia, começamos a arquejar de uma dispneia induzida. (Parecíamos uns barqueiros do Volga.) Em seguida, ele acrescentou: — “Vamos sentar.” Falava para a parte mais lúcida do Brasil. Ali, estavam médicos,

romancistas, poetas, atores, atrizes, arquitetos, professores, sacerdotes, estudantes, engenheiros (só não víamos um único preto ou um único operário). Como reagiu a elite espiritual do país? Sentando-se no asfalto e no meio-fio. A única que permaneceu de pé, e assim ficou, foi uma grã-fina, justamente a que lera as orelhas de Marcuse. Estava com um vestido chegado de Paris. E não quis amarrotar a saia. Todos sentados e ela, alta, ereta, numa solidão de Joana D'Arc.

O Globo, 30/7/1968

78. O bom padre

1 Como qualquer autor, vivo ou morto, tenho três ou quatro personagens obrigatórios. E um deles é o havaiano de filme. Hoje, não há mais louro no Brasil. Todo mundo é moreno. E quando falta uma praia, há sempre um sol, à mão. Vem o sol e lambe e bronzeia, e lustra qualquer um. Somos oitenta milhões de havaianos e de havaianas. Dirão que há garotas de cabelos dourados. Não importa. No Brasil atual, mesmo as loiras são morenas.

2 Que abismo entre as gerações românticas e os novos tempos! Na época do Dumas Filho, o certo, o correto e, mesmo, o obrigatório era a palidez diáfana e intensa. Nos velhos folhetins, ao menor pretexto, os personagens cobriam-se de uma “palidez mortal”. Aqui mesmo, o nosso Bilac ouvia estrelas “pálido de espanto”. (Hoje, o mesmo Bilac ouviria as mesmas estrelas — “moreno de espanto”.) E nem a morte mudava a cor de ninguém. Só o cadáver preto era azul. Ao passo que o branco, vivo ou morto, tinha a mesmíssima lividez.

3 O que é mesmo que eu estava dizendo? Já sei. Dizia eu que somos todos havaianos. Todos, menos um. E, de fato, há um brasileiro que se constitui em uma exceção escandalosa. O único não moreno. Eis o seu nome: —

Nelsinho Motta. Daqui a oitenta anos, sua alma subirá aos céus, num carro azul de glórias, como Elias e como o pai de Augusto dos Anjos.

4 E, lá, os anjos e os santos perguntarão ao Nelsinho: — “Você nunca foi à praia? E nunca tomou banho de mar?” Alçando a fronte, dirá o colega e patrício: — “Nunca tomei banho de sol, nunca tomei banho de mar.” E assim é e assim será, eternamente. Nelsinho Motta é a única palidez que se conhece na vida real. Eu próprio já o chamei, certa vez, de Alfredo, da *Traviatta*. Mudei de opinião. É muito mais Werther do que Alfredo. E tão Werther que, ao vê-lo, tenho vontade de perguntar-lhe: — “Quando é o suicídio?”

5 Mas disse eu que o colega era o caso único de palidez que se conhece no Brasil de nossos dias. E, novamente, tenho que fazer uma exceção. Conheci, há três ou quatro noites atrás, uma outra palidez, e não menos diáfana. Imaginem vocês que fui a um sarau de grã-finos, na Gávea. Sim, Gávea.

6 Entre parênteses, direi que qualquer sarau desse tipo lembra muito um pesadelo humorístico. Se não me entendem, explico. Humorístico porque uma reunião grã-fina se assemelha a todas as reuniões grã-finas passadas, presentes e futuras. Entro lá e penso: — “Vai acontecer tudo outra vez.” E, de fato, são os mesmos decotes, as mesmas sandálias, e os mesmos cabelos, e perfumes, e frases, e joias, etc., etc. Fecho o parêntese.

7 Assim que me viu, a dona da casa veio para mim, radiante. Estendeu, não uma, mas as duas mãos. Perguntou: — “Como vai esse reacionário?” Numa época em que ninguém se ruboriza, eu fiquei, e o confesso, vermelhíssimo. Digo: — “Vai-se vivendo.” E já a dona da casa (uma havaiana) me puxava: — “Vem cá, vem cá. Alguém quer te conhecer.”

Demos alguns passos e encontramos a pessoa. Era uma outra grã-fina e, como a anfitriã, uma falsa bonita. Diga-se de passagem que todas as presentes eram falsamente lindas.

8 A dona da casa me apresenta: — “Aqui, o maior reacionário do Brasil.” Digo: — “Não mereço tanto.” E, então, ela se volta para a amiga: — “Aqui, Fulana.” Pausa teatral e completa — “A amante espiritual de Guevara.” Sou dos que se espantam, de vez em quando. Achei aquilo meio forte (bobagem minha). Mas a amiga fixa em mim o seu olhar límpido e triste. Queria dizer simplesmente que era “amante espiritual” de Guevara — “Com muita honra.” Deliciada, a anfitriã insistia: — “Não é brincadeira. Sério, sério.” E disse mais: — “Com o consentimento do marido. Quer ver? Um momentinho.”

9 Afastou-se um minuto. A outra não tirava os olhos de mim. Houve um momento em que, para dar passagem ao garçom, chegou tanto o rosto que senti o frêmito de suas narinas. Voltava a dona da casa com o marido da amiga. (O marido era só testa. Não tinha mais nada. Só testa.) A anfitriã fala: — “Diz pra ele. Sua mulher é o quê?” A testa respondeu, em tom monotonamente informativo: — “A amante espiritual de Guevara.” Silêncio. Eu não sei se devo rir, sorrir ou ficar sério. Mas ninguém, ali, achava graça. Era um fato ou, para ser mais explícito, um adultério como outro qualquer.

10 E, depois, saiu a dona da casa com o marido alheio. Foi aí que ela me disse: — “O senhor, que é jornalista, sabe de uma sessão que...” Interrompe-se; e continua: — “Sou católica, mas... Sabe de uma sessão espírita, onde eu possa comunicar-me com Guevara?” Fiz um suspense. Começo: — “Bem. De momento, não me lembro de nenhuma. Só pensando.” E cada vez me convencia mais de que era uma falsa bonita.

Finalmente, sem uma palavra, ela me deixou ali, e ia, ereta, a fronte alta, os olhos sem luz, misteriosa como uma sonâmbula.

11 Todavia, a noite não esgotara ainda o seu repertório de singularidades. Em seguida, vi a anfitriã arremessar-se (e quase o garçom a atropela). Dizia: — “Padre Fulano! Padre Fulano!” Espiei a figura que acabava de chegar. Falei no Nelsinho Motta. E o padre era outro pálido e, quero mesmo crer, mais pálido do que o Nelsinho. Nunca pisara numa praia. Talvez a palidez fosse a sua única concessão ao misticismo. Primeiro, a dona da casa; e, em seguida, outras o envolveram, quase o raptaram. Esquecia-me de dizer: — não usava batina. Colarinho, gravata, terno, como qualquer um. “Padre moderno”, notou alguém.

12 Resistia às havaianas que o cercavam: — “Estou de passagem. Deixei o automóvel na porta. Vim aqui.” Uma voz feminina pedia pelo amor de Deus: — “Fica só 15 minutos.” Ele acabou perdendo a paciência: — “Um momento, um momento!” Como era confessor de várias, inclusive da “amante espiritual” de Guevara, tinha autoridade e se dispôs a exercê-la. Berrou: — “Silêncio!” E, assim, emudeceu todos os cochichos. Sentiu que havia acústica para sua mensagem. Disse forte, disse alto: — “Vim aqui pedir desculpas pelos dois mil anos da Igreja!” Suspense. Repetiu: — “Peço desculpas pelos dois mil anos da Igreja!” Pessoas de outras salas vinham espiar, espavoridas. Mas o padre já se despedia, com um aceno geral: — “Até logo, até logo. O táxi está esperando. Tabela 2!” Como era tabela 2, deixaram-no partir.

13 Só depois eu soube que, antes dele, um outro sacerdote fora a um programa de estudantes, na televisão. Começara exatamente assim: — “Vim aqui pedir desculpas pelos dois mil anos da Igreja.” Mas não são os únicos. Outros e outros estão repetindo, com patética e rutilante

humildade: — “Peço desculpas pelos dois mil anos da Igreja.” Pergunto se é uma Palavra de Ordem. E a sensação dos fiéis é de que se trata de um vil passado, de vinte séculos de lepra espiritual.

O Globo, 2/7/1968

79. O guarda-chuva

1 Cada época tem suas palavras encantadas. No tempo de Dumas velho, era “cáspite”. Ninguém sabe, até hoje, o que se esconde por trás de “cáspite”. Anos atrás, o poeta Murilo Mendes foi ao Municipal. Não me lembro se era ópera ou companhia francesa. No primeiro intervalo, lá foi ele para o corredor, fumar o seu cigarrinho. E, súbito, começa a ouvir uma série de vozes.

2 Não vozes das grã-finas que cacarejavam nas imediações. Não. Era uma única voz, absurda, fantástica, que repetia, junto ao seu ouvido, a mesma palavra: — “Cáspite! Cáspite!” De mais a mais, não parecia um som terreno. Não era a primeira vez que um poeta tinha delírios auditivos como uma Joana D’Arc. Aqui abro parêntese, para referir um episódio que consta da História e Lenda de Murilo Mendes.

3 Não sei em que dia ou ano, nem importa a data. Era o mesmo Municipal e estava levando uma peça francesa (alguém diria, mais tarde, e textualmente, que era uma peça “chatérrima”). Lá foi o nosso Murilo para uma das primeiras filas. Olhou em torno e viu uma fauna impressionante de casacas e decotes. E cada decote ou casaca humilhava e agredia o seu traje de passeio, surrado e sebento. Muito bem: — e, no fim dos primeiros cinco minutos, o poeta achava o texto irrespirável.

4 Não teve mais dúvidas. Abriu um guarda-chuva na plateia. Na frisa, o embaixador francês, de monóculo, já não entendia mais nada. O elenco, no palco, esbugalhou-se. Por um momento, não se ouviu aquela pronúncia perfeita, irretocável dos artistas da França. Era uma experiência inédita aquele guarda-chuva solitário e sobrenatural. E não havia sequer uma goteira que o justificasse. Por outro lado, nenhum regulamento de teatro prevê a hipótese de um guarda-chuva. Que fazer diante de um fato novo, revolucionário e alucinatório?

5 Houve uns dois ou três minutos de um suspense geral e pânico. E, súbito, aquelas casacas e aqueles decotes começaram a aplaudir. Primeiro, uma meia dúzia de palmas ainda envergonhadas e pioneiras. Depois, explodiu a unanimidade. Pela primeira vez, um guarda-chuva foi longamente ovacionado, como um tenor italiano. Naquele tempo, o intelectual era louco (hoje, o próprio Murilo é apenas um funcionário corretíssimo, que faz do livro de ponto a sua bíblia).

6 Volto ao “cáspite”. E, então, no corredor do Municipal, Murilo Mendes começa a repetir: — “Cáspite! Cáspite.” Houve um fluxo e refluxo de casacas e decotes. Não satisfeito, ele cai, entorna-se no ladrilho, como um fuzilado. No ar ficou aquela palavra em flor — “cáspite, cáspite”. A queda do poeta impressionou menos do que o som apavorante. As senhoras perguntavam umas às outras: — “Por que *cáspite*?” Era a pergunta, que todos faziam sem lhe achar resposta. O fato é que a exumação de uma gíria velhíssima deflagrou todo um processo de terror coletivo.

7 Mas “cáspite” é, repito, do tempo do Dumas velho. Outra palavra que vem injetada de passado é “biltre”. Se perguntarmos às novas gerações o que é “biltre”, nem todos saberão responder. Mas reparem como o som é fascinante. Ninguém chama mais ninguém de “biltre”. Em nosso

repertório de palavrões, falta este. E alguém que, em nosso tempo, fosse chamado de “biltre” não sentiria o ultraje fatal, a mácula indelével.

8 Todavia, há uma palavra que não passa, que não envelhece, uma palavra que mantém, através dos tempos, a sua eficácia mortífera. Ei-la: — “canalha”. Na minha confissão de ontem ou anteontem (já não me lembro mais), tratei do destino da inteligência. Sem nenhum dramatismo, e apenas com a maior isenção e objetividade, observei um fato patético do nosso tempo. Referi-me à “inteligência degradada”. Outro dia passou por mim um pintor estimadíssimo. Alguém cochichou: — “Olha um canalha plástico!” E, de repente, vi tudo. Sim, do cinema, do teatro, da pintura, da poesia, do romance — sai todo um elenco de canalhas.

9 O leitor, perplexo, há de perguntar: — “Mas como e por quê?” É preciso explicar: — são os artistas que, por motivos políticos, ideológicos, rolam de abjeção em abjeção. E assim desponta, como uma nova classe, a dos “canalhas da inteligência”. Fiz a pura constatação e citei dois exemplos: — o poeta Elouard, que se recusou a assinar um pedido de clemência para um outro poeta, condenado à morte. E o poeta foi enforcado. Outro exemplo: — de Sartre, que, depois do extermínio de Pasternak, dizia: — “Um escritor que não é lido em sua própria língua.” Não era lido, porque a Polícia russa não deixava. E Sartre achava corretíssimo o assassinato de um maravilhoso artista.

10 Eu poderia ir buscar, na “Cortina de Ferro”, centenas de exemplos. E é óbvio que a inteligência passa, em nossa época, por um processo de desumanização. Ninguém era mais humano do que o poeta, o romancista, o pintor, o escultor. O artista era o seu povo. E, hoje, nós vemos o nosso intelectual dando vivas a Cuba, outros que se esgoelam pelo Vietnã. Populações inteiras do Brasil apodrecem na fome. E, aqui, não damos um

passo sem tropeçar num *vietcong* da inteligência brasileira. Dane-se a nossa mortalidade infantil! Artistas plásticos, poetas, romancistas escrevem “muerte” em seus cartazes. Traem sua língua. Traem seu povo. Sim, podemos falar numa inteligência desumana, tão pouco brasileira e de uma abjeta alienação.

11 Fiz toda a meditação acima pensando em Oduvaldo Viana Filho. Se vocês não o conhecem, é pena. Eu disse Oduvaldo Viana Filho e já retifico: — o Vianinha. Sua estrutura doce exige o diminutivo. Dos nossos artistas, é o menos sombrio, o menos neurótico, o menos ressentido. O nosso teatro está cheio de víboras. Pois o Vianinha é a antivíbora.

12 Feito este lírico retrato de lambe-lambe, passo aos fatos. Ontem, eu o encontrei no gabinete de Beatriz Veiga, diretora do Teatro Nacional de Comédia. O Vianinha ia atrás de umas bambolinas para a estreia de *Cordélia*. E, pela primeira vez, eu o vi sem a luminosidade do otimista. Sim, o dramaturgo estava a meio-pau, exalando uma cava depressão. Ao ver-me, chamou-me de “senhor”. (E, então, senti que se cavara entre mim e ele o abismo de várias gerações.) Simplesmente, o Vianinha está numa torva desilusão do teatro. Parece que suas últimas tentativas teatrais não foram bem-sucedidas. E o Vianinha, em conversa comigo, falou em largar o teatro. Quer ser outra coisa. Deprimido, chegava ao patético, raiando pelo sublime. Quando falou em largar o teatro, tive ímpetos de aplaudi-lo como na ópera: — “Bravo! Bravíssimo!” Quase, quase lhe disse: — “Seja vendedor de chicabon, de laranja, de cachorro-quente ou de grapete. Mas não seja poeta, não seja artista, não seja intelectual.” O que importa é não ser nem Sartre, nem Elouard.

O Globo, 24/4/1968

80. Velhos espartilhos

1 Cada época se assoa de uma certa maneira. (Não falo da grã-fina atual, que não se assoa, nem usa lenço. Na *belle époque*, porém, a mulher não tinha esse pudor nasal. Por exemplo: — numa frisa de ópera, uma bela senhora puxava o lenço e, diante da plateia interessada, assoava-se com um som de trombeta. Era sublime.)

2 Já as gerações seguintes tinham outros escrúpulos e recatos. E uma bonita senhora só usava o lenço em último recurso, e quando a coriza já pingava. Mas não havia o som comprometedor. Em nossos dias, chegamos à solução ideal: — uma grã-fina não usa nem lenço, nem som, nem coriza. Até hoje, que me lembre, não vi nenhuma capa de *Manchete* com sinusite.

3 Mas, assim como uma época tem um estilo para se assoar, usa outro para se vestir ou para se despir. Eis a pergunta que me faço: — como se veste ou como se despe a presente geração? A rigor, todo mundo está mais interessado em se despir. Vivemos a mais despida das épocas.

4 Na minha infância profunda, o Brasil inteiro cantava uma modinha que, entre outros, tinha o seguinte verso: “Cobre, me cobre, que eu tenho frio.” Ah, eu andava pelos quatro, cinco anos. Não percebia a insinuação erótica,

nem desconfiava que havia, ali, uma nudez confessa. “Cobre, me cobre, que eu tenho frio.” Hoje, nenhuma menina ou senhora está interessada em se cobrir.

5 A nudez feminina perdeu todo o suspense e todo o mistério. Nas minhas “Memórias” contei um dos mais violentos traumas de minha infância. Foi numa batalha de confete da Praça Saenz Peña. Teria seis anos, ou cinco, talvez. Cinco. Em cima do meio-fio, atracado às saias de uma vizinha, eu espiava o corso. E, de repente, fez-se, na Praça, um silêncio ensurdecedor.

6 Sim, foi um silêncio de se ouvir em toda a cidade. Lá adiante vinha um carro aberto; e, dentro dele, uma odalisca. Mas odalisca era o de menos. Seria bonita, feia, ninguém sabe. O patético é que havia uma abertura na fantasia, um decote abdominal. E, por aí, pela modestíssima nesga de carne, irrompia o cavo umbigo. Daí o assombro total.

7 Eis o que eu queria dizer: — a primeira nudez que eu vi, na minha vida, foi um umbigo. Há entre mim e essa batalha de confete toda a imensa, espectral distância de meio século. Cinquenta anos. Pois, até hoje, o umbigo pretérito ainda atropela meus sonhos.

8 Hoje, a nudez não custa nenhum esforço. Com dois ou três movimentos, qualquer uma se despe. É, se assim posso dizer, uma nudez fulminante. Na época do espartilho, não. Eu fui, confesso, um menino fascinado pelo espartilho. Já com dez anos, subi, certa vez, no sótão lá de casa. Morávamos, então, em Copacabana, na rua Inhangá, nos fundos do Copacabana Palace. Na casa do lado, havia um menino chamado Edgard, que é, hoje, se não me engano, engenheiro.

9 Mas deixemos o Edgard. Subi ao sótão e encontrei lá uma mala cheia de roupas antigas, exatamente roupas da *belle époque*. No meio de velhas plumas, de chapéus espectrais, descobri um espartilho, cor-de-rosa. Muitos anos depois, escrevi minha peça *Vestido de noiva*. E a heroína também sobe ao sótão, também abre uma mala da *belle époque* e também descobre um espartilho. (Mas estou misturando as coisas.)

10 O espartilho explica todo um comportamento feminino. Do mesmo modo, o fraque influía nas maneiras, ideias e sentimentos masculinos. O homem de fraque estava sempre ereto, de frente alta, como se estivesse ouvindo o Hino Nacional. Não sei se me entendem, mas acho que o espartilho criava entre a mulher e sua nudez, entre a mulher e o pecado, uma distância física e psíquica. Despir-se era um esforço, uma paciência, quase um martírio. E uma bonita senhora deixava de ser uma Ana Karenina — por preguiça.

11 E outra coisa: — assim como influía nas maneiras e sentimentos da mulher, o espartilho fazia o seu tipo físico. Pode parecer exagero. Nem tanto, nem tanto. Como se sabe, cada época tem seus quadris típicos. Antes da primeira Batalha do Marne e até a primeira Batalha do Marne, a brasileira tinha outros flancos. Uma menina de 14 anos precisava pôr-se de perfil para atravessar as portas.

12 O sujeito olhava a mulher e via, nos seus quadris fortes, uma generosa promessa de fecundidade. Nada mais normal do que uma mulher ter oito filhos. Lembro-me de mães de 20, 22. Hoje, a partir dos 10, a mãe recebe um prêmio do Chacrinha, medalha, o diabo. Mas era a brasileira. O casal que parava no primeiro filho arrancava os cabelos de vergonha e frustração.

13 Em nossos dias, cabe a pergunta alarmada: — onde estão os quadris? Não se pode nem falar em “cadeiras”, porque não há mais cadeiras. E, súbito, esbarramos numa realidade surpreendente: — o tipo manequim. Ele se multiplica por toda a parte. Está na PUC, na praia, nos colégios, nas calçadas. A beleza sem quadris, sem peso, sem busto e, numa palavra, o manequim.

14 Outro dia, um amigo meu, desesperado, bramava: — “A brasileira nunca foi manequim!” Bufei: — “Nunca.” Mas tanto eu, como o meu amigo, somos vencidos, convencidos e humilhados pela evidência. Realmente, a brasileira nunca foi manequim. De Debret para cá, e antes e depois de Debret, a brasileira nunca foi manequim. Até há pouquíssimo tempo, não era manequim.

15 Não era. Um dia, porém, o brasileiro acorda e constata o seguinte: — está namorando um manequim; vai-se casar com um manequim; e, se trair, há de ser com outro manequim. Nas velhas gerações, a brasileira não se parecia com uma alemã, ou uma inglesa, ou uma americana. E, de repente, parece gêmea dos modelos profissionais que posavam nas revistas de Londres, Nova York, Paris.

16 Outro amigo me pergunta se eu não noto menos feminilidade por aí. E, então, eu me lembro de um Rio em que as mulheres tinham um certo halo de histeria. Há anos e anos e eu quase dizia: — há várias gerações que não vejo ninguém desmaiar. Alguém poderá explicar a redução de feminilidade e os pobres quadris de manequim.

17 Não deixa de ser alarmante para o brasileiro. Tem que namorar, amar, trair ou esquecer a antibrasileira. Sob a pressão de novos usos, novas maneiras, novas ideias, novos sentimentos, a brasileira muda também

fisicamente e vira a antibrasileira. contei o caso de um amigo, de 45 anos, que amou uma menina de vinte. Ah, nós sabemos o que é uma dessas paixões tardias que levam tudo de roldão, tudo. O meu amigo estava disposto a largar família, fugir, o diabo. Até que, um dia, vai ver a garota e ela o recebe com uma saraivada de palavrões jamais sonhados. Mais tarde, contando-me o episódio, ele esbravejava: — “Um manequim, um manequim!” Para ele, a explicação de tudo estava nos quadris estreitos. Não tinha quadris, e tinha que ser uma impotente do sentimento. Uma antibrasileira.

O Globo, 12/2/1968

81. As bolachas

1 Em recente confissão, dizia eu que o milionário brasileiro é pobre de mesa. Tem dinheiro para banquetes suntuários. Se quisesse, comeria 25 leitões no café. E ainda teria quinhentos frascos de geleia para lhes passar por cima. O diabo é que, psicologicamente, o nosso milionário continua pobre.

2 E, nessa alma de pobre, está todo o patético, todo o sublime do rico brasileiro. Seu automóvel tem cascata artificial com filhote de jacaré. Sua esposa gasta mais do que 25 amantes. Sua amante gasta mais do que 25 esposas. Conheço um milionário que amou uma jovem senhora. Disseram: — “Gosta do marido!” Teve um riso torpe: — “Eu compro.” Achava que tudo se compra e tudo se vende.

3 Começou a conquista. Ligava e a outra batia-lhe com o telefone. Mandou-lhe rosas. Na frente do mensageiro, a moça sapateou em cima das flores como uma espanhola. Na sua obstinação fanática, dizia o milionário: — “Há de ter seu preço! Todas têm um preço!” E, um dia, mandou-lhe um colar de pérolas, legítimas, dessas que, segundo ele, subornam uma rainha. Esperou 24 horas, 48. E, como não houve devolução, pôs a boca no mundo: — “Comprei, comprei!”

4 Os amigos, os conhecidos e parentes já admitiam: — “Vendeu-se!” Até que, quatro ou cinco dias depois, os dois se cruzam numa recepção grã-finíssima. O milionário tem um choque delicioso: — ela estava com o colar, usava o colar, com um divino impudor. “Cínica”, eis o que pensava o milionário. E, súbito, ela o vê. Pede licença a uma outra senhora, com quem conversava, e vem ao encontro do conquistador.

5 Tudo aconteceu numa progressão fulminante. Parou diante do milionário; com um gesto leve e ágil, tirou o colar (ele não estava entendendo nada). Em seguida, segurando o colar como a um relho, deu-lhe em pleno rosto a primeira lambada. O salão parou; os convidados tinham uma cara idiota. Sim, uma cara idiota como se todos ali fossem figuras de museu de cera. As pérolas explodiam em cada face do milionário. Não houve uma palavra entre os dois. Só houve a surra de pérolas.

6 E o pior foi depois. Aquelas casacas e aqueles decotes agachados e apanhando, vorazmente, as pérolas espalhadas. Bem. Conteí o episódio e não sei por que o fiz (realmente). Ou por outra: — já sei por que conteí uma surra tão cara. É que esse brasileiro rico possuía uma alma de pobre, e repito: — tinha velhas fomes enterradas na alma. Por vingança de pobre, de pau de arara, queria tudo comprar e tudo corromper.

7 Falei do milionário brasileiro. Mas há um outro patricio ainda mais fascinante. Refiro-me àquele que não é, mas será rico algum dia. Por exemplo: — o meu amigo Asdrúbal. Espírito admirável, ensaísta de uma lucidez apavorante. Eis o que eu queria dizer: — Asdrúbal conheceu a fome, a boa, a santa fome. E, no entanto, trazia um milionário em seu ventre. Hoje, é homem de televisão, empresário, tem automóvel, etc., etc.

8 Percebi que o Asdrúbal ia ser milionário quando, certa vez, sem um tostão, comprou uma ilha. Sim, uma ilha do Pará, meio paradisíaca, com jacarés por toda a parte. Não há mais carambolas. Pois a ilha do Asdrúbal tem carambolas. E ele a comprou sem um níquel. Só um milionário nato podia ter um gesto assim, dionisiaco. Mas não me importa muito o atual Asdrúbal, bem-sucedido, de larga e cálida euforia. Não. O melhor Asdrúbal é o da fome. Ele poderia dizer: — “Eu já fui o Raskolnikov!”

9 Não matou as velhas. Tem uma estrutura doce demais para isso. Mas roubava livros. Morava então com o Carlinhos de Oliveira e o Ferreira Gullar, numa água-furtada, e havia, lá, uma claraboia, como nos romances de Paulo de Kock. Eis o que fazia o nosso Raskolnikov: — roubava livros. Entrava numa livraria e, como um “virtuose”, um estilista, apanhava três, quatro volumes. Era quase um número circense. Ninguém percebia nada. E lá ia o nosso Asdrúbal vender os livros ao Mário Pedrosa. Este era o grande freguês.

10 Não só o Mário Pedrosa, evidentemente. A freguesia do Asdrúbal era imensa, inclusive senhoras, e, até, padres. Eugene O’Neill, quando se tornou milionário, costumava dizer: — “Ah, só tenho saudades da fome!” Sim, saudades das noites do cais. Suas entranhas se contraíam na náusea da fome e não havia o que vomitar. A nostalgia do Asdrúbal, ou a sua vaidade, é o adolescente e nobilíssimo ladrão literário. Só roubava do bom, do melhor! Era, repito, um ladrão crítico, que excluía qualquer subliteratura.

11 Eis o que eu queria dizer: — quando Asdrúbal for milionário, a fome estará enterrada, no seu sangue e na sua alma. O ladrão de livros, de um gosto tão lúcido, e tão fino, e de uma sensibilidade tão erudita, não há de morrer, jamais. E, é justamente esse passado que faz do Asdrúbal uma

natureza tão complexa, irisada, dramática. Outro que não seria nada se não tivesse para pisar o grande chão do passado é Plínio Marcos.

12 Hoje, é uma das figuras mais obsessivas dos nossos palcos. Por toda a parte, lê-se e ouve-se o seu nome. É representado, simultaneamente, em três, quatro teatros. Já foi tudo, como Knut Hamsun. Raros brasileiros podem entrar numa sala e anunciar, de frente alta: — “Já fui palhaço.” E, no caso de Plínio Marcos, com uma agravante dramática: — era o palhaço sem graça, o palhaço que não fazia rir. Uma vez representou para quinhentas crianças.

13 Fez o diabo. As suas cambalhotas elásticas, acrobáticas, não arrancavam um sorriso. Quinhentas caras amarradas. Até que o Plínio Marcos explodiu: — parou no picadeiro e, na sua fúria, dava arrancos triunfais de cachorro atropelado. Nunca mais foi palhaço, nunca mais. Mas sua experiência culminante não foi de palhaço: — foi de ladrão.

14 Um dia, ficou de sentinela de um avião, se não me engano, da Cruzeiro. Estava lá, na sua função, armadíssimo, disposto a fuzilar o primeiro suspeito. E, súbito, chegam os assaltantes. Era um bando de rotos, de esfarrapados, crioulos, brancos, e, no meio dos miseráveis, um leproso. Um súbito e móvel pátio dos milagres. Queriam pilhar o avião. Eis o dilema do futuro dramaturgo: — ou fuzilava, ou confraternizava. O avião estava cheio de bolachas. Plínio Marcos vacilou um minuto, dois. E, por fim, tomou a liderança dos canalhas. Invadiram o avião e saquearam as bolachas.

15 Pouco depois era preso, arrastado à prisão. Degradaram-no como a um Dreyfus sem Zola. Uma mão feroz arrancou-lhe os botões, um a um. Foi toda essa experiência de Dreyfus, todo esse peso vital que ele pôs na sua

nova peça. Ah, é um texto, que dará ao espectador, no fim do espetáculo, a vontade de chorar, eternamente, sentado no meio-fio.

O Globo, 15/3/1968

82. A surra

1 Ninguém confessa virtudes e repito: — a simples confissão de virtudes não interessa nem ao padre, nem ao psicanalista e nem ao médium, depois da morte. No caso particular desta série, não interessaria ao grande público. Meus leitores, se é que os tenho, acompanham minhas confissões com a mais cruel das expectativas. Ainda ontem, um colega, tomando cafezinho comigo, perguntou-me, mexendo na xícara: — “Quando é que vais confessar tuas abjeções, tuas indignidades?”

2 O amigo dizia isso num tom alegre ou, melhor dizendo, falsamente alegre, frívolo e afetuoso. E, de fato, ou o sujeito confessa uma torpeza ou não está confessando nada. Por exemplo: — eu ia começar o capítulo de hoje dizendo o seguinte: — “A pior forma de solidão é a companhia de Flávio Rangel.” Tive este achado maligno e, ao mesmo tempo, comecei a questionar comigo mesmo. Por que Flávio Rangel, se provei muito pouco de sua companhia, muito pouco de sua solidão?

3 Eis a verdade: — conheço o jovem diretor teatral muito de passagem. Quase diria que a nossa relação pessoal se faz, escassamente, na base de um “olá”, de um “como vai?”, de um “tudo o.k.?” Fora esse cumprimento de café, esquina e bar, não há mais nada entre nós. Minto: — há. Existe algo mais.

4 É a irritação. E essa irritação vale como um vínculo mais denso e mais ativo. (Não sei se também o irrita.) De vez em quando, começo a especular: — por que me irritaria Flávio Rangel, será a sua simples figura? É um rapaz, mas tem os cabelos brancos, como se ele próprio os repassasse de alvaiade. Não seria isso a origem da minha pobre e corrosiva irritação. Já sei: ele opera na minha área, que é o teatro. Sim, diante de mim está o teatro como um horizonte obsessivo e devorador.

5 (Mais para a frente contarei as minhas fundas e inconsoláveis frustrações dramáticas.) Ao mesmo tempo, sei que Flávio Rangel, como o Carlinhos de Oliveira, é de uma fragilidade crispada, indefesa e — penso, penso e descubro a palavra — lancinante. O êxito, o brilho, os rompantes, as poses, tudo, tudo é um disfarce de uma orfandade sem esperança (como a do Carlinhos de Oliveira).

6 E eu ia falar da aridez de sua companhia, acrescentando mais ou menos o seguinte: — Flávio Rangel é diretor, não de teatro, mas de préstito carnavalesco. Devia fazer o carro-chefe dos Fenianos ou Tenentes e desfilar de cartola, na terça-feira gorda, etc., etc. Eu ia dizer isso e mais, muito mais. Ocorreu, porém, uma coincidência: — o Cony bate o telefone para mim. Conversa daqui, dali, e o amigo me conta uma passagem de Flávio Rangel. Um pequeno incidente, que, entretanto, deu uma dimensão inesperada ao jovem diretor. E, então, descobri que ele tem um coração mais doce e mais atormentado do que se imagina. Um dia, direi como o artista agiu e reagiu no episódio referido.

7 E assim, às pressas, tive que recriar, que pintar, que vestir, que calçar um novo Flávio Rangel. Mas tenho um compromisso com o assunto anterior e volto a Lili. Parei nos seus gritos. Ela gritava e ninguém se espantou. O que cada um imaginou é que Lili estava apanhando de cinto,

como das outras vezes. Mas nem sempre foi de cinto. Numa das surras o velho deu-lhe uma moeda e disse: — “Vai comprar uma vara de marmelo.” E, naquele dia, Lili apanhou com uma vara comprada por ela mesma.

8 Eu soube, depois, que a menina adorava o pai. Dizia uma tia surda que fazia o serviço da casa: — “É Deus no céu e o pai na terra.” Nem se pense que os vizinhos tinham pena de Lili e raiva do pai. Absolutamente, ou por outra: — o único ódio da rua contra ele era o meu. O resto achava que o Fulano estava absolutamente certo. Lembro-me de alguém dizendo, lá em casa: — “Um pai tem que exemplar.” O homem vinha para a calçada e não fazia segredo: — “Prefiro ver minha filha morta.” — pausa e continuava: — “Prefiro ver minha filha no caixão. Com tuberculoso não casa.” Lili, presente, baixava a vista, no enleio dos seus 16 anos.

9 (Em 1918, não havia família sem surras.) Lembro-me de um garoto, já taludo, que apanhava de chicote; um outro, de bengala; e as meninas, as mocinhas, de chinelo ou também de bengala e também de chicote. Duas, três, quatro gerações já são passadas. E, outro dia, passo na casa de um amigo, que me daria uma carona de carro. O amigo batia boca com o filho, um moreninho, solidamente belo, como um havaiano de filme. O rapaz queria um automóvel. Não trabalhava e queria um Fusca. O pai perdeu a cabeça: — “Olha que eu te...” Nem precisou completar. O filho encheu o tórax: — “Papai, fala mas não me encosta a mão. Se me encostar a mão, te parto a cara.” Disse isso e abandonou a sala (e, ainda por cima, mascava chiclete). A mãe, presente, não disse uma palavra. Nem o pai, nem eu. E, súbito, o meu amigo corre para a janela. Pensei que fosse se matar. Não. As golfadas vinham, tremendas. Lá do alto, do 10º andar, ele vomitou em cima das crianças que brincavam, cá embaixo.

10 Mas repito: — naquela noite, Lili começou a gritar. Paulinho Varanda, na esquina, pensou no velho brabo. Mas o pai saía para a sessão espírita. No portão lá de casa, o lábio tremendo, eu tinha vontade de atirar uma pedra na cabeça do pai ausente. De repente, a tia surda chega na janela; esganiçou-se: — “Lili está morrendo! Lili está morrendo!” Foi, por toda a rua, um corre-corre. E quando os primeiros chegaram, a própria menina irrompia, em fogo. Ensopara o vestido em querosene, riscara um fósforo e agora ardia como uma estrela. Viu o Paulinho e correu para ele. Mas o rapaz, na agilidade do pânico, deu um furioso salto para trás. Alguém veio, por trás, e abafou as chamas com um cobertor.

11 Foi levada para o quarto. Do armazém, da farmácia, ligaram para a Assistência. Mas, quando a ambulância chegou, estava morta. Eu me lembro do Paulinho Varanda. As espinhas explodiam na sua cara. Vejo também a entrada do pai, no quarto. Posteriormente, toda a rua o chamou de “forte”, porque não teve uma lágrima. Limitou-se a dizer ou, por outra, a declamar, de frente alta: — “Foi Deus, foi Deus.” Na cama, a gordura escorria, varava o colchão e pingava no soalho. A tia surda percebeu e pôs uma bacia debaixo da cama. E, por muito tempo, aquela goteira ficou tinindo na bacia. Lili foi minha paixão. E morreu negra.¹²

O Globo, 2/8/1969

Nota

12 Publicada no jornal *O Globo* com o título de “Uma pequena história de amor”, esta crônica é uma das que mais sofreu modificações na primeira edição de *A cabra vadia*, de 1970.

83. O espantoso silêncio paulista

1 Hoje, a Praça de São Marcos tem mais turista americano do que pombo. E muitos, inadvertidamente, dão milho aos americanos e deixam os pombos a ver navios. Graças a Deus, a nossa Cinelândia ainda não foi invadida pelos nossos irmãos do Norte. De sorte que, lá, os pombos ainda constituem uma sólida maioria. Diria mesmo que a Cinelândia tem mais pombos do que o soneto de Raimundo Correia. E são tão mansos, de uma tal docilidade, que parecem amestrados. Todas as manhãs e todas as tardes vem uma mão anônima e amorosa dar-lhes milho. O que então acontece é uma espécie de milagre, de suave milagre. Às centenas, aos milhares, sei lá, descem pombos de não sei que misteriosos telhados, de que encantados beirais. É lindo vê-los dando pulinhos e bicando o milho.

2 Mas não é bem isso que eu queria dizer. O que eu queria dizer é que os pombos da Cinelândia devem ter visto coisas do arco da velha. Temos três locais altamente politizados: — o Largo de São Francisco, o Largo da Carioca e a Cinelândia. Os dois primeiros ainda estão ressoantes de velhos comícios espectrais. Em especial, o Largo de São Francisco.

3 Certamente, vocês já ouviram falar na “Primavera de Sangue”. Foi metáfora e foi manchete. Mas vamos aos fatos. Há quarenta anos atrás, ou cinquenta, os estudantes resolveram fazer o enterro simbólico do então

Chefe de Polícia. Foi proibida a passeata, ou por outra: — não foi proibida. O Chefe de Polícia autorizou-a. E, então, os estudantes concentraram-se, exatamente, no Largo de São Francisco. Lá estavam o caixão, as velas acesas, com os estudantes chorando falsamente o pseudodefunto.

4 Quando, porém, saiu o enterro, três ou quatro policiais, à paisana, infiltrados na massa, esfaquearam e mataram dois estudantes. Um dos repórteres presentes dispara para a redação. Lá chegando, deu à luz a metáfora: — “Primavera de Sangue.” O diretor do jornal, num arroubo perdulário, puxou uma cédula e a enfiou na mão do estilista. No dia seguinte, a manchete sangrava no alto da primeira página.

5 A metáfora quase pôs abaixo o Governo. E, até hoje, há sempre um velho profissional, que se lembra da “Primavera de Sangue”. Também na Cinelândia houve memoráveis explosões cívicas. E os pombos de lá, como uma alada plateia, a tudo assistiam, arrulhando os seus aplausos e as suas vaías. E, se um deles tivesse de redigir suas memórias, havia de conceder um especial destaque ao comício de Belas-Artes. Trata-se de um episódio que, na época, encheu a cidade de um divertido horror.

6 Eis o caso: — certo dia, os pombos da Cinelândia foram surpreendidos por uns trinta ou quarenta rapazes. Num golpe de mão, os jovens ocuparam as escadarias do Municipal. Os pombos imaginaram que a rapaziada ia falar do Vietnã, o assunto da moda. Engano. Simplesmente, estavam ali para um comício de um tipo jamais suspeitado. Ninguém xingou os Estados Unidos. O primeiro orador anunciou a morte da palavra. O segundo também anunciou a morte da palavra. E assim o terceiro, o quarto, o quinto oradores. Como fizeram cinco discursos e todos

vociferando a mesma coisa, pode-se dizer que a palavra morreu cinco vezes.

7 Os pombos se entreolhavam, num mudo escândalo desolado. Não entendiam nada. Mas nisto chegou o momento do milho. Dez minutos depois, voltam os pombos. Eis o que viram: — os rapazes estavam rasgando poemas de amor. Com tal gesto queriam demonstrar que a nossa época não comporta nem a palavra, nem o amor. Era meio estranho que latagões, aparentemente válidos, tivessem tal desgosto do amor e, por consequência, da mulher. Por fim, retiraram-se, gloriosamente, os rapazes. E, então, ruflando as asas e sacudindo as penas, os pombos voltaram para o soneto de Raimundo Correia.

8 Passou. De vez em quando, porém, lembro-me do episódio e faço da “morte da palavra” um tema de meditação fúnebre. Até hoje, não sei se a palavra está morta. Admito que se possa fazer um romance sem palavras, um conto sem palavras, um soneto sem palavras e até um recibo sem palavras. Admito que, futuramente, um novo Tolstoi venha a fazer uma outra *Guerra e paz* sem título e com 1.200 páginas em branco. Não consigo imaginar, porém, que certas situações vitais possam dispensar a palavra.

9 Pode-se admitir um flerte mudo. Todavia, não se conhece um flerte eterno ou, pelo menos, que tenha chegado às bodas de prata ou de ouro. Um flerte dura escassamente os quarenta minutos de um chá, de um desfile, jantar etc., etc. Em seguida, tem de entrar a palavra. Homem e mulher não podem ficar eternamente olhando um para o outro. Conheci um paulista que era, por índole e por fatalidade geográfica, um introvertido. Falava pouquíssimo. Um dia, apaixonou-se. Não tirava a vista do ser amado. O pior é que a moça estava achando o silêncio uma

prova de alma profunda, inescrutável e fascinante. Até que, um dia, o paulista resolve falar. Aproxima-se da bem amada e sussurra-lhe: — “Rua Tal, número Tal, apartamento 1.015, última porta à direita. Cinco da tarde.” Para um paulista, ainda mais quatrocentão, era um esforço vocal insuportável. E teve que se sentar, mais adiante, com as pernas bambas e a vista turva.

10 Claro que esse mutismo atroz é, no amoroso, uma exceção escandalosa. Seja como for, mesmo o paulista citado teve que dizer um endereço e uma hora. A dama achou, com isso, que o ser amado era de uma prolixidade inefável. Normalmente, ninguém ama sem uma inestancável torrente verbal. Tive um colega que dava para a namorada telefonemas de oito horas. Nem ele nem ela faziam uma pausa. Falavam ao mesmo tempo e tanto a pequena como o rapaz não entendiam o que o outro dizia. Mas falei do paulista e agora me lembrei: — há pior, há pior.

11 Quem me contou o episódio foi Marcos André. Vocês conhecem, decerto, o admirável colunista. Eu o admiro por vários motivos e mais este: — Marcos André andou pela China, pelo Japão, por Formosa. Viu paisagens, flores, lagos jamais sonhados. Quando o leio lembro-me do nome azulado, lunar, de Pierre Loti. E, como este, Marcos André conhece a China anterior a Mao Tsé-tung e, portanto, a China do ópio.

12 Em Hong-Kong, o colega foi testemunha da mais linda e silenciosa história de amor. Conta Marcos André que certo milionário brasileiro foi traído pela esposa. Quis gritar, mas a infiel disse-lhe sem medo: — “Eu não amo você, nem você a mim. Não temos nenhum amor a trair.” O marido baixou a cabeça. Doe-lhe, porém, o escândalo. Resolveu viajar para a China, certo de que a distância é o esquecimento. Primeiro, andou em Hong-Kong. Um dia, apanhou o automóvel e correu como um louco.

Foi parar quase na fronteira com a China. Desce e percorre, a pé, uma aldeia miserável. Viu, por toda a parte, as faces escavadas da fome. Até que entra na primeira porta. Tinha sede e queria beber. Olhou aquela miséria abjeta. E, súbito, vê surgir, como num milagre, uma menina linda, linda. Aquela beleza absurda, no meio de sordidez tamanha, parecia um delírio.

13 O amor começou ali. Um amor que não tinha fim, nem princípio, que começara muito antes e continuaria muito depois. Não houve uma palavra entre os dois, nunca. Um não conhecia a língua do outro. Mas, pouco a pouco, o brasileiro foi percebendo esta verdade: — são as palavras que separam. Durou um ano o amor sem palavras. Os dois formavam um maravilhoso ser único. Até que, de repente, o brasileiro teve que voltar para o Brasil. Foi também um adeus sem palavras. Quando embarcou, ele a viu num junco que queria seguir o navio eternamente. Ele ficou muito tempo olhando. Depois não viu mais o junco. A menina não voltou. Morreu só, tão só. Passou de um silêncio a outro silêncio mais profundo.

O Globo, 21/10/1969

84. “O falso defunto”

1 Foi doce o meu encontro com o Varanda. Com esse nome paisagístico, ventilado, é uma grande figura. E como não nos víamos há meses e meses, houve, de parte a parte, uma festa imensa. Eu ria para ele e ele para mim, como se o amigo fosse uma figura extremamente cômica. Súbito, o Varanda pergunta: — “Tens visto o Burlamaqui?” Respondo: — “Morreu.”

2 O Varanda recua dois passos e avança outros dois. “Pálido de espanto”, como no soneto, balbucia: — “Quem morreu?” Confirmei: — “O Burlamaqui.” Pulou como o espectro da rosa. Agarrou-me: — “Não é possível! Não pode ser!” Houve, ali, dois espantos, o meu e o dele. Teimeei: — “Você não sabia? Morreu, rapaz, morreu!” Desatinado, o outro dizia: — “Só se morreu hoje, agora, neste momento!” Desta feita, o assombrado fui eu. Disse-lhe: — “Morreu há dois ou três anos. Dois. Dois, não. Três.”

3 Esquecia-me de localizar o nosso encontro, no tempo e no espaço. Foi ontem, na esquina de Sete de Setembro com avenida, às quatro da tarde. Ao ouvir falar em “três anos”, o Varanda perdeu, de vez, a paciência: — “Estás fazendo molecagem comigo!” Estendi a mão sobre uma Bíblia invisível: — “Juro.” Varanda substituiu o espanto pelo furor: — “Deixa de palhaçada!” E eu, também exaltado, voltei à carga: — “Rapaz! Eu fui ao

enterro do Burlamaqui, mandei-lhe uma coroa, estive na missa! Está-me chamando de mentiroso?”

4 Em plena calçada, e aos berros, já fazíamos escândalo. Um senhor gordo, de óculos, com esparadrapo na testa, parou e ficou olhando. O Varanda estava quase chorando: — “Pelo amor de Deus! Escuta! Estive com o Burlamaqui ontem, ontem. Sabe o que é ontem? Paguei-lhe o cafezinho. Tomou cafezinho comigo!” Era demais. Estou repetindo: — “Contigo, cafezinho, ontem? E não morreu?” O Varanda estendia as duas mãos crispadas: — “Acredita em mim! Peço. Acredita em mim!” E então, pela primeira vez, admiti a hipótese de um engano, sim, de um equívoco fatal. Era possível que a morte, o enterro, a missa do Burlamaqui fossem uma falsa lembrança, um sonho talvez da memória.

5 Finalmente, capitulei: — “Tens razão, tens razão! Eu me enganei. Não foi o Burlamaqui. Foi outro, um cara que tu não conheces.” Tive que inventar, às pressas, um defunto, que justificasse a confusão. Mas eu e ele estávamos exaustos e irritados com o equívoco. Nem o Varanda me reteve, nem eu a ele. Cada qual queria ver o outro pelas costas. E assim nos despedimos.

6 Pergunto: — como explicar que a memória invente uma morte, um enterro e uma missa? Só muito depois, em casa, entendi tudo. Não há brasileiro que não tenha, entre suas relações, um “falso defunto”. Não estou exagerando. “Falso defunto” é o que a gente pensa que já morreu umas cinco vezes, que já foi enterrado outras tantas. O sujeito imagina que já o viu de pés juntos e algodão nas narinas. No fim, fica provado que ninguém morreu e que se trata de uma pura e irresponsável fantasia da memória. E o Burlamaqui era, justamente, o “falso defunto”. Não havia dúvida: — estaria tão vivo quanto eu e o leitor.

7 Vejam vocês: — no dia seguinte, estou em casa e bate o telefone. Alguém está dizendo: — “Aqui, fala a alma do Burlamaqui.” E, em seguida, veio a gargalhada, forte, tremenda, vital. E eu, rindo também: — “Ah, como vai essa figura?” O outro não parava: — “Então, você me matou? Parei contigo!” Simplesmente, o Varanda armara toda uma alegre intriga entre nós dois. Rimos muito; perguntei-lhe: — “Que fim levaste?” E ele: — “Moro em Brasília. Estou passando uns dias aqui, na casa do meu cunhado.” Quando lhe perguntei “que tal Brasília?”, ele explodiu: — “Brasília é o ouro! O ouro!” Indaguei se ele estava bem lá. Deu uma resposta triunfal: — “Estou com a vida que pedi a Deus. Você precisava ir pra Brasília. O Rio é uma ilusão, São Paulo outra ilusão. Vai pra Brasília!”

8 Por fim, marcamos um encontro para logo depois. Esquecia-me de dizer que, antes de Brasília, o Burlamaqui pagara todos os seus pecados. Conheceu a fome. Certa vez passara 48 horas sem comer e sem beber. Um dia, entrou num boteco e pediu um copo de água da bica. Foi medonho. O garçom deu-lhe o copo e ele não bebia. Simplesmente, mastigava a água e repito: — comia a água. Em outra ocasião, Burlamaqui agarrou-me. As lágrimas caíam-lhe de quatro em quatro. Disse, baixo: — “Me empresta um dinheiro. Não vi nem o café da manhã.” Estava lívido, febril de fome. Hoje, estava feliz; e eu percebera, em tudo o que dizia, uma prosperidade insolentíssima.

9 Quando me viu, fez a pergunta afrontosa: — “Precisas de dinheiro? Estamos aí.” E repetia, batendo no bolso: — “Dinheiro há, dinheiro há!” Tal generosidade era uma maneira de se compensar de velhas e santas humilhações. Repetia (e seu olhar vazava luz): — “O ouro está lá! Está lá!” Apontava na direção de Brasília. Quando lhe perguntei pelo mistério, deu risada. Contou que fora para Brasília morto de fome; e, agora, tinha três empregos e era fazendeiro. No meu espanto, gemi: — “Mas é um

milagre!” Riu, com salubérrimo descaro: — “A autora do milagre é Brasília.”

10 Conversamos duas horas e o assunto obrigatório foi a Capital. Eu só ouvia, numa impressão profunda. E, por tudo que contava o Burlamaqui, eu via Brasília como a imagem da pequena comunidade. Sim, a pequena comunidade é a soma de acomodações, de interesses, de egoísmos. Cada qual absolvía o próximo para ser também absolvido. O sujeito podia ter três, quatro empregos, porque os demais tinham três, quatro empregos. Quando falei na imprensa, o Burlamaqui dava gargalhadas de se ouvir no fim da rua.

11 Não saía de Brasília nenhuma notícia que a pudesse comprometer. Uma universitária sofreu uma curra homicida. Nunca ninguém, na terra, foi tão humilhada e tão ofendida. O fato chegou ao Rio por via oral. Os jornais telefonaram. Resposta das sucursais: — “Não há nada.” E se lá aparecesse um “Jack, o Estripador”, ou um “Conde Drácula”, ninguém saberia, ninguém. As sucursais continuariam falando da ARENA e do MDB. E o silêncio envolve os fatos indignos como um celofane. À sombra dos egoísmos solidários, ninguém julga ninguém, ninguém acusa ninguém. E, portanto, os curradores referidos continuam maravilhosamente impunes.

12 E o Burlamaqui me diz: — “Houve uma passagem comigo que... Foi o seguinte: — um cara folgou comigo. Dei-lhe uns tiros. E não me aconteceu nada. Vivo lá na minha fazenda, venho só receber dos três empregos, ninguém me aborrece.” Maravilhado, repito: “Mas é um milagre!” O outro ri, sórdido: — “Mais ou menos.” Já se despedia. Mas antes de partir, ainda me disse: — “Larga tudo, vai pra lá. Todas as cidades pecam, menos Brasília.” Respira fundo e completa: — “Em Brasília, somos todos inocentes e somos todos cúmplices.” O automóvel estava no

estacionamento. Vi o “falso defunto” embarcar no carro. Já falei na sua Mercedes? Acho que falei. Não, não. Não falei. Pois sua Mercedes tem cascata artificial, com filhote de jacaré.

O Globo, 5/10/1968

85. Madrugada de 13 de janeiro

1 Vou ver o Juarez, no Banco Nacional de Minas Gerais, ali, na esquina de Ouvidor com avenida. Tomo elevador, salto na sobreloja. E, no corredor, sou recebido com uma saraivada de versos. Um funcionário ergue o gesto e declama: — “*Madrugada de 13 de janeiro/ Rezo chorando o ofício da agonia*” etc., etc. Perfilome como se aquilo fosse não um soneto, mas o próprio Hino Nacional. E continua o rapaz, trêmulo de beleza: — “*Sem um gemido assim como um cordeiro.*”

2 E, de repente, instalou-se, naquela sobreloja, o clima de Augusto dos Anjos. Sua tuberculose tossia para mim. O poeta falava da morte do próprio pai. Saíra para o jardim, ou quintal, e achou, em tudo, “o mesmo abismo de beleza”. Depois, pareceu-lhe ver, “como Elias no carro azul de glórias”, a alma do pai subir aos céus. Amém.

3 Quem acabava de declamar era o funcionário da portaria, Francisco Hilton Batista. Sempre que vou ao Banco, ele me dispara, à queima-roupa, um soneto. De Bilac, Raimundo ou Augusto. Deste último, prefere a morte do pai, que começa forte e crispada: — “Madrugada de 13 de janeiro”, etc., etc. E a data, atirada na cara do ouvinte, tem um patético insuspeitado e fremente.

4 Entro para falar com o Juarez. Sou um brasileiro que paga não as dívidas, mas os juro. E estou tratando, justamente, de juro, quando entra o Batista. Vem com a bandeja e dois cafezinhos. (Eis um dos mistérios do nosso caráter: — não há brasileiro, vivo ou morto, que goste de café; e todos o tomam.) Depois de acertar as contas com o Juarez, saio. Paro um momento junto ao Batista. Põe-se de pé e começa: — “Ainda hoje o livro do passado abrindo, lembro-me e punge-me a lembrança delas.” Era o Bilac.

5 O rapaz termina o soneto; digo-lhe: — “Deus te abençoe.” E saio para a avenida. Pensava no velho Brasil. Houve, sim, o Brasil do soneto. Do soneto e também do fraque e do espartilho. Era o tempo em que o nosso Afrânio Peixoto chamava Baudelaire de *torpe realista*. Eis a verdade: — o fraque, o espartilho e o soneto influíam em nossos usos, costumes, maneiras, valores e pudores. O fraque predispunha à ênfase generosa; o espartilho disciplinava as ânsias femininas; e quantas se casavam por um soneto, ou traíam por um soneto? Enfim, o brasileiro estava sempre a um milímetro do patético e do sublime.

6 E há o caso daquela bela senhora que amou o amigo do marido. Foi uma dessas paixões de ópera, de novela ou, ainda, de soneto. Combinaram dia, hora e endereço do pecado. Mas ela dizia que ia e, ao mesmo tempo, insinuava um escrúpulo. Confessava: — “Sou muito medrosa.” E ele, arquejante de paixão: — “Ou você não gosta de mim?” Suspira: — “Gosto. Amo.” Mas tinha medo, não do marido, não do pai, não da sociedade. Pausa e novo suspiro: — tinha medo do filho.

7 Desta vez, o bem-amado perdeu a paciência: — “Medo de um fedelho de três anos?” A Ana Karenina soluçou: — “Se eu for, nunca mais beijarei meu filho!” O garotinho era o seu Juízo Final. Mas ele tantas fez que ela

prometeu: — “Está bem. Vou.” Ele jurara que o filho não saberia nunca. Até que chegou a data do pecado. Na véspera, ela deixara o garoto, o Juízo Final, na casa da avó. E já acordou suspirando. Era a *belle époque* e nunca a brasileira suspirou tanto como na *belle époque*. Enquanto o marido tomava café, ela, cheia de papelotes na cabeça (era o Brasil do papelote), imaginava: — “Não sabe!” O desgraçado passava manteiga no pão. E, ao mastigar, a manteiga vinha de volta, como uma baba amarela. Ela, varada de remorsos, dizia-lhe: — “Limpa aqui, meu bem!” Arquejante de apetite, o outro limpava-se na própria toalha ou na fralda da camisa. (Como se vê, estou exagerando.)

8 Mas não é nada disso que eu queria dizer. O que eu queria dizer é que o marido foi trabalhar e ela ficou sozinha, com o seu pecado. Coincidiu que fazia um calor de rachar catedrais. E faltou água. Ou por outra: — o problema não foi a falta da água. Isso mesmo, não foi a falta da água. Olhava o relógio, numa espécie de terror. Devia estar lá às três e era meio-dia. Portanto, daí a três horas, ela estaria batendo na porta. Tomou banho. Mas, quando olhou o espartilho, pensou que teria de vesti-lo, de tirá-lo, de vestir e tirar. Começou a sentir um cansaço, um tédio, uma irritação contra o espartilho. E, depois, não era apenas o espartilho, mas o ser amado; e, pouco a pouco, vinha o tédio do próprio pecado. Pôs-se diante do espelho. Percebia, olhando a própria imagem, que o desejo é triste, que o desejo é vil.

9 Às três horas estava em casa, ainda em casa e para sempre em casa. E foi a preguiça de pôr o espartilho, a preguiça de tirar o espartilho, que a salvou. Dirá alguém que influíram outros fatores secundários, como, por exemplo, o calor. Vá lá o calor. Mas foi o espartilho que começou todo um processo de angústia sufocante. No dia seguinte, ela passa no armário; lá comprou um carretel. Voltava, quando viu o ser amado, na esquina. Abordou-a, impulsivamente. Disse-lhe, baixo e violento: — “O que você

fez não se faz. Esperei quatro horas. Está pensando que sou seu moleque?” Ela não teve medo: — “Não fale assim comigo. Nunca lhe dei essa confiança.” O sujeito recuou como um agredido: — “Nunca me deu essa confiança? Escuta. Não combinamos? Hein? Não combinamos? Fala!” E ela: — “Eu sou uma senhora casada! O senhor não sabe com quem está falando!” Balbuciou: — “Está tudo acabado?” Disse as últimas: — “Acabado o quê? Não houve nada. O senhor não se enxerga! Quer deixar eu passar? Quer?” O outro, branco, afastou-se, para dar-lhe passagem.

10 De noite, quando o marido chegou, ela o recebeu, aos soluços: — “Fui insultada!” Contou-lhe: — “Aquele canalha fez propostas!” O marido ouvia só, atônito. Foi apanhar o chapéu; disse: — “Volto já.” E saiu. Andando, na calçada; de fraque, parecia um estadista. O fraque, repito, dava mais ferocidade à sua honra conjugal. Foi encontrar o amigo, se não me engano, no “Café Papagaio” (exatamente, no “Café Papagaio”). O outro tomava cerveja, sozinho. O marido aproxima-se e diz: — “Seu cachorro!” Puxa o revólver e o fuzila. O sedutor (como então se dizia) nem se levantou. Morreu sentado. Se o ofendido não estivesse de fraque, talvez lhe tivesse apenas quebrado a cara. Quem sabe?

11 Aí está: — o espartilho frustrou um adultério e o fraque matou um homem. E há também o episódio do soneto. Foi o caso de uma noiva na véspera do casamento. De tardinha (era como se dizia: — “de tardinha”) recebeu um envelope. Virou, revirou e abriu. Era um soneto e, por baixo, a assinatura do ex-namorado, por sinal, o primeiro de sua vida. Leu a primeira vez. E, depois, foi-se trancar no banheiro, para reler dez, vinte, trinta vezes. De vez em quando, vinha alguém bater na porta: — “Está aí, Fulana?” Estava. E a pessoa ia dizer na sala que a noiva não saía do banheiro. A mãe explicava: — “Nervosa.” Até que, de repente, a rua ouviu aqueles gritos. Todos correram. A noiva embebera o vestido em álcool, ou querosene. E riscara um fósforo. Depois correu, dentro de casa, gritando,

incendiada. Só muito tarde alguém se lembrou de abraçá-la com um cobertor. Levaram a moça para a cama, enquanto chamavam a assistência. E, de repente, uma tia notou que algo se derretia, atravessava o colchão e vinha pingar no soalho. Era a banha que escorria. A velha foi apanhar uma bacia e a pôs debaixo da cama. Quando a assistência apareceu, estava morta. E, por algum tempo, ouviu-se o pingo tinir na bacia. Só depois se falou no soneto. (Já usei a mesma tia, o mesmo colchão, a mesma bacia, o mesmo pingo, em crônica anterior. Desculpem.)

O Globo, 17/8/1968

Índice

Amado, Gilberto
Andrade, Carlos Drummond de
Assis, Machado de
Autran, Paulo
Bandeira, Manuel
Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos Júnior)
Barbosa, Rui
Barrault, Jean-Loius
Barreto, Luís Carlos
Becker, Cacilda
Benguell, Norma
Bilac, Olavo
Brandão, Raul
Brito, Eduardo Chermont de
Buarque, Chico
Cabra vadia
Callado, Antonio
Câmara, d. Hélder
Campos, Roberto
Chacrinha (Abelardo Barbosa)
Clark, Walter
Cony, Carlos Heitor

Corção, Gustavo
Correia, José Celso Martinez
Couto, Francisco Pedro do
Cruz Lima, Lúcia
De Gaulle, Charles
Dostoievski, Fiodor
Fróes, Leopoldo
Gardner, Ava
Grünewald, José Lino
Guimarães Rosa, João
Houaiss, Antônio
Lima, Alceu Amoroso
Lins, Álvaro
Lys, Edmundo
Magaldi, Sábato
Marinho, Irineu
Marinho, Roberto
Marx, Karl
Melo e Sousa, Cláudio
Motta, Nelson
Moura, Marcelo Soares de
Nascimento Brito, Manuel Francisco
Neto, Amaral
Niemeyer, Oscar
Oliveira, Carlinhos de
Padre Ávila
Pedreira, Brutus
Peixoto, Cauby
Pelé (Edson Arantes do Nascimento)
Pellegrino, Hélio
Pongetti, Henrique
Rangel, Flávio

Resende, Otto Lara
Rocha, Glauber
Rodrigues, Ana Maria (sobrinha)
Rodrigues, Daniela (filha)
Rodrigues, Dora (irmã)
Rodrigues, Joffre (filho)
Rodrigues, Joffre (irmão)
Rodrigues, Mário Filho (irmão)
Rodrigues, Mário (pai)
Rodrigues, Paulo (irmão)
Rodrigues, Roberto (irmão)
Rosa, Abadie Faria
Russell, Bertrand
Saldanha, João
Sartre, Jean-Paul
Schmidt, Augusto Frederico
Shakespeare, William
Tavares, Carlos
Tebet, Abraham
Todor, Eva
Vandré, Geraldo
Vargas, Getúlio
Veloso, Caetano
Viana Filho, Oduvaldo
Ziembinski, Zbigniew

Direção editorial
DANIELE CAJUEIRO

Editora responsável
JANAÍNA SENNA

Produção editorial
ADRIANA TORRES
ANNA BEATRIZ SEILHE
MÔNICA SURRAGE

Revisão
EDUARDO CARNEIRO
LEONARDO VIANNA
LUIZ FERNANDO PECIS
THIAGO BRAZ

Projeto gráfico e diagramação
FILIGRANA

Produção do eBook
RANNA STUDIO